

HERMIDE MENQUINI BRAGA

**RESISTÊNCIA PARA VIVER: AS ESTRATÉGIAS DA CONDIÇÃO
HUMANA A PARTIR DE VIDAS SECAS, EM SEUS HORIZONTES
DE TRANSCENDÊNCIA**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**PUC / SP
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

HERMIDE MENQUINI BRAGA

**RESISTÊNCIA PARA VIVER: AS ESTRATÉGIAS DA CONDIÇÃO
HUMANA A PARTIR DE VIDAS SECAS, EM SEUS HORIZONTES
DE TRANSCENDÊNCIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob orientação do Professor Doutor Ênio José da Costa Brito.

**PUC / SP
2006**

BANCA EXAMINADORA

À Eunice, minha mãe,

À Vera Márcia, minha filha,

*À memória do Prof. Dr. Henrique Cláudio de Lima Vaz,
por legar o fruto de sua iluminação à causa da compreensão
entre os homens.*

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito, por fazer da orientação desse trabalho um procedimento que podemos definir por zelo.

Ao Prof. Dr. José J. Queiroz e à Prof. Dr. Olga de Sá pela valiosa contribuição por ocasião do exame de qualificação.

Ao Livre Docente, Prof. Dr. Eduardo Rodrigues Cruz pela rigorosa atuação e pela cortesia dispensada aos alunos, tanto no âmbito docente quanto no âmbito da gestão do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

A todos os professores, funcionários e colegas do programa, pelo apoio e incentivo.

Resumo

Resistência para viver: as estratégias da condição humana a partir de *Vidas Secas*, em seus horizontes de transcendência é um trabalho que nasceu inspirado no drama *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Despertou-nos a atenção por apresentar certa tensão entre o apego à vida e as dificuldades de obtenção de recursos primordiais para sua manutenção. As causas decorrentes da organização das sociedades e o elã que predispõe o homem à intelectualidade produzem resistência para viver.

Na análise literária da obra destacamos as características de cada personagem e a relação estreita dos membros da família de Fabiano que apresentam traços idênticos de retração social, marcadamente destacada pela dificuldade de expressão verbal.

O teor do romance remete esses personagens à cidade, local onde expõem sua inadaptação. Essa realidade torna-se cruel quando o vaqueiro Fabiano sofre prejuízo material em virtude de sua falta de argumentação, nem tanto por impossibilidade intelectual, mas principalmente pela subserviência exigida por sua situação de assentamento em terras do patrão.

É nesse contexto que, por meio da análise das estruturas da antropologia cristã, conseguimos compreender as estratégias do espírito na manutenção da vida. O fluxo que liga a vida humana ao mundo exterior e à transcendência nos confere exemplo de esperança provinda da compreensão do que é o homem.

Respaldados pela teoria da Antropologia Filosófica de Henrique C. L. Vaz, pela noção de literatura de resistência de Alfredo Bosi e ainda algumas noções da filosofia da metáfora, estudo de Franklin Leopoldo e Silva do pensamento bergsoniano, atingimos a noção de ironia na obra graciliana. Essa postura resistente aproxima o texto de *Vidas Secas* da dialética socrática.

É essa oposição entre a vida e a morte, entre a seca e a cheia, entre a compreensão e a alienação que ressalta a capacidade de comunicação humana com o exterior e o transcendente, identificando a mística natural e a mística cristã, estágios diferentes, mas progressivos na iluminação dita humana.

Palavras-chave: vida, homem, transcendência, resistência, literatura

Abstract

Resistance to live: the strategies of the human condition in “Vidas Secas”, within its horizons of transcendence is a work based on the drama “Vidas Secas”, by Graciliano Ramos. It caught our attention for showing some tension between the attachment to life and the difficulties to obtain the primary resources for maintenance. The organization of societies and the élan that moves men toward intellectual development cause resistance to live.

On the literary analysis of the book we shall emphasize the characteristics of each character and the close relations among Fabiano’s family members, who present identical signs of social retreat, boldly shown by the difficulty of verbal expression.

The content of the novel sends these characters to the big city, a place where they expose their inadequacy. This reality becomes cruel when Fabiano, the cowboy, suffers material harm due to his lack of argument, not because of intellectual inability, but mainly because of the subordinate position demanded by his living situation, settled in his boss’ land.

Through the analysis of the structures of Christian anthropology, it is possible to understand the strategies of men’s spirit to keep living. The flow that connects human life to outer world and the transcendence give us examples of hope coming from our comprehension about what the mankind is.

Supported by Henrique C. L. Vaz’ theory of Philosophical Anthropology, by Alfredo Bosi’s notions of resistance literature, and still some knowledge about metaphor philosophy from Franklin Leopoldo e Silva’s study of Bergsonian thought, the notion of irony in Graciliano’s book is understood. This resistant posture links the text “Vidas Secas” to Socrates’ dialectic.

This opposition between life and death, dryness and flood, understanding and alienation, enhances human communication capability with the exterior and with the transcendental life. It identifies the natural mysticism and the Christian mysticism, which are different but progressive stages in human clarification.

Key-words: life, men, transcendence, resistance, literature

Sumário

Introdução	13
Capítulo I - Linguagens de Resistência	24
1.1- Vidas Secas e suas linguagens	24
1.2 - A obra : memória, romance e esperança	26
1.3 - O contexto da obra	37
1.4 - As linguagens, as correspondências: todos ensaiam comunicar em Vidas Secas	45
1.4.1- Fabiano e sinhá Vitória	47
1.4.2 - Os dois meninos: o mais novo e o mais velho	54
1.4.3 - Os agregados e os mediadores	60
1.4.4 - As asas, as sombras	64
Capítulo II - Resistência para viver, a partir de <i>Vidas Secas</i>	70
2.1- As relações internas à família	72
2.1.1- Sinhá Vitória e os meninos	72
2.1.2 - Fabiano e os meninos	80
2.1.3 – Baleia	85
2.1.4 - A literariedade nas relações internas à família de Fabiano: o urubu e o papagaio	95
2.2 - As relações externas: Fabiano, as contas e o soldado Amarelo	99
2.2.1- Fabiano e as contas.....	100
2.2.2 - Fabiano e o soldado amarelo	108
2.3 - A vida na seca e na cheia	111
Capítulo III - Da natureza: uma leitura de resistência (o que é o homem)	119
3.1- Antropologia filosófica, uma trilha que exige método	122

3.2 - A análise de <i>Vidas Secas</i> sob o prisma dos níveis estruturais somático e psíquico da Antropologia filosófica	129
3.2.1- A intermediação de <i>Vidas Secas</i> com o referencial da pré-compreensão do corpo próprio(o corpo humano)	130
3.2.2 - O corpo como compreensão filosófica	138
3.2.3 - Nas páginas de <i>Vidas Secas</i> , algumas manifestações da estrutura psíquica	140
3.3 - A categoria do espírito: a presença do homem no mundo. A premissa de inserção dos sertanejos.....	144
3.3.1- A consciência racional apontando os caminhos e os descaminhos em <i>Vidas Secas</i> (o analogatum inferius)	147
3.3.2 - A compreensão filosófica do espírito: o homem como exaltação	157
3.4 - A contextualização da mística ocidental cristã na trajetória humana: o prejuízo maior da família sertaneja	164
3.4.1- A percepção de representar uma sub-espécie: um impulso	168
3.4.2 - O argumento graciliano como caminho de iluminação	177
3.5 - A composição resistente de Graciliano Ramos, mais a esperança	183
3.5.1- Literatura, uma manifestação da estrutura antropológica do espírito ...	184
3.5.2 - A literatura como resistência	188
Conclusão	193
Bibliografia	206

Lista de Figuras

- Figura 1 - Retirantes, tela de Cândido Portinari, 1944,** fonte:
<http://www.proa.org!/exhibicion/portinari/salas/portinariretirantes.jpg>23/05/06
urade 12
- Figura 2 - Retrato de Graciliano Ramos, tela de Cândido Portinari,** fonte:
http://www.mundocultural.com.br/literatural/modernismolbrasi112_fase/graciliano-ramos20/05/06 23
- Figura 3 - Graciliano Ramos, por Alvarus,** fonte:
http://www.mundocultural.com.br/literatural/modemismo/brasil/2_fase/gracilianoJamos20/05/06187



Retirantes, tela de Cândido Portinari, 1944

Introdução

Um imenso descalvado. Esse é o cenário em que se insere uma família em calvário, aceitando como vida aquela fuga da morte, presente no chão ocre, de feridas abertas. É a cena inicial de um romance. A luta aparentemente desigual que empreendem incita a imaginação, no sentido de se tornar contrária à razão existir gente de pé e em movimento naquela terra prostrada, onde os arbustos e a relva se foram e as árvores desmaiaram. Que força é essa que imbui esses viventes? Essa visão nos motivou ao trabalho.

Os personagens de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, colocados assim, ganham a atenção do pesquisador porque expõem a essência do homem em produção. A comunicação preserva a vida porque harmoniza os elementos pela via do entendimento. Naquele quadro primitivo, em que a morte empurra a vida para seu domínio, ela é decisiva. Apenas um som gutural da mãe impediu o sacrifício do filho pelo pai, que pensava em deixá-lo, moribundo, exposto aos urubus. Essa pista determinou qual é a questão a ser aprofundada.

A resistência humana, redimensionada pela literatura, ganha a expressividade da arte recebida pelo espírito. Esta é facilitada pela sensibilização estética, evidência que permite a intelecção de temas capitais para a permanência da sociedade, tais como a solidariedade. Sentimentos desse teor são fundamentados pela ética, pilar da literatura de resistência, que orienta a vontade em detrimento do desejo. O desejo é a mola que move a imaginação criativa dos escritores.

A literatura de resistência engloba esses dois aspectos. Apesar das questões éticas serem seu ponto de referência, o autor lança as idéias e, assim, ele terá que elaborar, na linguagem, a expressão literária, pois, essa, ainda que verbal é limitada.

A questão coloca-se para nós partindo do pressuposto de que o homem detém organismos de resistência, que se demonstram instigantes pelo grande efeito que produzem. Em *Vidas Secas*, as situações dramáticas são originais, dada à aguda amplidão que assumem. O direcionamento desse estado de coisas é a investigação no arcabouço antropológico.

Dessa forma, a substância do questionamento é: *o que é o homem?* Este questionamento construtor e mantenedor da aporia, nos fundamentou nessa leitura. Sendo a dimensão aporética a consistência do trânsito em que se insere o humano na elaboração de suas teses (momento tético), logo abrindo o caminho da transcendência, percorremos um caminho capaz de trazer alguma clareza acerca daquilo que tentamos definir por resistência. A teoria de *Antropologia filosófica I* e de *Experiência mística na tradição ocidental*, ambas as publicações de Henrique Cláudio de Lima Vaz, permitiu-nos uma abordagem científica ao tema.

A relação com a comunicação, forçosamente, pois, com as linguagens, encontrou apoio em *Bergson: intuição filosófica e discurso filosófico*, uma leitura de Franklin Leopoldo e Silva, precisamente no que tange à filosofia da metáfora.

O teor de *Vidas Secas* é uma denúncia às investidas contra a Ética, pressuposto acessível ao humano pela reflexividade. Este estado é, por definição, a referência de Alfredo Bosi, na elaboração de sua noção literária de resistência, exposta em *Literatura e Resistência*, obra na qual nos baseamos para elaborar nossa conclusão.

Mesmo assim, o conduto da obra permeabiliza-se por imaginação, ainda que apareça a forma acentuada com que se enfatiza o domínio do agir humano. Por esse enfoque, nossa pesquisa justifica-se, porque a obra é um campo fértil para a observação da natureza humana desenvolvendo suas capacidades. A influência do espírito, vocacionado para a Verdade e para o Bem, nos levou à constatação da sabedoria popular no dito: *o homem sem Deus é bicho*.

A realidade que se apresenta ao ser pensante de que existe algo superior inspirando e atraindo o homem rumo a algum ponto além, mas indefinível, independe de teoria, exprime a espontaneidade que nasce da conjectura, aquele ponto que se constitui nos tormentos do pobre Fabiano.

O ponto crucial é o atributo de liberdade. Por isso, *Vidas Secas* constitui um trunfo: a impossibilidade radical de ignorar o dom da autonomia. Disto decorreram nossos estudos. A curiosidade que se levantou, a partir desse enfoque, permitiu o presente trabalho.

A expressão popular, que acima citamos, representa a atuação do espírito, sustentando a vida do homem, tanto pelo seu significado quanto pela realização

desse ato espiritual. A manifestação natural, coloquialmente inserida, é a concretização de que a transcendência é inata na espécie humana, logo o espírito preside o homem, tenha ele qualquer nível social ou preparo teórico. A inteligência nele é congênita.

Vidas Secas enfoca o agreste nordestino, nas décadas de 30 e 40 do séc. XX. Vai explorar a realidade política oligárquica, mostrando seus contornos primitivos, prenes de dificuldades. A atuação do homem criando meios de superação, salvaguardado por sua característica espiritual, apresenta-se como o ponto de convergência do nosso objeto.

Expondo a obra, essas tendências vêm a destacar o homem nas situações-limite. Ali, a relação homem-mundo apresenta oposições escandalosas, motivo para que a superação delas pelos personagens produza a compreensão dessa resistência, salientando a especificidade da constituição humana na estrutura do espírito.

Vemos na obra a capacidade do homem de fazer da queda um marco oposto, vêmo-lo como caminho, como iniciador e como incentivador dessa inversão benfazeja, a compreensão de si próprio. Ela é dada no âmbito humano pelas linguagens e a via humana tradicional é a verbal, motivo pelo qual a Audição da Palavra Divina pode permitir o contato com o Espírito absoluto, a mais plena e completa forma do ser transcendente resistir. Trata-se da celebração da estrutura espiritual humana seguindo a mesma trilha, cujo ápice é o Absoluto. Justa e incitante é esta promessa. *Vidas Secas* é a exposição crua desse homem. Dele, nos ocuparemos no presente trabalho.

Para tanto, questões de base problematizam a indagação. Uma delas é a constituição da inteligência no homem, um percurso que cria um retorno: a comunicação. Intersubjetivamente, este mesmo homem desenvolve essa capacidade intelectual de maneira progressiva. Essa possibilidade é privilégio humano enquanto Criatura, cujo termo, paradoxalmente, Infinito, é o Criador. Quais são esses passos?

Este privilégio, se por um lado, é dificultado pela miséria, por outro, a própria miséria ativa faculdades originárias no homem, fomentando a resistência. Como a

condição humana forja essas situações resistentes é outra questão sustentadora da pesquisa.

Esta circunstância determina *Vidas Secas* como literatura de resistência. Esses pressupostos são reconhecidos, na medida que remetem em ficção aquilo que caracteriza o aspecto sócio-político brasileiro no final da primeira metade do século XX, em região subdesértica. A análise de sua organização é a resposta à questão acerca da possibilidade de resistência pela ficção.

Poderosa essa arma do *poeta-fingidor*, que reverte para a verdade as situações simuladas. Poderoso esse poeta, impregnado de Deus Criador, a ponto de ser mensageiro, por meio de um canal suficiente, para arrebanhar interlocutores.

Oportuno esse poeta, que mesmo afirmando ser bicho, pelo personagem Fabiano, ressalta sua condição de atribuir juízos, admitindo, em dialética, seu espírito. O espírito é ativo, criativo, é ainda ativador, porque o resultado de sua obra é emancipativo. Temos um difusor nesse nosso poeta. Ele é o agente da literatura de resistência que vemos em *Vidas Secas*. A análise da obra, nos dois primeiros capítulos, levanta esse problema.

Partimos da hipótese de que a inteligência ou a razão constitui o homem como tal, e que essa medida é progressiva, porque progressiva é a capacidade de inteligência e infinita é a sabedoria do Criador. Todo esse processo requer um conjunto de capacidades advindas das condições físicas e psicológicas da estrutura humana.

O homem é capaz de sonhar e de temer por meio da imaginação. Esses atributos, sustentados pelos fatores psicofísicos, suscitam nele o desejo de busca, que irrompe em plenitude pela via espiritual. O processo de ascendência e de descendência, na via intelectual, instala a concepção no ser-homem, psicofísico e noético-pneumático. O terceiro capítulo deste trabalho estuda essas estruturas.

Se qualquer homem, em qualquer condição, é capaz de sonhar, de temer e de buscar com real direcionamento de propósitos e com lucidez de caminhos, pode-se prever, então, um rol de bens mínimos, traduzidos por satisfação de necessidades básicas. Sendo assim, as situações de miséria, tão comuns na América Latina, Central e África, redimensionam a busca humana, reduzindo-a a simples busca pela sobrevivência.

Ainda nessas precárias condições, o sopro vital humano cria estratégias para resistir, quando incita a mudança de território, momento em que expõe, em situação dilatada de drama, a condição humana. O total lugar da consciência no espírito humano interage com as ações dramáticas, exprimindo o que se pode chamar de resistência, por isso a obra suscita o enfoque antropológico e por essa teoria é mediado.

Nosso objetivo primordial é expressar o verdadeiro sentido da vida, baseado no conhecimento dos aspectos antropológicos sustentadores da condição humana. A partir disso, levantamos os agentes externos que são capazes de produzir o sofrimento. A superação destes é a resposta alcançada pelos sertanejos.

A relação do homem com a expressão adquire, no domínio espiritual, a temática religiosa. Assim, a resistência garante possibilidades de aprofundamento intelectual, primeiro movimento rumo ao Espírito Infinito, fonte de Fé e de Revelação.

Essa mediação entre o homem e o Criador carecia de fundamentos. Desta forma, fomos beber na copiosa fonte da Antropologia Filosófica, que detalha as estruturas humanas.

Consiste em tematizar o homem enquanto sujeito. Seu relato decorre de um esquema inicial: (N)>(S)>(F), no qual N é a Natureza, F é a Forma, com que essa natureza se compõe, e S é o Sujeito, que sobressai dessa mediação com a autonomia que lhe é própria: afirmar-se como Eu. Essa fórmula é o protótipo das mediações empírica, abstrata e filosófica, que acontecem nos três níveis de compreensão percorridos pelo homem: a pré-compreensão, a compreensão explicativa e a compreensão filosófica. Esses níveis de compreensão estabelecem-se nas três estruturas sustentadas na Antropologia: a somática, a psíquica e a espiritual.

Esse complexo, que resulta humano, é instrumento de captação da instância mais alta que inspira a estrutura espiritual limitada do homem (*analogatum inferius*). É o espírito Infinito (*princeps analogatum*), capaz de se comunicar com o espírito do homem, transitando por essa via de ascensão em operação mística. As operações, que resultam na compreensão do *Verbo Encarnado* por meio da *Audição da Palavra*, são fruto do estudo da estrutura teórica do fenômeno místico, dado naturalmente no

homem, e da sua especificidade cristã, com base nos estudos de Henrique C. L. Vaz.

Valemo-nos, ainda, de convalidações com respeito à filosofia da metáfora, para elucidar as questões da literariedade, encontradas nos estudos de Franklin Leopoldo e Silva a Henri Bergson. De Leonardo Boff e Frei Betto, tiramos interpretações do fenômeno místico, em contexto bem popular, e, ainda desse primeiro, noções de sacralidade que aproximaram *Vidas Secas* desse horizonte transcendental.

Em Alfredo Bosi, encontramos o apoio para analisar *Vidas Secas*, a partir da Antropologia, quando ele detalha a teoria da literatura de resistência. Entre outros, os estudos desse autor que nos legitimam são aqueles que definem literatura de resistência. Em tal teoria, vemos a convergência do teor desse romance de Graciliano Ramos com a vocação inspirada pelo espírito humano. O estilo irônico do autor convalida-se na noção universal de Sócrates, em sua *Dialética*.

Metodologicamente falando, os subsídios encontrados em Alfredo Bosi favorecem a interpretação dos traços psicológicos que permeiam os personagens, levando, na ficção, a ligação atípica dessa estrutura, por meio da mediação que faz com o mundo exterior e com a esfera do espírito. Essa análise dá-se nos dois primeiros capítulos, primeiro hermeneuticamente, para, em seguida, ser convalidada por aspectos dos artigos do próprio Graciliano, publicados em revista científica.

No primeiro capítulo, *Vidas Secas e suas alternativas*, contextualizamos o romance na obra de Graciliano Ramos, destacando o enredo que negava a palavra a Fabiano, um recurso de empobrecimento do autor, visto que nos personagens Luís da Silva, em *Angústia*, Paulo Honório, em *São Bernardo*, e João Valério, em *Caetés*, ele coloca a palavra como redentora. Analisamos o contexto da obra no perfil dos seus personagens nos itens *Fabiano e sinhá Vitória* e *Os dois meninos, o mais novo e o mais velho*. A análise da obra indica-nos dois mediadores para aquela situação de alienação causada pela falta de expressividade: Tomás da bolandeira e Sinhá Terta. Por isso, colocamos o estudo destes personagens no item *Os agregados e os mediadores*.

O último segmento do capítulo dá o toque transcendental naquele ambiente de sofrimento, ao abordamos os pássaros em *As asas, as sombras*. Pela

sensibilidade de sinhá Vitória, as aves são vistas através de uma interpretação mística. Sua leitura dos procedimentos das aves d'arribação é decisiva no desfecho de *Vidas Secas*.

No capítulo segundo, analisamos as relações, que se dão em dois momentos: entre os membros da família e fora desse âmbito, em sociedade. Intersubjetivamente, o bloqueio expressivo de Fabiano e de sinhá Vitória escancara-se. Detalhamos isso olhando o romance da perspectiva das relações entre sinhá Vitória e os *meninos*, *Fabiano e os meninos* e *Baleia*, em sua constituição *sui generis*, criação de Graciliano. São itens no capítulo dois.

O romance cria alta expressividade ligada ao papagaio e aos urubus. Somos felizes nesse clima tropical porque nossas obras trazem a exuberância das aves para seus enredos. Exploramos esse aspecto do texto no item *A literariedade nas relações internas à família de Fabiano: o urubu e o papagaio*.

Quanto às relações externas, em sociedade, *Fabiano e as contas* e *Fabiano e o soldado Amarelo* mostram o prejuízo material e moral do personagem. Encerramos o segundo capítulo traçando um paralelo entre o regime imposto no cotidiano nos tempos de normalidade, quando a vida é dura, mas estável, para avaliar o medonho transtorno que a seca traz, no seu rigor, no item *A vida na seca e na cheia*.

A fundamentação teórica amparada na Antropologia Filosófica aparece no terceiro capítulo, *Da natureza: uma leitura de resistência*. Organizamos nossa dissertação orientada pela própria metodologia do autor, por ser ela uma atuação essencialmente didática.. A obra em questão é um exemplo de itinerário metodológico¹. Instituímos nosso primeiro segmento nesse terceiro capítulo por meio de *Antropologia filosófica, uma trilha que exige método*, quando explicitamos os instrumentos teóricos trazidos pelo autor para analisar as estruturas humanas.

Esse passo orienta a análise das três estruturas. Em *A análise de Vidas Secas sob o prisma dos níveis estruturais somático e psíquico da Antropologia filosófica*, relatamos as relações imediatas e as mediatas, que se dão no plano da pré-compreensão somática, por meio dos níveis de reestruturação do corpo próprio tanto objetivamente, quanto inter-subjetivamente. As mediações concernentes ao

¹ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia filosófica I*.

plano da compreensão filosófica do corpo concentram-se na ambiguidade com que Graciliano reveste a cadela Baleia começa a explicar-se por esse presuposto teórico

Referente à estrutura psíquica levantamos o atributo conscientizador de que se reveste essa estrutura na pré-compreensão do psiquismo para no plano da compreensão filosófica dessa estrutura estebelecemos mediação entre a noção de duração, própria do momento eidético da aporética crítica da compreensão filosófica psiquismo e as passagens da obra de Graciliano.

Estudamos o nível estrutural do espírito em *A categoria do espírito: a presença do homem no mundo. Uma premissa de inserção dos sertanejos*. Esse estudo nos leva a uma compreensão da reflexividade humana, fundamental para o homem vislumbrar a elevação rumo ao Espírito Supremo em sua mediação com Cristo. Os desempenhos nesse nível, compulsórios para os personagens mais rudes e espontâneos para aqueles mais socializados nos mostram, na origem a vocação humana, seja no plano da pré-compreensão do espírito ou nas instâncias explicativas e transcendentais da estrutura espiritual.

Tal compreensão leva-nos a analisar as operações formais, por meio das mediações da experiência mística cristã, ainda apoiados em Henrique C. L. Vaz, agora nas páginas de *Experiência mística e filosófica na tradição ocidental*².

Respaldamos ainda nossa interpretação na prosa doce, essencialmente simples em toda a extensão do termo, de Leonardo Boff, em *Mística e Espiritualidade*, uma compilação de artigos dele e de Frei Betto³. Fomos ainda sensibilizados pela inerência que existe com os processo de desabrigo dos personagens de *Vidas Secas* em *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, do mesmo Leonardo Boff.⁴ A mística natural que esse autor transborda nos indica essa instância em sinhá Vitória, principalmente. Por isso, edifica, ressaltando a falha nos sistemas sociais. Tais reflexões compõem o segmento *A contextualização da mística ocidental cristã na trajetória humana: o prejuízo maior da família sertaneja*.

Encerramos o terceiro capítulo com *A composição resistente de Graciliano, acrescida da esperança*, quando explicitamos os fundamentos teóricos da literatura de resistência, concluindo que a ética que permeia a demanda dessa modalidade

² Cf. Henrique C. L. VAZ, *Experiência mística e filosófica na tradição ocidental*.

³ Cf. Leonardo BOFF; Frei BETTO, *Mística e Espiritualidade*.

⁴ Cf. Leonardo BOFF, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*.

literária é preceito da norma na reflexividade humana. Tal teoria está em *Literatura e Resistência*, fruto dos estudos de Alfredo Bosi⁵. Quanto à literariedade, o estudo que a sustenta na estrutura do romance *Vidas Secas* é a filosofia da metáfora, presente em *Bergson: intuição e discurso filosófico*, estudo de Franklin Leopoldo e Silva⁶.

Isso explica a ironia pela qual se expressou Graciliano, até estruturalmente, baseado no personagem silente de Fabiano. Chamamos isso de ironia ontológica. Um preceito socrático que concebe a razão negativa, interpretação da Dialética, para entender a construção filosófico-retórica do mestre Graça nos ilumina. Mas é em um artigo do próprio Graciliano Ramos, *Um livro inédito*⁷, no qual ele analisa um livro em lançamento que retiramos de sua prosa a essência da ironia que estrutura *Vidas Secas*. Ali aparece, translúcida, a postura de Graciliano na composição de suas argumentações.

Entretanto, as agruras tenebrosas pelas quais passaram os personagens no romance *Vidas Secas* são fatos verídicos, experiências vivenciadas nas grandes secas das décadas de 20 e 30 do século passado. Por esse motivo, essas realidades aproximam o gênero desse romance de Graciliano Ramos das grandes obras da literatura do absurdo de Sartre e de Camus.

Resta ainda falar da esperança incluída nesse item. Ela surge da constituição do espírito humano, intrínseco nele, fato que origina a resistência e o movimento oposto ao grande mal contemporâneo da competição desmedida, esta que o avanço tecnológico multiplica pela produção de bens.

Nossa referência aqui é a atual, localizada no romance sobre o qual nos debruçamos, mas a prática é universal e extemporânea, motivo pelo qual *Vidas Secas*, enquanto objeto, revela essa universalidade inserida na nossa cultura.

Procuramos entender, por isso, os componentes desse desvario e na constituição do filho de Deus como espírito, e na coextensão desse espírito com as potencialidades humanas encontramos uma esperança para a conscientização geral a respeito da miséria progressiva da população, inversa à produção sempre crescente de bens de consumo.

⁵ Cf. Alfredo BOSI, *Literatura e Resistência*.

⁶ Cf. Frankilin Leopoldo e SILVA. *Bergson*.

⁷ Cf. Graciliano RAMOS, *Um livro inédito*, *Teresa*, p. 82-85.

No limiar do terceiro milênio encontramos significação, fundamentação científica para a originalidade da constituição humana. A natureza mediadora do homem entre corpo e espírito destaca-o, apresenta-o como intermediário, e logo, por isso um agente no qual estão depositadas estratégias de circulação de possibilidades. Eis uma versão legítima de liberdade, resposta procedente para a questão da resistência, entendida como reação normal a qualquer processo alienatório. Esse é o nosso argumento a partir das situações de *Vidas Secas*, das quais agora passamos a elaborar relato.



Retrato de Graciliano Ramos, tela de Cândido Portinari

Capítulo I - Linguagens de Resistência

Neste capítulo analisaremos o perfil dos personagens e sua função no contexto da obra. Portanto, estamos nos propondo a estudar a obra como um todo. Entre as atitudes dos protagonistas e a ação dos mediadores, deveremos entrever a circunstância principal que mantém a ficção de *Vidas Secas*. Seus capítulos dispostos em seqüência, mas independentes no que tange à estrutura, representam um desafio ao leitor, o elo de ligação entre eles. É o estilo incisivo de Graciliano Ramos.

Optamos por contextualizar a obra de Graciliano Ramos com o objetivo de realçar *Vidas Secas*. Inicialmente e em linhas gerais, apresentamos a situação social observada no Brasil, que colidiu com o surgimento do Modernismo e da Semana de Arte Moderna. Uma das respostas aos problemas por eles levantados foi o romance social nordestino, que teve como um de seus percussores Graciliano Ramos.

Um breve enfoque em *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia* emoldura *Vidas Secas* no conjunto de obras da década de 1930, buscando aproximações e distanciamentos nestes romances. Nossa análise revela o aprofundamento metafísico de nosso objeto.

1.1 – Vidas Secas e suas alternativas

Vidas Secas é um drama. As situações-limite, que se apresentam em seu contexto, caracterizam a resistência intrínseca de seus personagens. O teor da obra vem, dessa forma, atestar as particularidades da existência humana em seus extremos e nelas revelar a consistência das estruturas antropológicas.

Por essa razão, as etapas e as tendências ocorrem no intrincado espaço das relações humanas, isto é, o espaço territorial, as evoluções históricas e as cristalizações filosóficas surgem nessa interseção, apontando para uma evidência: a essência humana como fator central.

Essa realidade no mundo literário brasileiro corresponde à conscientização dos nossos problemas, que então regionais, são tomados de amplidão nacional pela

interferência socializadora das obras literárias, que vem a equivaler a respostas à convulsão porque passamos, a partir das influências modernistas e de sua concretização.

A partir de 1922, intelectuais de variadas cores políticas manifestaram sintomas precursores da *Semana de Arte Moderna*. Era uma avançada incoercível, como são incoercíveis as manifestações autênticas na marcha da história. Isso se apresenta claramente quando se verifica que divergências foram postas de lado momentaneamente, no sentido de viabilizar o projeto iminente que as circunstâncias indicam como evolução.

No movimento modernista brasileiro, a revista *Klaxon*, por exemplo, pretendeu infundir a unidade no grupo modernista, mas não alcançou seu intento. Os integrantes intelectuais, como Oswald de Andrade, tomaram vertentes muito pessoais. Este introduzia nos textos a estratégia de volta ao passado, aparente no manifesto *Pau-Brasil*, enquanto Sérgio Buarque de Holanda criou uma nova revista, *Estética*, na qual salientou a necessidade de destacar uma identidade nacional sem interferência estrangeira. Mais tarde, por volta de 1930, apareceu no Rio de Janeiro a revista *Festa*, liderada por Cecília Meireles, com tendências religiosas.

Os meios de comunicação nacionais estavam, então, influenciados pelas ideologias pós-guerra, promovendo mudanças de mentalidade e exaltando a liberdade. Sendo assim, é lícito considerar que as raízes de nosso movimento modernista não são só oriundas da quebra com as tradicionais, mas sofrem influências nativas de autores do início do século⁸, como Augusto dos Anjos.

Essas manifestações diversas não contribuíram no sentido de uma articulação do movimento. Este exposto pela bifurcação de um nacionalismo declarado, mas não exercido suficientemente para uma emancipação social brasileira, apontava importantes flancos sociais relegados ao esquecimento. As referências aos negros foram omitidas, pouca coisa se falou dos imigrantes e um manto de silêncio cobriu o arroubo tenentista do Forte de Copacabana. O que nos fica patente é que o conteúdo social diluiu-se ante o registro simplesmente estético.

Entretanto, a arte apareceu em sua característica difusora e, em conseqüência, expandiu-se para o alcance da sociedade. A partir de 1927, grupos

⁸ Cf. Paulo MERCADANTE, *Militares e Civis*, p. 260.

de direita e de esquerda posicionaram-se no cenário nacional. Por um lado, liderado por Plínio Salgado, apareceu o *Integralismo*, movimento que seria uma resposta ao malogro da Revolução Constitucionalista; por outro, nomes como José Américo e Graça Aranha sucederam a postura naturalista de Raul Pompéia, versada na crítica social. Respaldados, em 1928, pelas ideologias da *Coluna Prestes* e pelo levante dos *Dezoito do Forte* repudiaram o sistema capitalista, com ensejo de tentar diluir as injustiças e de ansiar por um equilíbrio social.⁹

Resultando, pois, em resposta para os pendores intelectuais da sociedade brasileira, nessas três primeiras décadas do século XX, surge o romance social nordestino, ousando trazer à cena a realidade dura do coronelismo oligárquico ali vigente. Um fenômeno brasileiro típico desenvolve-se a partir da manifestação social nordestina. A elite vai ocupar-se dos temas sociais, passando a ser seu reduto e sua fonte de contestação, em atitude contraditória àquela que seria esperada. É quando desponta, entre outros, a prosa de Graciliano Ramos.

Ele traz como fundamento moral a inspiração marxista, que se posiciona contra a exploração do homem pelo homem. Entretanto, na obra desse autor existem algumas relações que podem nos remeter a evidências de solidariedade e de um sentimento de caridade. Isso ressalta a possibilidade na relação humana, fato que ilumina o posicionamento da espécie no curso da história.

1.2 - A obra: memória, romance e esperança

Graciliano Ramos começou a escrever relatórios para a prefeitura de Palmeiras dos Índios, em 1929, e teve seu último trabalho publicado postumamente em 1992, no qual se reproduzia uma antologia de cartas a sua esposa Heloisa. Escreveu romances, memória, literatura infanto-juvenil (*A terra dos meninos pelados*, 1939), contos e crônicas.

Dois livros de memória, *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953), apresentam-se na variedade de gêneros de que sua obra se compõe. *Insônia*,

⁹ Uma atuação marcante enfatiza a presença dessa classe de oficiais na cena política brasileira: Mas que solução apresentariam os tenentes, além de suas preocupações? A resposta a esse questionamento foi à participação em levante armado, cuja estatística das condenações revela a presença de dezoito tenentes e sete capitães, participantes do movimento do Forte de Copacabana, em 1922, enquanto apenas cinco oficiais de patente superior dele faziam parte. Cf. Paulo MERCADANTE, *Militares e Civis*, p.196-198.

seleção de contos de 1947, e *Linhas Tortas* e *Viventes das Alagoas*, dois livros de crônicas de 1962, aparecem ao lado da narrativa popular, *Alexandre e outros heróis* e *Cartas*, correspondência à esposa, já mencionada.

Os quatro romances sucessivos *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938) e a parte memorialista, cujos principais incidentes são *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953), formam uma parte considerável da obra de Graciliano. Tratamos de entrever, na prosa graciliana, pressupostos de solidariedade por entre as situações que se demonstram desumanas, em difícil concepção. Por outro lado, o relato de *Memórias do Cárcere*, considerando-se o tema e a situação em que decorrem, deixa ainda transparecer, em algumas situações, exemplos de comunicação humana, exercidos na terrível prisão política, entre indivíduos prisioneiros. É significativo o depoimento de Graciliano do episódio no qual um preso negro recebe de um soldado também negro não apenas um, mas vários copos de água, quando solicitado, durante a viagem de navio, rumo à prisão, no Rio de Janeiro.

Atitudes como essa, que acabamos de relatar, reforçam outras espontaneidades, momento em que se sobrepõe a idéia de que a arte é instrumento libertador nas sociedades. Se para Platão¹⁰, em seu idealismo, havia prejuízo pela imitação das manifestações já imperfeitas do mundo inteligível reproduzirem-se, agora, em traços estéticos, modernamente, percebemos que, no processo de relacionamento das sociedades, ela reconstitui os anseios projetados e as conseqüências oferecidas à reflexão.

Essas circunstâncias trazem atributo libertador, emancipando, portanto. A escrita, por sua vez, instrumento de dominação, passa a ser veículo de elucidação, quando contribui para a informação e a conscientização dos dominados no processo coletivo¹¹.

Esse é o caso de *Memórias do Cárcere*, publicado em 1953. A condição de literato e preso político de Graciliano vai conferir à obra o *status* de testemunho claro e competente. Para Bosi¹², essa postura privilegia e enriquece o relato. Um misto de

¹⁰ Cf. H. A. OZMON; M. CRAVERS, *Fundamentos Filosóficos da Educação*, p. 28-30.

¹¹ Cf. Manoel Costa PINTO, *Os Cárceres da Linguagem*, *Revista CULT*, p. 46-48.

¹² Cf. Alfredo BOSI, *Literatura e Resistência*.

expressão subjetiva que ocorre a qualquer narrador, com aspectos verídicos que caracterizam a modalidade de testemunho.

Curiosamente, Graciliano não se une aos companheiros com sentido de articulação política. Partindo do enfoque existencial, revelando seu toque naturalista presente nos romances, ele vai ter e receber manifestações de alguma solidariedade desses e para com esses companheiros, vítimas do mesmo infortúnio. Evidenciam-se, pois, suas principais restrições: ao capitalismo e à religião. Mas, dessas restrições alguma contradição nos instiga.

Os princípios do capitalismo, se ilimitados, acabam por negar os princípios de solidariedade. Esses, porque solidários, religam os homens e os predispõem para uma maior comunicabilidade. Esse é, para nós, um fator instigador.

A postura de Graciliano Ramos, em *Memórias do Cárcere*, é a de um intelectual coerente com as idéias socialistas que concebe, mas não a de um revolucionário militante. Em atitude lógica, analisa a pouca adesão de nossos camponeses, habituados a obedecer ao coronel e ao vigário.¹³

Bosi chama a postura de Graciliano, em *Memórias do Cárcere*, de *realismo plúmbeo*¹⁴ em contraposição a um *realismo solar*. Com essa expressão, ele tenta defender a postura de um observador de sínteses. Enquanto escritor, ele observa conjuntos, para testemunhar, subtrai-se do todo, afastando-se para conseguir perspectiva.

Esse procedimento não invalida, entretanto, a sua posição subjetiva de ator social, quando, afastando-se do papel de jornalista, vive aquele de prisioneiro político, de prisioneiro, principalmente subjugado em seus atos individuais, privado das ações mais simples para a subsistência.

É dessa relação que falávamos anteriormente, dando ensejo à solidariedade que prestou e recebeu durante o período de viagem no navio *Manaus* e da estada no Rio de Janeiro, junto aos presos primários. É da observação de Graciliano do pranto do advogado, também preso, Nunes Leite¹⁵ ao tomar conhecimento de que

¹³ Cf. Alfredo BOSI, *Literatura e Resistência*, p. 225.

¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 225. A imagem criada por Bosi, *realismo plúmbeo*, externa o estilo pesado, definitivo e marcante que Graciliano impõe a suas obras. Nele existe a veracidade explícita levada para as letras, em uma abordagem que acaba por apresentar a literatura como um documento cru da personalidade humana. Por isto, Graciliano é um marco.

¹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 232.

os direitos comuns estavam suspensos no Brasil e de que havia um regime de exceção, motivo pelo qual o direito ao *habeas corpus* estava suspenso. Afirma Bosi sobre esse aspecto: “Se as formas cristalizadas havia séculos já não valiam, então era porque se destruía a substância da vida social! Era o caos que estava chegando”¹⁶.

Esta observação é de cunho geral, ou seja, o observador escritor age por comportamento de análise ao coletivo, momento em que alterna a personalidade para a de simples prisioneiro, quando age como sujeito, sofrendo a experiência do aprisionamento.

Bosi classifica a posição de Graciliano, em *Memórias do Cárcere*, como a de um *depoente*.¹⁷ Ele não criou ficção, pois relatou a verdade observada, e não fez história, pois teve a liberdade de apreender os acontecimentos com o crivo de sua subjetividade, que sendo fiel conserva a situação de testemunho. Como *Memórias do Cárcere*, *Infância*, publicada em 1945, é uma obra que abrange a sua meninice, já que envolve o testemunho.

Outra facção da obra de Graciliano é a dos quatro romances sucessivos, já mencionados. É nesse intuito que passamos a considerá-los cronologicamente, para assim estabelecer a relação em termos comunicativos que neles se depreende.

A observação do cronograma de romances publicados pelo autor dá conta de *Caetés* como o iniciador da seqüência de sucessos em 1933. *Caetés* é um romance passado em Palmeiras dos Índios, no qual o dia a dia da sociedade local é retratado. João Valério, o personagem onipresente, desenvolve duas atividades primordiais ao lado daquela de contador, sua ocupação convencional na trama.

Ele, empregado de Adrião, nutre por Luisa, esposa do patrão, paixão intensa. A tensão que esta situação comporta e as atitudes sórdidas, perceptíveis pelas narrativas aproximadas a um naturalismo¹⁸ declarado, predis põem o leitor a uma distância, senão antipatia, dos personagens. Desde os coadjuvantes até os protagonistas, há o envolvimento nas formalidades hipócritas:

¹⁶ Alfredo BOSI, *Literatura e Resistência*, p. 232.

¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 237.

¹⁸ O Naturalismo, movimento estético que sucedeu o Realismo no Brasil, deu-se no final do séc. XIX. Fundamentado no Positivismo e no tratado psicanalítico freudiano, pode, sem ameaças ou represálias, como foi tradição da Idade Média, expor os desvios da personalidade humana nas paginas literárias, fato que constituiu novidade e avanço na área.

la agüentar um jantar em casa de Vitorino. Na ausência de D. Josefa, aquilo é fúnebre.¹⁹

Com essas relações tensas, o acento naturalista ressalta-se e, de certa forma, justifica o aparente final feliz para João Valério, ou seja, após a morte do patrão não há a revelação do adultério cometido por ele e Luisa. A boa situação financeira conseguida pelo contador João Valério não contenta nem personagens nem leitores, mas marca a postura de Graciliano nessa obra.

A sordidez e a corrida ao fausto e ao poder aqui se postam em representação do verdadeiro lugar na sociedade, sem subterfúgios ou sem idealizações, apresentando a arte como objeto de elucidação e de denúncia.

Referimo-nos a isso pelo traço lúgubre conferido à obra pelo suicídio de Adrião e a dúvida de João Valério de que este suicídio tenha sido motivado pela carta anônima reveladora. Contestada pelo próprio Adrião, a vítima, João Valério acaba por se eximir da culpa, mas não do mal-estar.

As copiosas narrativas dos achaques e das doenças, bem como o tédio das reuniões sociais alterna-se com a má impressão conferida pelas cenas de consumo de álcool com a angústia do protagonista. As descrições dos atributos femininos feitas sob uma ética jocosa completam o quadro nefasto desse romance, que mantém o traço indelével de Graciliano: os protagonistas ocuparem-se sempre em escrever um romance:

Era uma prova da perícia do Barroca: o administrador da recebedoria que passava pela calçada fronteira, malicento, com a mulher de banda, enorme, apertada num vestido de xadrez.²⁰

Caetés surge com um tema instigador, parte da implicação estrutural de uma obra em composição, na qual o autor, personagem principal de Graciliano,

¹⁹ Graciliano RAMOS, *Caetés*, p. 37. Mantivemos todas as citações de textos de Graciliano Ramos e principalmente as de *Vidas Secas* em destaque, mesmo as citações com três linhas ou menos, por fazermos desses fragmentos breves exegeses. Adotamos, como técnica desta prática, a abordagem filosófica, a mesma de que se utilizava Santo Agostinho em *De magistro*, p. 335: "Mas se me perguntasse a que parte do discurso pertence *est* (é - sim), creio que não reponderias *nome*, mas verbo, embora tenhamos demonstrado com o raciocínio que também é nome". Considere-se aqui a ressalva metodológica.

²⁰ *Ibid.*, p. 26. (O grifo é nosso)

desconhece os fundamentos. Diante dessa inviabilidade, concebe o caráter dúbio desse protagonista. Trata-se da história dos índios dessa tribo no século XVI. Indicamos essas evidências para tentar passar ao leitor um pouco da personalidade de João Valério.

Caetés termina, como já enfatizamos, de forma naturalista, fazendo com que os culpados de adultério e os fracos de caráter, como o personagem central, consigam uma boa situação financeira e relativa tranquilidade. O que se constata nesse romance é uma já avançada demonstração da configuração da sociedade atual.

Se em Graciliano, pelo menos em *Caetés*, *Angústia* e *São Bernardo*, a atitude de escrever é como um *passar-a-limpo* os acontecimentos. Particularmente em *Caetés*, a fundamentação da ficção é de desconhecimento do autor, configurando-o como desleal, fato que se esboça nas páginas do romance arquitetado por Graciliano.

O romance *Caetés* é seguido de *São Bernardo*, em 1934. Vemos como personagem principal um Paulo Honório, que alterado pelo ciúme desencadeia a derrocada de sua família. O romance inicia-se com o relato do personagem Paulo Honório, que resolve escrever, em atitude de remissão, após o malogro do seu casamento, encerrado graças ao suicídio de sua esposa. Seu propósito é narrar numa linguagem simples a tragédia, visando uma tomada de consciência, após o golpe que viria a desorganizar a sua vida.

Ele prosperara graças à obtenção, de forma duvidosa, da fazenda São Bernardo:

O meu fito na vida foi apossar-se das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona.²¹

Fora criado pela negra Margarida, não conhecera pai ou mãe. A negra o mantivera com os recursos provindos de um tacho onde fazia doce. Aprendera a ler quando, por uma fatalidade, cumprira pena por homicídio.

²¹ Graciliano RAMOS, *São Bernardo*, p. 11.

O entrevero se dera como tudo no mundo rude do sertão, em um baile, no qual o jovem Paulo Honório se envolvera em briga por Germana, um dos seus poucos interesses femininos. Culminara em morte do desafeto, um ato impensado, natural, como o são os destemperos no sertão.

A intimidade com a morte passa a ser sua aliada nos negócios, pois os vizinhos de cerca desaparecem convenientemente quando se interpõem aos seus interesses. Essas operações, tocaias, ficam sem solução. Talvez a explicação se deva ao fato de que o personagem seja um homem de posição conferida pela posse da propriedade e detentor de ilibada confiança, pois quando os crimes se dão, são, por parte dele, cobertos de álibi perfeito.

Essa realidade emergente das entrelinhas contextualiza *São Bernardo* na etapa da segunda fase do Modernismo, proclamando o coronelismo como prática e Paulo Honório como seu representante veraz:

Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha (...) Como a justiça era cara, não foram à justiça.²²

Seu caráter de lutador o revela vitorioso. Astúcia e trabalho lhe haviam dado a posse de São Bernardo. Envolveu o então herdeiro de São Bernardo, Luís Padilha, em ágio, resultado de seus sucessivos empréstimos, após a morte do pai. Por meio da hipoteca vencida acaba por lhe tomar a propriedade.

A tudo administrou com pulso firme e praticidade de quem cresceu sem pais a proteger-lhe. Essa postura vai constituir-se em um dos principais empecilhos na harmonia com Madalena, com quem se casa no intuito de conseguir um herdeiro para São Bernardo.

Professora, *moça de escola normal*, muito pobre, estudara custeada pela tia, que, culta, prestava serviços em igrejas e à comunidade. Ela vai orgulhar-se da sobrinha mais do que de si própria. O casamento é acertado como uma transação útil aos dois lados. Um herdeiro nasce, menino, magro, sempre choroso.

²² Graciliano RAMOS, *São Bernardo*, p. 40.

Madalena vai amargar, ao lado deste homem bruto, os dissabores sempre ocasionados por suas reações. Ela, de postura declaradamente socialista, começa a ter na fazenda uma conduta de assistência aos colonos. Seu ar altivo, independente, inspira insegurança ao patrão daquelas terras, e este passa a atormentar a jovem até o suicídio.

A prosa graciliana mostra o resgate pela conscientização, a tentativa de compreensão e de superação na atitude do personagem que tenta aceitar a realidade por meio da atividade da escrita.

Esta mesma atitude está presente em *Angústia*, publicado em 1936. A figura de Luís da Silva transparece um obcecado, atitude que o leva a assassinar Julião Tavares, um militante comunista, jornalista, como nosso personagem central na obra. A questão desenrola-se intermediada pelo interesse que Luís da Silva nutre por Marina, uma bela e robusta jovem, sua vizinha.

Esta só é descrita em *Angústia* do ponto de vista do personagem-narrador. Configura-se o perfil da moça como interesseira e banal, pelo fluxo da narração advinda de Luís. Marina só se interessa por roupas de seda, bebidas caras e divertimento. Ela se recusara a ter maior ligação com o moço, e não fizera caso dos presentes, anel e relógio, tampouco dos tecidos de algodão, comprados a prazo pelo moço pretendente, com intuito de impressioná-la.

Tornei-me, pois, amigo de Marina. Com certeza começamos por olhares, movimentos de cabeça, sorrisos.²³

Ao contrário, ignorou-os para dar atenção a Julião Tavares, moço grande, forte, obeso. Passa a sair para ir ao cinema e aos passeios, sem contar com os serões, na casa dos pais, regados à bebida fina. Este procedimento leva Luís da Silva à revolta.

Na verdade, toda a ambientação da obra apresenta-se de maneira lacônica. Aspectos tenebrosos da humilde casa, onde reside o personagem, introduzem o clima angustiante. Não se depreende, em toda a narrativa, algum traço de esperança.

²³ Graciliano RAMOS, *Angústia*, p. 39.

Os ratos são presença constante na casa onde Luís vive, as descrições dos ângulos do quintal onde se instalam as casas são sórdidas e repelentes. Sujeira e ação de pulgas misturam-se com as atitudes lastimáveis de Luís da Silva, que em seu processo obsessivo realça as possibilidades de participação nos pormenores mais íntimos dos seus vizinhos.

Os hábitos no banheiro da casa de Ramalho e Adélia, pais da cobiçada Marina, ou as intimidades do outro casal vizinho de parede, são detalhes de concepção naturalista em literatura e povoam a narrativa de *Angústia*, na caracterização das práticas do personagem. Um terrível traço de sangue humano reveste a imagem de todos os lances, nos quais o personagem atesta sua opinião obcecada.

O dia a dia de Luís percorre, em seu comportamento patológico, os outros vizinhos que sua vista alcança. Assim, aparece um aspecto lamentável na família do *Lobisomem*. O autor insinua o conúbio carnal deste com as três filhas. Em uma perspectiva de alcance, esse nosso personagem principal faz da vizinhança seu diário angustiante. Volve também sua atenção para Antonia, a prostituta, que ele descreve com a habitual crueza, procedimento que vem carregar a moça de doenças venéreas e marcas de pouco asseio, caracterizando-a como uma figura nauseabunda.

Há ainda para reforçar a patologia do personagem central, uma cena repetitiva que confirma o que acabamos de afirmar. Um casal que se ocupa, ela de lavar garrafas, ele de encher as dornas de vinho, em um proceder tacanho e compassado, revelado pelo texto. Graciliano vale-se dessa imagem para denotar ao seu leitor o aspecto doentio e repetitivo de seu personagem Luís da Silva. Sua atitude de perscrutar a intimidade dos vizinhos repete, na angústia, a mesma sensação que teria mais tarde, quando subjugado às mesmas condições de cerceamento de espaço na cadeia. Fica constatada, por essa referência, a crise de consciência que acomete o assassino e a perspectiva de que o autor narra esse episódio eivado de influências psicopáticas.

Esta parece ser a intenção de Graciliano, ou seja, ressaltar a prisão psicológica, mantenedora da angústia de Luís da Silva, em paralelo a prisão real pelo homicídio. O encaminhamento para o clímax da obra se dá quando Marina, seduzida por Julião, acaba abandonada e compelida a praticar um aborto. Esse fato

desencadeia em Luís a potencialidade para os atos extremos que sua personalidade concebe. Acaba por assassinar Julião Tavares.

Vemos alguns traços marcantes envolvendo esses três romances. As três heroínas, Luisa, Madalena e Marina são loiras e de cabelos anelados. Nas três, o interesse se faz presente envolvendo casamento e utilização da sexualidade, mantendo o clima sórdido e os fortes indícios de individualidade, empobrecendo ainda mais o ambiente já prejudicado moralmente.

Entretanto, em *Angústia*, no qual acontece um crime de morte, e em *São Bernardo*, que apresenta um suicídio, existe a necessidade de reflexão pela elaboração de um livro, não aparecendo a mesma necessidade em *Caetés*, quando as mazelas dos personagens não são desmascaradas. Permanecendo a hipocrisia, não acontece a espontânea lembrança, porque não há uma tradição de transparência por parte do protagonista.

Esses três romances precedem *Vidas Secas*, publicado em 1938, e solidificam na obra de Graciliano a fase dos romances. Desta forma, sucessivos cronologicamente na carreira de Graciliano, eles apresentam as características jocosas, malogro dos personagens principais e a ambientação sórdida, com descrições desairosas de aspectos chocantes como ratos, infecções, hipocrisia, crimes, adultérios e abortos. São pressupostos realista-naturalistas que persistem nesse modernismo e como tal não podem ser ignorados. Conferem a essa etapa literária um aspecto sombrio.

Vidas Secas rompe com a sordidez não pela alteridade do tema de misérias, mas por sua tenacidade na preservação da vida. Se nos três primeiros, a vida apresenta-se como uma monótona e pegajosa enfermidade, em *Vidas Secas* ela está ressequida pela natureza biofísica, mas alentada pela espiritual. Demonstra, no teor da obra, as potencialidades humanas de reagir à realidade dura. Foi esse o motivo da escolha da obra para nossa análise. É um romance narrativo, em terceira pessoa, e fecha o ciclo de quatro publicações.

Engloba uma série de capítulos aparentemente independentes, com começo, meio e fim²⁴. Os capítulos *Mudança*, *Fabiano*, *Sinhá Vitória*, *O menino mais novo*, *O*

²⁴ Cf. Rubem BRAGA, *Vidas Secas*, *Revista Teresa*, p.126-136, amigo e contemporâneo de Graciliano Ramos, mais tarde revelaria que o conteúdo de *Vidas Secas* foi escrito em formato de pequenos contos, comercializados separadamente. A situação financeira do autor era premente,

menino mais velho, Baleia e Inverno correspondem à convivência em família, na qual o grupo apresenta o mesmo comportamento arredo e praticamente sub-humano, ou seja, bem próximo àquele dos animais.

Em *Cadeia, Festa, Contas e O Soldado Amarelo* aparece a relação deformada com o mundo exterior, para sobressair em *Mundo Coberto de Penas e Fuga*, capítulos que ressaltam a natureza humana.

Conseguimos encontrar em *Vidas Secas* pontos de aprofundamento nas relações ou tentativas de estabelecimento destas, que se assemelham à possibilidade de superação dos problemas.²⁵

Não é com surpresa, pois, que o leitor descortina na narrativa dessa obra, ao lado dos problemas sociais, o drama existencial com possibilidade de progresso. O fruto de um colonialismo genérico, avultado pelas condições ambientais, compõe um quadro ideal para que os personagens soçobrem. Não são comuns as situações nas quais os personagens se envolvem, como não são comuns os resultados. Ante a estes, de certa forma positivos, estabelece-se a esperança nessa espécie incomum que é o homem.

Por essas circunstâncias, interessa-nos ver como o ser humano delinea seu perfil nessa situação, ocasião em que acentua seus atributos, que vêm a contribuir com a superação.

morando em um quarto de pensão simples no Rio de Janeiro. Só depois foi organizada em uma única obra.

²⁵ *Vidas Secas* relata a saga de uma família retirante, realidade social nas décadas 20 e 30 do século XX no Brasil, quando explode a tenacidade de um clima sub-desértico dimensionando a miséria local, alimentada pela opressão, fruto da política oligárquica e da corrupção histórica em nosso país. Isola-se, para enfoque, a família de Fabiano. Seus membros surgem órfãos de tudo: bens e víveres. Vão se esvaindo sob a seca e a vida deles também, aos poucos, se esvai. Saem por não haver mais condição de vida na tapera, saem do abrigo, já que ele agora nega o conforto da sobrevivência. Lá fora há o pressuposto do novo, que diante das condições é assustador. Eis a transparente situação do ser que resiste. Quanto e como é o testemunho de *Vidas Secas*, e, nele, o testemunho das estruturas antropológicas.

As relações entre os membros da família são precárias e semelhantes a dos animais. Em sociedade, a situação é de perda constante e de humilhação. Falta a esses membros a desenvoltura da linguagem, que é o fruto das dimensões espirituais, prejudicadas pela mediação psíquica, confrangida pela opressão.

Entretanto, a força vital está presente, razão de nosso interesse. Os pequenos ensaiam a comunicação por meio da representação física, estabelecida por relação com o meio, como bonecos de barro. Predominam as relações somáticas em toda a obra e a procura de significados para os significantes, o que a torna uma grande fonte. Aquilo que os desperta, entretanto, é a leitura dos sinais da nova seca, por meio das aves, que procuravam água. Esse é o momento da redenção, caminho para salvação incoercível, uma vez descoberto.

1.3 - O Contexto da obra

Fabiano, você é um homem.
Um bicho, Fabiano.²⁶

Homem, meio e circunstâncias. Esses atributos genéricos, suporte de todos os romances, ganham em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, importância incomum. Isso é bastante para transformar a obra em um clássico. As implicações sazonais caracterizam o espaço como de clima sub-desértico e dessas intempéries surgem as situações-limite e as ações redentoras.

A inteligência humana diante das manifestações cosmológicas expõe as dimensões do homem que o diferenciam dos outros pares. Eis a oportunidade de percebermos sua abertura para algo que transcende a dimensão factual das coisas. A partir de sua essencialidade, as reações dão-se como resistência, advindas das respostas dadas pelas características dos personagens.

Essa resistência configura *Vidas Secas* como um drama, que se desenrola numa retirada em pleno campo devastado pela seca. A família de Fabiano, mulher e dois meninos, uma cadela e um papagaio, com sua deficiente linguagem falada, demonstra, por negação, a potencial abertura presente nos seres humanos. Aquém da linguagem pelo isolamento, junto ao rebanho, e além da linguagem, na relação incoercível de que a natureza humana se ressentir em busca, constitui-se no espaço ficcional de Graciliano neste drama. Tais personagens, em *Vidas Secas*, na dimensão psicofísica, desvelam as tensões através de dois extremos: o sonho e o pesadelo.

O deslocamento em plena seca ocorre em semelhança a um calvário. Isso se explica quando observarmos a caatinga calcinante por onde a família passa, constituindo o mesmo padecimento que havia deixado, com os agravantes da falta de abrigo e o da incerteza de chegar a um lugar melhor. Lá, onde estavam estabelecidos, os pastos extinguiram-se, os rebanhos minguaram. A permanência tornou-se impossível, portanto, levando-os a superar o apego à moradia e partir.

A peregrinação motivada pela necessidade mais pungente de preservar a vida expõe cruamente Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo, o menino mais

²⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 18.

velho, Baleia, a cadelinha de estimação, e o papagaio a um trajeto impulsionado por uma única lei: seguir para não morrer.

O ciclo vida-morte ao qual os personagens estão sujeitos acaba por ficar reduzido ao ciclo seca-cheia, revelador de cenários diversos. Quando não há seca, a vida rural traz as dificuldades naturais do campo, mas não atenta diretamente contra a vida prática. Durante a seca eventual, a vida é ameaçada, qualquer previsão é impossível.

Após a primeira seca, Sinhá Vitória rompe o bloqueio comunicativo, herança de sua penúria extrema, e anuncia a perspicácia observadora. Percebe os sinais de nova estação sem água, revelados pelo bando de aves de arribação que passa a se servir das cacimbas. É quando anuncia a constatação salvadora: as aves vão matar o gado.

Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando. Foi sentar-se no banco do copiar, examinou o céu limpo, das arribações cheias de claridade de mau agouro, que a sombra cortava. Um bicho de penas matar o gado!²⁷

Esse início de nova estação seca os atinge onde os levava o acaso, ou seja, termo da antiga retirada. O morro e o céu constituem os limites espaciais dos personagens, com incidência no desenvolvimento psicológico dos mesmos.

Nos grossos capões de mato que preenchem essa serra vivem os seres fantásticos, mas, entremeando-os, não raramente aparece a sombra real de um preá. A realidade tira os personagens do êxtase que a penúria impõe e seu signo sempre é a água. No céu, carneiros de nuvens e aves reais alternam-se na imaginação dos personagens. Uma situação de chuvas inesperada e excessiva expõe a uma modificação esses sítios, onde moram as fantasias.

As dificuldades, entretanto, demonstram-se pela radicalidade que o clima impõe. A uma condição climatológica semi-árida normal correspondem períodos

²⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p.108. (O grifo é nosso)

O fragmento, narração de Graciliano, elabora em discurso indireto, caracterizado por linguagem regional, adequada ao sertanejo a expressão própria de tal cultura. Refere-se ao fenômeno da arribação e perniciosidade dos signos luminosos. Em *Vidas Secas*, a inversão de valores é relativa à luminosidade. Onde o sol mata, todos os sinais de bom tempo são contrários à vida.

inesperados de seca atroz e alguns períodos de chuva intensa provocando enchente. Situações diametralmente opostas, portanto, ocorrem também na ambientalização de todo o romance. Vejamos:

Chovia o dia inteiro, a noite inteira. As moitas e capões de mato onde viviam seres misteriosos tinham sido violados. Havia sapos lá. E a cantiga deles subia e descia, uma toada lamentosa, enchia os arredores.²⁸

É uma acomodação à natureza, ou seja, a umidade excessiva acaba por trazer à região animais incomuns, como, por exemplo, os sapos. Eles vão abrigar-se nas moitas onde outrora abrigavam a fantasia. Por meio dessa evidência, percebemos que a presença da água restabelece, para a região, a vida em todas as dimensões. Faz também que se recusem as fantasias, atitude que só contribui para um comportamento mais sadio do grupo.

O sofrimento pela escassez vai, aos poucos, inclinando os sacrificados para uma posição irreal que os predispõem à resistência. Entretanto, como resistir exige mobilização, o excesso compromete a realidade, instalando-se assim a premeditação. Quando as sensações se confundem e a consciência cede lugar à fantasia, é, neste caso, um misto de colaboração e de sonegação de realidade que assume o direcionamento da conduta. Um estado fluído, intermediário, entre lucidez e fantasia, cujo princípio ativo é a penúria.

Notamos ainda que, devido a esses fatores, as condições sociais são igualmente radicais e opostas e, em consequência, a vida e a morte se aproximam perigosamente. Os posicionamentos opostos trazem à vida uma abreviação indesejada. Esta é talvez a mais terrível influência a ser notada. Por essas posições extremas, o ato de viver apresenta-se como resistência suprema, por estar preso a um fio débil sustentado pela lucidez, agora, claudicante.

Nos tempos de normalidade, apenas o medo por perder a situação de tranqüilidade significa ameaça. Vivem de uma pecuária rudimentar em terra alheia, *sem nunca poder marcar os animais*²⁹ que criam como de sua propriedade. Graças

²⁸ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 69.

²⁹ Linguagem comum em ambientes pecuários, dando à palavra *ferro* o significado de um instrumento que imprime nas cabeças integrantes dos rebanhos o logotipo que identifica seu

aos acordos estabelecidos, sem muita observância de equanimidade, perdem sempre.

A falta de argumentação é produto do domínio historicamente presente na região, formando um ciclo de miséria. Nessas condições, as situações dramáticas exigem intervenção instantânea, como atitude contrária às tragédias, e predis põem os caboclos à interferência mais eficaz do que a palavra.

Estamos nos referindo às diversas passagens em que essa situação ocorre, mas a mais importante dessas é a cena inicial da obra, ocasião em que o filho mais velho do casal desfalece durante a marcha. O pai embrutecido pela rudeza do ambiente e a tensão a que este o predispõe, cogita abandoná-lo.

Nesse momento, a comunicação entre Fabiano e Vitória acontece em um fragmento de tempo, mínimo e imprescindível. Uma interpretação segura ocorre, determinando a salvação do menino. O sentimento materno e o sentido de organização favorecem a atitude prudente. O apelo oportuno interrompe a fúria insana e a segurança, ainda que em tão precária situação, é mantida. Nada justifica chegar ao limite da natureza, acenando para o despropósito. O equilíbrio recuperado aparece aqui, portanto, como uma modalidade da resistência.

Com a garganta inchada pela sede, a mãe solta um grunhido salvador, mais parecendo uma manifestação animal. Esta desperta a razão de Fabiano que vence a fúria e o cansaço e ele delibera por apanhar o filho do chão, jogando-o nas costas.

Vencidos os momentos mais terríveis, entremeando a marcha, há passagens nas quais a família de Fabiano procura um lugar capaz de oferecer um mínimo de conforto para descansar dentre tanta devastação. A retirada passa a se revestir de esperança tênue, já que o extenso campo abandonado oferece algumas opções de exploração a taperas e mesmo propriedades maiores abandonadas. Porém, o resultado é a desilusão. Essa lógica nos campos abandonados constrói-se na dura premissa de que o abrigo é aquele lugar onde há calor, proteção e alimentos. Essas condições caracterizam as dependências do que é convencionalmente chamado de abrigo. A falta de apenas um desses bens primordiais ameaça uma estadia segura, motivo bastante para haver um deslocamento no sentido de alcançá-los em uma

proprietário. Por ser marca de posse, Graciliano utiliza a expressão para denotar a pobreza de Fabiano.

triste situação de retirada. A afirmação parte da análise de um fragmento da obra que citamos:

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida.

O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido. (...) Trepou-se no mourão do canto, examinou a caatinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.³⁰

Sem vida, essa constante dolorosa repete-se em personificação³¹, recurso lingüístico de expressão que vem demonstrar num espaço minguando os sinais vitais. A vida animal e humana são negadas pelo ambiente. Diante da fazenda devastada, Sinhá Vitória e Fabiano ficam desapontados, pois tinham depositado nela os anseios e as esperanças.

A necessidade de manter a prole e a si próprios os une, e em meio a esse holocausto caboclo sustentam-se pelas lágrimas que vertem em um pacto comovente de silêncio e de compreensão. Ante o perfil tenebroso da miséria acode as mais humanas das vias, instalando-se mansamente em desabafo: as lágrimas. Onde há tanta privação, o recurso do desalento apresenta-se forte e irreprimível. Apresenta-se, pois, em forma de lágrimas e discorre comovente das faces do casal. Coincidentemente - expressão idêntica *sem*, entretanto, estabelecer diálogo - a interlocução é apenas entre o sentimento de cada um e o seu desalento. É uma manifestação isolada, que ao mesmo tempo atinge duas pessoas, comprovando a penúria extrema:

³⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p.12. (o grifo é nosso)

³¹ Personificação ou prosopopéia é uma figura retórica cuja característica é atribuir traços humanos a seres inanimados. É, por isso, recurso de expressão na ficção de Graciliano Ramos, que demonstra no texto inversões significativas de signos vitais como *sol* e *azul*, revestidos de características mórbidas, assim como lágrimas de desalento e angústia como signo de entendimento. Notaremos, no decorrer da análise, que em tempo de cheia, quando as agruras são menores, a rudeza vai permear as relações familiares, deixando a triste constatação de que o perigo da morte é capaz de enternecer essas almas forjadas na crueza da necessidade. Essa constatação aumenta a dramaticidade da obra de ficção e nos aponta prematuramente uma evidência: o homem protótipo é pleno de sensações e lhe é típico e inversamente proporcional à relação ou à rejeição, fato que vai aclarando a noção importante de comunicação como um dos principais atributos humanos, posto que eleva o homem aos processos transcendentais.

Fabiano seguiu-a com a vista espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou para o céu, ficaram os dois algum tempo agüentando a claridade do sol. Enxugavam as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencido pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente.³²

O deslumbramento citado aponta para uma outra contradição, uma vez que o azul passa a ser signo de penúria e a nuvem, elemento que prejudica a clareza de imagens, naquela situação, significa um conforto mínimo de abrigo do sol.

Onde o sol mata porque extingue a água, os signos invertem-se, e a nuvem, que normalmente expressa dúvida, passa a garantir abrigo. Aliás, passa a ser o espaço onde a morte predomina sobre a vida e sobre as esperanças:

A lua cresceria, a sombra leitosa crescia, as estrelas foram esmorecendo naquela brancura que enchia a noite. Uma, duas, três, agora havia poucas estrelas no céu. Ali perto a nuvem escurecia o morro.³³

Escurecer e nuvem, ainda que em razão contrária à luz, são, em *Vidas Secas*, signos de vida. Na proporção em que o sol excessivo mata, a nuvem que encobre a estrela é manto salvífico. Seguindo o raciocínio de conforto relacionado à chuva, apresentado por vezes como sonho, surge um elemento realista para aquele cenário: a *trovoada*. Essa concepção assustadora passa a anunciar ruidosamente o fim da situação tenebrosa, acaba por expressar um doce marulhar.

A interpretação das estrelas no céu está intimamente relacionada com o estado emocional de Fabiano. Constitui um cenário de paz, quando ele sacia sua sede em cacimba cavada por ele próprio no leito do rio seco. É nesse sentido que entendemos, também, a reação de Fabiano quando faz a leitura de duas concepções para a expressão das estrelas no céu. A cada estado emocional corresponde uma interpretação.

No capítulo introdutório, a família luta com a seca em sua plenitude, Graciliano nos apresenta a palavra *estrela* como sinal de limpidez do céu. Ele

³² Graciliano RAMOS, *Vida Secas*, p. 13.

³³ *Ibid.*, p. 16.

imprime ao tempo límpido uma conotação de prejuízo efetivo, ultrapassando a idéia de ameaça.

Se antes, o firmamento era tão benfazejo quanto mais nebuloso, agora, tendo vencido a sede, a interpretação das estrelas é diferente. O firmamento perde a conotação destruidora e Fabiano, deitado ao relento na noite escura, entende-se novamente dono de seus sentimentos. Por meio do equilíbrio biofísico, observa o contraste que a estrela consegue imprimir na estratosfera:

Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão bebeu muito. Saciado caiu de papo para cima, olhando as estrelas que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente enchia-se de cirros - e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano.³⁴

Pode-se dizer que a penúria engaja o vivente em um caminho contrário ao natural, ao responder aos desafios do dia-a dia, que faz nas trilhas uma lógica cruel, responsável por alterações afetivas. O fato de uma alegria desmedida assaltar o personagem por encontrar água deixa transparecer a intensidade da privação.

No cenário onde vive, o grupo apresenta uma constante, mesmo em tempo de aparente normalidade. Todos os personagens revestem-se de comportamento evasivo que justifica a narração de Graciliano com relação à observação do céu. Paralela a necessidade de colher índices para as possíveis chuvas, eles se refugiam na paisagem infinita que a estratosfera expõe. Essa, em atitude de evasão, tem raízes no fracasso de uma comunicação que não acontece no grupo. A analogia entre comportamentos dos adultos e das crianças ao longo da trama confirma tal atitude.

A linguagem do personagem Fabiano, como elemento expressivo desse contexto, não poderia ser tranqüilizante. Apesar disso, implícito no ideal de fugir ao problema da subsistência, instala-se uma resistência até então inconsciente. Um dos indícios fortes é o nome da cadelinha da família.

Baleia, um mamífero como os cães, porém, de água, em seu grande porte, traz à imaginação de Fabiano a utopia, ou seja, seu ambiente é o das águas imensas. É justamente Baleia que, em hora trágica na qual a família sucumbia à

³⁴ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 14.

fome e à sede, traz o alento ao corpo e à alma do grupo, por meio da caça de um preá único, vivo, no deserto. Unem-se, portanto, pelo instinto de Baleia, os signos água, alimento, sangue e vida.

O sangue no focinho da cadela, marca da caça do preá, é signo da esperança naquele alimento trazido à família. Ela que traz por nome o que para a família era a utopia, garante, nesse episódio, o alimento. Vivos resistem e a resistência suporta a condição de pensar e de projetar. Curiosamente, o alimento veio trazido do morro, local onde as sombras projetam seres irreais.

Nossa hipótese é que Baleia, cadela, traz do mundo das sombras carne e sangue, reais e vivificantes. Esse é o palco de *Vidas Secas*, o limite do sonho e da realidade projetado por meio do sofrimento humano.

Morta Baleia, a vida continua e outra seca se aproxima. A essa nova perspectiva intuída pelo grupo, a solução é a de sair para o Sul. É projeto novo, há caminho à frente, portanto. O limite do monte povoado de sombras ficara para trás. Havia ainda a convicção de que a nova ilusão traria mudanças e, nelas, novas possibilidades de realização.

As barreiras psíquicas haviam se rompido, como haviam deixado o limite do monte e do céu, que o cerceava para a vida. A expressão dos sertanejos, agora, lembrava Sinhá Terta. Ela sabia palavras bonitas, compridas, como *inferno*, e conhecia sua significação, por isso sabia evitá-las.

Costurava, consertava espinhela, era respeitada no sertão: explicava-se como gente da rua.³⁵

A grande questão intermediada pela dispersão, cujo limite é o céu, acaba sendo os pássaros. Povoando esse espaço, para onde fogem as soluções não encontradas, vão representar uma saída com sua presença concreta.

Escapar do círculo opressor céu-montanha, onde se instalaram desde a primeira retirada, representou o início da salvação. O poder de decisão que vinha se desenvolvendo no grupo desde a sentença de Baleia acabou por se irradiar

³⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 97.

apontando para o Sul. De inertes e pacientes passaram a ser diretos e produtores. Eis o ser humano. Eis o contexto de *Vidas Secas*.

O texto de Graciliano, ficção realista, calcado em pressupostos psicológicos, é um relato de resistência e exemplo de literatura de resistência, noções de que nos ocuparemos no decorrer desse trabalho. Sobretudo, queremos elucidar a questão de Fabiano: Você é bicho ou é gente? Perguntamos nós: Fabiano quer ser gente?

1.4 - As linguagens, as correspondências: todos ensaiam comunicar em *Vidas Secas*

Da impossibilidade de diálogo, surgem, conforme análise, as lágrimas de Fabiano e de Sinhá Vitória, um esboço de comunicação diferenciado. Gerado a partir do desaponto por não encontrarem nenhum alimento, ou qualquer pessoa que lhes prestasse ajuda, um desânimo comum provoca a mesma reação nos dois personagens.

Graciliano quis, com isso, demonstrar que a situação vivida por eles é de tão estreita compleição que vem a favorecer a comoção unânime. Estabelece reação semelhante, mas ainda incapaz de gerar um diálogo. O fio de lágrimas derramado pelos dois personagens não obedece a uma intenção de colóquio, fica paralelo, assemelha-se na reação, sem, contudo, permitir réplica. A réplica nesse processo enunciado é tácita e a única possível, pois o desabafo nasce da resistência tenaz que o homem descobre em si para se preservar, e se chama vida.

A seca é um intervalo normal nas vidas dos caboclos. Mas é tão marcante e de conseqüências tão devastadoras que a compleição física e a facção psicológica se ressentem e se transformam. Observando as reações do casal, ou seja, Fabiano e Sinhá Vitória, o que encontramos é um Fabiano resoluto.

No seu ambiente natural, na lida, tem as marcas de uma convivência com o meio agreste. Anda pelos campos meio curvado e braços agitando constantemente um mato que pode ser imaginário, ato que o tempo perpetua como um estigma na

conduta dos habitantes da região. Acaba se concentrando como uma tipologia na conduta dos caboclos, dos adultos e dos descendentes.

O ritmo das passadas, também repetidas pelos filhos, produz uma sinfonia de *chape-chapes*, som onomatopaico das alpercatas contra os pés. Esse ritmo parece agora fazer um diálogo com o mutismo reinante, quando da queda do menino mais velho na caatinga, em plena retirada.

O pisar em marcha decidida confere ao caboclo a certeza do dia vindouro e a segurança para resistir na luta pela sobrevivência. Superar as dificuldades do meio ambiente, que nega tudo, exige a conjunção de um saber sapiencial e de um poder capaz de preservar as forças físicas necessárias para se viver.

Por outro lado, a compleição física do vaqueiro, lembrando traços europeus, barba ruiva, olhos azuis, só aumenta a especificidade da situação. Não se trata aqui de um caboclo com os traços físicos naturais da terra, Fabiano traz biologicamente a história da nossa colonização, sua posição é de subjugado.

Esse tipo de concepção expõe um problema central no romance. Se resoluto na marcha durante a lida, se de constituição física inerente aos dominadores, por que Fabiano não tem representatividade frente aos patrões? Sua constatação confirma esse dado. Daí a pergunta: o que significa para Fabiano ser homem ou ser bicho em *Vidas Secas*? Se resistir às condições desumanas confere características de bicho, qual a fonte de suas estratégias e de suas respostas?

A mesma inquietação nos acode com relação à Sinhá Vitória. Senhora de sua cozinha, agora tranqüilizada por um fumeiro cheio de mantas de carne salgada e com plenos projetos para o conforto da casa. Contrasta com o espécime quase desumano que grunhia na caatinga por não conseguir mais se articular. Essa dona de casa cabocla fixa um trânsito em seus ideais. Manifesta-se em plena atividade de almejar e deseja a cama de lastro de couro, mas ao se lembrar do terrível episódio que envolveu a vida da família, maquinalmente repete uma oração para afastar o perigo.

Nosso esforço, agora, será de perceber as tentativas de enunciação de comunicação entre os poucos personagens do romance, marcados pelas incertezas.

1.4.1 - Fabiano e Sinhá Vitória

A narrativa de *Vidas Secas* desenvolve-se norteadada pela tradição cultural do homem ser a cabeça do casal. Sendo assim, a companheira deve repetir seus hábitos e apresentar atitudes assemelhadas em termos comportamentais.

Entretanto, se isso em parte se confirma por meio da análise, esta expõe também outra evidência - a influência de Sinhá Vitória nas atitudes de Fabiano. Predominando pela força física e pela tradição cultural, duas vantagens que ele detém, nelas, inicialmente, está depositada a origem de todos os valores do grupo.

Fabiano tem a pele clara, avermelhada pelo sol, e seus olhos azuis contrastando com os cabelos e a barba ruiva compõe um quadro diferente daquele de muitos sertanejos amorenados. Mas, é o aspecto comportamental que incide no físico e no social. Sua situação oprimida de peão revela a pouca liberdade que goza no meio, de sorte que fica encolhido na justa razão de suas possibilidades. Pouco fala, pois falar é tomar posição, e a dele é apenas a de coadjuvante, aquela que o predispõe a ser um apoio - guarda gado alheio.

No entanto, a maior proximidade dos meninos, laço advindo do processo gestativo, e o comando no preparo das refeições, na mesma razão que confere importância a Fabiano e a Sinhá Vitória, desencadeia movimentos alternativos de observação e de reflexão no leitor. O episódio do preá ilustra bem o que queremos dizer:

lam se amodornando e foram despertados por Baleia que trazia nos dentes um preá. (...) Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tira proveito do beijo.

(...) Sinhá Vitória remexeu o baú. Os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer de espeto.³⁶

Morena, absorta na lida, a mulher é enfocada pelo autor em sua condição feminina: a saia florida entalada no meio das pernas e alimentando o fogo no preparo das refeições. Esse posicionamento da vestimenta da cabocla, a saia é símbolo da caracterização feminina, traz para Sinhá Vitória a marca da sertaneja que se demonstra mulher forte, porque adaptável às situações locais.

³⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p.14.

Alternam-se, assim, os papéis dos componentes desse casal, no grupo. A força física de Fabiano com atitudes menos visíveis, enuviadas pela tradição cultural, encontra correspondência no desempenho de Sinhá Vitória. A insegurança do casal nasce da impresivibilidade do futuro. Tão volúvel quanto o tempo meteorológico, a família mostra-se instável.

A marcha célere de Fabiano, compassada pelo *chape-chape*³⁷ dos pés, demonstrava contradição. Explica-se o rumor dos pés contra o calçado, demonstra resolução, rumo certo. Entretanto, a ameaça constante da seca em retorno faz regredir esse ímpeto, deforma o caráter de conquista, implícito nas ações edificadoras. O resultado é a contração e o mutismo.

É que a seca pairando no limite das possibilidades toma a concepção de uma nuvem, fluída, mas representada, capaz de inibir qualquer avanço, seja físico, seja de realização. Eis a razão da pouca expressão. As situações sociais exigem, pois, um Fabiano rude e sucinto. Ele se expressa por monossílabos:

... admirava as palavras compridas, mas usava onomatopéias. Gritos de ordem ao gado substituem os diálogos. Chamou os filhos, procurou interessá-los. Ecô! Ecô! Assim um homem não podia resistir - Bem; Bem. Cambaleou sentando-se num canto - Hum, hum. Devia bulir com os outros? - An. Estava tudo errado. - An.³⁸

O vocabulário e o desempenho lingüístico de Sinhá Vitória não são diferentes daqueles de Fabiano, nem poderia ser de outra forma. Apesar de viverem juntos, as relações dão-se de maneira muito precária. Não são mais do que as necessidades traduzidas por pedido de passagem, para o acesso ao fogo e ao calor, à água e ao alimento. Relações imprescindíveis para a sobrevivência, das quais eles compartilham por questão de espaço:

Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam pertos.³⁹

³⁷ Cf. Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 17.

³⁸ *Ibid.*, p. 30-33.

³⁹ *Ibid.*, p. 10.

Ou ainda:

Sentindo a deslocação do ar e a crepitação dos gravetos, Baleia despertou, retirou-se prudentemente, receosa de sapear o pêlo, e ficou observando maravilhada as estrelinhas vermelhas que se apagavam antes de tocar o chão.

(...) Chegou-se a ela em saltos curtos, ofegante, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente. Mas Sinhá Vitória não queria saber de elogio.

- Arreda. (...)

Aproximou-se do canto onde o pote se erguia numa forquilha de três pontas, bebeu um caneco de água. Água salobra.

- Ixe!⁴⁰

A análise do texto de Graciliano indica efusão de pensamentos dos personagens, notadamente a do casal. Um exame das citações aqui destacadas nos revela que o produto verbalizado das conjecturas de Fabiano não passa de resmungos, bem próximos aos mugidos do gado (*an, hum*). Mesmo o monossílabo *bem* finalizado por consoante nasalizada final, representada graficamente pelo *m*, faz dessa palavra átona uma paráfrase de mugido de gado, fato capaz de delinear o aspecto psicológico da linguagem do personagem. A expressão *ecô*, apesar de não ser monossílabo é onomatopaica. Destina-se em significante reproduzir um mugido coletivo, estratégia de vaqueiro surgida na lida.

Em Sinhá Vitória, percebemos, no primeiro fragmento citado, os gestos seguros. Apesar dela estar combalida pela retirada, ainda assim demonstra uma conduta organizadora. Estamos nos referindo à passagem inicial e dramática da queda do menino mais velho na primeira retirada:

- Anda condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. (...)

O pirralho não se mexeu e Fabiano desejou matá-lo. (...)

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado.

Pensou nos urubus, nas ossadas (...) examinou os arredores. (...) Sinhá Vitória estirou o beço, indicando vagamente uma direção e afirmou com

⁴⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 39-42.

alguns sons guturais que estavam perto. ⁴¹

O grunhido que produz, em parte, é fruto da garganta inchada pelo calor, mas ela se impõe como chefe, inspirada pelo instinto materno presente. No segundo e terceiro fragmento por nós destacados, observamos *Arreda* e *Ixe*. *Arreda*, esse imperativo para afastar Baleia já não é mais monossilábico, tampouco a interjeição *Ixe*, para expressar o paladar desagradável encontrado na água. Pode ter aproximação com *Vixe*, corruptela de *virgem*, facilmente explicável pela tradição cristã, acrescida da articulação regional nordestina. Os aportes culturais e regionais não modificam a classificação morfológica da palavra, que por ser interjeição exprime a desaprovação, percebida pelo paladar.

Por esse breve exame do desempenho lingüístico de Sinhá Vitória, percebe-se que o distanciamento maior dos animais, a proximidade dos filhos e a necessidade de organizar os poucos recursos faz dela uma falante mais eficaz do que Fabiano. Mas o atributo de pensar está em ambos, desde o nascimento.

Assim, a imaginação presente leva por meio da libido e da vontade a construção do sonho ⁴² que, no entanto, devido à circunstância que o envolve, apresenta-se fortemente marcado por elas. Graciliano, na apresentação desse sonho gestado numa situação de incerteza, com possibilidade de realização tão longínqua, utiliza o futuro do pretérito para ser fiel à dinâmica interna do mesmo. Ao se referir à realização, utiliza o condicional.

A menor necessidade torna-se um sonho em condições materiais tão precárias. O sonho, como afirma Bosi, faz acontecimentos cotidianos transformarem-se em plataformas de grandes conquistas, reveladoras das dificuldades de se sobreviver. A tal contextualização, Bosi chama *o perto se fazer longe* ⁴³.

⁴¹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 10. (O grifo é nosso)

⁴² Cf. Alfredo BOSI, *Literatura e Resistência*, p. 119.

O autor fundamenta a Literatura de Resistência na libido, responsável pelos desejos, e na vontade, responsável pelas intervenções éticas tomando-as por estéticas. Essa teoria será abordada nos capítulos posteriores. No momento, servimo-nos de seus passos para teorizar apenas acerca dos sonhos. Ele se sustenta na imaginação e está livre da vontade, liberto por esta. A realização exige processos decisórios e estes vão requerer estratégias que os envolvam.

⁴³ Cf. IDEM, *Literatura e Resistência, Céu, Inferno*, p. 21.

As mínimas condições de vida aparecem em meio a muita dificuldade. *O perto se faz longe*, expressão de Bosi, demonstra através da linguagem, em prosódia nordestina, as dificuldades incomuns que a vida apresenta. As deformações de uma vivência normal são de tal ordem, sufocam

Por essa razão, as falas de Fabiano aparecem truncadas, fato que Bosi ressalta nesse personagem e nos outros membros da família. Ele sonha como gente, mas age como bicho, já que sua socialização é difícil. É fruto da opressão em que desenvolve sua vivência na realidade nordestina.

O futuro do pretérito, tempo verbal derivado do infinitivo e em um processo de aglutinação com o pretérito imperfeito, exprime um aspecto de condição. Fabiano, usando os verbos nesse tempo, demonstra sua porção introspectiva, ante a brutalidade das situações que enfrenta. Mantém os ideais, apesar de recolhidos por causa das significativas barreiras. Sente-se incapaz, motivo pelo qual concebe seus desejos de maneira distante, hipotética.

Os momentos de conforto, por estarem sempre ausentes e, no entanto, presentificarem-se por meio da imaginação, necessitam de uma configuração no nível da expressão. Surge, dessa forma, o futuro do pretérito trazendo a correspondência dos ideais, adaptada ao quadro geral, cujo enfoque social é apenas um aspecto.

A carga semântica desse tempo verbal, constatada na linguagem de Fabiano, externa o desnível entre as potencialidades presentes na condição humana e a organização da sociedade. A ordem social apresenta, pois, uma realidade reveladora da omissão, do desinteresse e da falta de parâmetros éticos que prejudicam o desenvolvimento humano. A linguagem, ao externar este fato, traz no seu bojo uma denúncia.

Sendo assim, expressões de Fabiano e de Sinhá Vitória como:

... vestiria uma saia longa de ramagens. A cara remoçaria (...) A fazenda renasceria. A caatinga ressuscitaria.⁴⁴

Revelam sentimentos de busca presente nos aspectos ascéticos, característica do homem, falando na melhor tradição aristotélica⁴⁵. Nesse

de tal maneira o vaqueiro, que este recusa as manifestações naturais da expressão falada, que teimam em aflorar em sua mente. Um processo de isomorfismo liga a realidade exterior à psíquica.

⁴⁴ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 14-15. (O grifo é nosso)

⁴⁵ Para ARISTÓTELES, *Metafísica, Livro I (A)*, p. 211, a faculdade de pensar é responsável pela ascensão do homem na escala divina, uma vez que ele, pelo pensamento, entende sua própria

entendimento reside uma denúncia.

Quando Fabiano surpreende-se assaltado pelos pensamentos, a sua linguagem insiste em aflorar via reflexão. Ele, então, revela-se, apresenta indícios de pertencer à espécie humana, um atributo diverso dos outros elementos. É assaltado por insistentes e tenazes “horas de maluqueira”⁴⁶, capazes de colocá-lo em constante ensaio de uma competência lingüística na qual não crê, mas presente.

Fato revelador da provisoriedade da natureza e da potencialidade humana de ser livre constitui-se em preâmbulo de um tempo melhor que virá. Isso se expressa na linguagem pelo futuro do presente: o infinitivo do verbo principal na composição com o presente do verbo haver.⁴⁷

Entretanto, o tempo presente para Fabiano é eivado de frustrações, as possibilidades reais de uma vida digna estão, para ele, em um passado que a esperança, dom maior da Criatura para continuar existindo, faz concessão. Elas vêm expressas na linguagem pela marca de um passado que ela teima em conservar imperfeito⁴⁸. Na variação desse passado não definitivamente encerrado está a idéia de condição que acentua o futuro do pretérito, mas se publica no aspecto humano: o de ser inteligente e se fazer inteligível.

Vamos estabelecendo, pois, um espaço para estudar contornos da especificidade do homem. Conseguimos, com isso, levantar os pressupostos de suas respostas resistentes, fato suficiente para aclarar o papel de uma literatura difusora de tal fenômeno. Sobretudo, começamos a reconhecer um dado seguro, baseado na evidência de que apesar do poderio que o lucro imprime à organização da comunidade mundial, o homem de qualquer segmento no mundo social tem sua

constituição. Por exemplo, a da natureza pela forma transforma-se em realidade. Essa concepção repete-se por tudo que o rodeia.

Ainda, ARISTÓTELES, *Metafísica, Livro I (A)*, p. 211: “Por natureza, seguramente os animais são dotados de sensação, não se gera a memória, e noutros gera-se”. Destacamos, portanto, em Aristóteles a convicção de que o homem evolui pelo pensamento. Essa capacidade de evolução é que vem a designar Deus, aquele que não carece mais de evolução como motor imóvel.

⁴⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 22.

⁴⁷ Os tempos verbais futuro do presente e futuro do pretérito são tempos derivados do infinitivo impessoal. Eles são fruto da composição de dois outros tempos primitivos. O futuro do presente é uma aglutinação do infinitivo do verbo principal acrescido de parte do presente do indicativo do verbo haver. Para ver mais: Luiz Antonio SACCONI, *Nossa Gramática*, p. 201-204.

⁴⁸ Alfredo BOSI, *Céu, Inferno*, p. 21.

O modo condicional ou potencial (e não simples futuro do presente) registra a dúvida que a visão do narrador vai trabalhando no pensamento do vaqueiro.

participação observada. Uma constatação que nos incita a pensar na constituição humana.

Essa explicação ajuda-nos a entender o desempenho da linguagem de Fabiano, seu vocabulário monossilábico e onomatopaico. Entretanto, existem variantes ditadas pelo aspecto transcendental que vão aparecer nas suas crenças. O fragmento citado ilustra bem:

Fabiano curou no rastro a bicheira da novilha raposa. Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dela na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.⁴⁹

Um sistema de reposição e de simulação instala-se dando vazão à tendência introspectiva nascida dela, favorecendo a definição do emprego do símbolo. O rastro, resquício da passagem concreta, *representa* o animal a ser curado. A magia e o misticismo, com que as palavras da *reza* são utilizadas, garantem o processo sobrenatural. Em toda essa correspondência, o que fica claro é a utilização da palavra como rito, sem o alcance do seu significado real, fato que personalizaria o falante. Essas considerações apontam para o caráter pouco criativo da fala de Fabiano.

Sinhá Vitória, por sua vez, sonha e teme. O sonho representa um ideal, portanto, motivação a ser satisfeita. A satisfação humana envolve conquista, por isso, dificuldade. A posição de Sinhá Vitória é de mediadora. Na facção do sonho deveria vender as galinhas e a marrã e ainda deixar de comprar querosene, a fim de amealhar recursos para a cama de lastro de couro.

Contrário a esse progresso está o temor de que a situação estável, embora precária, venha a ser ameaçada. O agente desta ameaça é a seca, presente em possibilidade. Nota-se a adaptabilidade dos projetos e o temor por ameaças aos bens já conquistados.

Ainda estão no seu pensamento o estado combalido dos filhos, dela própria e a incerteza de estar vagando em busca de vida. Essa prioridade fundamental acaba

⁴⁹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 17. (O grifo é nosso)

por afastar os hábitos e as preferências, provocando descontentamento e insegurança. Lembranças como essas sufocam-na e nesse estado de fraqueza moral procura recursos suplementares. Neste momento, a reza surge como socorro. Como herança cultural, a oração vem em palavra estagnada, repetida como dogma ritualístico oferece suporte de crença, também aqui, com aspecto de magia.

Vão se contornando os parâmetros da linguagem desses sertanejos. Ela se posiciona entre os dois extremos: de um lado o monossilabismo e de outro o repetir onomatopaico mecânico e dogmático da oração. O desempenho lingüístico permanece entre dois pólos; ou resmungam ou repetem enunciados postulados. A reza constitui uma repetição ritualística, que revestida do caráter sacro, assume uma circunstância sobrenatural, fundamentada pela religiosidade. Entretanto, envolve etapas de uma consciência que se aprofunda no conhecimento, capaz de atingir os estágios avançados de auto-elevação.

Reconhecer os passos para esse transporte, alcançá-los e compreendê-los pela experimentação, significa entender as raízes do problema em que se situa a natureza humana, imbuída dessa potencialidade.

A miséria é um fator compreendido pela análise sociológica e, em *Vidas Secas*, destaca as circunstâncias históricas e culturais da natureza essencial do homem, a de buscar. Nessa busca, o homem se envolve em uma cadeia de fenômenos que vão solidificar uma trajetória caracterizando-o e caracterizando-se.

1.4.2 - Os dois meninos; o mais novo e o mais velho

Os meninos ocupam peculiar posição nesse contexto de inteligência retraída, ainda que presente. As características ocorrem pelo intermédio dos recursos intelectuais que todo o grupo tem, mas o evento de estar despontado nos meninos incita nessa ação mediadora os aspectos antropológicos dessa curiosa relação. Na relação afetiva com suas crias, a palavra interpõe-se como uma necessidade de denominação. Eles surgem, então, na trama, como os meninos, em um masculino genérico e distinto pela ordem de chegada. São, simplesmente, o mais velho e o mais novo. Em um mundo sem palavras, eles são apenas conseqüências, nunca sujeitos.

A eles falta nome próprio. São apenas os rebentos, produtos naturais da convivência do casal. Em meio a um ar de primitividade do ambiente e das relações, eles não contam como indivíduos no processo comunicativo, entretanto se expressam. Ensimesmados pela situação de penúria, Fabiano e Sinhá Vitória têm os filhos como evento ou como resultado de sua convivência, contudo, as crianças reagem.

Evento, incidência, ocorrência biológica, tudo isso, ou, estranhamente, nada disso resulta em uma criatura. Essa criatura pensa, sonha e teme e nessa atividade justifica o atributo maior pelo qual se torna indelével, o fato de ele poder imaginar. Pensamos aqui que mesmo o fato das crianças serem empobrecidas, isoladas e assistidas, de maneira a ser-lhes preservada a porção biológica apenas, ainda persiste uma ligação afetiva, mesmo que os laços produzidos pela comunicabilidade estejam prejudicados. Não chega a ser uma relação de animal com sua cria, pois perdura entre eles a comunicabilidade do olhar e da tosca sensibilidade.

Comunicabilidade talvez produzida pelo hábito de cuidar. Esta provém, no entanto, da relação conferida pelo sentido da necessidade humana de contato. O cuidar do rebanho estabelece vínculos de hierarquia. Ressaltam-se os maiores atributos de que o homem é detentor, em detrimento das outras espécies. As especificidades que as percepções humanas detêm.

Essa circunstância, no texto, passa para as crianças. Elas, ainda em processo de amadurecimento vão ativando as potencialidades humanas implícitas na sua formação. É este tipo de atitude que se traduz pelas perguntas e pelas iniciativas fomentadoras dos projetos. Ainda assim, respondem a estímulos do meio, renovando-os em outras perguntas, produzindo.

No ambiente cotidiano rural, a natureza é muito presente, o que contribui para que as menores ocorrências tomem vulto, vindo a aumentar a observação e estimular a imaginação da criança, que já é muito fértil em qualquer circunstância.

É o que acaba por suceder, quando o caçula assiste o pai montar em uma égua no curral. O arreamento do animal, somado à indumentária de vaqueiro que Fabiano é obrigado a usar para levar a cabo a intenção de montaria, representa para o menino um espetáculo. O pai surge-lhe como um personagem. Para se certificar do resultado, chega-se ao pai superando o medo que sentia:

Chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão.⁵⁰

O próprio andar de Fabiano, embaraçado pelas perneiras, pelo gibão e pela espora reluzente pareciam ao menino uma estranha imitação: o pai andava semelhante a um urubu. Entretanto, o conjunto refletia, ao caçula, Fabiano como um herói momentâneo. O pai, aqui, configurou-se como um estímulo antropológico inevitável ao pequeno. Essa impressão se dilui quando Fabiano despe a indumentária, o menino passa a olhar o traje como um intervalo na fantasia.

A habilidade da montaria exigia destreza e coragem. Exigia também preparo, traduzido pela roupagem apropriada. As adaptações para tal empresa são fruto da manufatura, da invenção e do direcionamento de recursos, como o couro para o fim da montaria. Tais vestes, que tanto haviam encantado o menino, não eram senão recursos adaptados pela habilidade humana ao meio, para superação de dificuldades. A destreza observada ativou a imaginação e ofereceu o desafio. Surge, então, a intenção de montar o bode, por parte do menino, que indica a noção de proporcionalidade presente. O imitar e o adaptar exprimem os atributos sensoriais humanos.

Tentativa frustrada restou o valor da iniciativa, a oportunidade do aprendizado, o cálculo e a transposição. Nada foi comunicado pela palavra, os sentidos se interpuseram da observação à ação. Não transmitiu a idéia, poderia ter feito do irmão um parceiro para a empreitada, mas a independência que o cálculo e a premeditação, posta em relação com as condições físicas e psicológicas conferidas, embalara a intenção do pequenino. Este, liberto pelas condições de que dispunha, levou avante o projeto.

A pouca atenção que os demais, Sinhá Vitória e o outro irmão, dão ao desempenho do pai em cima da égua, incorpora ao julgamento do menino desaponto e inconformismo. A interrupção repentina e o grau de rudeza de todas as ações passam a ser incorporadas por aquele futuro e inevitável peão. A criança começa a discernir o aspecto específico das atividades, reconhecendo na indumentária os caracteres canalizados para o determinado fim, cujos fatores

⁵⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 48.

antropológicos indicam e se adaptam. O homem adaptando-se ao meio realça seu modo de ser, determinando-se.

O pequenino, entretanto, terá alguns anos para empregar seu teor imaginativo até que se perceba adulto. Não somou ainda suficientes desilusões nos poucos anos vividos. Assim, com a energia mais fértil do que a dos adultos, estabelece um projeto. Reproduzida proporcionalmente a cena que tanto apreciara, advinda do pai, montando não um animal de grande porte, mas o bode do pequeno rebanho, propriedade da família, completa-se o projeto. Faz isso no momento em que leva os animais para beber, juntamente com o irmão.

A criatividade se expressa pelas circunstâncias mais diversas. Aqui, ela favorece a comunicação e a parceria, pois o menino mais novo tenta envolver o irmão maior no plano.

Rodeou o chiqueiro, mexendo-se como um urubu, arremedando Fabiano. A necessidade de consultar o irmão apareceu e desapareceu. O outro iria mangar-se dele, avisar Sinhá Vitória. Teve medo do riso e mangação.⁵¹

A relação entre os meninos também é prejudicada, mas a curiosidade infantil a supera. Atitudes reveladoras de independência como essa vão emoldurando o quadro da inteligência humana, manifestada como fatores inegáveis da predisposição resistente do homem.

Os fenômenos acontecem e se diversificam na dinâmica que constituem as vivências. É por essa razão que as nuvens no céu azul vão representar mais do que simples ovelhas. Elas passam, na decepção, a serem mais do que cavalo e peão, vão projetar o desconhecido quando se diluem, perdendo a dimensão significativa.

Viu as nuvens que se desmanchavam no céu azul, embirrou com elas. Interessou-se pelo vôo dos urubus.⁵²

Uma decepção infantil tem certamente alternativa surpreendente. É quando temos a noção que as etapas cronológicas expõem as marcas antropológicas de maneira própria e, com isso, delineiam os contornos privilegiados da nossa mente.

⁵¹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 51.

⁵² *Ibid.*, p. 51.

Este nosso pequeno observador da natureza interpreta os signos celestes, como seu pai. Fabiano, em outra oportunidade, dava às estrelas, ora conotação salvadora, premida pela necessidade de água, ora correspondente de alegria, quando em saciedade. Aqui, o menino a toma como sinal de noite e ela é tão pequenina quanto ele próprio, por isso a torna lúdica:

Levantou os olhos tímidos. A lua tinha aparecido, engrossava, acompanhada por uma estrelinha quase invisível.⁵³

Ele continua a se desembaraçar da desilusão. Reforça tudo que iria fazer, sobretudo repetindo a linguagem em futuro do pretérito, canal dos sonhos ameaçados e titubeantes de seu pai:

Saltaria no lombo de um cavalo. Ao regressar aprear-se-ia num pulo e andaria no pátio.⁵⁴

A dúvida condicional do pequeno é menor do que as inúmeras do pai, ele sofreu menos e menores injustiças no curto período de vida.

Os espaços da expressão são constantemente procurados, pois ela é ativada via inteligência e convenção⁵⁵. Os meninos, em contato com elementos rurais, altamente motivados pelas sucessivas fases de seu desenvolvimento cognitivo,

⁵³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 52.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 53. (O grifo é nosso)

⁵⁵ Cf. Franklin Leopoldo e SILVA, *Bergson*, p. 11.

A variabilidade dos significados lingüísticos se deve ao caráter convencional das palavras, que não deve ser confundido com o caráter convencional da linguagem. Cada palavra de nossa língua é efetivamente convencional, mas a linguagem não é uma convenção e é tão natural ao homem falar quanto andar. A esse respeito Santo AGOSTINHO já se pronunciava no capítulo IV, em *De Magistro*, p. 220: “ - Não há nenhuma diferença entre esses nomes e as coisas que são significadas por eles? A resposta de Adeodato foi: – Muitíssima”. Na ficção, ele produziu o diálogo com Adeodato que diz respeito ao significado das palavras e seus sinais.

Quanto a extensão da segunda sílaba da palavra inferno, temos definição genérica ainda em AGOSTINHO. IDEM, *Confissões*, p. 286: “Esta sílaba longa tem o dobro de tempo daquela sílaba breve”. Sendo a segunda sílaba composta por duas consoantes, ela dura e intensifica-se, exemplificando a observação de AGOSTINHO. O atrativo para o menino em *Vidas Secas* era a extensão (três sílabas) e a audível diferença no som, intensificada pela consoante r. A palavra material, destituída de significado apresenta-se esteticamente ao menino, tomando por isso uma concepção de metáfora, ou seja, delegando liberdade à criação do menino mais velho, que, por meio da Inteligência, correlaciona essa concepção material da palavra, enquanto objeto de curiosidade. Objeto abrindo um horizonte de possibilidades, mil formas, como o barro, para moldar. Acaba sendo arte em potencial.

encontram no barreiro material necessário para nele colocarem as marcas de sua expressão. Eles ensaiam a construção de bonecos de barro, em resposta aos devaneios lúdicos.

Um traço cultural forte é respaldado pelas produções dos artistas rurais nordestinos, pacientes da mesma estrutura psicológica unindo homem e meio:

Estivera metido no barreiro com o irmão, fazendo bichos de barro, lambuzando-se. Deixara o brinquedo e fora interrogar sinhá Vitória. Um desastre. A culpa era de sinhá Terta, que na véspera, depois de curar com reza a espinhela de Fabiano soltava palavra esquisita. (...) Ele tinha querido que a palavra virasse coisa e ficara desapontado quando a mãe se referira a um lugar ruim, com espetos e fogueiras. Por isso resignara, esperando que ela fizesse o inferno transformar-se.⁵⁶

Escolhemos esse fragmento porque, em poucas linhas, sintetiza os canais comunicativos contidos na obra. O menino mais velho contém em seu espírito a potencialidade em latência, já que o ambiente pouco discursivo prejudica um bom desempenho. Mas, ele está presente, explicando a latência:

Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre. Viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas.⁵⁷

Entretanto, essa característica humana incentivada pelas percepções aflora na existência, traduzindo-se pela liberdade que a arte concretiza. O barro é trabalhado pelas mãos, que guiadas pela forma, imprimem expressão aos bichos, demonstrando uma estética. Constitui-se recurso cultural pelo qual se entrevê a manifestação antropológica em processo, ou seja, o homem intervindo no meio, caracterizando-o. Trata-se de uma resposta que aflora espontânea, como via de expressão.

O mesmo estímulo que despertou expressão ouvida do vocabulário de sinhá Terta atrai o menino mais velho, não só pela extensão, mas também pela combinação das sílabas. No vocábulo *inferno* a consoante *r* estende e intensifica a

⁵⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 56.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 11. (O grifo é nosso)

segunda sílaba⁵⁸. Precedida de outra sílaba longa, a primeira sonorizada diversamente ganha destaque, centraliza na palavra um som marcadamente efusivo⁵⁹.

A evocação desta palavra cai em ouvido infantil, em um meio em que o monossílabo e poucos imperativos são todo o capital articulado. Poderia suscitar significado de festa, novidade e movimento, jamais penúria. Não fazia sentido aquela descoberta ser uma situação já vivida, tampouco semelhante. Ao julgamento da criança também conta que por ser proferida por pessoa estranha àquele ambiente de penúria, dificilmente teria ligação com qualquer referência que conhecesse.

A intensa atividade exercida pelos meninos decorre deles serem, por sua própria constituição, um projeto, já que estão em desenvolvimento. A coincidência desse seu desenvolvimento aliada às novidades que o mundo mostra o fenômeno de como os estímulos se expandem; acontecendo as relações.

Assim, o barro, o gesto imitativo ao pai e a curiosidade pela palavra são quadros de resposta a uma força motriz verdadeira. A criança está em transição, em processo. Por eles, pois, é possível compreender a trajetória que todos descrevemos.

Seja mimético, como o caso da imitação do pai pelo menino mais novo, seja no barreiro, ou ainda na perspicácia de apreender os significados, está presente para eles o mundo desconhecido. Aquilo que se vê, na atividade dos meninos, é o reconhecimento da expressão tentando subsidiar os pensamentos por todos os canais.

1.4.3 - Os agregados e os mediadores

O quadro psicológico em *Vidas Secas* contém um núcleo patológico entre os personagens humanos, causado pela rudeza natural do sertão e pelo, já textualmente citado, *desastre* causado pela seca. Ao nos deter no desempenho

⁵⁸ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, p. 48.

⁵⁹ Acerca desse aspecto encontramos corroboração em: - Aquelas, as letras escritas são visíveis, e estes (os sons articulados pela voz), "audíveis", se admitimos "significáveis". IDEM, *De magistro*, p. 330.

lingüístico destes, chegamos à conclusão de que os animais, por fazerem parte do grupo, surgem eivados de simbologia. É dessa simbologia que trataremos agora.

Baleia é um nome que, para o quadro climatológico apresentado, é uma estupenda contradição. Colocado assim, com nome de mamífero aquático de grande porte, traz um aspecto messiânico ao contexto da obra. Graciliano, talvez seguindo sua intuição de cunho socialista, coloca nessa cadelinha vira-lata o trunfo de, na evasão natural de seu instinto caçador, trazer aquilo que significaria um alento moral, além de concreto ao grupo. Em passagem já abordada, quando surge com um preá, em trágico momento de desterro e de inanição, traz a redenção para toda a família. Marca-a bem o sangue que traz no focinho.

Na retirada que haviam empreendido, os envolvidos perderam as forças. Na tenaz prova exigida, dentre os viventes, um escapou de tal condição: o papagaio da família. Desta circunstância, precisamos levantar a idéia suscitada, recurso importante para o entendimento do conjunto:

Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, os pés apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era inútil. Não podia deixar de ser mudo (...) Viviam calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava. Tangendo o gado inexistente, e latia imitando a cadela.⁶⁰

Importante dado por meio de analogia, conseguimos entendê-lo agora. O papagaio tem como característica imitar. Pela natureza de suas imitações, depreende-se o desempenho lingüístico do grupo, que não passava de sons guturais e latidos.

Desde a admiração ao pai, fato que inspirou o projeto ao pequeno, até a decepção e a dor física provocada pelo tombo, os sentimentos do menino oscilaram entre o entusiasmo e a decepção e a esses sucedem novos projetos. Dinâmica característica da essência.

O mérito de Graciliano, notadamente em *Vidas Secas*, é ultrapassar os parâmetros psicológicos e sociológicos, colocando em uma prosa os atributos

⁶⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 11.

antropológicos que permeiam a constituição do homem. Crescer, montar os brutos, fumar cigarros é uma forma de resistência ao fracasso eventual e passageiro.

Orientando-se por noções psicofísicas, explora em um misto de corrente estética Naturalista e Modernista. Serve-se de traços naturalistas para realçar os problemas sociológicos e o tom denunciante, comum aos Manifestos Modernistas. Fundamenta, com isso, a cultura brasileira em arte.

Esse amálgama de correntes estéticas corresponde ao amálgama racial e religioso, e a um certo ecletismo a que fomos submetidos nos séculos XIX e até meados do século XX na América Latina e no Brasil. Dessa forma, a obra nos conduz aos aspectos próprios da natureza humana, capazes de fundamentar as questões relativas a nossa condição.

Reafirmando as noções psicológicas desse drama, vemos a alteridade de atitudes, notadamente na linguagem de sinhá Terta, pessoa dotada de todo o tipo de habilidade, seja artesanal, seja curandeira.

A atitude de Tomás da Bolandeira, um proprietário de terras, que trata bem as pessoas em geral, e até mesmo seus peões, surpreende, já que para os padrões sociais da região este comportamento não é usual. Tomás da Bolandeira é um padrão diferente, adquiriu uma sabedoria relacional através da leitura.

Em sinhá Terta vemos as habilidades de costureira. Ela se notabiliza por confeccionar trajes e vestimentas de festa usadas na cidade. Além disso, suas rezas são mais eficazes que as dos demais caboclos. Por outro lado, suas massagens e suas manipulações colocam-na acima das práticas da família de Fabiano. As habilidades exigem uma relação mais envolvente com as coisas e relação predispõe a pessoa.

Seu vocabulário é variado, porque ela o distende para além dos dois pólos que já observamos: o titubeante silabismo e a imitação dos animais, por um lado, e a repetição mecanicamente das rezas, por outro. Tomás da Bolandeira é um padrão diferente, não é muito entendido por Fabiano:

- Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? “Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho os outros”.

(...) Certamente aquela sabedoria inspirava respeito.

Seu Tomás da Bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar, pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. (...) Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão.⁶¹

A diferença entre os padrões é tanta, que Fabiano é levado a comparar. As marcas do coronelismo parecem não ter atingido esse sábio patrão. Nota-se que ele não tem tantas posses para ser transformado em exigente e talvez o motivo de não haver amealhado bens excessivos seja a relação com os livros e os jornais. Enfim, o fato de ele ser diferente está no entendimento e na possibilidade de relação, conforme foi sutilmente demonstrado por Graciliano.

Devemos notar, entretanto, que essas constatações são sempre pensadas, nunca transformadas em conversa. Fabiano continua em sua introjeção, motivo bastante para reconhecermos o enfoque psicossocial dessa obra.

Levantamos analogias, proporcionalidades, divergências entre origens e objetivos nas produções de linguagem. À medida que avançamos, vamos estabelecendo alguns caminhos para o entendimento do processo de geração de resistência, efeito da espontaneidade da condição humana.

Bosi, em *Céu, Inferno*, deu-nos motivação para o estabelecimento desses questionamentos:

O corte é nítido. De um lado, a mente do vaqueiro, que se contenta com formas de medicina vicária; de outro; a mente do escritor, que timbra em manter o seu lugar, pois sabe que a cultura do pobre não é sua. O intervalo entre ambos é largo, mas não é vazio.⁶²

É a esse intervalo que queremos atender com esse estudo. Essa foi a nossa motivação. Entre as letras do escritor e as concepções empíricas do vaqueiro, vislumbramos a natureza do homem. *Como? Por quê? Em que ela constitui essa*

⁶¹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 22.

⁶² Alfredo BOSI, *Céu, Inferno*, p. 24. (O grifo é nosso)

Nosso trabalho pauta-se em entender os diversos níveis de evolução que o homem percorre em sua natureza antropológica até alcançar a compreensão de Deus, enquanto Palavra. Sendo a fundamentação principal deste estudo, esse argumento sustenta as formas de resistência que a condição humana expõe na preservação da vida.

atividade, capaz de resistir com criatividade impar? Estamos na pesquisa tentando preencher o *intervalo*, já com a afirmação de Bosi justificada: não é vazio.

O manancial humano e sua forma de expressão convencional realçam um ponto que chama a nossa atenção. As normas e os registros são adquiridos e as formas rígidas são insuficientes para representar toda a natureza da concepção humana.

1.4.4 - As asas, as sombras

O laço afetivo existe no grupo, mas as dificuldades para transmitir sentimentos e pensamentos são quase intransponíveis. As atitudes dos personagens deixam transparecer preocupações, demonstradas de modo muito estreito.

Isso acontece porque ante a menor dificuldade ou mesmo a oportunidade para entabular o desenvolvimento de um diálogo, os personagens do núcleo representado pela família de Fabiano divagam, olhando o céu. Já analisamos esses episódios em que a lua, as nuvens e as estrelas povoam o espaço vazio de idéias, no horizonte de nossos caboclos. Entretanto, a relação com a diversidade de pássaros encontrados na obra, abre-nos perspectivas para outros dados.

A versatilidade relacionada com a presença do urubu no meio ambiente é substrato para as diversas significações que sua figura sombria assume no decorrer do romance. O indício de morte que essa ave de rapina traz e o saneamento do ambiente que ele garante, o constituem em instigante figura. É dessa perspectiva que o vemos, em diversas leituras na obra.

Ele aparece como sombra, interpretado pela impressão que os viventes têm da morte. Inocente, cumpre seu papel saneador na cadeia biológica, entretanto, denuncia a morte e para a concepção humana sua imagem aparece influenciada por um manto macabro. Sua penugem escura, resistente aos ambientes sombrios em que vive, passa a ser entendida como mortífera. Tem conceito prejudicado, na mesma razão em que a morte é vista como assustadora.

Desta forma, a escuridão ocasionada por um bando de urubus é interpretada como um traço profundamente negativo, que suplanta a sua imagem de mediador do equilíbrio ecológico, sua função efetiva:

... Examinando caatinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus.⁶³

Impregnados por essa visão de mensageiros da morte vão, entretanto, ganhar outras conotações, já que ao serem relativizados com outras aves e consigo próprios, adquirem concepção mais otimista.

O andar dos urubus, quando em terra, é titubeante e desajeitado, atitude jocosa apreciada pelos meninos caboclos em sua fértil imaginação. Partindo dessa referência, o menino mais novo relacionou-o ao andar pouco fluído do pai, embaraçado pelo gibão e pela perneira; peças componentes da indumentária de vaqueiro. Associação possível pela admiração que a montaria por um *bruto*, efetuada por Fabiano, causou ao menino.

Ele vir-se-ia adulto, transportar-se-ia por meio da indumentária à realidade de um pássaro, o urubu. No seu entender, impressionado, cheio de fantasia, passava a se constituir num sonho. É o que se depreende pelo teor da narrativa de Graciliano:

Saltaria ao lombo de um cavalo brabo e voaria na caatinga como pé-de-vento, levantando poeira. Ao regressar, apear-se-ia num pulo e andaria no pátio assim torto, de perneiras, gibão, guarda-peito e chapéu de couro de barbicacho.⁶⁴

A assimilação da imagem da ave passa a fazer parte da representação do menino, prova de que encara como ideal o andar e desenvolve simpatia por um animal tão malfazejo. O verbo *voar*, a comparação *como pé-de-vento*, liga-se a essa representação, cujo motivo é alado. O torto, circunstância de modo, presentifica o urubu.

⁶³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 13.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 53. (O grifo é nosso)

Entretanto, perdendo a ludicidade que as crianças imprimem aos fatos, uma outra concepção da imagem dos urubus aparece terrível. Desde os primeiros parágrafos da obra, eles ganham o destaque de um relato ligado à morte por abandono. Porém, essa situação vai conceber outro ator, cujo desempenho ganha contornos mais cruéis do que o destes: o das aves de arribação. O deslocamento das aves traz como mensagem as dificuldades no seu habitat. A procura de água é uma atitude de resistência, mas essa prática vai incomodar os habitantes da região em que chegam:

Vindas em bando, arranchava-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam. (...) O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levam o resto da água, queriam matar o gado.⁶⁵

Organizam-se em bandos, formando uma nuvem esquisita e barulhenta, instaurando o caos num ambiente já instável, devido ao consumo de água: contraproducente, inesperado e exorbitante. Fabiano, à beira do riacho, define-as bem:

- Miseráveis.⁶⁶

Aliadas, portanto, na concepção dos caboclos, ao sol, o maior inimigo dos viventes, o bando de arribações avulta-se aos olhos de Fabiano em ameaça mais tenaz à vida. Em comparação à atitude dos urubus, são mais destrutivas que estes. Seu desaparecimento traz a certeza de que ali não é mais possível viver. A retirada, em bandos como vieram, denota abandono e, sobretudo, uma confirmação por parte da natureza de que o desastre aproxima-se, efetivamente. Elas são mensageiras da temida tragédia.

Tristeza vem também pelo papagaio morto. Sinhá Vitória tinha muito apego à ave e isso transparece como saudade no decorrer do drama. Lembra-se dos horrores da retirada e da necessidade de consumir aquele que fora animal de estimação. Entretanto, passado algum tempo, o pobre louro é lembrado em situação

⁶⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 108.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 110.

jocosa. Seus pés pouco adequados a grandes caminhadas são comparados à situação de desconforto similar, ou seja, Sinhá Vitória em trajés urbanos e sapatos de verniz. O papagaio que não falava, pois só ouvia grunhidos e sons animais, era tão inútil quanto um calçado fino, de verniz, para uma matuta no sertão. Daí a comparação.

Percebemos que as aves fazem parte do cotidiano rural, mas principalmente constituem objeto para a dispersão dos personagens, nas situações costumeiras de desalento ou de perda de referência. O céu e a serra limitam um mundo de devaneios do grupo e, sendo assim, o menino mais novo, por exemplo; quando despertado do sonho da montaria, em recente e proporcional desilusão, deriva-a para a graciosa ave. Mas, as circunstâncias, por mais difíceis que sejam para os meninos, adquirem um ar de surpreendente curiosidade:

Ergueu-se, afastou-se, quase livre da tentação, viu um bando de periquitos que voava sobre a caatingueira. Desejou possuir um deles, amarrá-los com uma embira. Dar-lhes comida. Sumiram-se todos, chiando e o pequeno ficou triste, espiando o céu cheio de nuvens⁶⁷.

No esvaziamento da comunicação, a percepção constante que se faz presente manifesta-se em outros fatores. O verbo *amarrar* transmite a ligação com os bichos de terra, fato que se explica pela predominância do gado. Por outro lado, trazer a avezinha a terra, prendê-la, é prender o sonho na terra. Desta forma, o sonho ganha aspecto de realidade. A percepção do menino, pois, divaga. São pelos estímulos, desde a imitação, aspecto de aprendizado, até a observação de manifestações como a da avezinha, minúscula e colorida, aludindo ao aspecto lúdico, que a ligação com a natureza se dá, favorecendo criação.

Fabiano, por sua vez, está em marcha. Nesse momento só lhe interessa evoluir no projeto que o livraria da ameaça constante do pouso e da estabilidade. Porém, o que ele ainda não percebeu é que parece estar encontrando alguma explicação para a doideira⁶⁸. Aquelas manifestações que o acometiam por momentos, tenderão a se ampliar. Não longe estará o momento em que compreenderá que a busca esboçada pela natureza é relacionada ao seu interior.

⁶⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 52.

⁶⁸ Fabiano é assolado por um sentimento, que, por não saber expressá-lo, interpreta-o como *doideira*.

É nesse sentido que se justifica o sentimento de procura da vida, um impulso como esperança. Tal sentimento é pouco compreensível, se observarmos a dificuldade com que se dá toda a situação contrária à vida. Compreendemos as expressões dessas dificuldades pela contradição pelas quais se apresentam. O fato de *nuvem* e *escurecer* serem alento, significam que o signo *luz* é ameaça. Em um terreno assim; a vida desenvolve-se pela negação, a tradição está subvertida.

O mesmo referencial depreende-se do nome Baleia, pelo qual atende uma cadela fiel, capaz de permitir uma associação à água em imensidão e um sinal surpreendente de vida por meio do sangue da caça insignificante, mascarando-lhe o focinho.

Graciliano ainda se expressa pelos sons. Entre o silêncio sepulcral na queda do menino mais velho e os *chape-chapes* das alpercatas batendo nos calcanhares estão os correspondentes da vida e da morte, na marcha da caatinga.

Entre o mutismo habitual da família sertaneja e a automação dos dogmas ritualísticos das rezas fica inativa a comunicação suficiente. Essa é a explicação para a atração que a palavra comprida exerceu no menino. *Inferno*, na situação que encontramos a palavra no texto, apresenta-se como um manancial expressivo.

Entretanto, a sensibilidade de Sinhá Vitória ao perceber a mensagem trazida nas asas dos pássaros é um diálogo aprofundado no âmago da necessidade de preservar a vida, que se traduz por resistência. A percepção da sertaneja, a convicção captada do meio, de que *o bicho de pena vai matar o gado*, rende ao grupo a possibilidade de vida. É na tenaz resistência por ela que surge o atributo humano da expressão possível pela atitude do homem de persistir.

Diante destas constatações, erguem-se, pois, para nossa análise as circunstâncias sociais e históricas e se fortalecem em nós uma esperança originada pela sua compreensão. O caminho de Fabiano é o mesmo, reflexão baseada em uma única evidência; somos humanos, ou seja, somos da mesma espécie.

Os fenômenos circunstanciais, espaciais, sociais e históricos afetam o equilíbrio psicofísico de Fabiano e de Sinhá Vitória. Ainda assim persiste neles a tenacidade de manter a vida e esse sopro incitante da busca, ao não se extinguir, sugere elevação.

O entendimento de Fabiano trará as respostas. Uma delas, intermediária, facilitará as demais: é apenas um cabra, guardador de coisas alheias, ou é um homem? Tais referenciais representam para nós um estímulo.

Estivemos analisando as relações entre os membros da família e suas repostas, baseadas no aspecto antropológico dos personagens. Em todos aparecem as características da versatilidade humana de aprender, de descobrir e de imaginar. Nestas operações aparecem a solidariedade e a resistência, alicerces para a crença e para a religiosidade, como integrantes da constituição do homem.

Entretanto, as relações não se fixam apenas entre o pequeno grupo. Ali, efetivamente, elas acontecem de maneira tão introspectiva que chegam a uniformizar os procedimentos, minando a interlocução e descaracterizando a comunicação. Isso tende a se alargar quando surge a necessidade de contato fora do ambiente doméstico.

As idas à vila, por exemplo, ligam-se às necessidades físicas de abastecimento no comércio e às transcendentais, os festejos de Natal. É nestas oportunidades que a família resente-se do pouco desempenho comunicativo, embora fervilhem, sobretudo nas crianças, os processos interativos, que ficam inertes, carentes de canal. Estaremos analisando essas evidências e, sobretudo, canalizando-as à nossa hipótese principal, aquela que pretende realçar a incomensurabilidade da intuição intelectual.

A proximidade da natureza e o contato físico com os animais substituem a palavra articulada na família sertaneja. Eles formam um núcleo com estas características, que é favorecido pelo isolamento. Um elemento externo como sinhá Terta quebra essa cadeia, pois resulta em estímulo à consciência dos meninos, principalmente, os mais ávidos por informação, já que para eles tudo significa descoberta e ela tem pouca oportunidade de se manifestar naquele ermo.

É esta realidade que a família irá viver nas visitas à cidade. No próximo capítulo, estaremos enfocando as relações entre os membros da família, com intuito de estabelecer uma comparação com as atitudes em sociedade desses personagens. Nossa intenção é a de compreender as limitações expressivas, uma vez que os processos reflexivos acontecem pela afirmação radical de que são humanos.

CAPITULO II: Resistência para viver, a partir de *Vidas Secas*

As relações familiares de Fabiano, em *Vidas Secas*, mostram como os seres humanos estão sujeitos a processos naturais, diante dos quais sentem dificuldade para reagirem. Eles mantêm as necessidades e os motivos para a comunicação. Faltam-lhes, entretanto, um desempenho eficaz, eles não conseguem explicar seus anseios. Como eles ficam latentes, é fácil entender que o problema é de comunicação.

Iniciamos este capítulo partindo da análise dos modos de relação entre os personagens. As relações internas da família mostram a mulher como ponto de convergência. Isso se explica porque ela se constitui no centro dos acontecimentos em todas as civilizações e, no nosso grande colonizado território⁶⁸, surge, para a tomada de consciência, a figura da mulher.

A figura da mulher, por ser matriz, logo, origem e receptáculo, é centro de qualquer narrativa, por ser também centro de atenções e de ações nas sociedades. Com base nessa evidência, elegemos a figura central de Sinhá Vitória para o início do estudo das relações internas e externas na família de Fabiano, em *Vidas Secas*. Em virtude da vasta gama de linguagens encontradas na obra de Graciliano,

⁶⁸ Para Alfredo BOSI, *Dialética da Colonização*, p. 377: “Uma dialética de potencialidades, ora atualizadas, ora frustradas, dirá melhor como as coisas se passaram”.

Segundo IDEM, *Literatura e Resistência*, p.120-121: “O homem de ação, o educador ou o político que interfere diretamente na trama social, julgando-a e, não raro pelejando para alterá-la só o faz enquanto é movido por valores. (...) É preciso levar adiante a análise diferencial do termo *valor*. No homem de ação, a realização dos valores tem um compromisso com a verdade de suas representações”.

Por essas duas referências de BOSI, compreendemos a atuação de Sinhá Vitória no romance *Vidas Secas*. A contextualização dos caboclos ante a opressão político-social estende-se à mulher de forma ampliada. A subserviência, prevista como postulado no quadro colonialista, atinge maior dimensão quando se concentra na mulher, figura estereotipada universalmente em todas as etapas da civilização. Essa tendência se acentua quando é concentrada nas regiões de maior carência, como nesta, na qual nos debruçamos.

É por essa premissa que entendemos a dialética que se instala entre a vivacidade de Sinhá Vitória e suas atitudes, superior ao gênero, porque ultrapassando as convenções, revela o alcance humano da ação. Fundamentada na vontade, provê as intenções, entendidas como motivação. É dessa forma que Vitória se sustenta na trama de *Vidas Secas*, na retaguarda do seu homem, que lutador ingênuo surge estafado pelo trabalho braçal e atormentado pelas conjecturas das quais ele não identifica a gênese. As tarefas mais sutis e esse exercício estimulam a percepção e a sensibilidade da mulher. Podemos notar os aspectos decisivos desenvolvidos a partir da atuação da mulher, noções que ratificam os conceitos colonialistas e determinam a motivação humana, que destacamos da obra de BOSI.

separamos cuidadosamente as relações e coibimos o fluxo dessa análise que aparecerá ao longo dos capítulos.

Sinhá Vitória funciona como um ponto de apoio de Fabiano. O forte e rude matuto converge suas atenções para a companheira nos momentos decisivos. Desde aquele chocante momento, da queda do filho na caatinga calcinante, até nos mais habituais, como o arreamento de um animal, ela é auxílio, porque dela partem referências.

Na relação fora do âmbito familiar, ela é o seu limite. O pensamento de Fabiano na mesa de jogo é para ela, sua presença é trazida no âmago da dificuldade. Parceiros em uma iniciativa que os une biológica e socialmente, respaldam-se, entre Fabiano e a esposa existe cumplicidade e código de confiabilidade, tendo o mais forte materialmente, ou seja, o elemento masculino a atenção voltada para a atuação feminina sempre zelosa. Sendo assim, o pensamento “Sinhá Vitória ia danar-se, e com razão”⁶⁹ é uma preocupação legítima à mesa de jogo, quando o caboclo sai-se mal.

O cotidiano revela uma aproximação e um entendimento que fica tácito na relação de Fabiano e de Sinhá Vitória. Portanto, quando há insatisfação por parte desta, o ressentimento aflora e se ressalta a negação do sonho mais presente. No caso de Sinhá Vitória, em tempos de normalidade, aquilo que transparece é a falta da cama de lastro de couro.

A reação do marido nessas ocasiões é de tolerância. Essa reação se dá porque neles, pela convivência, já há um manancial implícito de respostas para as ações. Este manancial, embora não seja explícito, existe tacitamente. Para outros aborrecimentos, em tempos de normalidade, quando a seca não assola, o procedimento é o mesmo. Acontecimentos rotineiros, como o ronco do marido, fazem oscilar as relações, que vão de amistosas a problemáticas, mas que mantêm o curso, envolvendo os dois e os demais.

Considerada por Fabiano como um respaldo, a companheira torna-se fato através de suas atitudes e de suas concepções. Isso a coloca no centro da família, as mais difíceis situações deixam esse fato transparecer. Sendo assim, pelas

⁶⁹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 27.

argumentações centralizadoras com referência à mulher, que ora fazemos, enfocamos Sinhá Vitória nessa postura organizadora.

Foi ela quem *leu* nas asas das arribaçãs o prenúncio de nova seca. É tanto nos momentos difíceis, na seca, quanto nos mais tranqüilos, quando estão estabilizados, que ela se dedica ao preparo dos alimentos no fogo, circunstância vital para a manutenção do grupo. É ela que tenta contemporizar com os meninos, no momento crucial do sacrifício de Baleia. Nossa análise estará voltada para ela nesse primeiro momento.

2.1 - As relações internas à família

A família de Fabiano ganha características particulares em virtude de seu isolamento entre o céu e o morro e pela convivência no campo junto aos animais . Apenas os quatro elementos , o casal e os dois filhos trocam experiências no dia a dia e a ligação com os animais devido à atividade pecuária provoca o bloqueio a uma comunicação verbal eficaz . Não fosse esse aspecto , outro mais grave contribui coma linguagem balbuciante. O trauma do desabrigo em pleno deserto e a indefinição do destino marcaram a estrutura psíquica dos nossos personagens . Essas correlações examinaremos a seguir.

2.1.1 - Sinhá Vitória e os meninos

Sinhá Vitória zela pelos animais e pelos filhos com a mesma intensidade. Zela por eles, vigia-os, como fazem os vaqueiros com o gado e o restante da criação, cuida-lhes das bicheiras. Porém, falta-lhe a palavra mediadora, marcada pelo carinho, que ativa a compreensão e é fator de evolução. A rudeza de suas atividades corresponde à rudeza da vida.

Ressaltam-se, no texto, algumas atitudes da mãe com relação aos meninos: os poucos recursos que amealham mediante dura labuta e a sabedoria desenvolvida pela busca da vida, que emana de estratégias incríveis, ainda que se traduzam apenas na sobrevivência, revelam o sopro vital, ou seja, um apego obstinado que acaba vencendo as duras imposições do clima e dos esquemas sociais.

Entendido assim, os cuidados similares que Fabiano e sinhá Vitória dispensam aos animais de que cuidam e aqueles que dedicam aos filhos, antes de demonstrarem-se rudes e depreciativos, ganham contornos de um carinho caboclo. A convalidação do que aqui afirmamos transparece na analogia favorecida pelos dois fragmentos que apresentamos:

O chocalho da vaca laranja tilintou para os lados do rio. Fabiano era capaz de ter esquecido de curar a vaca laranja. Quis acordá-lo e perguntar, mas distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina.⁷⁰

Sinhá Vitória, tranqüila no banco do copiar, catando lêndas no filho mais velho⁷¹.

Desta forma, podemos entender a origem rude do tratamento que Sinhá Vitória dispensa aos filhos. Na sua relação com os meninos não pode existir uma atitude diferente daquela que é a matriz do ambiente, ações marcadamente instintivas, muito semelhantes às realizadas por ocasião da retirada da família⁷².

As personalidades ficam deformadas e, se observarmos a situação pelos vieses éticos, surge a compreensão desse processo injusto. Ele demonstra-se muito presente e ativo, na medida em que impede a comunicação humana, já que é esta a diferença entre um homem e um animal.

A falta de comunicação oprime, reduz as relações àquelas mais imprescindíveis, apenas. Nesse processo, o desenvolvimento de laços e a descoberta da natureza do outro ou dos outros processos é sonogada, como também a convivência. Os textos abaixo ilustram a afirmação feita:

Encaminhou-se aos juazeiros, curvados, espiando os rastos da égua alazã.

A hora do almoço Sinhá Vitória repreendeu-o:

- Este capeta anda leso. (...)

⁷⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 41.

⁷¹ *Ibid.*, p. 48.

⁷² Cf. *Ibid.*, p. 9-25.

A necessidade de consultar o irmão apareceu e desapareceu. O outro iria rir-se, manganhar dele, avisar Sinhá Vitória. Teve medo do riso e da mangação. Se falasse naquilo, Sinhá Vitória lhe puxaria as orelhas.⁷³

Arriscou a pergunta. Não obteve resposta, voltou à cozinha, foi pendurar-se à saia da mãe.⁷⁴

Sinhá Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, tudo bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo.⁷⁵

Os termos *capeta e lesa*, as ações *puxaria as orelhas; pendurar-se à saia da mãe*, a prática do *cocorote* sugerem uma linguagem corporal, que repete a lida com o gado. Este rebanho presente, próximo, até amigo, mas em código natural e rústico, nega um envolvimento sensível, mas, paradoxalmente, ainda persistem ali as sensações.

Estado que quer ser definido pela carência e constitui a materialização dos fragmentos já aludidos por nós, como resultado da miséria constante, cujo *habitus*⁷⁶ tem o poder de perpetuar.

A evidência dessas práticas aparece no texto de Graciliano por meio da curiosidade do menino mais velho, ante a palavra de dimensão maior do que um monossílabo, que seria a correspondência da prosa no grupo. *Inferno*, longo e sonoro, surge em conformação pendular com os resmungos incongruentes com que se chama o gado e os iguais, conforme vimos no capítulo I. Acontece como se fosse uma festa, no universo vocabular do menino. Por isso, provoca reações surpreendentes na mãe. Esta, entretanto, seguindo sua condição psicofísica, responde tradicionalmente:

⁷³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 49.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 54.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 60. (O grifo é nosso)

⁷⁶ Cf. Pierre BOURDIEU, *O Poder Simbólico*, p. 61.

Tomamos aqui não a transcrição do texto de BOURDIEU, mas a interpretação, que esperamos ser fiéis as suas idéias para o conceito de *habitus*. Pelo que pudemos inferir, é uma postura tomada como freqüente e relacional para o contexto da vida de uma determinada pessoa ou comunidade. Condensando as influências dos pensadores citados por BOURDIEU: CHOMSKY, KANT, FITCHE, a gênese dessa noção passa a ser de tradição idealista, percebida, pois, pelo mundo sensível, traduzindo-se por prática implícita, mais perceptível se vista por esse viés. Como afirma BOURDIEU, uma materialização das posturas do sujeito transcendental kantiano.

Sinhá Vitória distraída aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros.⁷⁷

Para a mãe não havia novidade naquele vocábulo, a palavra não lhe era estranha, mas o evento era significativo para o menino, acostumado aos resmungos e às imprecações monossilábicas, graças ao rude e habitual tratamento entre eles, pois a palavra era uma revelação. Preso pela frustração de uma resposta não convincente, o menino mais velho arrisca um resistente: “Como é?”⁷⁸. Recebeu como resposta a definição de inferno: um lugar de *espetos quentes e fogueiras*.

Essa descrição, pontilhada por referências dantescas, não satisfaz as expectativas do menino, que volta a perguntar, como se a resposta ainda vaga dada pela mãe não tivesse sido suficiente. A solução dada por Sinhá Vitória não correspondia àquele manancial de estímulos sonoros que a palavra *inferno* trazia. Essa nova manifestação foi coibida por um cocorote: “A senhora viu”⁷⁹. Saliência semelhante, tamanho inoportunismo, somente poderia ter sido manifestado através da força física.

O perfil do menino, na trama sem nome próprio, constitui-se em metáfora, pois enfatiza a conduta do grupo familiar em falhar pela expressão, ou seja, o grau expressivo deficiente aparece neste aspecto, motivo pelo qual outras palavras, notadamente as mais longas, sejam um grande atrativo.

No grupo, a atitude de coerção é a mesma de sempre. Se consideramos, entretanto, a sinceridade do curioso processo infantil, essa coerção torna-se mais cruel. Podemos aqui enfatizar que, por meio desta passagem, o desejo de conhecer destaca-se na natureza humana. É uma resposta à constituição psicofísica do humano. O ato de questionar estimula a argumentação e favorece a expressão que, muitas vezes, sobressai por meio das metáforas. Estas são sinais da atividade humana de projetar e de criar.

Nos meninos, principalmente no mais novo, a *arethé*⁸⁰ se faz presente de diversas maneiras. Esse termo, originário da filosofia grega, vem exprimir o impulso

⁷⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 54.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 54.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 54.

⁸⁰ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 240.

característico nos jovens. Aquela situação criada pela presença da vitalidade, aliada à curiosidade, de quem viveu pouco e procura com avidez respostas para essa vida.

Examinadas sob esse prisma, as manifestações do pequenino sertanejo, do menino mais novo, que na trama de Graciliano não tem nome próprio, apresentam-se como respostas da máquina humana aos estímulos cosmológicos. Pode-se, aqui, estabelecer relação com o texto de Melo Neto:

Sua formosura
Deixai-me que eu cante
É um menino guenzo
Como todos os desses mangues
Mas a máquina do homem
Já bate nele incessante.⁸¹

O destino do homem, por sua própria constituição, obedece aos princípios de imitação, acrescidos das particularidades de adaptação, que a necessidade indica por caminhos diversos. São estratégias para alcançar metas, sejam físicas ou transcendentais. É quando nosso pequeno sertanejo inominado decide repetir a experiência, estimulado pela prática destra de montaria de um animal selvagem, feita pelo pai.

Essas atitudes do menino, filtradas pela nossa observação, constituem pólo para pesquisa, é oportunidade ímpar. Oferece-se ao estímulo, surge a concepção que atinge a possibilidade instruída pela ação fascinante. Essa atração é a resposta aos processos cognitivos de adaptação daquilo que o homem é capaz, ou seja, a ação captadora.

O sopro humano orienta-o para escolher o bode, montaria que em proporção ao tamanho do menino é de mais fácil adaptação. A inabilidade patente do menino, o tombo seguido das conseqüências relativas à pancada, as reações emocionais, como raiva, medo do castigo e dispersão, próprias do sentimento de busca presente

Se buscarmos na história da filosofia as raízes desse conceito, iremos encontrá-las, provavelmente, na noção grega de *areté*, ou seja, a excelência do ser que se manifesta em seu operar e em sua transposição socrático-platônica para o plano moral (a *areté* como virtude), transposição que foi sistematizada na teoria aristotélica das *aretai*.

⁸¹ João Cabral de MELO NETO, *Obras Completas*, p. 20.

nos mais jovens, aparecem no reencantamento encontrado no colorido do periquito. A beleza e a ludicidade da ave, citada anteriormente, no capítulo I, quando tratamos da linguagem, acorda no pequenino outro interesse.

Ele queria possuir a rutilante ave que, em sua penugem tropical, é tomada como recompensa à frustração da recente experimentação. Esta passagem é reveladora da presença ativa da natureza humana, desvelando as potencialidades humanas. O homem imprime, como bem definiu Melo Neto, a *marca da humana oficina* ao complexo homem-mundo. O que fica ressaltado, por essa passagem, não é apenas a supremacia humana, a mais essencial das relações, mas aquela a que nos propomos estudar nesse capítulo, ou seja, as relações internas da família.

A não adesão do menino mais velho ao projeto de montaria e a reação do pequeno autor da façanha foram de medo e de represália pelo tombo. Isso vem provar que o estímulo presente nos dois era diferente e que a vida, naquele reduto, reminiscência da última seca, ainda pulsava como lembrança no intelecto humano. A adaptação ao meio e à imensa gama de situações novas que favorecem as modificações, trazendo chances realçadas por Melo Neto.

O novo das situações combina-se como o novo da evolução física e psicológica dos meninos. A relação com o meio provoca significações que chegam a sufocar as circunstâncias climatológicas. Assim, superadas as dificuldades, acabam por incentivar a manutenção da vida. A consciência em formação no jovem, estimulada pelos novos acontecimentos, é um cruzamento de estímulos irrefreáveis, expondo o mistério da vida. Esse trunfo humano aparece nos versos de Melo Neto:

Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria
Belo como a coisa nova
na prateleira então vazia
como qualquer coisa nova
inaugurando seu dia (...)
E belo porque como novo
Todo o velho contagia
Infecciona a miséria

Com vida noiva e sadia⁸²

A novidade recursiva de que esse poema nos fala encontra ressignificação nas jovens consciências, ficando assim entendido o dimensionamento maiúsculo dado por uma novidade no terreno fértil da experiência infantil em desenvolvimento. A alegria da novidade, preenchendo a percepção intacta da criança, vem constituir uma efusão de estímulos, porque tanto essa situação nova quanto seu receptor, a consciência jovem do menino, iluminam a relação com o atributo natural do frescor das situações iniciantes. Portanto, evento novo em consciência jovem vem constituir significação esfuziante.

Um tombo por imitação de um ato bravo e destro, como a montaria de um chucro, deveria ter interpretações afetivas de outra ordem. Entretanto, a rudeza com que qualquer manifestação alternativa à existência primordial é tratada nos adverte para a confirmação de nossas concepções preliminares. As relações na família acontecem com pouca introjeção. A luta monumental pela sobrevivência abrevia o espaço entre os sentimentos extremos.

Torna-se evidente, portanto, que se a resistência mina a vida dos sertanejos da alegria mais pura, pela opressão do processo, também dá a sobrevida. A valorização de Fabiano pela destreza e bravura fica perdida, imposição da marcha dolorosa de viver enfrentando o perigo e a privação. Por correspondência, a admiração do filho, resposta afetiva a um trabalho tão primitivo quanto talentoso, fica relegada a uma cotidianidade tediosa. Apenas o olhar revestido de observação recente, própria a uma consciência muito jovem, confere ao feito alguma admiração.

A resposta adversa a essa admiração é uma sobrecarga de vontade na superação da dor do tombo – a ordem de viver é célere e incontornável. Deixa, entretanto, o traço indelével humano à margem deste episódio. Somos homens porque vivemos, apesar das agruras, e superamos as agruras graças à nossa condição.

Vemos isto em Sinhá Vitória. Ela não nega o seu lado introspectivo, por sua constante preocupação com a estabilidade da família, já que foi ela que captou da natureza os sinais de nova seca iminente. Ela ainda tem para com os filhos atitude

⁸² João Cabral de MELO NETO, *Obras Completas*, p. 201. (O grifo é nosso)

pouco receptiva, a mesma que dispensa à cadela e ao gado, como também aos mais próximos, como a vaca laranja.

Transparece a falta de afetividade entre os membros da família, decorrente da prontidão e da bravura pelas quais são postados ante a natureza e a oligarquia. Isso porque resistência requer prontidão e bravura.

Vemos isto também na atitude do menino mais novo. Ao término da aventura mimética, ou seja, a tentativa de repetir a façanha do pai, sua preocupação primeira foi – “... o outro iria rir-se dele, avisar Sinhá Vitória. Avisar”⁸³. É uma ação que prevê uma reação coercitiva, cujo resultado já somos conhecedores: puxões e cocorotes. A cruel constatação é que a resistência ocupa o espaço da alegria e da docilidade, mas provê a vida de continuidade.

Desta forma, a troca simbólica entre a mãe e os meninos é sempre marcada por uma relação tátil desagradável, fruto, talvez, de uma adaptação emocional pela falta de comunicação verbalizada. Aos poucos vamos, pois, justificando as relações que atestam, nas ações, a substituição da linguagem primordial humana, a linguagem verbal.

Essa substituição de linguagem convencional impede a comunicação. Ela subjaz à livre expressão articulada, mantendo, entretanto, outros códigos, ou seja, aqueles que não sucumbem à falta de verbalização, porque a reflexão e a consciência permitem registros lógicos.⁸⁴

As relações com Baleia ainda serão aqui analisadas e mostrarão, na prática, o que a teoria sugere. Entretanto, para ilustrar o que estamos afirmando, devemos lembrar a atitude de Sinhá Vitória na ocasião do sacrifício da cadela. Os meninos, ao invés de prevenidos da necessidade de tal ato para sua própria segurança, foram, na verdade, dominados pela força, provinda da mãe. Não houve verbalização, mas a afetividade que unia crianças e cão foi índice suficiente para que ficasse aparente a situação de caça à Baleia:

Quiseram bulir na taramela da porta, mas Sinhá Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes o ouvido – prendeu a cabeça

⁸³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 49.

⁸⁴ Cf. João Pereira PINTO, *Diálogo entre a Literatura e a Filosofia em São Bernardo de Graciliano Ramos*, p. 26.

do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugá-los, resmungando com energia.⁸⁵

Como estamos constatando, a análise indica a deficiência comunicativa, situação que caracteriza a carência. No pai, Fabiano, essa evidência é mais forte, por sua maior proximidade com o gado. A conduta tradicional masculina é de maior afastamento nos cuidados com os filhos.

A mulher, Sinhá Vitória, presa pela tradição cultural de supremacia masculina, segue tal padrão, mas sua porção perceptiva aflora nos exames concretos que faz da natureza. O aspecto perceptivo em Fabiano dá-se nos tormentosos períodos de conscientização em que entra, enquanto que nos meninos a força motriz representada pela maturação em marcha do psicofísico impulsiona-os. Para as crianças, a falta de vocabulário ativa outros canais de comunicação, como, por exemplo, a arte moldada no barro encontrado no pátio. Passaremos ao exame dessas manifestações a seguir.

2.1.2 - Fabiano e os meninos

As rosetas da espora dele tilintavam no pátio;
as abas do chapéu, jogado para trás (...)

Aumentavam-lhe o rosto queimado, fazia-lhe
um círculo enorme em torno da cabeça.⁸⁶

Fabiano, aos olhos do filho mais novo, representava figura monumental. A desproporção em tamanho é um atributo difícil de ser ignorado. Além disso, o vaqueiro destacava-se pela ação junto aos animais. A habilidade desenvolvida graças à necessidade de cuidar e de domesticar chucros demonstra uma atividade incomum, que naquele ermo se avulta. Se não fosse pela destreza com que é executada, o seria pela prioridade através da qual aparece, ou seja, o único movimento a agitar o lugar.

⁸⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 49.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 47.

Sendo assim, a figura do pai, que ordinariamente ganha para todo o menino maior dimensão, fica dilatada se consideramos o tom de voz alto e exasperado, produzindo interjeições guturais, ou ainda a especificidade da vestimenta necessária à lida.

É dessa segunda circunstância o enfoque do chapéu, de cuja epígrafe fazemos comentário. Ele figura-se como uma aura extraordinária, dimensionando Fabiano como herói. Toda a ação parecia ser um espetáculo cuidadosamente planejado. Analisando os substantivos e o verbo da narrativa tem-se essa expressão:

Os estribos soltos na carreira desesperada batiam um no outro, as rosetas das esporas tiniam.⁸⁷

As peças do arreamento do animal, como se fossem instrumentos de orquestra, afinam-se com as esporas na bota do vaqueiro e produzem som que trouxe à ação uma concepção sugestiva. O verbo tinir onomatopaico presentifica os acordes ausentes na força da narrativa.

A atividade embrutecedora do vaqueiro, aliada à responsabilidade da criação dos meninos, cala o pai na interlocução com seus filhos. Assim, o pensamento do pequenino na construção de sua personalidade leva-o a imitar os procedimentos do pai sem outras referências que não as físicas:

Precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano (...) trazer uma faca de ponta à cintura.⁸⁸

Aquilo que a expressão não concretiza surge por meio de outros canais. Uma faca alongada, de metal, é tão eloqüente quanto às esporas. Presença e som desses objetos sofisticados para a compreensão da criança ganham dimensão junto ao olhar atento e a predisposição aguçada do menor elemento do grupo.

⁸⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 48. (O grifo é nosso)

⁸⁸ *Ibid.*, p. 52.

A aproximação do pai com os meninos é a mesma com que ele trata o gado.⁸⁹ Podemos compreender a relação por meio da resposta que ele dá ao menino mais velho, ligada à significação da palavra *inferno*, ponto nevrálgico de existência desses sertanejos. A resposta ao menino mais velho acerca da palavra *inferno* traz a marca da falta de interlocução. O menino obteve como resposta um desvio de interesse, substituído pelo da subsistência, quando Fabiano, pelo mesmo motivo que ferrava animais, tomou a medida dos pés do filho.

Ele precisava prover proteção para os pés do garoto. Entre *Bota os pés aqui e Arreda*, ele toscamente arquitetou a alpercata para o filho, na prancha de sola, fazendo do projeto material um referente concreto, senão útil. Uma convincente resposta para a abstração despropositada do menino sertanejo. O adjetivo para o menino mais velho é “desconfiado”⁹⁰. Acostumado com os esbarrões e com os solavancos por parte dos adultos, as iniciativas de abordagem transformam-se em investidas mais tímidas e inseguras do que realmente em comunicação.

A materialidade substituindo a transcendência, ou seja, o domínio dos elementos concretos em detrimento dos mais intelectualizados reprimiria a situação por meio das flagrantes vantagens demonstradas pela situação. No entanto, aquele estado a que Fabiano chama de *doideira*, também desconforta os meninos.

Essas designações de Graciliano têm comprovação por esse episódio. Ele refere-se a Fabiano nos termos seguintes, personalizando-o:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais.⁹¹

Porém, um substrato de convivência e de afetividade desenha-se na alma do vaqueiro. Há autonomia emprestada ao falante, não-ausente em Fabiano, mas embutida na intenção. Em suas elucubrações, ele chega a proferir essa certeza

⁸⁹ Cf. João Pereira PINTO, *Diálogo entre a Literatura e a Filosofia em São Bernardo de Graciliano Ramos*, p. 29.

O autor refere-se ao hábito, arraigado dos vaqueiros, de se comunicar com o rebanho, fato que cria um código baseado em interjeições e grunhidos de articulação atípica.

⁹⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 60.

⁹¹ *Ibid.*, p. 20.

negada pelas evidências: “- Fabiano, você é um homem”⁹². Essa certeza que busca não escapa a sua censura interior e, nela, a afetividade aos filhos aparece:

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele era homem. Era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. (...) mas como vivia, em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos, julgava-se cabra.⁹³

Outros sinais humanos entrecortam a consciência de Fabiano. A dúvida *homem–bicho* chega ao leitor por meio de uma ambigüidade fecunda. O próprio personagem conclui que é um bicho capaz de vencer dificuldades. Os esboços de afetividade, o profundo pensar projeta a resistência acima do simples instinto. É esse pólo alentador que irá mediar nossas observações acerca do comportamento lacônico de Fabiano junto aos filhos.

Afinal, dentro da ilimitada dificuldade na qual sobrevive, ainda há espaço para relembrar a própria infância. Quando importunado pelas perguntas infantis admite o traço humano nos filhos, reconhecendo-os como capazes de ter idéias.

Ele conhecia também, resultado de suas próprias idéias, uma realidade que rejeitava: “- Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito”⁹⁴. De maneira simples, essas duas frases clareiam o que, no âmago da espécie humana, é característico: a procura do conhecimento. Seus efeitos e a intensidade das tensões na sua procura constituem a própria atividade que efetiva o aspecto humano do pensamento como concretização do ser.

Esses pensamentos assegurados pelo conhecimento das atitudes de Tomás da Bolandeira, o patrão brando e sereno que lia livros e não gritava com peões, fornecem argumentos para seu posicionamento com relação aos filhos:

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar os brabos. Precisavam ser duros, virar tatus.⁹⁵

⁹² Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 20.

⁹³ *Ibid.*, p. 21.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 22.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 24.

Isso se explica pelo fato de Tomás da Bolandeira, o patrão brando e sereno, não ter se revelado bem sucedido financeiramente, fato que, na concepção do caboclo, é atribuído a pouca rudeza. Para o vaqueiro prevalecia o perfil incisivo dos donos da terra e do gado como fator de prosperidade. A subserviência, para ele, era correlata à miséria, logo qualquer amistosidade desvelava um grau acentuado de fraqueza, posição favorável às perdas materiais. Enorme choque com os parâmetros éticos é revelado por esse viés, entretanto essa realidade delinea o perfil verdadeiro da natureza humana.

Desta forma, o vaqueiro que se julga apenas um cabra arquiteta planos. “Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito”⁹⁶. A seca, independente da vontade de cada um, pode ser superada por estratégias e por projetos particulares. Ele, Fabiano, poderá arquitetar-los na medida em que resiste, conseguindo vida. Assim, as correntes de idéias que nunca abandonaram o vaqueiro vão encadeando resoluções “- Depois da janta falaria com Sinhá Vitória da educação dos meninos”⁹⁷. Desenha-se, de repente, o que o vaqueiro traz implícito.

Longe da lida existe a preocupação com o futuro, os filhos precisam ter solução diferente daquela que o vaqueiro tem vivido. O tempo e o espaço físico, depois da lida, possibilitam um momento de proximidade com a família, raro, surpreendente. Por alguns instantes, o gado deixara de ser o cenário para surgir a necessidade originária do projeto pensado por parte de Fabiano, ou seja, *as horas de maluqueira* surgem como relação e, destas, atitudes intelectuais.

Mesmo sob a ameaça da seca pairando, mesmo com a proximidade do gado, aquele pai, ainda que rude e sucinto em suas manifestações, une o instinto animal de preservação do seu grupo aos processos cognitivos. Ele é a pessoa de maior porte físico dentre eles, portanto deve ser dele a resposta que preservará o futuro da família. Fabiano julga ser de sua responsabilidade controlar os acontecimentos vindouros, pré-moldar um arquétipo de existência. Esse atributo, tipicamente humano, é respaldado por um sentimento que podemos chamar de fé, capaz de corroborar na preservação da espécie.

Aquilo que conseguimos compreender é a acomodação entre o *Arreda*, imperativo espacial no trato com o gado e o *falar* com Sinhá Vitória sobre a

⁹⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 24.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 25.

educação dos meninos. Essa trajetória representa uma evolução no processo comunicativo e atesta a capacidade da expressão antes latente e agora presente, fruto da atenção e da responsabilidade que une esse pai a esses filhos.

Fabiano, na verdade, trata os filhos como trata o gado, mas seu pensamento é todo para eles. Duas atitudes, uma baseada nos pressupostos culturais, outra na transcendentalidade e na afetividade. Responsabilidade, cálculo e compromisso com o futuro dos filhos alentam o rústico pai.⁹⁸

O exame das relações da família com Baleia, o animal de nome utópico, ajuda-nos a compreender sua presença na família. Ela se apresenta como mediadora entre os animais do rebanho, impessoais, e o gênero humano. Seu aspecto doméstico a faz especial, sua posição mediadora entre os animais de corte e as pessoas convidam-nos a olhá-la mais de perto.

2.1.3 – Baleia

Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lamber-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enteneceu-lhe: - Você é um bicho Baleia.⁹⁹

Nessa análise de personagens aquém da linguagem, patente pelo contexto de *Vidas Secas*, aparece um outro pólo na figura de Baleia. Seu nome aparentemente despropositado adquire nova lógica. Utópica, não é apenas a relação paradoxal com o mar, como já constatamos no primeiro capítulo. Sua posição é muito mais importante na obra. A utopia de Graciliano foi deslocar os sentimentos humanos para a cachorra. Na falta desses atributos em reação ao grupo, Baleia constitui-se em um limite para as percepções. Ela, animal, ganha do autor atitudes e

⁹⁸ Cf. Clara RAMOS, *Cadeia*, p.178.

O sacrifício da cahorrinha *Piaba*, a que Graciliano assistira, menino, na fazenda do avô Pedro Ferro, origina o conto intitulado Baleia. É comum dar-se, no Sertão, nome de peixes aos cães para evitar o que o povo chama *de mal da água*. Essa evidência cultural regional, entretanto, tem significação porque está relacionada a um aspecto negativo da água, mas ganha outra dimensão se nos debruçarmos no nome Baleia. Trata-se de um extremo, comportamento dialético, pois a imensidão da água, que prevê o ambiente desse mamífero, contrasta com a imensidão da seca, que assola o ambiente dos caboclos.

⁹⁹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 19.

reflexões humanas, equiparando-se ao estado de percepção prejudicado de seus donos na questão da comunicação, principalmente da fala.

A representação surge a cada momento na vida dos caboclos. A doença, mudança sensível e relativa à estabilidade física, é encarada como mau-agouro. Essa é uma interpretação que adquire um misto de noções químicas e simbólicas:

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados.¹⁰⁰

O que percebemos pelo fragmento constitui uma exaltação dos parâmetros culturais, naturais e simbólicos, revelados por um gesto aparentemente tão simples. O sabugo de milho, presente na relação com a lavoura, embora não seja esta a principal ocupação de Fabiano, indica mimetismo carregado de simbologia, quando vem queimado. As pressupostas contas deste, que habitualmente são esféricas, demonstram-se alongadas. Por estarem chamuscadas revelam-se negras, compondo uma imagem de rosário estilizado, que pende mais para o curandeirismo.

Daí se depreende a intenção de sustar o mal, proteger do sortilégio, intervir no quadro patológico. Essa forte representação, tão genuína em sua apresentação material quanto mágica, denota resistência, pois diante de recursos tão mínimos como a escória do milho, matéria prima, reveste-se a imaginação para a defesa contra a afecção que o caboclo julga fetiche, por aliar hidrofobia à tradicional loucura dos cães. A percepção popular alia, pois, a presumida hidrofobia aos processos psicocóticos humanos.

Mas a prosa graciliana continua produzindo noções por meio de figuras literárias, frias, cortantes, como cabe à tendência Naturalista que permeia sua prosa. É o que vemos em:

Baleia sempre de mal a pior (...) agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de moscas, semelhante a uma cauda de cascavel.¹⁰¹

¹⁰⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 85.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 85.

O estado maligno da pequena cadela fica expresso na semelhança estabelecida. Ela agora demonstra aspecto de réptil, detém veneno, logo, pode matar. Além disso, o autor adianta sutilmente a agressão à pata, pelo tiro que será desviado do ângulo mortal.

A seqüência da ficção mostra o animalzinho em pé, sobre duas patas, feito gente. Entretanto, é funesta a causa dessa postura aparentemente humana: a localização do tiro inutiliza uma das patas dianteiras. A postura da cadela semelhante a um bípede ou a um humano é, na realidade, fruto de um aleijão, talvez de menor dano do que aquele que portam os humanos, frustrados em seu desempenho intelectual. Aí está a imagem da cauda, como se fora a de uma cascavel: paira sobre aqueles que têm a postura sobre duas pernas, no romance, a ameaça potente e traiçoeira de uma cascavel.

O instinto de defesa, decisão rude, mas providencial, revela algo mais profundo, ou seja, o cuidado com a vida dos humanos, que poderiam ser afetados por uma possível hidrofobia no contato com a cadela. Assim,

Fabiano resolveu matá-la.¹⁰²

A ficção, pois, sustenta em Baleia o reflexo dos personagens humanos no drama, já que estes se assemelham aos bichos, graças à precariedade dos meios que enfrentam, apesar das potencialidades humanas persistirem. É uma metaforização maiúscula que, seguindo as tendências naturalistas de Graciliano, concretiza-se para o leitor.

As aproximações com os benzimentos assemelham-se, se compararmos o episódio da doença de Baleia - provavelmente hidrofobia - com aquele no qual Fabiano usa creolina para eliminar a bicheira do gado. Naquela oportunidade Fabiano cura o gado pelo rastro, por não localizá-lo. Agora tem outra atitude, essencialmente simbólica, com respeito à Baleia.

Desta forma, o que reconhecemos em *Vidas Secas* é Baleia compondo todas as cenas com uma presença ativa, interagente, na sua compleição de animal

¹⁰² Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 85.

doméstico. A porção introspectiva que Graciliano lhe acrescenta é a mesma que ele inibe nos personagens humanos e a responsável por essa sonegação é a miséria.

A denominação *bicho*, no fragmento acima, afirma o que aqui destacamos, como um ato instigador para que o leitor perceba isso. A atitude de pastora de Baleia, qualificação de sua espécie animal, é uma sabedoria que emana do companheirismo, e a parceria dela na labuta do vaqueiro é repetida no pastoreio das cabras, missão dos meninos. Desenha-se aqui o aspecto proporcional e a *mimesis*.

Se o pai organiza os bezerros, os filhos conduzem os cabritos, mas ambos ajudados por Baleia. Ela torna-se útil e importante. As tarefas se distribuem em proporção ao tamanho daqueles que a executam e a atuação da cadela mostra a intenção de Graciliano que é a de inverter a situação das espécies, ou seja, uma extrapolação na percepção de Baleia e um sufocamento da capacidade humana, resultado da miséria.

Assim, o aprendizado das habilidades rurais desenvolve-se, desta feita, naturalmente, restando como fator extraordinário à atividade superior de Baleia com relação aos outros animais não-domésticos. Ela ganha posição hierárquica junto a essas espécies pecuárias, pois não se presta a corte. Goza ainda de intimidade com os humanos, aprendendo a conhecer seus hábitos e desenvolve, por isso, senso de percepção maior do que os animais de rebanho.

É dessa predisposição que vamos analisar os traços, a fim de compor nossa proposição. Nesse misto de destreza animal e de acréscimo de reflexão, observamos a obra da ficção graciliana:

A cachorra Baleia saiu correndo entre os alastrados e quipas, farejando a novilha raposa. Depois de alguns minutos voltou desanimada, triste, o rabo murcho. Fabiano consolou-a, afagou-a.¹⁰³

Baleia voou de novo entre as macambiras, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou. Aquilo é que estava certa Baleia não podia achar novilha num banco de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil - bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal.¹⁰⁴

¹⁰³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 20.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 100.

O pastoreio traz, portanto, além do status maior de Baleia perante as outras espécies animais, a noção da sabedoria transmitida. Relação de amizade, evolução, *sapientia* entrecruzam-se em afinidade, explicitando aquilo para o que estamos apontando, ou seja, o estado de percepção dos humanos e da cadela e as possibilidades de ficção sobrepostas por Graciliano. Esse momento de comunicação sugere-nos a intrincada concepção da qual somos sujeito.

Baleia é, portanto, colaboradora, companheira de trabalho, amiga, dócil na sua condição doméstica, ou seja, um membro da família. Por isso, a situação intermediária que a obra a predispõe no grupo, transforma-se em pólo de comunicação e de afetividade. Essa é a disponibilidade do animal nas ações da obra e é motivada pela já dita amizade. Estamos falando de um grupo que se relaciona mais pelas ações físicas do que pela palavra, muito embora sua condição intelectual se manifeste, porque é indiscutível. Então, cada vez que há um lugar para essa comunicação, Baleia está a postos, está presente fisicamente. O fato de não ser falante torna-a membro igualitário e ativo nas relações, pois, os humanos na obra pouco falam. A cadela sofre as mesmas agressões que os meninos e, por isso, alia-se a eles, em contato físico compensatório.

No caso das agressões diretas a ela, foge para um abrigo, geralmente embaixo das árvores ou dos capões. Para os meninos, o abrigo é ela própria, que com seu pequeno corpo fornece calor e carinho, substituindo a comunicação verbal, atitude que prejudica a aproximação entre filhos e pais:

Sinhá Vitória aprumou o espinhaço e agitou o abano. Uma chuva de faíscas mergulhou num banho luminoso a cachorra Baleia, que se enroscava no calor e cochichava embalada pelas emanções da comida (...) Chegou-se a ela em saltos curtos, ofegando, ergueu-se nas pernas traseiras, imitando gente. Mas Sinhá Vitória não queria elogios.

- Arreda. ¹⁰⁵

Deu um pontapé na cachorra que se afastou humilhada. (...)

Ai Sinhá Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.

O menino saiu indignado com a injustiça. (...) A cachorra Baleia acompanhou-o naquele momento difícil. ¹⁰⁶

¹⁰⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 54. (O grifo é nosso)

¹⁰⁶ *Ibid.*, p. 34-55.

Essa comunicação rude, comum às crianças e à cachorra, é a marca extensiva do tratamento com o rebanho, absorvido psicologicamente pela família. Na falta de um regime mais carinhoso com a mãe e ante os maus tratos costumeiros aparecem os meninos e a cachorra no mesmo nível de abandono. Não há o conforto corporal pelo hábito da família, nenhuma aproximação maior entre os dois meninos. Fica, pois, o relacionamento semelhante ao da cachorra, por percepção não comunicativa:

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história.¹⁰⁷

As agruras do clima sub-desértico, as relações bruscas, conseqüência da prática da vaquejada, o trauma causado pela situação de seca compõe esse quadro de deslocamento de atitudes e de posturas. O *imitando gente*, no fragmento acima, ressalta a mescla bicho/gente por parte de Baleia e gente/bicho por parte de Vitória.

Entretanto, sentimentos reprimidos acabam por demarcar bem as pessoas. O mérito de Graciliano é expor aquilo que aqui afirmamos. Tanto é assim que todos sonham e temem. Neste contexto adverso, entretanto, Sinhá Vitória sonha com a habitual cama de tiras de couro e teme a volta da seca, a ameaça nos intervalos de suas duras e precárias tarefas domésticas. O status que a *cama de gente* sugere é alento para a libertação da porção humana subvertida na narrativa. A meta, com esse ideal de sinhá Vitória, é a dignidade.

Reconhecemos coerência, pois o sonho das duas espécies demonstra-se como cristalização de esperança. Baleia, em seu sono compensador, sonha com um osso grande e impossível, depois da sessão de pontapés, mas nunca sua natureza poderia temer a morte e, notadamente, a sua morte tão angustiante e sofrida. Ela, na verdade, entretém-se em respaldar os meninos, vítimas da mesma investida grosseira de Sinhá Vitória.

Baleia, bicho ou gente, Fabiano e a família, gente ou bicho. As relações entre a cadela e a família ficam equiparadas pelo limite da comunicação. O animal doméstico está tão integrado à família, em todas as ações, que chega a se confundir

¹⁰⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 55.

em nível psicofísico com ela. Estamos, obviamente, nos referindo ao enfoque psicológico que Graciliano dá ao romance.

Entretanto, na trama ficcional aparece a equiparação real na relação entre os meninos e a cadela, notadamente quando são enxotados da mesma forma, por serem inferiores em tamanho, cadela e meninos. Percebemos a ação embrutecedora da miséria.

Essa evidência apresentada desde as primeiras linhas de nossa análise, agora, transparece nas sensações que o autor confere à cadela no momento de sua morte. Baleia vivencia seus últimos momentos em representação de reflexões humanas, postas por Graciliano na trama.

Na linha coerente da história, Baleia é acometida de doença que lhe afeta o corpo e a boca. Está tomada por feridas que lhe tomam o pelo, salpicando-o de pústulas; a boca inchada, forrada de maculosas bolhas, que fazem-na babar. Surge a suspeita de hidrofobia.

A segurança da família, notadamente dos meninos, aponta para o sacrifício de Baleia. Espingarda carregada, agora, ela é caça, e Fabiano é caçador. Ela, entretanto, enfocada com sensações humanas no processo de perseguição e de morte apresenta-se na trama com inteligência, enquanto que os meninos são dominados pela mãe como animais.

O peso dessa tragédia publica-se nas relações verticalizadoras da obra. A ficção é instalada na transformação que a penúria outorga ao homem. Aos meninos é dada na trama uma percepção, muitas vezes, atribuída a alguns animais: “- Vão bulir com Baleia”¹⁰⁸.

O verbo *bulir* colabora com essa percepção, enquanto que para com a cadela refere-se às alucinações, como uma pessoa em consciência alterada por febre ou algum tipo de agonia (“a obrigação dela era levantar-se conduzi-los ao matadouro”¹⁰⁹), é a lógica dos seus hábitos e do seu afã. A equiparação das crianças com Baleia fica explícita no fragmento que passamos a citar:

¹⁰⁸ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 85.

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 89.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não diferenciavam, reboavam areia do rio e no trume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.¹¹⁰

Atributos de gente e de bicho vão aparecer alternadamente nesse capítulo dedicado à Baleia, em uma mistura deliberada e proposital, com intuito de reproduzir a atuação, desta, perante a família. A intenção do autor é criar, na linha ficcional, a realidade que sustenta em toda a obra, ou seja, mostrar a condição aquém da humanidade que permeia a qualidade das relações entre os familiares. Nisso, realça o marco de equiparação entre o bicho e os meninos. Com tal estratégia, o autor consegue iluminar a problemática da inteligência humana, capaz de sobrepujar as condições adversas e, aí, consiste resistência. É reação por meio dos atributos humanos.

Adotaremos a metodologia de correlacionar as evidências duas a duas, demonstrando a variedade de atributos destinados à composição da cachorra Baleia, para demonstrar as diversas formas de abordagem no texto:

Inconveniência deixar cachorro doido em casa.

(...) E perdendo muito sangue andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo.¹¹¹

A referência à palavra *cachorro* na primeira citação e a expressão *dois pés* formam um par de asserções que revelam alteridade de tratamento. O exame dos termos revela, aqui, impropriedade. Nesta seqüência, os termos são explícitos, já que *dois pés* é oposição à condição quadrúpede dos cães. Outras oposições são constatadas e a julgar pela freqüência com que elas ocorrem no texto, cerca de três páginas, concluímos que é uma organização proposital para inferir a realidade bicho/gente de que o personagem Fabiano se reveste, desde as primeiras impressões na trama. Mais duas asserções selecionadas ampliam a explanação que fazemos:

¹¹⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 89.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 89.

Cobria-se de poeira, evitava moscas e mosquitos, e quando se levantava, tinha folhas e gravetos colados às feridas, era um bicho diferente dos outros.

(...) Procurou ver as pernas e não as distinguiu.¹¹²

A primeira referência direta, *bicho*, no primeiro fragmento, vai contrastar com *distinguir*, no segundo, que é percepção, na qual entram conceitos e juízos, envolvendo processos de síntese. Graciliano vale-se da excessiva proximidade da cadela com os meninos, generalizando, pois, os mesmos procedimentos rudes, fruto da atitude enérgica de Fabiano na condução do gado. Daí, em um processo de comunicação dos mais rudimentares, ele coloca, por meio da ficção, os verbos que revelam percepção humana. Isso cria uma metáfora estrutural, cuja interpretação é que as pessoas vivem como os animais e os animais, dado o afeto, ainda que rudemente aplicado, ligam-se aos humanos, acostumando-se aos seus hábitos.

Em outras duas seqüências, a percepção humana presente no animal é tão sutil que acaba incorporada ao entendimento do leitor como um hábito, não havendo mais espanto:

Arregaçou o focinho, aspirou ar lentamente com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade.

Certamente os preás tinham fugido.¹¹³

Referente ao primeiro fragmento citado nessa nova série, *perseguir* é ação animal ou animalizante, prevê caça e caçador. Isso nos leva a refletir acerca do relato da eliminação de Baleia:

Caiu antes de alcançar essa cova arredada. Tentou erguer-se, endireitou a cabeça e estirou as pernas dianteiras, mas, resto do corpo ficou deitado de banda.¹¹⁴

A narrativa apresenta um Fabiano com rosto coberto pela arma, revelando instinto mais do que raciocínio. Na segunda asserção da série, o advérbio de

¹¹² Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 88

¹¹³ *Ibid.*, p. 88. (O grifo é nosso)

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 88.

afirmação *certamente* conota atitude reafirmadora de juízo, só podendo ser humano. Outros pares de afirmações dissonantes ocorrem nessas poucas três páginas, que constituem o capítulo em *Vidas Secas* dedicado à morte de Baleia.

Entretanto, esses argumentos convergem para o final da agonia da cachorra, momento em que o autor reproduz uma alucinação baseada em valores supostamente firmados na espécie canina e revelando, por isso, um ideal muito próximo ao paraíso .

A noção do transcendente na palavra *agora*: “- Agora havia uma grande escuridão, com certeza o sol desaparecera” ¹¹⁵, assume a postura de alternância de índices e de referências que integram as páginas prenes de ação, síntese da morte de Baleia na obra. “O mundo cheio de preá” ¹¹⁶ exprime um paraíso espiritual adaptado à noção de caça. Tem a conotação de vida, de alimento, de insígnia de salvação por meio do sangue no focinho da cadela.

O ambiente da cozinha quente, expresso pela palavra *calor*, que Graciliano coloca como afugentador de pulgas. Aquilo que se oferece ao leitor como uma mirabolante alternância polissêmica, instruída nas significações animais e humanas, culminando em gradação do preá, instintivamente animal, porém, para o contexto de *Vidas Secas*, essencialmente divino, já que foi um alento de vida. Simplesmente o preá é substância material, pois representa antídoto à morte, que se apresentava por inanição.

Reaparece aqui a reprodução alucinógena, fato que revoluciona as interpretações do texto em dois pólos antagônicos. O parágrafo paradisíaco do capítulo que tratou da morte de Baleia reveste-se de uma redenção gloriosa:

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se esponjariam com ela.¹¹⁷

A síntese da felicidade de Baleia é a demonstração servil de lamper as mãos de Fabiano, gesto de amor rude e oportuno, se considerarmos as circunstâncias da morte: rendendo homenagem às mãos que a sacrificariam. Outra fonte de alegria da

¹¹⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 89.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 91.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 90.

cadela é os meninos, seus companheiros. É dessa parceria que surge, no contexto, a difícil analogia com que Graciliano tenta sacudir a opinião pública ante os problemas sociais, com pressupostos antropológicos suficientes para serem reconhecidos inerentes e, portanto, livre de qualquer dúvida.

Detendo-nos nos termos finais do parágrafo que encerra o capítulo Baleia, constatamos em *Vidas Secas*:

... rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes.¹¹⁸

Rolar é atitude tanto de liberdade quanto de pouco recato e depende do contexto sua conotação final. Entretanto, *chiqueiro*, relacionado à liberdade¹¹⁹, é um profundo desabono. Fica, pois, atestado aqui o drama da sobrevivência, exteriorizando outro drama: o sacrifício do animal na representação polissêmica de que a miserabilidade apresentada pelo alimento pouco comum significou a salvação da família. Só foi importante dado o grau de fidelidade que emanava do convívio do animal com o grupo. Ironicamente, vítima da mesma miserabilidade, a doença priva a família dessa presença.

Ao final da reflexão postíça, emprestada ao animal pelo gênio de Graciliano, surge clara a posição bicho/gente em que se encontra Fabiano e a família. São estas correlações com as soluções encontradas, a maneira como acontece, que trazem a motivação para nossos questionamentos no presente trabalho.

2.1.4 – A literalidade nas relações internas à família de Fabiano: o urubu e o papagaio

A literatura é arte na medida em que produz matizes, cujo material é a oportunidade múltipla de significações das expressões. Assim, as conotações possíveis de uma combinação de termos são, para a arte literária, o que o bloco de gesso é para o escultor ou as cores das tintas para o pintor. A palavra modelada pelo espírito humano tem o efeito de arte. Segundo Cândido:

¹¹⁸ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 91 (O grifo é nosso)

¹¹⁹ Cf., *Ibid.*, p. 91.

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documenta, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante sua eficácia como representação do mundo.¹²⁰

A partir de tais noções, levantamos a literariedade quase latente contida nos pássaros. Por mais que o realismo cru de Graciliano dirija-se para o naturalismo, os signos dos pássaros, o urubu e o papagaio, encontram correspondência nos personagens mais marcantes, pela ótica dos meninos. O lirismo não contempla faixa etária, mas, para o contexto de *Vidas Secas*, ele é facilmente instalado na percepção infantil, já que, naquele contexto, mais idade significa mais penúrias.

O menino mais novo compara o pai, vestido de vaqueiro, com um urubu. Já referendada essa conotação, agora examinaremos melhor sua extensão metafórica. Seu andar arqueado pelo peso e pela conformação das roupas de couro faz com que a imaginação infantil ligue esse fato ao desempenho desgracioso do urubu em terra, pois a ave tem andar claudicante.

Essa conotação é importante se olharmos o desempenho de Fabiano em cima do chucro. A metáfora inserida na obra está ligada ao talento incomum de Fabiano e sua pouca aproveitabilidade para a vida prática. Tanta habilidade mingua-se pelas agruras da seca e, psicologicamente falando, não resulta em contribuição para o relacionamento pessoal.

Por outro lado, Fabiano tem pensamentos e elabora ligações com respeito aos atos que praticou na execução de Baleia. A lembrança dessa seqüência o atormenta sempre que utiliza a velha arma com que consumou o ato. Entretanto, o que aqui se ressalta é a imagem sóbria e sólida que Graciliano estabelece no capítulo *O mundo coberto de penas*.

Quando Fabiano se dispõe a exterminar as arribaçãs que infestam as bicas de água, reconhece a gravidade da situação:

Havia um bater de asas por cima da poça d'água preta, a garrancheira do mugulu estava completamente invisível.¹²¹

¹²⁰ Antonio CANDIDO, *Literatura e Sociedade*, p.12-13.

¹²¹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p.110.

Aquele acúmulo de asas negras transportava-o para outro ambiente sórdido e lamentável. Asas negras lembram aquelas dos urubus e, deles, a lembrança tétrica do cadáver de Baleia, com os olhos devorados por eles. Essa imagem forte sugere, aos leitores, que, doravante, nessa nova caminhada, não haveria mais os olhos da cadela a espreitar os preás, *caça mesquinha*, mas imprescindível na caatinga .

Surge, então, para o leitor, o Fabiano que precisa ter os próprios olhos. É dessa circunstância que o autor concebe o casal resoluto, aberto à nova marcha e ao novo destino. Um Fabiano capaz de chegar à conclusão de que as arribações perniciosas poderiam virar alimento. A imagem literária, que fica, é o olho do caboclo substituindo o de Baleia.¹²²

A análise das relações entre os membros da família, o hábito rude com que Fabiano e Sinhá Vitória tratam os filhos, encontra estereótipo na sua profissão de trato com o gado. O indivíduo, pessoalmente, fica excluído de características, sobressaindo apenas o vaqueiro. Eis a força das imagens no episódio no qual o casal toma a resolução de partir, antecipando-se à seca. Com isso, transparece a atitude que os sertanejos foram capazes de assumir, postura que outrora era negada, quando predominavam as ações subservientes.

Segundo Álvaro Lins¹²³, sob um olhar negativista, a segunda retirada completa o círculo vicioso da saída, como sina ou estigma. Nossa visão, entretanto, aponta para uma possibilidade inversa. A decisão de sair antes da seca, graças à percepção de que ela chegaria, demonstra a vantagem da interpretação do meio ambiente, ação que só vem a nortear e, por isso, equilibrar o comportamento dos sertanejos. Isso, para a situação emocional que predomina na família, significa o caminho da liberdade.

¹²² Segundo Lourival HOLANDA, *Sob o Signo do Silêncio*, p. 53: “Em Fuga, quando se aproxima da cidade, conseqüentemente de nova perspectiva de vida, o que aflige Fabiano é ainda o peso do passado: só sabe tratar o gado. E não havendo gado? Em vão sinhá Vitória tenta animá-lo com outras possibilidades. Fabiano estremece, teme e esmorece. A tentação de olhar para trás. (...) Ceder a esse olhar retrospectivo é paralisar-se. Lot, sobrinho de Abraão soube seguir. Olhar para trás é permitir que se petrifique, ali, num momento de fraqueza, o futuro”.

Esse alento, percebemos em Fabiano, essa retirada apontava para um futuro, embora a capacidade do homem temer e sonhar presentifique-se alternadamente. Por isso, junto com os planos vinha a insegurança que consiste no novo e daí o temor sugere retrocesso. Nesses momentos a astúcia de sinhá Vitória sempre prevalece no condicionamento da resistência do grupo e apóia Fabiano, fazendo-o perseverar na retirada.

¹²³ Cf. Álvaro LINS, *Valores e misérias das Vidas Secas*, In: Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 153.

Essa liberdade recente desenha-se no relacionamento do casal em *Vidas Secas*, que é tosco, mas a inteligência da mulher ao contar ou calcular a importância com os grãos, ou ainda a percepção da saída para a seca, conquista a admiração de Fabiano. Antes, só a dor os unia, um sentimento externo que os assolava por coincidência. Agora, um elemento diferenciador é notado. O interesse vem da consciência dessa percepção por parte de Vitória. Ligada às circunstâncias, a mulher apreende que a saída para a seca é seguir o roteiro das aves.

Entretanto, o aspecto que nos interessa, agora, é a reação de Fabiano ao calçado de Sinhá Vitória, aos sapatos de verniz e de salto alto, já anteriormente referendado. O acessório, parte da indumentária para a missa de Natal, em muito a desconfortava. A metáfora reside na comparação do andar do papagaio, vacilante, trôpego, espalmado, com o andar pouco espontâneo da matuta. As excessivas falanges da ave, adaptadas às garras, prestam-se para esse particular, sendo, no entanto, pouco práticas para o ato da caminhada. Assim se posta Sinhá Vitória em seu traje de missa.

O rito católico oficial, paralelo a esse social a que a família obedece, consiste na missa de Natal. Entretanto, eles confundem a atitude social do traje urbano com a situação de respeito ao sacrifício da missa. O paletó, o colarinho, para os homens; o salto alto, a sombrinha para as mulheres é culturalmente inadequada.¹²⁴ Falta de conforto e de espontaneidade os confrange, como o papagaio que fica confrangido ao caminhar em terreno plano.

Hábitos, marcas culturais e valores ficam intrincados e influenciam a vida das pessoas; deixam de ser significantes para se revelarem representações falsas e infundadas. Naquele ambiente de eliminação de materialidades, além da rota, as arribações significam também comida. A presença material das aves fornece proteínas ao grupo.

¹²⁴ Segundo Enio José da Costa BRITO, *Cultura Popular, Memória e Perspectiva, Espaços*, p. 154: "Uma das questões de fundo é que uma cultura é um sistema com limites muito indefinidos. Isto faz com que o termo cultural seja atualmente utilizado mais amplamente pelos antropólogos, historiadores e outros, para referir-se a quase tudo o que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar". Percebemos, pois, com BRITO, a especificidade da antropologia. Enquanto ciência que analisa a grandiosidade da nossa espécie, ela se bifurca em trajetórias próprias, subdividindo-se na tentativa, quase vã, de dar conta da tarefa fenomenológica de definição do imponderável, que significa a percepção limitada do homem ante o infinito.

O que vemos é uma postura predominantemente naturalista nos episódios que provocam a nova retirada. Portanto, a percepção de sinhá Vitória, por meio do curso das aves, permite uma interpretação de origem espiritual do evento. Essa sensibilidade apurada da cabocla é um fato que abordaremos no próximo capítulo.

2. 2 - As relações externas: Fabiano, as contas e o soldado amarelo

Fabiano e a família, mesmo em “tempo de cheia”, vivem em isolamento, como já tivemos oportunidade de observar. O aglomerado urbano tem para Fabiano certo ar assustador. A organização da vila compreende o empório, a bodega, a igreja, locais onde a comunidade necessariamente freqüenta. Por mais que Fabiano se isole dessa realidade, por mais que se concentre nos animais, alguns aspectos da vida o ligam a esse pequeno centro ¹²⁵. São estas relações externas que iremos observar, a partir dos capítulos intitulados *Festa*, *Contas*, *Cadeia* e *O soldado amarelo*.

Levantaremos pressupostos que evidenciam a percepção latente em Fabiano e na família e os prejuízos que a sonegação desses atributos confere aos seus interesses. Fabiano vê-se tolhido no momento de amealhar a retribuição relativa ao seu empenho, embora percebendo, por aquele atributo a que chama de *maluqueira*¹²⁶, que não consegue fazer valer seu justo direito. Assim, com a ininteligibilidade sem canal de escoação, atormenta-se, sem resultado compensador. Tal estado convulsivo constitui-se em atributo humano da ação.

¹²⁵ Para Roger BASTIDE, O mundo trágico de Graciliano Ramos, *Teresa*, p. 139: “Mesmo em *Vidas Secas* que se passa no sertão da seca, onde a vegetação não apodrece, mas seca, queima e se calcina - a agonia de um cão, os espasmos de um animal que se derreia, ou a febre do álcool, a decomposição dos pensamentos na embriagues, introduzem essa atmosfera de desagregação orgânica”.

Com respeito ao álcool, a desagregação é demonstrada na ficção como um componente harmônico à miséria geral, e é um dos pontos no qual nos apoiaremos para demonstrar o desgaste maior do núcleo familiar, que é a perda da possibilidade de uma coesão mística cristã.

¹²⁶ *Maluqueira* são as reflexões que assaltam a consciência de Fabiano sem que ele consiga canalizá-las para conclusões. É a forma de conceituação dada por ele para aquela sensação.

2.2.1- Fabiano e as contas

O problema de comunicação aflige Fabiano, pois, nas oportunidades nas quais se dão os acertos de contas referentes aos animais que o vaqueiro cria, falta-lhe a expressão. Há, no entanto, a compreensão de que está sendo enganado. O negócio é feito a meia, no caso dos bois; aos terços¹²⁷, no caso dos cabritos. O esquema oligárquico prevê dependência total dos peões, pois os vaqueiros não são donos dos pastos. Assim, endividam-se pelo fornecimento de suprimentos ou de ferramentas.

Esse expediente é classicamente abordado em *Vidas Secas* do ponto de vista dos sertanejos, oportunidade em que o leitor pode perceber a crueldade do sistema, dada a simplicidade dos sertanejos, explorados na sua justa postura de produzir com naturalidade. As contas envolvendo a criação dos animais são feitas rudimentarmente por Sinhá Vitória no chão de terra batida da cozinha da tapera. Por não saber ler ou escrever, a mulher usa sementes na correspondência dos bens contados. A contagem é rudimentar, mas fiel, já que é representação. Dá à mulher, administradora do capital da família, a idéia exata daquilo que conseguiram na pecuária tosca e com dedicação familiar. Ela própria cuida das cabras, atividade que os meninos e Baleia envolvem-se cotidianamente, e em cuja lida os meninos são iniciados como peões.

Entretanto, ocorre com regularidade que os resultados nunca coincidem com aqueles apresentados pelo patrão. Isso provoca exaltação em Fabiano:

Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda.¹²⁸

Sendo assim, toda a família entra em um processo de grande frustração, quando se trata de remuneração. A Fabiano, no entanto, cabe as deliberações no momento do fechamento dos acordos financeiros e é nessas ocasiões que a falta de conhecimentos como a falta de recursos expressivos agrava a situação. Fabiano

¹²⁷ Os cabritos entram no negócio entre patrão e vaqueiro, pertencendo apenas a terça parte aos vaqueiros.

¹²⁸ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 92.

intui aquilo que lhe está sendo sonegado, porém não consegue os argumentos exatos para ser restituído do direito que julga negado. A dedicação e o tempo despendido denunciam o prejuízo.

Sua compreensão das tabelas e dos sistemas dos juros não é completa, e ele se sente lesado. Por não entender convenientemente, não chega a conhecer a natureza de sua miséria, nem ao menos consegue discutir se os juros cobrados são legítimos ou se neles existe a intenção de fraude ou de exploração. Essa se constitui em sua maior miséria. Fabiano percebe a diferença entre suas contas e as do patrão e constata que:

Desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito. Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.¹²⁹

Fabiano, nestas circunstâncias, faz um inventário de sua origem e de sua pobreza, que, na verdade, andam juntas. Ele havia nascido com o *destino ruim*¹³⁰: seu pai e seu avô haviam sido lavradores e vaqueiros, ambos servís. Simbolicamente, o autor exprime a vida desses sertanejos como semelhante a dos cães. Essa concepção, de certa forma, parafraseia o pensamento na teoria de Pierre Bourdieu¹³¹. Se a burguesia subverte sua origem em favor do *status* social e dos seus lucros, ela sufoca aquilo que poderia lhe dar uma verdadeira emancipação e condição humana no coletivo, ou seja, a real conscientização e realização comunitária.

Este quadro sociológico lamentável aparece como herança do nosso colonizado território. Podemos fazer um paralelo: por um lado, a repressão provinda do processo colonizador e por outro, sua conseqüência inevitável, ou seja, o desenvolvimento de um fluxo natural das potencialidades humanas. Portanto, a pobreza entranhada na cultura sertaneja é estigma e constatada por eles com uma carga de amargura.

¹²⁹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 92.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 92

¹³¹ Segundo Pierre BOURDIEU, *A Economia das Trocas Simbólicas*, p.189-190: "Vê se o quanto se está longe da teoria das relações entre as estruturas sociais e as estruturas da consciência (...) as condições objetivas determinam as práticas e os limites mesmos da experiência que o indivíduo pode ter de suas práticas e das condições que as determinam".

São situações como estas que vêm demonstrar o embate entre a sensibilidade humana e os mecanismos de subversão pelos quais passam os ideais. A porção transcendente clama por liberdade, enquanto que os interesses de mercado exigem um estado de prontidão rígida, inspirados pela competição e pelas ilimitadas metas econômicas.

Essa condição é clara ao pobre peão, pois, apesar do restrito entendimento e da parca expressividade lingüística, percebe que sofre limitação no seu livre desempenho produtivo. A livre iniciativa cerceada pelo sistema meeiro é subvertida a troco de juros e outros adiantamentos para questões vitais, que chegam a reduzir o produto de trabalho a apenas a sobrevivência miserável. Se o burguês sofre limitação passiva por interesse social e financeiro, o pobre desvalido, dessas condições, conhece o gosto e o peso da miséria.

Os exploradores do labor geram a inconsistência dos reais direitos, porque mesmo em tempo de cheia, o quadro é de repressão à vida e ao desenvolvimento. Assim, o sertanejo e sua família ficam restritos a um corredor, que de um lado compreende a opressão social e do outro as vicissitudes de um clima semi-árido.

Convergentes e recursivos, esses dois argumentos produzem a falta de expressão verbal relativa aos sentimentos e à aceitação patética. Esse processo em *Vidas Secas* é revelado pelo espaço em que se prostra a família desde a última seca, tendo o morro que avistam de sua tapera como limite e barreira.

Esse sentimento de vazio, abstrato, provocado pela falta material os dirige para o modo de ser de Sinhá Terta. Admiram o desempenho lingüístico, quase perfeito, dela, a vizinha costureira. Curiosa, ela também arrumava as espinhelas e benzia. Sabia palavras longas, proferira a palavra *inferno* que tanto impressionara os meninos.

Enfim, a palavra dela era quase como a palavra dos ricos, capaz de enganar os peões. A situação de penúria e de condição de explorado, além de ceifar as possibilidades econômicas, ceifa também a moral. Lamentavelmente, liga-se as condições financeiras à capacidade cívica e social, e, daí, a premissa da expressão. Fabiano procura alternativas: “Se pudesse economizar durante alguns meses

levantaria a cabeça”¹³². Impor-se pela condição material é a síntese do que aqui pensa o personagem.

Essa expressão tão espontânea define, no aspecto físico, aquilo que o quadro psicológico reflete, pois a atitude retraída é própria de pessoas em depressão. Começamos a perceber que ao lado do trauma causado pela última seca, a situação depressiva, fruto do sistema oligárquico, afeta permanentemente nosso personagem, e as causas da falta de expressão expandem-se na compreensão do leitor.

Por isso, Fabiano regozija-se no isolamento. Os hábitos de afastamento de aglomerações justificam-se por essas evidências e são agravados pela facilidade que oferece o campo, pela característica que oferece a vaquejada, já que a comunicação com o gado embrutece o vaqueiro. Entretanto, o resultado dessa atividade prevê domínio por parte do peão.

O aboio surge como forma de linguagem que conduz o rebanho, em contraste à montaria que exige equilíbrio e domínio do animal. Esta constatação, de certa forma, vai completar nosso entendimento da admiração do menino por seu pai dominando o chucro, episódio ao qual já nos referimos.

Além do talento inato de peão, oriundo da adaptação às necessidades e da atração pela atividade rude e perigosa, o pequeno foi atraído e imitou a velha tradição humana de dominação, ressaltando subserviência do mais fraco. Em outras palavras, vendo o pai dominar o chucro, quis imitá-lo, estimulado pela destreza que acabara de assistir. Tratou de adequar, entretanto, a montaria a seu tamanho, por isso escolheu o bode, como montaria de menino. Podemos encarar a imitação apenas como reprodução e aprendizado, ficando a parte moral como provável circunstância.

Tanto é assim que Fabiano, indivíduo, surge arqueado como um urubu em terra, sua postura diferenciada chama a atenção do pequenino pelo aspecto grotesco. Montando, a imagem que passava era outra, mostrava-se superior, quase um herói.

A inteligência humana expande-se essencialmente e a imitação de menino é prova disso. Compreendemos aqui a atitude solidária e socialista de Graciliano ao

¹³² Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 96.

incluir, na sua narrativa, índices tão profundos do caráter humano e adaptar tão bem sua ficção nesse relato. O social, paradoxalmente, remete às constatações transcendentais.

O conhecimento e como ele acontece é o ponto central de *Vidas Secas*. Por meio das elucubrações dos meninos, encartadas na inocência destes, aparece a questão da noção e da representação, ou seja, conhecimento e linguagem. Percebemos isso no relato:

As preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. (...) Como podiam os homens guardar tantas palavras. Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas.¹³³

Estupefação abençoada ocorre nas crianças ante as descobertas da vida. A beleza do cosmos, as interpretações culturais, os símbolos e seu sistema de troca entre as convenções em sociedade adquirindo a denominação conseguem representar-se no sistema humano de percepção. É isso que ocorre na consciência das crianças. Grande número de objetos desconhecidos acaba por negar a estes a expressão, e o resultado dessa ignorância tem abrangência danosa.

A organização dessas emanações, porém, passa pela hierarquia social e o que se difunde, por meio dessa obra, é a penosa situação de subdesenvolvimento recursivo, ou seja, o desconhecimento gera mais descaminhos. A corroboração disto, que afirmamos, integra o texto:

Sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiras. Mas eram bonitas.¹³⁴

Esse tipo de convicção resulta verdadeira se nos conscientizamos, por exemplo, da conotação impressa na palavra *cachorro*. Consideramos isso pelas impressões advindas de Baleia. Fabiano posta-se em estado de ansiedade, quando cercado de transeuntes, na vila, sob efeito de cachaça, tem a reação de repulsa pela

¹³³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 84.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 96

situação traduzida por violência. A insegurança, que o ambiente diverso produz, encontra canal nas ações compensatórias do vaqueiro:

Estava desanimado, bambo. Havia ali outros matutos conversando, e Fabiano enjoou-os. (...) juntou-se a idéia de que aquelas pessoas não tinham o direito de sentar-se na calçada. Cambada de quê (...) - Cambada de cachorros.¹³⁵

Essa atitude de provocação, de rejeição dos semelhantes em situação social, advém da revolta por desconhecimento de meios para ter uma reação contra as injustiças. Lembramo-nos que Baleia foi morta pelas mãos que lambia. A fidelidade do cão, que emerge por inocência, é torcida, aqui, para ser encarada como subserviência. Esse fato lembra a subserviência da massa social, a imagem de domínio dos cães é a mesma daquela de grande parte da população prejudicada por poucos algozes nos sistemas onde há alienação.

As horas de *maluqueira*, ou seja, a noção dada pela consciência sem correspondência em atos produtivos, essa faculdade humana inerente, que eclode sem observância das conveniências originárias das convenções, atormenta a alma límpida do nosso personagem.

Suas descobertas o assustam, percebe-se lesado e não encontra caminho para superação. A reação, aparentemente natural e viável para esse impasse, é a explosão de humor, ainda que aparentemente insana. A capacidade de adaptação humana não é gratuita, ela impõe o ônus ao equilíbrio.

Essa nossa concepção revela-se por meio do próprio texto, referindo-se ao acerto de contas que sempre se revela fraudulento, ou pelo menos insatisfatório, se usarmos juízo de neutralidade. Algumas páginas a frente, vemos ratificadas essas noções que acabamos de estabelecer:

Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Porque seria que os homens ricos ainda lhe tomavam uma parte dos ossos. Fazia até nojo.¹³⁶

¹³⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 81. (O grifo é nosso)

¹³⁶ *Ibid.*, p. 81.

Essa impressão, infelizmente, se expandia por outros órgãos da hierarquia social, ainda uma vez, lúcida e inocentemente. Graciliano usa a percepção do caboclo para dar conta do peso da tributação oficial nos poucos ganhos do ínfimo pecuarista. Narra, no texto de *Vidas Secas*, a experiência de comércio sem tributação em que o matuto se envolveu, suas conjecturas, sua prontidão para sobrepujar a lei, quando vai comercializar o porco que matou prematuramente por afogo financeiro.

Agora não criava porco e queria ver o tipo da prefeitura cobrar dele imposto e multa.¹³⁷

Nas brechas surgidas dessas considerações, o leitor pode perceber a prepotência que se configura ante o estado de pobreza e o grau de sacrifício que tal opressão impõe. Usando a simplicidade transparente do mais pobre, a lei que é concebida imparcial torna-se de injusta medida para o contexto. Por meio de um recibo, um instrumento legal, que, no entanto, para Fabiano, constitui-se em artifício de subtração daquilo que julgava exclusivamente seu, ele é intimado a pagar tributo pelo porco comercializado.

O vaqueiro levava a carne do porco para vender na cidade, tratava-se de um capado que estava reservado para as despesas do Natal. Entretanto, sofrera mudança de planos graças a uma *apertura* eventual. Não havia um porco, segundo Fabiano, “mas quartos de porco”¹³⁸. Ele tentara convencer o agente municipal, não conseguindo se livrar da incômoda figura, Fabiano é acometido de súbita perspicácia, quando indaga maliciosamente se para comer daquela carne, que é sua, também pagaria tributo.

Livrando-se da medida que julga injusta, nesse contexto analisado, Fabiano transfere-se para outro local, no qual seria inapelavelmente tributado, restando da passagem a convicção de que os tributos indiscriminadamente aplicados nem sempre se revelam justos! A esse episódio, Fabiano reage com a habitual rudeza despropositada, para depois se retratar, enfraquecendo o direito considerado legítimo. A falta de correspondente verbal como inibição e sufocamento, o medo

¹³⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 97.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 94.

pelo poder instituído e a insegurança por não ter suas convicções representadas tornam-se um lamentável hábito:

O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo: - Quem foi que disse que eu queria brigar.¹³⁹

As imprecizações e as imposições pelas quais passa nos núcleos comunitários diferenciam-se daquelas do campo, já que ali só há o trato com os animais e com a família, as situações que pouco exigem. Bem, por isso evita e teme a aproximação dos grupos na cidade. Sua desconfiança resulta permanente e ele a aplica em todas as ocasiões que envolvem comércio, acabando, por vezes, injustificada de sua parte. Isso realça no texto a percepção do problema e a inadequação para soluções. As relações com o mundo constituem, para Fabiano, importante quadro, já que desloca suas frustrações todas as vezes que se vê envolvido em uma transação comercial. Seu juízo a respeito delas está errôneo e justificadamente explicado:

Os negociantes furtavam na medida, no preço, e na conta.¹⁴⁰

Talvez, por isso, ele passasse a evitar a aguardente, de triste memória, já que resultara em cadeia, mas o que o afastava da bodega era sempre o ambiente muito freqüentado desta. Unindo essa circunstância aos seus maus desempenhos passados, Fabiano mantinha-se longe, um pressentimento constante é justificado pelo fracasso que o acompanha costumeiramente. Fica a Fabiano o terrível saldo de desconfiar do mundo, por isso suas intenções sempre se diluem.

Além das compras “Fabiano comia da feira”¹⁴¹, já que só plantava umas braças de feijão ao longo do riacho. A família ia ao povoado por questões de fé, mas mesmo assim a estada não se tornava amistosa:

Era como se as mãos e os braços da multidão fossem agarrá-lo, subjugá-lo, espremê-lo num canto da parede. Olhou as caras ao redor (...) as criaturas

¹³⁹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 96.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 76.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 92.

que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos.¹⁴²

Portanto, a convivência com os semelhantes é sofrida, já que isolado, junto aos animais, domina, e junto à família, tem comportamento semelhante. Apenas com a esposa há alguns aspectos em que ela sobrepuja, mas sempre em interesse da família, como é o caso das contas e das observações providenciais da natureza. Fora disso, Fabiano não sabe se relacionar. Obedece à relação de força, como aquelas que aplica.

Delibera por regras: o governo manda, portanto, obedece, o patrão tem a terra, portanto, ele aquiesce. O domínio que exerce sobre o gado repete-se em sua concepção porque não valoriza a palavra. É o que se dá, a princípio, na relação com o soldado amarelo. Entretanto, do episódio, ficam as evidências do poder e do mando de que o soldado é símbolo, sua autoridade é revestida de oficialidade e inspira, pois, respeito dos paisanos. O homem sobrepuja a fera, mas diante da autoridade legal aquiesce levantando questões a serem pensadas.

2.2.2 - Fabiano e o soldado amarelo

Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos.

Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins.¹⁴³

Fabiano carrega um pesadelo constante, povoado pelo episódio em que passou uma noite na cadeia, segundo ele, injustamente. Sua versão para o caso é a seguinte:

Sem motivo nenhum, o desgraçado tinha ido provocá-lo, pisar-lhe o pé. Ele se desviara, com bons modos. Como o outro insistisse, perdera a paciência, tivera um rompante. Conseqüência: facão no lombo e uma noite na cadeia.¹⁴⁴

¹⁴² Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 75.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 76.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 77.

O que aconteceu, na realidade, é o contato nefasto que Fabiano tem com a cachaça. Sua ida à cidade justificava-se pela necessidade de fazer a feira. Gêneros alimentícios, sal, querosene e um corte de chita constituíam as demandas de Fabiano, investimento para as notas amassadas que trazia. O vaqueiro titubeia para efetuar as compras, uma vez que os constantes abusos pelos quais passa, em razão dos acertos, o deixam descontente e desconfiado.

Influenciado pela cachaça, destravou a língua e, aí, em frente à bodega, sentado na calçada, conversava. Esta evidência prova que libertado da influência psicológica, por meio dos vapores do álcool, emerge a faculdade de expressão. Nessa ocasião foi convidado a jogar *trinta e um* pelo Soldado Amarelo. Nesse momento, já estava um pouco alterado e, como de costume, sob efeito da cachaça, torna-se brigador:

- Porque é que vossemecê bota água em tudo.¹⁴⁵

Seus questionamentos a respeito da cachaça e do querosene, mas à vista da farda obedeceu. A lei o inspirava ao respeito, não optara por jogar, seguia apenas o soldado, já que era *governo*, sua sugestão era uma ordem. Acabou por perder todo o dinheiro no jogo.

Sem compras e sem dinheiro, já procurava desculpas para dar em casa, quando foi provocado pelo soldado. Este, agastado, também perdera no jogo para outros parceiros e aliviava a decepção no lombo do pobre Fabiano.

Pisado, provocado, Fabiano reage verbalmente. Foi o bastante para o soldado chamar a guarnição. Recolhido à cadeia, foi surrado com as costas do facão e empurrado à cela, configurando-se a detenção. Passou uma noite gemendo pelas suas dores físicas e se preocupando com a família desprevenida dos víveres e da sua presença. Solto, na manhã seguinte contemporizou:

Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita.¹⁴⁶

¹⁴⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 77.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 97. Prende-se à noção de Fabiano com relação à autoridade do governo. Ele teve esse entendimento quando levou a carne de um porco para vender na cidade e foi obrigado a recolher

Justifica a si próprio o incomum desrespeito, afinal não sabia se expressar. Nesse particular era tão inútil quanto o papagaio mudo que a família devorou a beira do rio, por ser mais útil, como comida, naquele momento de penúria .

Refletindo naquela noite na cadeia, *arranjara as idéias*, chegara, então, à conclusão: suportava todas as situações de humilhação e de exploração por causa da família. Conjeturou: o soldado amarelo não tinha porte físico para enfrentá-lo enquanto adversário. Esta percepção, baseada na lógica, contribui com sistematização que leva à porção transcendental , transcendentalidade que isola o vivente em grupo único, aquele superior na hierarquia das espécies.

Isso se comprova pela indignação; o ressentimento de Fabiano para com o soldado ganhava novas cores, depois de uma noite insone. Preso, dava razão aos cangaceiros, o governo e seus mandatários poderiam ser questionados. Ele, porém, tinha que criar os meninos. Nessa noite atípica questionou sua atitude de orientar os filhos para não terem a mesma sorte do que ele. A cadeia começava a surtir efeito no comportamento de Fabiano, baseado na privação. A liberdade cerceada superava-se, ante a preocupação com os entes queridos. O desconforto era maior por não poder protegê-los do que aquele que sentia pela privação da liberdade física.

Conseguimos perceber que a reflexão forçada da noite na cadeia permite uma visão que gera um projeto implantado: havia a necessidade de modificar o destino. Mesmo conseguindo sobreviver, aquela não era a situação ideal para ser legada à família.

Essa percepção constitui-se, tempos depois, em lenitivo para a indignação surgida na oportunidade em que o Soldado Amarelo, em plena caatinga, cruza com Fabiano. Em um átimo, no encontro casual, quando o soldado pede informação a Fabiano naquele ermo, sem testemunhas, o vaqueiro em situação de domínio, pois está no campo, seu território, tem que fazer a difícil escolha: satisfazer seu instinto ou assegurar o bem-estar de sua família, já que um gesto tresloucado significaria cadeia.

tributo. Tal experiência marcou a significação do governo como poderoso para o vaqueiro. A partir disso, julgava a lei capaz de se imiscuir em qualquer ação civil .

Reconsidera, entretanto, pelos argumentos selecionados de todo o contexto em que vive. Seu envolvimento com a família e a substituição da figura individual do soldado pelo cargo que ocupa preponderam. Ele vence o surto vingativo, emergindo dele com a expressão:

- Como a gente pensa coisas bestas.¹⁴⁷

A providencial retração, em oportunidade tão crucial, abre uma via de entendimento a respeito da essência daquilo que nos constitui e ainda do papel que acabamos por representar nessa saga de liberdade relativa, que nos provém dos sentidos e das relações contratuais que a sociedade propõe.

O encontro casual, de certa forma, promoveu uma troca de papéis, pois a caatinga em sua contextualização de descampado e de surpresa, deita um ar de arena no ambiente no qual Fabiano é um valente gladiador e o outro simplesmente figura-se como caça. Entretanto, convenções aparecem e por mais bruto que fosse o vaqueiro ele trazia em si os símbolos sagrados e civis que predominaram quando tudo favorecia a autoridade e a afirmação do peão.

Contentara-se, pois, em mostrar superioridade física e moral, favorecido pela hegemonia da caatinga, seu território. A efetivação desse domínio residiu em deixar o *Amarelo* em paz, porém com o ônus de ter sido ameaçado e obsequiado com a vida por Fabiano. Acabara ali o rancor, restituída a honra, restituía a si a moral de bravo.

2.3 - A vida na seca e na cheia

Entre a consciência narradora que sustém a história e a matéria narrável sertaneja, opera um pensamento desencantado que figura o cotidiano do pobre em um ritmo pendular da chuva à seca, da folga à carência, do bem estar á dispersão, voltando sempre do último estado primeiro.¹⁴⁸

¹⁴⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 102.

¹⁴⁸ Alfredo BOSI, *Céu, Inferno*, p. 20.

Graciliano expõe seus personagens em *Vidas Secas* nesse espaço desconfortante. A dúvida, o mais cruel dos sentimentos, torna-se crucial quando envolve a própria vida do seu sujeito. Ter o destino ligado à inconstância da chuva é senti-lo breve pela característica de imprevisibilidade e de enigmático, como tudo o que é futuro.

A partir dessas constatações, estamos conscientizados das sensações pelas quais passam os personagens, principalmente Sinhá Vitória, que tem como papel constelar na vida da família e como coadjuvante de Fabiano nas operações da lida. Ela é o vigia dos sinais da natureza, dos filhos, da tapera e do vaqueiro bruto.

Nela, vemos as finalizações dos embates, seja nas contas, que é definição para os viveres do grupo, seja na estada, determinado a hora certa de partir, ou ainda na condução do futuro dos filhos, deixar viver, morrer ou estudar, aumentar o manancial de expressão.

Pela gama de decisões impostas pela situação, notamos a radicalidade do quadro. Quando existe um inverno regular, sobrepõe-se ao desconforto das goteiras o conforto intelectual de que a terra está bebendo e, portanto, viverá. Vivendo o chão, todos viverão. Existe espontaneidade no convívio da situação, mas não o bastante para que se efetue uma comunicação eficiente.¹⁴⁹

Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata.¹⁵⁰

O frio que agora corta a pele, impede o sono. Traz um serão, que embora sofrido, apresenta uma certeza, alívio para a dúvida: terão teto e trabalho na próxima estação. Com tanto estímulo e com a oportunidade de estarem juntos, por ser atributo humano incontestável, dá-se a expressão. Tentam conversar. O produto expressivo surge vago e desconexo:

¹⁴⁹ Cf. Rui MOURÃO, *Ensaio sobre o romance de Graciliano Ramos*, p.124.

Mesmo em capítulos como *Inverno* e *Festa*, em que todos aparecem juntos, a nota predominante é o desencontro dos seres. A unidade efetiva não se realiza, mostrando-se, no caso de *Inverno*, como absoluta impossibilidade.

¹⁵⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 63.

Reproduziam as imagens que lhes vinha ao espírito e as imagens sucediam se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las.¹⁵¹

Graciliano coloca Fabiano, narrador no escuro, de modo que só seja ouvida a expressão verbal, não os efeitos produzidos pelas emoções na face. É, talvez, por essas circunstâncias, que Otto Maria Carpeaux¹⁵² tenha considerado o capítulo *Inverno* como o clímax da obra, em manifestação lírica. Esse capítulo nos chama a atenção porque é quando a família tem uma trégua no combate com a seca, logo surge o espaço para que eles sonhem. O sonho deles fica, entretanto, engasgado no que se refere à discussão de seus aspectos, uma vez que o diálogo entre eles não acontece. O que percebemos são tentativas de verbalização sem conjuntura entre os pares, incentivados pela alteração no ambiente, que, então, mais ameno, não consegue intimidar nem pela ameaça de enchente. Água, para eles, é signo de vida, mesmo seu fluxo sendo em proporção ameaçadora.

Nessa oportunidade surge a interlocução do menino mais velho, ávido por informações, mas a intenção do pequeno é cortada bruscamente. Como observa o autor, Fabiano:

Tinha o coração perto da goela.¹⁵³

¹⁵¹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 63.

¹⁵² Para Otto Maria CARPEAUX, Graciliano e seu intérprete, *Teresa*, p.150: "... o lirismo positivo de *Vidas Secas* é de outra espécie, culminando no capítulo *Inverno*".

¹⁵³As relações em grupo são estereotipadas por seus núcleos, nos quais as marcas culturais ressaltam-se dando as características. As simbolizações repercutem, desdobram-se em outras, é a malha responsável pelo envolvimento e pela caracterização. São dessa ordem a escola, os aglomerados em torno de atividades específicas. Com respeito às convenções sociais, encontramos fundamentação em Pierre BOURDIEU, *A economia das Trocas Simbólicas*, p. 206-208: "A cultura escolar propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação (...) Os indivíduos programados, dotados de um programa homogêneo por aspectos de pensamento e ação, constituem o produto mais específico de um sistema de ensino".

Ao rude vaqueiro de *Vidas Secas* falta esta espécie de adaptação. A cultura letrada promove o elo de ligação entre a comunicação e o pensamento. A falta desta, portanto, ratifica o comportamento rude, quase inumano de Fabiano. Está ali uma deformidade da espécie; uma Criatura retorcida em seu caminho iluminado, no qual salientam-se seus atributos perceptivos tão autênticos, sem passar pela possível distorção social da escola, que heterogeniza ao invés de homogeneizar, em muitos casos. No entanto, paradoxalmente, encontra-se emudecido pela falta socializante da linguagem.

Esses fatos levam-nos a pensar que a expressão é inata ao âmbito humano, mas de seu exercício emanam as relações perceptivas da mente, convalidando todas as teorias sociais nessa área, como as vigotiskianas, que, entretanto, ao socializar trazem a carga da elitização. Por esse motivo, a situação de Fabiano e de sua família é original para análise.

As relações frontais na obra representam-se também concretamente pela estética. No cenário da seca o que restava era ruína, representada por uma severidade estética. As cores representativas da tragédia alternavam-se em um vermelho com matizes acres, lembrando o desespero das calamidades: um branco sepulcral nos esqueletos dos animais. O campo inerte mostrava essa face. Quando a cena ganhava movimento era ainda mais lúgubre, já que o vulto negro dos urubus em vôos rasantes compunha o triste foco.

As potencialidades aparecem na reminiscência do vigor que é minado pela sede e principalmente pela fome. A inteligência, entretanto, atributo distintivo da espécie, resiste e desponta inadvertidamente e, muitas vezes, incentivada pela chama interior que representa uma espécie de sentinela da intuição intelectual, ou seja, o princípio perceptivo humano, mantendo viva a atuação do homem como espécie.

São estas as evidências que se apresentam na queda do menino mais velho, nas primeiras páginas de *Vidas Secas*. Fabiano, aturdido pelo cansaço, atordoado pela fome e pelas responsabilidades familiares, cogitou matar o menino, para evitar que este fosse sacrificado pelos urubus. A relação despontou no âmago do drama, em um átimo. Os olhares dos pais se cruzaram e daí o urro da mãe, bestialmente, aguçou o instinto e evitou a queda do facão, com lenitivo para a revigoração das forças do pai, que carregou o menino até o abrigo. De onde veio essa força é a nossa questão.

As lágrimas de desespero acolhendo o casal no mesmo momento também proporcionaram essa relação, tão individual quanto verdadeira e, mais uma vez, o acaso proporcionou união. Seria o sofrimento o preço da harmonia?

Em período de cheia também remanesce o sentido parental. Constatamos essa ocorrência quando da prisão de Fabiano. Involuntariamente, compungido a pensar e estando isolado da família, Fabiano sensibilizou-se e recusa a mesma sorte para os filhos. É quando começa a reagir à situação. Anima-nos a reconhecer uma reação pelo sentido mimético da imitação da montaria do chucro que o menino mais novo intentou, a partir do aprendizado oferecido pelo pai. Outras relações dessa natureza apresentam-se em sinhá Vitória, por exemplo, que substitui o terror pela rotina. Para ela, a materialidade expressa pelo conforto representado pela cama de lastro de couro apresenta-se como atitude digna, ou seja, dormir decentemente.

Surge também a indignação pela fraude e pelos juros. As reações se sucedem e vão favorecer a resolução equilibrada. Outro exemplo de equilíbrio é a superação da atitude bestial do Soldado Amarelo na cidade. A compreensão de que aquele indivíduo era o símbolo da lei fez com que ele pudesse evadir-se sem nenhum arranhão.

Por dignidade entende-se também a capacidade da expressão. Fica-nos, de *Vidas Secas*, a impressão de que as relações são a base para a evolução individual e coletiva, portanto, constituem a estrutura das sociedades .

A palavra em *Vidas Secas* é o parâmetro para o desvelamento dos aspectos primordiais do conjunto, que expõe a natureza do homem. O desempenho da linguagem, elemento que material e transcendentemente constitui limite, é intermediação entre o Cosmos e o Criador, é ainda explicação ou questão para as Criaturas.

Para Rui Mourão, que publicou, em 1969, um trabalho teórico, fazendo a análise do conjunto de obras de Graciliano da década de 30, no ápice do penoso regime repressor que perdurou entre nós por vinte anos (1964-1984), as palavras são transformadas “em entidades autônomas, em verdadeiros obstáculos”¹⁵⁴. Percebe-se aqui, na angústia desse patriota, a resistência àquele negro período, reconhece-se a força da imaginação driblando a censura, fazendo escoar a mensagem por uma trinca que cavou na barreira da informação, por meio da sensibilidade. A face do espírito superior é uma realidade.

É dessa natureza a resistência da família de Fabiano. Eles vivem em um fio de navalha; a tenacidade, entretanto, é habitual: uma postura. A enchente não os amedronta, pois julgam aquele perigo fecundo, pois ele traz promessa concreta de vida. O prejuízo maior, focado por Graciliano, é a existência dos caboclos que ele coloca na escuridão física, durante a cheia, dentro da tapera, e na escuridão expressiva, pois tentam conversar e tudo que conseguem são emanações de pensamentos esparsos, ou relatos de brigas, que os aproxima dos animais. Bosi realça a importância da expressão, do se expressar, afirmando:

¹⁵⁴ Rui MOURÃO, *Estruturas, ensaios sobre o romance de Graciliano*, p. 125.

Suprir a ausência de pessoas, coisas e ações, chamando-as, exprimindo o sentimento que elas provocam, articulando um ponto de vista sobre elas - esta, a dimensão fundamental de nossa linguagem.¹⁵⁵

A transposição do pensamento em palavras exige a presença efetiva dos sentidos e do senso de oportunidade, que faltam aos personagens mais versados em atividades físicas. A atitude no campo, junto aos animais, os embrutece, ocultando, pois, as percepções que os contaminam na alma.

Restam, pois, posições pendulares que se estruturam no texto. Não só as mais evidentes como o binômio vida-morte, ou aquelas ligadas à seca-cheia. Simbolizada pela escuridão física encontram-se os pólos do mutismo, contrapostos à exasperação, veículo do mau-trato. Qualquer diálogo resulta esbravejamento ou repressão física:

Sinhá Vitória aprovou este ato com um rugido, mas Fabiano condenou a interrupção (...) estirou o braço para castigá-lo.¹⁵⁶

A escuridão que esconde a expressão facial corresponde ao silêncio que permeia a família. O que percebemos com relação à obra é uma infinita ausência de referências. O fato de uma não haver diálogos nos quadros do romance esconde a atividade intensa, latente, que, se tratando de expressividade, é similar ao que explica Bosi:

O que desnorteia os que buscam uma relação constante e congruente entre tal som e tal sentido é a maleabilidade infinita com que o homem trabalha a matéria fonética. E até do silêncio, que parece puro e vazio, ausência de som, o espírito arranca um mar de significados.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Alfredo BOSI, *O Ser e o Tempo da Poesia*, p. 75.

¹⁵⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 64.

¹⁵⁷ Alfredo BOSI, *O Ser e o Tempo da Poesia*, p. 75.

Com respeito à fonética, temos a afirmação de SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, p. 286: "Não falamos nos no tempo, e não há nas nossas palavras silabas breves, assim chamadas, porque umas ressoam durante mais tempo e outras durante menos tempo?(...) Fazei, meu Deus com que os homens conheçam, por meio desse simples exemplo, as noções comuns das coisas grandes e pequenas".

O tempo e a expressão são poços interligados para AGOSTINHO. Aqui, ligados à afirmação de Alfredo BOSI, *O Ser e o Tempo da Poesia*, p. 37, está presente a atividade vertida em palavras, por meio da representação lingüística. Por um lado, isto ganha correspondente concreto por meio do

A existência que subjaz ao silêncio, seja fonético, no caso das enunciações, seja físico, no caso da escuridão, traz em seu âmago a negação aparente contra a qual a vida teimosa resiste aos esquemas, pela circunstância do sentido humano prever e conservar sua abertura para a transcendência.

São todas essas aproximações que nos fazem acreditar em uma relação primordial familiar capaz de esboçar o núcleo central das sociedades. O balanço das dificuldades nos permite reconhecer os males causados por uma centralização de valores e pela má distribuição de oportunidades próprias da oligarquia e do domínio.

Fica ainda evidente o sentido dominador entre os humanos: o melhor falante, o maior conhecedor das gestões é o mandatário e a ele ou a esses grupos cabem as deliberações, nem sempre humanas. Aquilo que sobressai, entretanto, desta etapa do estudo é a tendência ao domínio mesmo do mais prejudicado humano. A montaria por Fabiano atesta o ideal dominador, senão aos semelhantes a outras espécies e, para equilibrar tal pendor, o sentido preservativo da vida, que ativa a imaginação, funciona como defesa. A vida aparece proporcional ao domínio em sentido oposto à fé. São marcas incluídas nas sociedades, resultado de contratação elaborada no rigor da competitividade, capazes de legar ao homem contemporâneo amarga maturidade. Essa nossa constatação recebe o apoio confortante de Bastide:

É que a visão é epidérmica, faz-se à superfície do corpo, no limite do olhar; para entrar no mundo de Graciliano Ramos, cumpre que ela se torne organismo; que entre, como elemento constituinte, na decomposição celular; que seja “sentida” e não “percebida”; que seja como a carne dolorosa; a natureza está no músculo que não se pode tocar, no arranhão da mão, no

signo, na concepção saussuriana, e por outro, o correspondente sonoro que vibra no tempo, acentuando o atributo da cronologia.

AGOSTINHO, em *Confissões*, p. 293, liga esta cronologia à significação por meio da duração do som. Ata, pois, nosso filósofo, a expressão à sucessão do tempo e ainda a reflexão pelo oposto, ou seja, a ausência do som, a expressividade do silêncio: o som por ausência. Desta dicotomia vêm as noções de passado e futuro: “Essa voz ressoará, pois, parte que esmoreceu, sem dúvida já ressoou e o que resta ainda ressoará. (...) De enquanto a presente atenção do espírito vai lançando o futuro para o passado. Com a diminuição do futuro, o passado cresce até o momento em que tudo seja pretérito, pela consumação do futuro”.

Correlacionando as relações agostinianas, temos, pois, que o silêncio por falta de representação da percepção nega o presente, que seria a ação se dando um silêncio que ocupa os espaços de tempo, no qual se desenvolveria algo quase em forma gerundiva, para nosso entendimento atual. É da falta deste presente verbalizado que sofrem Fabiano e família, e nele é o instigante da busca pela vida que permanece invencível na realidade dos caboclos, pelo projeto inscrito neles, para desenvolvimento e, deste, à superação.

ventre que dói; é um estigma sob a epiderme, não é uma imagem objetiva, flutuando entre o ser e o mundo, como um simples reflexo desse último.¹⁵⁸

Eis o alcance da inteligência do homem. O âmbito humano é o do entendimento e uma de suas maiores conquistas humanas é a pesquisa. Conhecer, construir certezas por evidências, é emancipador e fomentador de consensos. Reconhecemos essas evidências e utilizamo-nos delas, a partir dessa fundamentação para teorizar a respeito do conhecimento e de sua canalização ao transcendente. Pensamos que nos dirigimos a alguns aspectos esclarecedores da condição humana e da resistência como sinal dessa especificidade, pois da clareza surgem certezas. A segurança desponta como artifício de justiça e de progresso, alento à vida material e espiritual, semente da compreensão, alternativa humana e divina, elemento codificador de harmonia.

Estaremos, pois, verificando, pelos pressupostos teóricos encontrados na Antropologia Filosófica no terceiro capítulo, as formas, os sistemas e os níveis de compreensão do homem até atingir o Espírito Absoluto. Procuraremos entender a trajetória do espírito, contingenciado pelo corpo e mediado ao espírito pela estrutura psíquica.

Mediar a personalidade de Fabiano, monossilábico e onomatopaico, por seus atributos antropológicos, é reconhecer a situação de cruel penúria por que passaram os nordestinos, seus contemporâneos. É ainda reconhecer a tenacidade de que se imbuem, aplicando aspectos de sua natureza - imagem e semelhança de Cristo - afirmação do mistério da vida, emergente da fé. Entre a teoria e o empirismo que nos propõe esse impulso, deveremos conseguir um pouco de compreensão, suscitada pela aporia, consistência do próprio homem.

¹⁵⁸ Roger BASTIDE, Graciliano Ramos, *Teresa*, p.141.

Capítulo III: Da natureza: uma leitura de resistência (O que é o homem)

As relações entre os membros na família de Fabiano, as relações fora do núcleo familiar e, em ambos os casos, as conjecturas dadas solitárias, em um remoer constante, permitiram, no primeiro e no segundo capítulo deste trabalho, uma análise das relações sociais e culturais da obra.

Mantivemos sempre a tendência de perguntar pelo humano. *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, traz no seu bojo uma dimensão profundamente humana. Essa obra nos sugere o alcance da natureza do homem, perspectiva reconhecida tanto no âmbito nacional quanto no internacional do mundo literário.

Os aspectos interdisciplinares ali envolvidos demonstram, em ficção, aquilo que as ciências humanas e políticas teorizam. Sendo assim, remetem-nos às manifestações próprias do homem, naquilo que compreende sua trajetória, culminando na compreensão do seu aspecto transcendental.

A obra despertou, portanto, nossa atenção, a partir da dimensão do espírito, presente na estrutura antropológica. As situações extremas expressas nos personagens, como demonstrações de tenacidade daqueles as vivenciam, determinam o desenvolvimento do drama em que se inserem. Apesar de se apresentar sob enfoque marxista, partindo, pois, de uma visão materialista, a obra não pôde deixar de transmitir aspectos espirituais presentes nos sonhos e nos medos dos personagens. Estes aspectos têm origem na intelectualidade humana.

O homem é mais que simples matéria, ele demonstra em sua constituição o avesso da materialidade. Sua trajetória vai desde a operação sofisticada de reconhecimento de si como sujeito, presente na percepção de sua ação reflexiva, até a produção de opiniões, que são transmitidas pela linguagem verbal. Estaremos estudando essa característica humana, isto é, a procura de expressão e o seu oposto, ou seja, a falta de expressão, situação que é uma constante na obra. As circunstâncias dessa falta é que constituem a trama de *Vidas Secas*.

A produção da linguagem falada, um caminho tomado pelo pensamento para expandir-se, liga as manifestações do espírito às relações no mundo, pelo princípio

da Razão. A reflexividade do homem, esse atributo que permite as convicções e possibilita a opinião, faz com que ele passe de um estado que o caracterizaria como um corpo apenas na superfície, o *estar-no-mundo*, para uma presença consciente. De um *estar-no-mundo* passa ao *ser-no-mundo*. Essa atuação consciente é dada pelo domínio do psiquismo na organização humana, que relaciona matéria e espírito.

O psiquismo funciona como um registro das impressões do mundo exterior, recebe as influências do mundo externo e as encaminha para o espírito, que as retém. Poderíamos ver o psiquismo como um funcionário, cuja função é receber, registrar as impressões e passar a uma escala mais abrangente, aquela que as recebe e dela faz aplicações. Passa, portanto, pela dimensão espiritual a capacidade de comunicar, pois ali se elaboram as linguagens. Dizemos linguagens, porque não falamos apenas a verbal, existem outras formas de comunicação.

As outras modalidades de linguagem que o homem cria pelo gesto, por figuras desenhadas ou esculpidas, pelo olhar, se forem comparadas com a linguagem verbal vão revelar-se tão ou mais eficientes que esta, porém todas elas aparecem como representações de um conteúdo intelectual que se constitui em marca humana. Essa operação denomina-se discurso filosófico, que significa uma transposição de percepções em símbolos.

Entretanto, as possibilidades comunicativas e o processo pelo qual o homem se percebe como ser inteligente exige metodologia de estudo na compreensão da estrutura. Os pontos de articulação nos três níveis construtores da Antropologia Filosófica são reveladores nesse sentido.

Assim, o somático, o psíquico e o espiritual complementam-se. Estudá-los é revitalizar o ciclo, repetindo-o em trajetória inversa. Trata-se da conjunção da realidade exterior e física, o somático, com as manifestações espirituais, cuja intermediação dá-se por meio do psíquico. A estrutura antropológica entendida como suporte, logo, servindo de instrumento metodológico, ativa a mediação do conjunto de suas estruturas com as situações do mundo exterior. Queremos dizer que a ficção, baseada nessas representações de mundo, tem como suporte os níveis da estrutura antropológica.

O nível espiritual completa-se pela noção do noético-pneumático, Verdade e Bem. É nesse estágio que aparece o nível da compreensão finita, dimensão do

homem relacionada à infinita. É essa emanção de Deus que o homem é instigado a procurar.

Por isso, a comunicação verbal que se constitui na via pela qual o cristão frui a Palavra Divina, a representação explícita de Cristo, filho de Deus, esboça a imensa penúria daqueles sertanejos. O fato da família não ser capaz de se expressar verbalmente constitui a grande dimensão do drama, já que os impossibilita de ascenderem espiritualmente. Decorre deles um desempenho aquém do convencional, quando a manifestação do espírito exige transcendentalidade, uma situação além do normal, uma conquista.

O romance trata, portanto, da profundidade prevista no complexo homem, representado por Fabiano e sua família. As circunstâncias envolvem as questões sociais, influenciando a estrutura noético-psíquica. Daí, decorrem as inferências à ética, à justiça e à caridade, momento em que surge a resistência: como resposta da constituição humana aos desmandos produzidos pela própria reflexividade na busca do poder.

Enquanto participantes dessa espécie, dependemos da linguagem verbal para a comunicação, conhecemos a complexidade de sua elaboração e a dificuldade de sua equivalência com aquilo que conseguimos inferir. Visto por esse ângulo, a expressão também é um ato de resistência. Provavelmente, por isso, outras modalidades de linguagem não verbais apareçam nesse esforço de comunicação, já que a instância espiritual é uma usina produtiva. As relações com o mundo exterior, em circuito com os níveis de compreensão, apresentam-se em dialética, que surge da intensidade das ações.

Estaremos, portanto, nesse capítulo, ressaltando os processos e as iniciativas de comunicação que derivam para o que é chamado de mística natural, com capacidade para evoluir para mística cristã. Esta última apresenta-se como compreensão de Cristo como Verbo. Esses passos da contemplação¹⁵⁹ negados aos sertanejos, consistem a trama de *Vidas Secas*. Todas as necessidades da família estão compreendidas gradativamente nessa falta de percepção. A questão central é se a condição de vida social e política é capaz de sufocar a natureza humana.

¹⁵⁹ Processo da inclinação do homem em sua compreensão finita à dimensão infinita do Espírito Absoluto.

Das estratégias de manutenção da vida surge outra forma resistente na obra, por isso *Vidas Secas* pode ser considerada como literatura de resistência, segundo Alfredo Bosi¹⁶⁰. Assim, faremos correlação de pressupostos teóricos dessa noção com aqueles que constituem os processos reflexivos humanos, provindos da estrutura espiritual. As coincidências, com toda a certeza, surgirão em resposta ao nosso interesse.

Partimos daí, para entendermos a trajetória de Fabiano, personagem do drama de Graciliano, que por ser humano demonstra seu desempenho a partir da intuição intelectual. O mundo, o espírito e o Absoluto são os pólos e as relações entre eles dão-nos conta do que é o homem. A curiosidade e a tendência à busca definem o caráter filosófico de um ser de razão, é sua consistência. Esta surge baseada na segura proposta de conhecer para se orientar.

Os passos do conhecimento para vida orientam a família sertaneja para uma percepção mais ativa. Esse artifício gera recursos para a manutenção do corpo físico e das condições psicológicas, reafirmando que somos um circuito, cujo ápice está na possibilidade infinita de alcance.

3.1 - Antropologia filosófica, uma trilha que exige método

O exame de *Vidas Secas*, redimensionado pelo estudo da personalidade de seu autor, mostra o reflexo deste na obra. Graciliano Ramos é um resistente¹⁶¹. Esse reflexo não é mais do que o específico complexo humano, sobre o qual nos debruçamos na presente análise. A ação reflexiva do homem produz reações na preservação ferrenha da vida.

De que vida fala? Fala da complexa vida humana, vida marcada pela dimensão reflexiva. Nisso consiste o homem. Henrique de Lima Vaz, em *Antropologia Filosófica*, apresenta-nos a moldura dentro da qual esta questão deve ser refletida:

¹⁶⁰ Cf. Alfredo BOSI, *Literatura e Resistência*.

¹⁶¹ Cf. Roger BASTIDE, *O mundo trágico de Graciliano Ramos, Teresa*, p.142.

O homem permaneceria na situação do simples *estar-no-mundo* ou do organismo biopsíquico, determinado inteiramente *ab extra* pela Natureza e por suas leis se, nele, o somático e o psíquico não fossem atravessados pela *mediação do sujeito* (...), ou não fossem suprassumidos pelo momento *tético* dessa mediação, cuja origem última deve ser buscada na estrutura noético-pneumática, ou seja, exatamente o espírito.¹⁶²

A citação nos lembra que estamos diante de uma espécie incomum, que, para ser compreendida, deve ser vista na sua dimensão somática, psíquica e espiritual. Daí a necessidade de um roteiro para desenvolver a análise.

A sistemática de cada nível estrutural na Antropologia Filosófica apresenta sincronia com vários outros elementos. Cada um desses três níveis estruturais (somático, psíquico e espiritual) passa por três planos distintos de compreensão: a pré-compreensão, a compreensão explicativa e a compreensão filosófica. Tudo lembra uma boa e sólida estrutura, tradicional e simétrica, uma vez que esses três planos de compreensão passam, cada um deles, por uma mediação específica.

A pré-compreensão acontece pela

... mediação empírica: a Natureza é o mundo da vida oferecida à experiência natural e a Forma compreende todas as modalidades de expressão dessa experiência.¹⁶³

Esse estágio atinge o homem por meio das manifestações culturais, razão pela qual os símbolos concebidos, a partir das ligações entre o mundo e a imaginação, tornam as ocasiões sensíveis de representações, portanto, inspiradores de crenças.

A compreensão explicativa acontece pela

... mediação abstrata: nela a Natureza constitui-se num dos dados resultantes dos processos operatórios da observação metódica e a experimentação, e a Forma são o conceito e o discurso da Ciência, que obedece às regras formais próprias de constituição.¹⁶⁴

¹⁶² Henrique C. L.VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 204.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 163-164.

Entenda-se Forma como a versão através da qual a natureza se apresenta à concepção empírica.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p.163-164.

A compreensão explicativa é instalada, desse modo, por meio das ciências descobertas, pesquisadas e elaboradas, na amplidão do mundo tecnológico e vêm a contribuir com o aprimoramento e a manutenção da vida, se utilizadas dentro dos parâmetros éticos.

A compreensão filosófica acontece pela

... mediação transcendental: a Natureza é dada na experiência da objetivização do sujeito como sujeito ou na experiência que o sujeito faz do seu manifestar-se como sujeito. As Formas são, aqui, os conceitos ou categorias que exprimem intelectualmente essa experiência e o discurso que articula os conceitos. Podemos, pois, dizer que o sujeito da mediação transcendental é o Eu penso da tradição filosófica.¹⁶⁵

Esse plano de compreensão foi inicialmente visto pela história cultural como uma extrapolação da explicação científica, já que o objeto dessa operação é visto como ser. A concepção da categoria, nesse plano de compreensão, destaca-se na hierarquia antropológica.

A categoria é a concretização do conceito ontológico. Parte de uma aporia, ou seja, de uma impressão forte que causa perplexidade. Trata-se do problema: *o que é*. No caso da *Antropologia Filosófica*, a aporia é: *o que é o homem*. Fica aqui delineado o objeto, do qual há a categorização, ou seja, o já dito conceito ontológico. Essa aporia, para ter resposta, deve considerar a historicidade que envolve (aporética histórica) as relações historicamente dadas no decurso da filosofia através do tempo¹⁶⁶, e também a aporética crítica.

A aporética crítica tem dois momentos: o momento eidético (*eidōs*, forma) e o momento tético (*thesis*, posição). O momento eidético envolve as formas de conhecimento dadas pela aporética histórica, ou seja, fatos articulados decorrentes da evolução cultural e que produzem estímulos apresentados por questões humanas. Esse questionamento surge a partir da referência dada pelo plano da pré-

¹⁶⁵ Henrique C. L.VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 163-164.

¹⁶⁶ A aporética histórica é um dos aspectos do plano de compreensão filosófica, o outro é a aporética crítica que se constitui de dois momentos: momento eidético e momento tético. Estes favorecem aberturas para a mediação com *Vidas Secas*. A aporética histórica tem outra característica: ambientaliza os momentos eidéticos e téticos com as marcas culturais, por exemplo: Revolução Industrial, Idade Média, Pré-Socráticos. Assim definido a aporética histórica, estamos ambientalizando nossos momentos de análise disseminados por todo o trabalho.

compreensão, uma ligação entre a imaginação e o mundo. Considerando a ordem hierárquica dos planos de compreensão, ainda temos que admitir as explicações provindas das ciências dos homens (compreensão explicativa).

O movimento tético é entendido como o produto da mediação na equação $N>S>F$: Natureza, Sujeito e Forma. Isto se dá na operação básica chamada suprassunção (*Aufhebung*). A equação é melhor entendida se considerarmos que o corpo, como massa física, projeta-se no corpo biológico, mediado pelo sentido, e por esse momento compreende-se. Esse movimento, conhecido como suprassunção, sintetiza-se na equação $(N)>(S)>(F)$, onde (N) é natureza ou dado; (F) é forma ou expressão mediadas pelo sujeito (S). O sujeito nessa mediação constitui-se no sujeito ontológico, já que é a concepção da lógica do seu próprio ser. Esta "... é a estrutura do sujeito na Antropologia filosófica" ¹⁶⁷, segundo Vaz.

O homem objetiviza-se e a mediação exercida entre Natureza e Forma define-se, portanto, como o Eu. Essa mediação consiste em o homem ser "... a totalidade do movimento de passagem da Natureza à Forma" ¹⁶⁸, segundo o autor, um sujeito lógico, porque reverte o ser pensante à sua própria realidade e à mediação propriamente dita. Seu processo de interlocução entre Natureza e Forma, configurando esse Eu, passa a exercer a função ontológica. Na primeira acepção responde à questão: o que é o homem, na segunda, o que vem a ser o "ser próprio do homem" ¹⁶⁹.

Perceber-se enquanto sujeito é uma autocompreensão, capaz de exprimir desde o início as relações nas quais nos debruçamos como uma situação privilegiada, no que diz respeito à hierarquia de espécie. Equivale a ser a noção que preenche o processo perceptivo humano com expressões externas, trazendo, por isso, o registro ontológico. Mas a constituição humana é dada sempre por aspectos que se intermediam.

As múltiplas possibilidades categoriais ordenadas compõem o movimento dialético. O movimento dialético, portanto, é compreendido pelo "princípio da limitação eidética" ¹⁷⁰, já que contempla a porção ontológica do conceito e se

¹⁶⁷ Henrique C. L.VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p.162.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p.163.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 163.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p. 166.

exprime por meio das categorias. Conclui-se que ele é limitado, já que preso à forma. Entretanto, a limitação não é própria do aspecto imaginativo humano, logo a “ilimitação tética”¹⁷¹ vai opor-se às formas já conceitualizadas e, dessa oposição, surge a infinitude das convicções.

O princípio da totalização permite a sistematização dessas categorias em perspectiva, permitindo a ilimitação tética, ou seja, a expansão da inteligibilidade. Aqui, Graciliano, em *Vidas Secas*, põe o rude vaqueiro como testemunho, como agente dessa potencialidade, quando afirma que quando aprende uma coisa é motivado a querer aprender muitas outras mais.

Essa expressão graciliana publica o princípio da totalização, que vem a ser a procura da paridade entre categoria e sua forma, para conseguir a via da expressão no discurso filosófico. Fabiano, pois, tem recursos da compreensão filosófica e os nega, prejudicado pelo contexto em que vive. A constituição humana demonstra-se, pois, como um circuito. Em estruturas, planos de compreensão e mediações, uma rede de informações desenvolve-se, com função particularizada e, por isso mesmo, integradora.

Esse transitar que é captado como fim último, como solução, é o estágio de humanização. É esta dimensão que envolve Fabiano e os seus, pois eles possuem reflexos tão vivos quanto latentes. O que ocorre com o nosso personagem, em *Vidas Secas*, é um sufocamento da reflexão, um bloqueio do discurso filosófico, potencial à espécie humana. As relações nos campos psíquico-espirituais ficam subsumidas pelas condições da retirada naquele deserto momentâneo e ainda pela opressão, prática comum para os parâmetros oligárquicos da região, já desvalida pela climatologia.

Tecnicamente falando, a compreensão filosófica incomoda Fabiano porque esse atributo nega toda a realidade presente, motivo para chamarmos o ambiente de *Vidas Secas* de desumano. Ignora os contratos de poder instituídos pela sociedade, formada a partir do relacionamento casual do necessário com o possível, hábito entre os homens: está lá o espírito humano. Circunstâncias, como satisfazer as necessidades materiais, envolvem trocas simbólicas, ligando inapelavelmente o

¹⁷¹ Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p.166.

biológico com o social. Desta situação imposta pelo sistema procedem as dificuldades de nossos personagens.

Essa perspectiva analítica pode ser aplicada a *Vidas Secas*, daí a utilização da mesma em nosso capítulo. Graciliano relata, em *Vidas Secas*, todos os aspectos de potencialidades exigidos na manutenção da vida. As soluções devem vir, desta feita, escoradas naquilo que sustém e explica a natureza do vivente. Por isso, a perspectiva de abordagem do romance *Vidas Secas*, mediante a teoria dos três níveis estruturais antropológicos.

Nossa fonte, *Vidas Secas*, é um manancial de ocorrências no campo antropológico. Não só por ser ficção entre protagonistas e antagonistas, mas principalmente por ser um drama. Reside aí nossa busca por compreensão da resistência implícita na obra.

Utilizaremos o referencial da pré-compreensão somática na abertura que entrevemos nos níveis de reestruturação do corpo físico-biológico, presença natural do corpo para a presença intencional, ou seja, um corpo percebido pelo sujeito, por meio da suprassunção. Portanto, o que temos é o mundo em sua presença natural, no seu espaço-tempo, e o corpo em sua porção físico-biológica, natural, ao lado da presença intencional, que recebe a denominação de *corpo próprio*, o corpo propriamente humano.

Os níveis de reestruturação *do espaço-tempo do físico-biológico e espaço-tempo do psíquico* pelo corpo próprio são, portanto, de caráter intencional, subjetivo. Seu efeito no procedimento humano é, em ambos os casos, na esfera da sexualidade.

A reestruturação por meio do corpo humano (*corpo próprio*), do espaço tempo social e cultural dá-se, obviamente, em intencionalidade intersubjetiva. O comportamento social personalizado pelo gênero, masculino e feminino, representado pelas escolhas em comunidade, dentro das convenções estabelecidas, simboliza-se pela vestimenta: a saia feminina e a calça masculina.

O âmbito cultural e a exploração encontram importante expressão. Essa reestruturação *espaço-temporal* do corpo, dita como humana, recai nas práticas de aprimoramento da figura física. Por meio da ginástica e da estética corporal e dos

enfoques simbólicos como a moda, das ritualizações sociais ou sagradas e dos protocolos sugeridos pela etiqueta, esse aspecto cultural se solidifica.

As passagens de *Vidas Secas*, em sua grande maioria ligadas à relação com o corpo, serão analisadas, salientando essa predominância das impressões exteriores na vida dos sertanejos. Isso se dá pela proximidade deles com a natureza, fato que demonstra a intelectualidade presente em todos os momentos da vida humana e em todos os tipos estrutura (em intermediação), independentemente de espaço ou de classe social.

Referências ligadas à compreensão explicativa do corpo e à compreensão filosófica deste, precisamente no *momento tético da compreensão filosófica* do corpo, indicam o curioso procedimento de Baleia no romance. A relação da cadela com os humanos demonstra um quadro no qual os limites das espécies são transpostos. É quando vemos a cadela com aspectos humanos e os humanos com aspectos animais. Trata-se de uma nivelção, cuja motivação é a penúria, que se constitui como um dado importante de ligação, quando analisarmos a inserção da mística na vida dos sertanejos.

Na estrutura psíquica, intermediada pelo *sentimento-de-si* (Selbstgefühl), o homem reconhece-se como sujeito. A partir daí teremos informação por meio de situações de interiorização e da disjunção do tempo físico e psicológico, ou seja, a duração presente nas páginas de *Vidas Secas*. Nessa estrutura, temos abertura para a mediação no *momento eidético da compreensão filosófica do psiquismo*.

Abordaremos, no plano da *pré-compreensão do espírito*, os atributos da Lógica e da Ética, dados pela reflexividade, enfatizando, nas passagens de *Vidas Secas*, a consciência racional humana. São importantes aberturas presentes nesse tópico.

No plano da compreensão *explicativa da estrutura espiritual*, os cálculos rudimentares de sinhá Vitória e a noção de proporcionalidade do menino mais novo, ao lado da visão geométrica de sinhá Terta nas costuras, surgem, para nós, como provas substanciais de uma resistência explícita. A origem dessa resistência é a constituição humana, marca de uma condição única, já que esses sertanejos conseguem desenvolver princípios científicos, portanto, abstrações, a partir da intuição.

No plano da *compreensão filosófica do espírito*, enfocaremos o quiasmo em seu desenvolvimento. Na pré-compreensão ocorre a consciência racional, na compreensão filosófica, por meio do binômio *acolhimento* e *dom*, demonstra-se o desenho da condição finita do homem, relacionado à promessa infinita.

Nesse ponto, percebemos o contorno indelével da mística natural nos protagonistas de *Vidas Secas*, por meio da categorização, no momento eidético da aporética crítica do espírito e da premissa de busca, dada pelo momento tético desse plano de compreensão. A lamentável dificuldade deles se envolverem nos passos da contemplação, prática da mística cristã, de acordo com a tradição cultural, expressa-se no romance. A dimensão do prejuízo dos sertanejos revela-se em toda a sua crueza. Este é o momento de refletirmos acerca da situação de resistência esplanada pelo teor do romance.

Tendo em vista o conjunto simétrico e abrangente da estrutura antropológica: três níveis estruturais (o somático, o psíquico e o espiritual), cada um deles com três planos de compreensão (pré-compreensão, compreensão explicativa e compreensão filosófica), por meio de três mediações: empírica, abstrata e transcendental, desenvolvendo-se respectivamente por meio das influências culturais, pelas ciências do homem e pela aporética histórica e crítica, temos a constituição do sistema antropológico, que permite conhecer pela categoria e atuar pelo movimento tético.

Em nosso plano de análise já destacamos quais os tópicos teóricos que se prestam à mediação com *Vidas Secas*. Passaremos agora a essa intermediação nas estruturas somática e psíquica. De acordo com a característica do somático, teremos expressões exteriores de relação com o mundo e com o outro. Sob o domínio psíquico, há a interiorização.

3.2 - A análise de *Vidas Secas* sob o prisma dos níveis estruturais somático e psíquico da *Antropologia Filosófica*

O corpo é a sede do espírito, o espaço, a fundação do edifício da humanização, é por meio de sua simbologia que se desenrolam as marcas históricas

de nossa civilização. Os níveis estruturais somático e psíquico conservam-se como o lugar onde começa a pré-compreensão do espírito, que detalharemos à frente. Precisamos, no entanto, fazer essa inferência porque a estrutura psicossomática funda o corpo na unidade ontológica do ser do homem.

Isto equivale a dizer que o espiritual funda-se no mundo nas porções psíquica e somática no homem. É o estado do *espírito-no-mundo*. É aí que a cultura, que impregna o somático na noção do corpo próprio, é absorvida pelo domínio espiritual. Seus atos absorvidos na vida cultural, na arte e no saber apresentam-se sob mediação espiritual, condição preponderante para sua efetivação, ou seja, a primazia da estrutura espiritual ou noético-pneumática na constituição humana.

3.2.1 - A intermediação de *Vidas Secas* com o referencial da pré-compreensão do corpo próprio (o corpo humano)

Não é possível ignorar as correspondências com *Vidas Secas* e sua extensão no campo cultural e social. Isto ocorre em virtude das condições precárias em que decorre a obra e pela proximidade com a natureza. Em estado de penúria, como aquele da retirada, o corpo está exposto, porque a falta de recursos é extrema.

Dessa forma, se pela refeição exprimimos os hábitos devido à proximidade com os componentes físicos do meio, ligados necessariamente pela inteligibilidade, celebramos o contrato entre homem e mundo, baseado no corpo e na sua manutenção. Conseguimos, assim, delinear em *Vidas Secas* a miséria durante a retirada. Compreendemos porque a chuva é signo de vida, uma vez que a falta dela compromete a produção no solo afetado.

Surge-nos a imagem da refeição composta do pequeno preá, conseguido por mero instinto da cadela Baleia. Vejamos os detalhes que compuseram esse episódio. A expressão usada para designar o achado foi *caça mesquinha*, o que significa pouca monta e, o mais grave, foge do habitual. Usualmente não se consome animal tão pequeno, uma ética intrínseca indica a preservação da vida pela pouca aproveitabilidade, mas no grupo, pelas circunstâncias, sua aparição teve o efeito de milagre. Tudo se justifica naquele ambiente onde as vidas humanas são reminiscências, já que a água acabou, o sol transformou-se em armadilha e os víveres não existem mais.

Restou à família, órfãos temerários de um sistema social, a sua dimensão psíquica e a sua porção transcendental, que teimosamente conservam-se vivas como peça exemplar da esperança humana. O caminho inverso à razão e à liberdade aparece sem mácula, entretanto a vida preservada pela porção transcendental sinaliza para a verve humana.

A partir do preá que serve de alimento, trazido pelo acaso e pela atuação instintiva da cadela da família, desenvolvem-se as relações com o meio ¹⁷². O fogo para o cozimento do parco alimento foi aceso com raízes de macambira, enquanto que um espeto de alecrim sustentava o pequeno, mas importante volume que serviria de alimento.

Esta relação faz o sustentáculo da porção biofísica humana e patenteia a supremacia hierárquica das estruturas, mesmo na radicalidade da retirada. Trata-se daquilo que apontamos no contexto do drama, como a capacidade de superação em estágio extremo, tal qual uma medida aferidora. O drama instala-se, já que a compleição do externo, o mundo representado pelo viés climatológico de encontro com a natureza humana, produz a situação periclitante.

Outras ligações somáticas saltam da narrativa graciliana aos olhos de Fabiano, narrador onipresente, quando aparecem as relações corporais relativas à sinhá Vitória. O conforto da fome precariamente revertida traz ao vaqueiro o alento das divagações. Concernente aos hábitos do vestuário; a esperança comparece na imagem da mulher, que poderia voltar a usar a “saia larga de ramagens” ¹⁷³. A saia, símbolo do vestuário feminino, atesta a ligação do somático com a indumentária no “... nível de reestruturação do espaço-tempo psíquico de nosso *estar-no-mundo*” ¹⁷⁴.

Mistura-se a afetividade também em decorrência do espaço-tempo psíquico reestruturado, é quando o homem vê-se tomado pela apreciação vinda da amizade e da sexualidade. Fabiano sonha com a companheira tomando melhor forma física, perdendo as marcas da miséria instituídas no seu corpo. Ele chama de *ressurreição* aquele vislumbre inspirado pelo minguido alimento que tomam. De qualquer forma, os traços psíquicos na situação do espaço tempo do *estar-no-mundo* pelo corpo

¹⁷² Cf. Enio José da Costa BRITO, Cultura Popular, Memória e Perspectiva, *Espaços*, p. 154.

¹⁷³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 15.

¹⁷⁴ Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p.177.

próprio anunciam-se, ou seja, o esboço da unidade consciencial que aparece na estrutura psíquica.

A afetividade faz com que Fabiano detalhe o estado físico de sinhá Vitória por meio da imaginação. Restaurada a normalidade ela:

... remoçaria, engrossaria as nádegas, vestiria a roupa encarnada.¹⁷⁵

São atributos físicos, aliados aos psíquicos e aos culturais pela afetividade e pela sexualidade no corpo próprio. Esta predisposição estende-se aos meninos na relação com o mundo: eles:

... esponjariam na terra fofa do chiqueiro das cabras; gordos e vermelhos.¹⁷⁶

A questão filosófica do verbo em futuro do pretérito, conforme colocado no capítulo I, facilita a compreensão do aspecto imaginativo que é dado pela ficção graciliana.

Essas passagens constam de *Mudança*, primeiro capítulo de *Vida Secas*. Ainda ali Fabiano sacia-se na água barrenta, vinda da cova feita na cacimba; o conforto que lhe sobrevém o predispõe para o lúdico, quando é tomado de alegria imensa por ter vencido a sede. Observa sem reservas as estrelas no céu, agora, sem a conotação mortífera de negação da chuva. Percebemos a mudança na interpretação das estrelas, que agora são apenas adornos no céu e não sinal de seca. Esta alteração deita raízes na estrutura espiritual de Fabiano e a alegria repentina provém de sua afetividade no campo psíquico.

As relações no nível psíquico que à frente abordaremos, no nível somático, no qual já nos detivemos na explicitação da pré-compreensão somática, acabam por conferir à Baleia, a cadela da família, a posição de um ser fantástico. Graciliano estrutura esse personagem no âmago de uma situação irreal, na qual o absurdo de uma família desvalida, sem teto, que é exposta à morte por absoluta miséria. Ele

¹⁷⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 16.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p.16.

personifica a realidade social regional. Assim, conferir atitudes humanas a um cão torna-se corriqueiro nesse ambiente assustador. Essa atitude ficcional é o destaque de *Vidas Secas*.

Na obra, Baleia surge como um limite, possui constituição animal, mas atitudes de reflexão, cristalizadas por meio dos verbos que expressam a atuação humana. Por outro lado, os humanos, representados pelo grupo de Fabiano, têm atitudes que vão se equiparar a dos animais do rebanho. Graciliano sustenta a personagem Baleia enquanto animal doméstico de uma família em situação psíquica precária.

A ponta da lança ficcional seria a do absurdo, não fosse a veracidade da situação social que a obra retrata. A mensagem graciliana, vista pelo referencial antropológico, destaca a predominância do domínio somático na família. Explicitamos, por esse viés, os prejuízos à constituição original humana que o autor ressalta na obra.

No segundo capítulo deste trabalho enfocamos as relações entre Baleia e os meninos, ou seja, as relações intersubjetivas entre cão e homem. Eles se equiparam ante o tratamento rude dos adultos, visto no capítulo II. É por esse motivo que a cadela e os meninos acolhem-se após as agressões, tanto verbais quanto físicas, prevalecendo o contato corporal como atitude afetiva e substituta de um desempenho verbal.

Outra linguagem baseada no domínio imediato somático, ou seja, tomando um atalho no qual quase subsume a intelectualização, é expressa pelo contato físico corporal entre o menino e a cadela Baleia. Perguntando acerca da palavra inferno, no capítulo *O menino mais velho*, este teve como resposta ao seu desempenho intelectualizado a manifestação somática:

Aí sinhá Vitória zangou-se, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.¹⁷⁷

A resposta física, ríspida, provoca outra reação no domínio imediato, corpóreo. A ficção de Graciliano, nesse episódio, se expande na assimilação do estágio psíquico semelhante de Baleia e do menino:

¹⁷⁷ Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, p. 54.

A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil.¹⁷⁸

A solidariedade por parte do animal é colocada como substituta do treino que o animal doméstico tem em acompanhar as crianças. Porém, a linguagem corporal explicita-se mais nesta passagem. Afetividade e comunicação unem-se na situação de carinho entre menino e cadela:

Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. Afagou-a com os dedos magros e sujos e o animal encolheu-se para sentir bem o contato agradável, experimentou uma sensação como a que lhe dava a cinza do borralho.¹⁷⁹

Esta última expressão desse fragmento vale por uma declaração da sensibilidade de Graciliano, aspecto que o autor tenta dissimular por meio de sua característica irônica. Ele simplesmente faz uma metáfora envolvendo a noção de calor. Calor físico do borralho e calor humano entre cadela e menino, sinônimo de cumplicidade misturam-se, como são mescladas às manifestações humanas e animais no convívio da família com a cadela. Esse procedimento ficcional de Graciliano faz a originalidade deste clássico. É talvez o seu principal argumento.

A linguagem predominantemente somática aparece ainda no capítulo *Baleia*, quando da morte da cadela. O desespero ali não se verbaliza, ao contrário, surge com toda a intensidade nas ações que se seguem:

Sinhá Vitória fechou-se na camarinha rebocando os meninos assustados.¹⁸⁰

O primeiro traço expressivo da revolta dos meninos é mostrado pelo verbo *rebocar*. A imposição grita por meio dessa ação. O diálogo somático prossegue:

Sinhá Vitória levou-o para a cama de varas, deitou-o e esforçou-se para tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre a coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo.¹⁸¹

¹⁷⁸ Graciliano RAMOS, *Vida Secas*, p. 55.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 56.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 85. (O grifo é nosso)

¹⁸¹ *Ibid.*, p. 86.

O que vemos é de uma voraz eloqüência. A forquilha representada pelas coxas da mãe pressiona a cabeça do menino mais velho. A cabeça, órgão principal, porque aloja os sentidos é fisicamente pressionada, na intenção física de anulação da percepção, ainda que por momentos. Quanto ao outro, o menor, a mãe só conseguiu tirar a audição naquele apelo cifrado, codificado pela força física. Sinhá Vitória parece, pela força, querer anular os sentidos dos filhos, em atitude superprotetora. Demonstra mais: o gesto da cabeça do menino entre suas coxas reporta a proteção de quem quer mantê-lo ainda no útero.

No entanto, esta situação de hábitos primitivos esconde um trunfo: a estrutura espiritual que, mesmo nessa situação limite, continua ativa. A dimensão psíquica não falta aos personagens e realiza as mediações que lhe são próprias. A família encontra-se em estado letárgico, mas convive, embora restritamente, com outros humanos. Nessa perspectiva, aparece, por exemplo, sinhá Terta.

As atividades que ela exerce revelam seu desenvolvimento. Atividades ligadas à estrutura somática, como arrumar a espinhela, conseguem irradiar, pela saúde física, toda a dimensão transcendental, no momento em que a estrutura biofísica predispõe a espiritual dos indivíduos sujeitos aos seus cuidados.

Caracteriza-se, no tratamento do mal físico, a rede de inter-relações intelectuais: de um lado sinhá Terta, exercendo via intelecção as ações adjutórias e, de outro, o benefício destas, predispondo os pacientes a atingirem esses estados transcendentais, mediados pelo bem-estar físico e pela transmissão do saber e da cultura. É o momento em que nos deparamos com o desempenho verbal desse personagem.

Sinhá Terta, conhecendo a representação das situações, envolve a experiência como discurso, habilidade que falta ao vaqueiro e à família. Fica patente a falta de relacionamento social de todos na família. Se as relações são intensas no âmbito de intuição intelectual, a canalização para a comunicação não o é, estagna devido aos entraves na interiorização.

Mas as representações, na esfera somática, refletem a porção espiritual que aflora, apesar das dificuldades. Percebe-se a força interior representada pelo espírito, interiorizada pela porção psíquica. A característica espiritual rompe, por vezes, o embotamento do estado psíquico comprometido. Essa evidência

demonstra-se na pegada que o gado deixa, presença que é absorvida pela espiritualidade do caboclo:

Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou.¹⁸²

Impressão inextinguível captada pelo rude vaqueiro, ambientalizado pelo meio, aquele traço impresso no solo instiga a sensibilidade de Fabiano, visto no capítulo I. A atitude de rezar no rastro do animal suscita a ação sacralizadora daquele humano estilizado pela rudeza do ambiente e pelas circunstâncias psíquicas e sociais.¹⁸³

Os meninos, filhos do casal, descobrindo o mundo naquele contexto intelectual sufocado, voltam-se para o rico exterior representado pelo campo. Essa proximidade vai, contrariamente a todas as evidências, influenciar a porção transcendental, justamente pelo aspecto somático. A forte presença da representação do vaqueiro, em sua indumentária de couro ao montar os brutos, permite a transposição do andar do pai com o deslocar do urubu e não para aí. A destreza do peão produz um espetáculo que, dentro da brutalidade cotidiana, passa despercebida pelos adultos, mas instiga o menino mais novo da prole, já que para ele é novidade.

O nível da reestruturação do *espaço-tempo cultural de nosso estar no mundo pelo corpo próprio* desvela-se nas atitudes plenas de Fabiano, sob os olhos embevecidos do menino. A descoberta do jogo e da ginástica, expressões culturais ligadas ao corpo, tão bem inseridas no contexto cultural do campo, surpreendem o

¹⁸² Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 17.

¹⁸³ Segundo Leonardo BOFF, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos, mínima sacramentalia*, p. 53: “No aniversário de casamento se festeja o da história do amor e o amor da história pessoal. Mas o aniversariante não se recorda só sempre de novo o passado. Atualiza sempre de novo o passado. Por causa disso é um dia sacramental”. (O grifo é nosso)

Esse sentimento sacramental, de que nos fala BOFF, domina o caboclo, que revela o seu lado sensível. Fabiano, influenciado pela porção somática, oriunda da proximidade com o gado e afastado da maioria das manifestações espirituais, haja visto seu desempenho verbal, tem, entretanto, um aspecto transcendental sugerido por sua porção mística. O desconhecido e o inexplicável são ofertados à oração e a relação é possível em virtude da característica somática da pegada, um traço da presença animal é entendido, dessa forma, facilmente pelo caboclo. Nessa situação, entre o animal e a sua pegada, quem faz a aproximação é a sacralidade provinda da reza.

menino mais novo e fazem-no admirar o pai. Surge a figura do herói paterno, até então sucutada pelos modos rudes de Fabiano:

Esqueceu desentendimentos e grosserias, um entusiasmo verdadeiro encheu-lhe a alma pequenina. Apesar de ter medo do pai, chegou-se a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão, o guarda peito, as esporas e o barbicacho do chapéu maravilhando-no.¹⁸⁴

A indumentária do *herói* apresentava-lhe uma nova versão daquela criatura oprimida e, por isso, brutalizada do pai. Essas novas características trazidas por esse novo aspecto ao menino englobam a destreza ligada ao somático; a natureza da roupa do vaqueiro, antes, insere-no no ambiente pastoril materialmente. Explica a gênese do nível estrutural do corpo pelo flanco biofísico, já que a roupa é de couro. A adaptabilidade da *pele* do animal, na confecção da indumentária para montagem, com intenção de proteção do vaqueiro, demonstra uma operação do nível categorial do espírito, com intenção de categorizar homem e bicho naquele contexto primitivo. Revestido do atributo de *persona*, porque caracterização de peão, a veste influencia o encantado menino a ter outra interpretação:

Debaixo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, direitinho um urubu.¹⁸⁵

Constatação e relação de similaridade são aplicações de pressupostos de lógica, presentes na estrutura espiritual, precisamente no plano da pré-compreensão do espírito. Os saltos daquele animal subjugado por seu pai, passagem que se encontra no capítulo *O Menino mais Novo*, inspiram o pequenino à reprodução do ato. A reprodução é enriquecida pelos atributos de proporcionalidade, já que o projeto infantil consistiu-se na montaria de um bode.

Neste espaço, pois, da corporalidade, já podemos perceber o circuito de influências que coroam a intuição intelectual humana. A jovialidade da consciência do menino mais novo estimula constatações que podem ligar-se a conceitos

¹⁸⁴ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 48. (O grifo é nosso)

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 50.

didático-pedagógicos, lembrando-nos aqui a utilidade das ciências do homem, presentes no plano da compreensão explicativa dos três planos de compreensão antropológica.

Outro desempenho de expressividade por parte dos meninos ocorre no barreiro em frente à casa. A textura do material sugere modelagem e, desta, surgem os animais, produto, pois, de uma comunicação criada no exterior, muito próximo à representação do andar e dos atos do pai. Explodem culturalmente as manifestações intelectuais naqueles indivíduos, aos quais se negara até denominação.

As repostas intelectuais nos integrantes da família, que deveriam ser normalmente anunciadas por palavras, encontram expressão no ambiente externo. Assim, as formas no barro substituem as palavras. Esse é um exemplo de ambientação cultural explícita. Tal desempenho aclara a vocação humana da captação e da interpretação de estímulos e, por outro lado, acaba, ainda, por confirmar a nossa hipótese de haver linguagem de predominância somática no âmbito familiar. Eles substituem abstrações por ações no mundo concreto para exprimir o produto de sua inteligência. Características lógicas, próprias do ser humano, presentes nesse episódio, serão enfocadas mais à frente.

Percebemos que essa modalidade de expressão praticada na família demonstra o estágio totalizador do relato antropológico, uma vez que existe correspondência com as passagens de *Vidas Secas*. Desde os primeiros momentos, percebemos a convalidação de escolha do nosso objeto, pois as situações dramáticas da obra nos sugere uma análise das profundezas expostas nas situações-limite.

3.2.2 - O corpo como compreensão filosófica

Abrem-se dois flancos na interrogação filosófica do corpo, o físico como base da questão e o espiritual como instrumento da interrogação. A solução proposta constitui a dialética. Assim, podemos dizer que o momento eidético da aporética

crítica¹⁸⁶ na compreensão filosófica do corpo constitui-se a essência do Eu, englobando todos os tipos de percepção com o ápice na expressividade dos sinais.

A categoria da corporalidade é o pólo imediato da presença do homem no mundo mediado pela consciência do seu próprio corpo. Existe a consciência da *corporalidade*, portanto. Por meio dessa situação criou-se, a partir da categoria da corporalidade, a noção de corpo “... como o estatuto da estrutura fundamental do ser do homem”¹⁸⁷. Ressaltamos este pressuposto teórico porque reconhecemos sua expressão nas páginas de *Vidas Secas*, quando a cadela Baleia é colocada em atitude sarcástica de Graciliano. Trata-se de personalizar um cão, negando o corpo objeto para constituir o corpo próprio. Baleia, em *Vidas Secas*, aparece com um corpo-sujeito, exemplificando o momento tético da aporética crítica da *compreensão filosófica do corpo*.

Na cena de morte da cadela, em alegoria, Graciliano coloca-a andando em duas pernas feito gente e com o corpo formigando. Percepções próprias do domínio do espírito aparecem no fragmento que destacamos, que ao lado daqueles da consciência do corpo, mostram a profundidade com que Graciliano investiu o personagem de Baleia:

Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava, nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar moitas afastadas.¹⁸⁸

Vemos, no texto, a consciência da corporalidade por parte da cadela, na expressão tinha *havido um desastre*. Ela percebe-se imobilizada. Apesar disso, surge o senso de responsabilidade ligado às obrigações pastoris junto às cabras. Os preceitos éticos e lógicos são atributos do plano da pré-compreensão do espírito. Vemos, no personagem Baleia, a metáfora absurda de que Graciliano se valeu para

¹⁸⁶ Sabemos que o plano filosófico da compreensão divide-se em aporética histórica e aporética crítica. A aporética crítica apresenta-se em dois momentos: o momento eidético, que categoriza, e o momento tético, que transcendentaliza, de acordo com a *Antropologia Filosófica*. Ver item 3.1. deste capítulo.

¹⁸⁷ Henrique C.L.VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p.181. (O grifo é nosso)

¹⁸⁸ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 90.

apresentar um cão com respostas espirituais, com nome de mamífero aquático de grande porte, integrando o elenco de um romance no sertão seco e gretado.

Constatamos que a descrição subjetiva da morte de um cão nos indica que em *Vidas Secas* o absurdo aparece ironicamente, para dimensionar uma situação tomada como real, que, para o contexto da obra, demonstra-se fantástica. Mostra toda a alteridade, envolve resistência a alguma situação. Se essa relação apresenta o aspecto imediato, devido à relação como corpo no espaço, a estrutura psíquica vai apresentar uma relação mediata¹⁸⁹, caracterizando as duas primeiras etapas antropológicas.

3.2.3 - Nas páginas de *Vidas Secas*, algumas manifestações da estrutura psíquica

A estrutura psíquica constitui-se como catalisador do mundo exterior, que compreende um eixo imaginário, aquele do domínio da representação e da pulsão (imaginário e afetivo). Essa predisposição, neste estágio de pré-compreensão psíquica, a presença natural do corpo, passa para uma presença intencional psíquica. É neste ponto que a consciência começa a se fundar.¹⁹⁰ Trata-se da pré-compreensão do espírito. A estrutura psíquica tem uma característica geral que é a de submeter o espaço-tempo:

... a um movimento de interiorização: a origem de suas coordenadas não é mais o corpo, situado na exterioridade do mundo, mas o Eu que emerge como pólo do mundo interior.¹⁹¹

Isto equivale a dizer que há uma sinergia entre o domínio do corpo próprio de característica exterior e o domínio do psiquismo de caracterização interior. Quando unimos aspectos de corporalidade ao afetivo, o espaço temporalizado faz com que

¹⁸⁹ De acordo com nossa fonte teórica, as relações somáticas provocam relação imediata, compreensível pelo contato dos sentidos com a realidade material dos corpos. Na estrutura psíquica, as relações são mediatas porque implicam interiorização dos dados e permitem a instalação do EU psíquico. É neste ponto que a consciência começa a se fundar.

¹⁹⁰ O espaço-tempo do corpo físico é diferente do espaço-tempo do psíquico. No Eu psíquico, há uma temporalização do espaço, fazendo com que o indivíduo sobressaia em pensamentos, por sucessão de estados de memória, fazendo a articulação do domínio interior. Diferente do Eu corporal, é absorvido pela expressividade do corpo próprio.

¹⁹¹ Henrique C. L. de Lima VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 189.

os estados de memória venham a marcar de maneira específica os dados reconhecidos. É o sujeito detalhando-se.

É esta condição que o sistema social não pode negar. Pretendem os opressores garantir, com seu predomínio econômico, uma posição ante os outros, que apesar de mais pobres, detêm as mesmas condições antropológicas. Os recursos psicossomáticos e espirituais são idênticos. Tiramos uma forte impressão de parâmetro de justiça dessa situação. A estrutura conscencial está em todos, independente de classe social. Esta convicção denuncia a presença de um plano superior, aquele que percebemos pelo momento tético da compreensão filosófica das três estruturas antropológicas.

Por isso mesmo, em sua *aporética crítica*, a *compreensão filosófica do psiquismo* é abordada como atividade psíquica, como responsável pela captação e pela interpretação dos dados produzidos no exterior, domínio do somático, e ainda faz oposição ao domínio espiritual ou noético. A atividade psíquica pode cumprir sua tarefa de apreender e de reconhecer as impressões, demarcando a distância entre o sujeito e o mundo.

A presença imediata do corpo no espaço e a mediata do psiquismo fazem a concepção de tempo diferente, pois nesta entram a “... memória, as emoções e pulsões”¹⁹². Trata-se do “... momento eidético da compreensão filosófica do psiquismo”¹⁹³. Essa mediação requer um tempo diferente no espaço, distinto do tempo matemático: “a duração (ritmos distintos de intensidade de vida)”¹⁹⁴. Ela rege o mundo interior, fazendo a diferença entre a fundamentação somática e a psíquica. No primeiro, há uma espacialização do tempo, óbvia pela ligação do corpo físico, no segundo, há uma temporalização do espaço, uma espécie de introspecção que tira o vivente do espaço onde está, apenas em pensamento.

Este estado é delineado em *Vidas Secas*, no capítulo *O Soldado Amarelo*. Como já pudemos observar no capítulo II, o episódio da prisão de Fabiano pelo soldado Amarelo deixou ressentimento. Estranho sentimento desenvolve-se em

¹⁹² Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 193.

¹⁹³ *Ibid.*, p.193 Este é o primeiro momento da aporética crítica do psiquismo. Como já indicamos no item 3.1 deste capítulo, o plano da compreensão filosófica tem dois enfoques: a aporética histórica e a aporética crítica. A aporética crítica tem dois momentos: o momento eidético e o momento tético. O momento eidético da compreensão filosófica do psiquismo determina a *duração*, da qual apontamos aplicação no romance *Vidas Secas*.

¹⁹⁴ *Ibid.*, p.193.

Fabiano, quando inesperadamente encontra o soldado na caatinga. Lá, ele é insignificante, o território é do outro. Assim, o espaço é temporalizado:

Menos: durou uma fração de segundo. Se houvesse durado mais tempo, o soldado amarelo teria saído esperneando na poeira, com o quengo rachado.¹⁹⁵

Por uma fração de segundo, o sentimento de vingança perdurou em Fabiano, mas essa medida é dada pelo narrador que está fora da situação. Para o caboclo, o tempo cronológico parou, quando ele introjetou os ressentimentos e nesse tempo único, para aquele pensante, a realidade era a agressão. Entretanto, os instantes seguintes afloram no vaqueiro a consciência e, em seguida, a representação social interrompendo o impulso:

De repente notou que aquilo era um homem, e, coisa mais grave, uma autoridade.¹⁹⁶

Naquele momento, perdurando o anseio, este se rompe pela censura, dada pela razão. Ocorre naquela cena uma interiorização independente de ação: a memória ocupou um tempo não percebido por Fabiano, no qual, isoladamente, o tempo matemático toma interiormente outra interpretação. São manifestações que atestam as ligações e as disjunções estruturais humanas.

Há uma outra ocorrência em *Vidas Secas* de diferenciação entre o tempo mediato, somático, e o mediato, psicológico, que pode ser vista nesta passagem com sinhá Vitória:

- Ixe!

Isto lhe sugeriu duas imagens quase simultâneas, que se confundiram e neutralizaram: panelas e bebedouros. Encostou o fura-bolos à testa indecisa. Em que estou pensando? Olhou o chão, concentrada, procurando recordar-se. Viu os pés chatos, largos, os dedos separados. De repente as duas idéias voltaram, o bebedouro secava, a panela precisava ser temperada.¹⁹⁷

¹⁹⁵ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p.100.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 100.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 42.

A visão externa, concreta, das panelas e do bebedouro remete a dois pensamentos distintos. Graciliano expõe a relação imediata com o mundo, a relação com os objetos, e a mediata da interiorização, a psicológica. Essas tarefas, relativas a esses objetos, exigem interiorização para serem desempenhadas. É quando, por instantes, perde a noção de ambas, já que as duas, ao mesmo tempo, não podem ser interiorizadas.

O que traz sinhá Vitória de volta é outra imagem, outra relação somática. Ela vai reiniciar o processo por meio da relação imediata com o mundo, a partir da visão apresentada por seus pés maltratados e mal conformados, por andar descalça. Recuperando a orientação, desta vez, separa as outras duas idéias anteriores e desta vez, sim, organiza a interiorização:

O bebedouro secava e a panela não tinha sido temperada.¹⁹⁸

Essa disjunção do *espaço-tempo* no momento eidético convalidou as situações em *Vidas Secas*. Resta ainda conhecer alguns aspectos do *momento tético da compreensão do psiquismo* para entendermos a posição desta estrutura com relação às outras duas (somática e espiritual).

A unidade do Eu, que se interroga, e as diversas formas de consciência psicológica constituem uma oposição. Nessa situação, o Eu unifica suas diversas formas como sujeito ou pólo unificador. A estrutura psíquica tem a especificidade do sujeito ter a si mesmo (sujeito) como objeto. Essa posição faz com que ele não transcendentalize, passando essa atividade para o domínio noético ou espiritual.

Temos, pois, o ser-homem e o ser-corpo, ou seja, existe a oposição entre o somático e o psíquico. O Eu psicológico apenas interioriza, passando, no momento unificador, a conscientização do EU transcendental dado na estrutura espiritual. O domínio psíquico, por sua vez, gera a linguagem, responsável pela relação intersubjetiva e também pela relação objetiva com as coisas do mundo. O domínio psíquico fica, por essa situação, no momento *eidético*, aquele momento da categorização que, entretanto, é de suma importância na ontologia do sujeito, pois é o primeiro momento que o homem tem consciência de si mesmo.

¹⁹⁸ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 42.

As correlações do romance com a teoria, no *momento eidético da compreensão filosófica do psiquismo*, a duração, e esse processo de intermediação do psiquismo para o espiritual na consecução do Eu transcendental, no *momento tético da compreensão filosófica do psiquismo*, remetem-nos a uma compreensão do que é o princípio da totalização. Esta, como já salientamos, é a abertura da dimensão indescritível do ser ao infinito.

A relação com o Espírito Absoluto¹⁹⁹, pela via espiritual, garante a igualdade de condições entre todos os humanos. Essa resposta de justiça e de equidade significa a asserção universal, dom do Espírito Superior, tão grotescamente ignorada pelo mundo social e econômico, agravada pela influência da Revolução Industrial nas sociedades. Por esse lamentável equívoco da humanidade moderna, sentimos-nos instigados a relacionar a situação dos nossos sertanejos, em *Vidas Secas*, com os pressupostos do nível antropológico espiritual.

Aqui surge a possibilidade da relação plena no seu mais alto grau, já que detendo a possibilidade de comunicação, ela atinge seu ponto máximo na trajetória do espírito. Esse meio desponta como uma oportunidade de inserção para nossos sertanejos em *Vidas Secas*, já que revela uma esperança de harmonia e de solidariedade.

3.3 - A categoria do espírito: a presença do homem no mundo. A premissa de inserção dos sertanejos

A primeira epígrafe deste trabalho, no capítulo primeiro, traz uma premissa de esperança expressa nas conjecturas de Fabiano, de forma muito rudimentar. O pensamento objetivizado: *Fabiano você é um homem. Um bicho, Fabiano*, equivale a: se penso, sou homem. Sempre em ironia, Graciliano, mais uma vez expõe o argumento que a simples conjectura de que falta algo para que o vaqueiro seja gente é sinal claro de que ele o é. A reflexividade expressa nessa dialética encabeça

¹⁹⁹ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 220.

Retiramos essa expressão da teoria hegeliana que o autor segue, no sentido de inserir em um plano ascendente o espírito humano, com meta no Espírito maior, imagem de Deus.

a afirmação de intelegibilidade. Aí está Fabiano, artifício ficcional de Graciliano, pensando compulsoriamente naquele desempenho por ele indesejado.

A reflexividade em Fabiano, constatada pela gênese humana da presença do espírito, vem negar a opressão, quando nega a alienação absoluta. Essa realidade nos remete às operações da estrutura espiritual do homem, em seus três planos de compreensão.

Tais operações se dão a partir do quiasmo. O quiasmo consiste em que o espírito finito, aquele que passa pela categorização, no momento eidético da aporética crítica²⁰⁰, subsume a unidade cruzada da verdade como bem da inteligência e o bem como verdade da liberdade. Verdade (estrutura noética, porque é o bem da inteligência) e Bondade (estrutura pneumática, porque é a verdade da liberdade), constituem a passagem para o Espírito infinito na sua absoluta forma. Reconhecemos, assim, a origem e a efetivação do fenômeno místico na tradição cristã.

Sendo assim, devemos reconhecer, no cruzamento dos pólos metafóricos *inferior-superior* e *interior-exterior*, provindos das tradições gregas, romanas e medievais cristãs, a figura do quiasmo que envolve as representações *interior-superior*, como ideais infinitos, e a dialética entre *interior-exterior* e *inferior-superior*, como movimentos do *espírito-no-mundo*, ou seja, o espírito finito. Essa correlação ligada ao finito e infinito é o estudo de Descartes, já na etapa da filosofia moderna. Fizemos uma relação entre a tradição medieval cristã e a moderna de Descartes, que é convalidada pela abordagem de nossa fundamentação teórica.²⁰¹

Do quiasmo, portanto, dessa operação fundamental mística, emana o domínio da liberdade. Ele é o instrumento perceptivo do movimento imanente que é a vida, sustentada pela verdade. Essa verdade, produzida no âmago da liberdade, caracteriza a espécie humana pelo espírito. Tal operação é estágio que qualquer homem pode atingir, constitui um atributo seu, a partir da compreensão ascendente que, para ele, é possibilidade. Eis o cerne da resistência: uma premissa de inserção dos sertanejos.

²⁰⁰ Constitui um momento de identificação, no qual as noções tomam diversos significados, categorizando-se, portanto. Essa categorização limita a percepção do espírito, razão porque é chamado de finito.

²⁰¹ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I e Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*.

A síntese do quiasmo é definir o homem como Inteligência e Liberdade. Envolve os *quatro temas do espírito, que são o pneuma, o nous, o logos e a consciência-de-si*. *Pneuma*, sobreposta à conotação de sopro ou de respiração, na tradição greco-latina, exprime o espírito como “força vital”²⁰², portanto como princípio inspirador da vida. Se a respiração, no corpo, é a operação principal de animação, no espírito, a pulsação intermitente entre o ser categorial, aquele que tem capacidade finita de entendimento relativo à infinitude do espírito original, é a operação idêntica na vida do espírito. Queremos dizer que aí se processa a metáfora do movimento duplo da respiração humana, como absorção e expiração do ar, a explícita oxigenação do corpo. Intermitente, ela torna-se exemplo do movimento pneumático, ou seja, a intermitência entre a porção finita do espírito humano inclinando-se para a infinita, impulsionando, assim, o espírito.

Nous é a inteligência capaz de permitir o acesso transcendental à *verdade* e ao *bem*, como algo que tem trânsito livre, portanto, independência. Consiste em um instrumento de procura desse atributo, em latim, significa *intellectus*, pode-se falar de aprofundamento intelectual. Nessa relação, a tradição cristã caracteriza-se.

Estes dois primeiros temas definem a estrutura do espírito e explicam porque podemos chamá-la também de estrutura noético-pneumática. São Tomás de Aquino considerou, por isso, o homem como um “ser de fronteira”²⁰³. Equivale a interpretar que o homem, em sua constituição humana, tem a possibilidade de ascender ao divino, é vocacionado para isso.

Logos surge como uma idéia de ordem universal expandindo o espírito. Poder-se-ia dizer que a reflexão empurra o espírito para a infinitude, dando ao termo o valor de palavra divinizada. Resta ainda a idéia de *consciência de si* ou *synesis*.

A *consciência-de-si*, segundo Vaz, pode ser considerada como uma ciência da ciência. Pensar acerca do pensamento tem sido o desafio para os filósofos ao longo da história cultural e, em filosofia moderna, corresponde ao Cogito cartesiano.

²⁰⁴ Descartes ²⁰⁵, nessa noção, utiliza-se da premissa da dúvida, porque sugere uma

²⁰² Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 203.

²⁰³ São Tomás de AQUINO apud Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 202.

²⁰⁴ René DESCARTES, a quem se atribui o advento da filosofia moderna (1569-1650), dá ao *Cogito* um enfoque idealista, que teve origem já em Platão, a característica de pensar o pensamento, proporcionando, pois, a certeza da existência (*Cogito ergo sum*).

²⁰⁵ Cf. René DESCARTES apud Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*.

instabilidade constante, mas também representa o oposto, ou seja, uma estabilidade relativa conseguida pelas respostas a essas dúvidas .

A dimensão categorial do homem como *consciência-de-si* é o produto do alcance do seu conhecimento de mundo, extensivo ao conhecimento dos outros espíritos, cujo ápice é o Espírito Supremo (*o princeps analogatum*), um ideal do cristão. Isto equivale a dizer que é um sistema captador (limitado pela capacidade finita pela categorização, o *analogatum inferirus*) das relações com o mundo e dos processos de captação subjetiva das outras *consciências-de-si* (outras pessoas). Essas consciências são qualificadas pela inteligência como capazes de discernir a verdade e a liberdade e podem oferecer, portanto, oportunidade para escolher o bem como prática.

Nos passos avançados do quiasmo evoluem duas situações reconhecidas como *acolhimento e dom*. O detalhamento da dimensão *finito e infinito, na compreensão filosófico do espírito*, será abordado em item isolado ²⁰⁶. Seu caminho começa no plano da pré-compreensão do espírito com a aquisição da consciência racional. Aquilo que estivemos observando até aqui: *o homem é inteligência e liberdade*, trata-se da síntese final da atuação estrutural antropológica do espírito no homem. Para que essa teoria se justifique como instrumento de reconhecimento da resistência para viver, é necessário que ela contribua com a interpretação de *Vidas Secas*. Este procedimento permite a leitura a que nos propomos.

3.3.1 - A consciência racional apontando os caminhos e os descaminhos em Vidas Secas (o analogatum inferius)

A pré-compreensão é o primeiro estágio no plano das compreensões de cada nível estrutural. Sendo assim, a pré-compreensão do espírito acaba por trazer as representações do psicossomático traduzidas pelas experiências espirituais. Abrange, dessa forma, os dados exteriores internalizados, que são devidamente incorporados pela consciência racional.

²⁰⁶ Trata-se de uma concepção de profundidade na interpretação do quiasmo feita por São Tomas de AQUINO, a partir da atividade do espírito. Ela resume-se na presença do ser ao espírito pela inteligência e a presença do espírito ao ser pela liberdade.

A consciência racional, como presença espiritual, efetiva-se como uma aplicação da verdade e da bondade nos atos humanos. Resume-se em um manancial que traz as impressões somáticas objetivamente e as psíquicas subjetivamente transcendentalizadas. Trata-se de uma espiritualização²⁰⁷. Por se apresentarem em sua existência ideal, equivale a dizer que essa operação é uma definição de caminhos desejáveis. Teoricamente fica definida em *Antropologia Filosófica* como *normatividade absoluta do objeto, a prioridade em si*.

Assim constituída, vai ser o fundamento das ciências do pensamento, do objeto como ser e do agir. Aparecem, então, os tratados de Lógica, de Ontologia e de Ética, motivo pelo qual são encarados como ideal de comportamento - prioridade estrita.

Por meio da adoção humana desse ideal pela *prioridade para si do sujeito* vai acontecer a dialética: *prioridade em si do objeto* ou *normatividade absoluta do objeto*, o ideal contraposto à *prioridade para si do sujeito*, representado pelo grau de adoção da norma objetiva pelo sujeito. Tratam-se de duas perfeições, a objetiva *em si* e a subjetiva *para si*. Este é o plano da pré-compreensão do espírito²⁰⁸ e por esse plano de compreensão surge a reflexividade.

Esse suporte teórico age como propulsor na interpretação do estado de penúria que caracteriza *Vidas Secas*. Vemos que as inferências econômicas abusivas, provenientes do juro imoral aplicado ao vaqueiro Fabiano, ressaltam-se no ato consciente de sinhá Vitória ao contar, representando os animais por grãos de feijão. A representação concreta, lógica, destituída da ação abusiva dos juros escancara o ato impudico. Ela rompe, pela lógica, a latência do abuso. Eis o desenho da liberdade, permitido pela intelecção.

A reflexividade dá, pois, ao homem consciência de sua norma de conduta. Conhecendo-se o verdadeiro e o bem, universalmente fica postulado que explorar o outro pela oportunidade que o poder confere vem a ferir todo esse estatuto de reflexividade. Oprimir, portanto, é atentar contra a reflexividade deliberadamente.

A reflexividade conta com a simbolização dos raciocínios e por meio da linguagem verbal constitui uma das marcas caracterizadoras humanas. A relação

²⁰⁷ Ato noético pneumático, equivale a dizer uma operação submetida às influências da inteligência e da bondade (produto da liberdade).

²⁰⁸ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 206.

intersubjetiva entre Eu (ser reflexivo), Sociedade (instituição organizada humana) e Natureza (mundo), trilogia preconizada por Vaz em sua antropologia, estabelece a comunicação. Os meios comunicantes ultrapassam, entretanto, a linguagem apenas verbal:

No nível do espírito, o *ser-no-mundo* do homem é um ser de *linguagem*, entendendo-se aqui linguagem num sentido amplo como sistema de signos e significações. Portanto, o mundo no qual o homem existe pelo espírito é o mundo da linguagem ou das formas simbólicas.²⁰⁹

Parte desse ponto a pobreza despropositada de Fabiano, porque ele não desenvolve a expressão verbal e não sabe lidar com a intuição intelectual. Esta é a grande ironia de Graciliano, ele sonega em Fabiano aquilo que sublimava em seus outros personagens: a linguagem e, em conseqüência, a escrita.

Temos, portanto, que em Fabiano e nos seus manifestam-se os pressupostos constitutivos da pré-compreensão do espírito. Entretanto, pela predisposição da vida social a que são submetidos, esta reflexividade os perturba, os assola, pois não sabem desembarar-se nesses momentos. Ocorre que a luta pela sobrevivência desvia a potencialidade perceptiva, absorvendo seu potencial para defender a porção físico-biológica apenas.

Os lampejos inteligentes em Fabiano, nos raros momentos sem tensão, são tomados por ele próprio como *doideira*, já em Sinhá Vitória o sonho ousa se apresentar. A ela as relações são mais fáceis e daí provem sua idéia recorrente: a cama de tiras de couro.

A vida isolada e a proximidade dos animais e dos elementos da natureza os predispõem a contatos materiais apenas. É, por exemplo, a resposta dada ao tratamento rude a que os meninos são submetidos, já que eles imediatamente procuram o alento na proximidade com o corpinho da cadela Baleia. A curiosa inversão na personalidade desse personagem já foi levantada por nós anteriormente e será ainda abordada do ponto de vista estrutural antropológico, conforme as peripécias da ficção graciliana.

²⁰⁹ Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 207.

Concepções advindas do casal sertanejo mostram, convalidados pelos princípios lógicos, passagens de *Vidas Secas* que vêm a configurar Graciliano como um espirituoso escritor. Ele coloca, por meio de uma matemática rudimentar, a Lógica na atuação de sinhá Vitória. Essas referências, de acordo com os planos de compreensão das estruturas antropológicas, inserem-se na compreensão explicativa do espírito.²¹⁰

Uma curiosa metodologia transmite essas concepções. A Lógica, enquanto ciência, tem origem na pré-compreensão do espírito. Quando a matemática rudimentar surge por necessidade, embasada no método concreto (representação por grãos de feijão), ocorre a versão somática, contextualizando a abstração. A abstração, no entanto, fica na inspiração do método, ou seja, traz do abstrato a linguagem concreta: cada grão uma rês.

Fácil de entender, desta forma, a motivação das ciências dos homens, já que elas satisfazem uma necessidade ligada ao desempenho humano, influenciando o aspecto social, econômico e cultural das comunidades, daí, tomar na antropologia a dimensão explicativa.

As relações na comunidade propiciam o sucesso e esse consórcio depende do agir solidário. Uma constatação dessa ordem recebida no contexto de alienação dos caboclos desvela a ética corrompida do sistema local. Referimo-nos à passagem do capítulo *Contas*. Fabiano, nosso atemorizado sertanejo, estava acostumado a ser rendido pela necessidade. Dessa situação desfrutavam os mais privilegiados, valendo-se das ações subservientes. Pela desigualdade entre classes, o caboclo é superado costumeiramente, fato que o tornava obediente.

Assim, o comportamento cidadão de respeitar o governo provinha da humilhante situação de ter que concordar com as contas do patrão, eivada dos juroscorchantes. A subserviência nasce, em *Vidas Secas*, da cruel lição da perda costumeira dos recursos econômicos. A noção dos juroscorchantes ganha contorno claro quando Graciliano o coloca a partir da perspectiva de sinhá Vitória. Ela calculara conscientemente o ganho com os animais que criavam à meia, como já demonstramos, através dos grãos de feijão, uma demonstração do alcance

²¹⁰ É o segundo plano de compreensão, relativo à mediação abstrata, dada pelas ciências dos homens.

intelectual da cabocla. São amargos, pois, os argumentos pelos quais os caboclos inserem-se na sociedade. A transposição é a intelectualidade natural de sinhá Vitória, emergindo em resistência. Isso é percebido até por Fabiano:

... mas a mulher tinha miolo.²¹¹

Outra evidência irônica por parte do autor é o episódio, ainda no capítulo *Contas*, da venda do porco magro. Fabiano, que o reservara para as despesas do Natal (outro traço concreto no fator espiritualidade), resolvera vendê-lo aos quartos na cidade. Surge, entretanto, a fiscalização, intervém nesse momento em que o caboclo usa de uma inocente constatação lógica: não vendia porco, mas quartos deste.

Perspicácia ou resistência, já que a necessidade, como habitualmente ocorria, comandava a situação? Usou ainda a possibilidade de consumir a carne com a família, fato que o livraria do imposto. A lógica é contraposta à ética, uma vez que o seu pressuposto, usado como resistência, não passou de subterfúgio para a tentativa debalde de escapar do fisco. Tal episódio só veio a ampliar o elenco de temores do sertanejo que, depois daquela ocorrência, não se dispôs mais a criar porcos para corte.

Vemos, nessa atitude de Fabiano, a resposta radical, inspirada, talvez, nos rigores das ocorrências em sua vida. Tudo lhe é negado, logo absorve a situação sempre reversa adotando-a como prática, por isso extirpa os problemas na base. Esta é uma típica atitude de alguém que não vê perspectivas de argumentação, é o produto legado pela coerção excessiva.

Isso nos convida a olhar o episódio das contas com o patrão. A conscientização de Fabiano e sua atropelada e repentina aceitação encontram explicação nas conjecturas que ele faz tão logo se retira do ambiente dos patrões. Aceita os juro absurdos por não poder romper o trato que o prostraria ao relento com toda a família. Instalar-se-ia o ciclo de nova retirada, desta vez por desavença.

²¹¹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 93.

A mesma percepção é obtida por meio da compreensão explicativa, fruto do resultado das contas feitas por sinhá Vitória, em sua matemática rudimentar. Aquilo que percebemos é uma necessidade de contar, que vem a ser suprida por meio de empirismo, que acaba por substituir a abstração prevista no plano da compreensão explicativa. Essa atitude resistente, já que rompe com as barreiras da abstração, atingindo-a por um meio criativo, fornece a Fabiano argumento para divergir do patrão.

Lamentavelmente, a lógica e a ética, naquele momento, esbarram-se e excluem-se, é quando a opressão representada pelo assentamento do vaqueiro nas terras do patrão subverte Fabiano a se render a tão significativa autoridade. Triste convivência é essa, na qual a convicção perde o valor ante a necessidade. Examinemos as evidências nas conjecturas de Fabiano:

Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados, os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele .²¹²

Forte reação esboça Fabiano. Para nós surge uma situação ambígua: se por um lado a conscientização de que está sendo explorado é uma reposta antropológica e metafísica vantajosa, por outro o sistema primitivamente oligárquico exprime desrespeito à ética, ao direito e à fé cristã, baseada na solidariedade.

A profundidade da revolta de Fabiano é de tal dimensão que ele chega a confundir responsabilidades civis com abuso, quando coloca no rol de suas desventuras agentes como a seca e o fator climatológico. Aqui, a seca como natureza vem comunicar o fato de ser mal gerenciada, este, sim, um fato abusivo. Na mesma razão generaliza o comportamento abusivo do soldado Amarelo para toda a classe, uma asserção lógica ilusória, que ele expande também aos fiscais da prefeitura, que desempenhavam a justa função do fisco municipal. Percebemos o desajuste social do vaqueiro originado a partir da opressão habitual. Essa revolta aparece no comportamento de Fabiano em outra passagem do romance *Vidas Secas*, no capítulo *Cadeia*:

²¹² Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 95-96.

la jurar que a cachaça tinha água.²¹³

O fato de estar sempre em desvantagem, quer em situações sociais, quer em situações ligadas à natureza, como é o caso da seca, confere a Fabiano uma certeza: ele tem inimigos indestrutíveis. No caso da seca, luta contra um holocausto, no caso da exploração financeira, tem contra si uma circunstância universal. Essa disposição rende a ele prejuízo na estrutura psíquica, causando-lhe lesão. A confrontação dos fatos injustos com a realidade fere o processo de interiorização de estímulos, fazendo-o arredio e desconfiado por antecipação. O álcool, como pudemos constatar no segundo capítulo, agrava a revolta, traduzindo-se em surto.

A humanidade tem se consumido em razão da cumulação de bens. Não bastassem duas guerras mundiais em meio século, não bastasse a decepção com o malogro social e moral do Iluminismo, os bens de consumo multiplicaram-se, mas a miséria permaneceu.

O valor em sociedade tem-se resumido em possuir. Fabiano, como muitos, embora trabalhe, nada tem de seu, não marca²¹⁴ uma rês com seu nome. Esse nada o persegue, esse vazio contraria a lógica da produção, mas está de acordo com o poder, instrumento maior da sociedade. Eis delineado o ideário marxista e o ponto central de nossa principal hipótese. Será o poder capaz de sufocar o apelo da vida humana? Entre aquilo que se depreende e aquilo que nos cabe por responsabilidade preservar, existe um caminho justo a ser seguido? Somos capazes de encontrá-lo?

A comunicação, que existe na pré-compreensão do espírito, faz desse plano de compreensão importante sede, já que os tipos de linguagens verbais e não verbais iniciam-se ali. Temos uma situação de sofrimento, enxergando-a por meio da trama de *Vidas Secas*. Podemos procurar solução no seu oposto, no contrário de toda essa contextualização, na premissa espiritual representada pela esperança.

Percebemos que onde a linguagem articulada não é suficiente para a comunicação, surge outro nível, aquele simbólico não verbal, instituindo-se por múltiplas formas. Essa extensão configura a metáfora. Entre o desempenho

²¹³ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 28.

²¹⁴ Essa expressão trata de uma forma peculiar de expressão do nordeste brasileiro. *Marcar* uma rês é a maneira regional dos vaqueiros nordestinos indicarem que aquele animal é seu, por isso recebe uma espécie de assinatura do proprietário. Formas particulares, regionais de expressão, são estudadas pela parte da gramática chamada de prosódia, que, no nosso caso, é nordestina.

insuficiente ao entendimento desempenhado pelos sertanejos e a linguagem metafórica, inspiradora das percepções simbólicas, fica atestado o prejuízo destes. A vida isolada junto aos animais os faz balbuciantes, onomatopáicos. Mas o onomatopáico também sugere iniciativa, já que é um artifício do espírito que teima em se presentificar.

A falta de conteúdo referencial, em razão do isolamento e da pouca iniciativa, causado pela deficiência de interiorização, dada pela estrutura psíquica do caboclo, faz com que a representação não se atenha ao código social convencional e, sim, à simples reprodução, perante o domínio espiritual. É dessa relação que surge a similaridade com o papagaio em *Vidas Secas*. Passa-se para a representação corporal uma semelhança e, por essa instância criativa, o homem salva-se da embrutecedora relação espacial, apenas.

Esta atitude presentifica-se a partir da semelhança dos andares claudicantes, de sinhá Vitória com sapatos de salto alto e o aspecto palmípede do papagaio, uma abstração por parte de Fabiano, conforme colocado no capítulo I, que, na oportunidade, paradoxalmente, exprime suas constatações, configurando uma atitude intelectual. No caso da onomatopaceidade, a imitação envolve conhecimento do som imitado e no caso dos verbos onomatopáicos, a criatividade é agente da transformação do som em verbo.²¹⁵

Uma evidência cultural extemporânea pode juntar-se a essas nossas argumentações. Existe uma tradição afetiva, entretanto, não fundamentada, na obra, em derivações criativas na origem de nomes de pessoas naturais do nordeste. Ocorrem junções de nomes de pais, padrinhos, agregados, que vêm a honrar os indicados e ao mesmo tempo satisfazer o carinho paternal de uma personalização original. Ressalta-se, ainda, a devoção a São José por parte de cristãos, seus devotos.

O povo nordestino, por ser premido pela seca, converge sua fé ao dia consagrado a esse santo - São José é considerado o padroeiro da Igreja Católica

²¹⁵ A imitação de sons, aliada à necessidade de expressão, produz no falante a constituição do verbo onomatopáico para designar ações como *zumbir*, *ronronar*, *tiquetaquetar*, por exemplo, o *tiquetaquear do relógio*. Essa é uma adaptação do falante, uma operação dada de acordo com a explicação filosófica do espírito em Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*.

²¹⁶. Ora, a criação do povo une esse fato a outro significativo, já que o seu dia transformou-se em um marco no calendário anual dos lavradores. Ocorre que as chuvas que caem na transição verão/outono costumam chegar por volta do dia desse santo. Como chuva é sinal para a sementeira, os nordestinos unem fartura à chuva e à proteção de São José.

Dessa forma, existem múltiplos exemplos de nomes partindo do radical José, pela tradição da devoção, evoluindo para derivados masculinos e femininos.²¹⁷ Constatamos que ante a pobreza referencial surge resistência, a partir da manifestação criativa produzida no espírito.

Os nordestinos fundamentam os nomes de seus descendentes na fé, derivando-os para formações modernas, sem contudo trazerem ligações etimológicas convincentes. Retratam, por isso, o trunfo criador humano, apesar do vazio de maiores referenciais. Esta talvez seja uma alternativa criada àquela situação apresentada por João Cabral de Melo Neto, na primeira passagem de *Morte e Vida Severina*, o auto de Natal pernambucano:

Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino, filhos de tantas Marias, mulheres de outros tantos já finados Zacarias.²¹⁸

Esse fator cultural nos remete ao plano da compreensão filosófica do espírito, porque permite a percepção de que, mesmo em condições emocionais e econômicas lastimáveis, há a produção cultural, porque essa é a característica humana, mesmo que estas careçam de fundamentos etimológicos, como é o caso dos nomes próprios nos estados nordestinos, expostos à opressão e à miséria. Esse procedimento inicia uma tradição atestando que a reflexão humana é o sustentáculo da história em dinâmica.

²¹⁶ O Concílio Vaticano I, através do decreto da Congregação dos Sagrados Ritos, atendendo o Papa uma solicitação do episcopado do mundo todo, considerou São José padroeiro da Igreja Católica, de acordo com o desejo do Papa Pio IX. www.cleofas.com.br. Acesso em: 09/07/04.

²¹⁷ Detalhamos, a partir de listas oficiais de população residente em Vicente de Carvalho, bairro de Guarujá, onde se erradicam populações nordestinas, os nomes próprios: Joseane, Joselice, Josualda, Josualdo, Josivânia, Josivânio, Josinês, Josivaldo, Jodelice.

²¹⁸ João Cabral de MELO NETO, *Obras Completas*, p. 171.

O reduto isolado no qual inicia-se o auto de Natal de João Cabral - *Serra da Costela, limites da Paraíba* - anestesiava os estímulos intelectuais da pequena população, mas não os extinguiu. Prova disso é a resolução de Severino de sair. O Severino retirante representa a vitória do espírito sobre a situação humilhante. O fato de existir um ideal de personificação, por meio do nome próprio, vem traduzir-se em uma resposta à opressão, ou seja, a marca pessoal indiscutível, o nome próprio como um identificador de um humano apresentado nessa circunstância, com as benesses da particularização.

Os meninos em *Vidas Secas* também não têm nomes. Essa confluência marca a contextualização social no Nordeste, que, por ser extrema, acolhe sem restrições os caminhos da esperança. Ela vem baseada em movimentos reflexivos. A análise da estrutura espiritual ou noético-pneumática no plano da compreensão filosófica ou transcendental do espírito proporciona a bifurcação dada entre o nível conceitual humano da afirmação do homem, como espírito, com o nível conceitual da transcendência do espírito sobre o homem.²¹⁹

A aporética crítica, em seu momento eidético, vai dar a dimensão categorial ao homem, envolvendo sua ligação com o somático e com o psíquico, daí decorrendo a noção de universalidade do ser e sua implicação finita como *espírito-no-mundo*²²⁰, o *analogatum inferius*. Trata-se da posição espiritual humana, que apresenta outra face, ligada ao psicossomático. O momento tético, a afirmação do sujeito como espírito infinitamente com relação ao ser, constitui a projeção do *princeps analogatum*, vindo, portanto, ressaltar o momento tético naquela afirmação do sujeito como espírito, infinitamente, com relação ao ser.

Uma imensa depressão separa a família sertaneja em *Vidas Secas* da perspectiva do Espírito Absoluto, mas atitudes ligadas à transcendentalização caracterizam-se nas ações de alguns personagens, apontando para um discreto caminho. Este é o motivo de chamarmos a esperança em *Vidas Secas* de sorradeira.

²¹⁹ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 208.

²²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 222.

3.3.2 - A compreensão filosófica do espírito, o homem como exaltação

Tomás da bolandeira, o patrão amável, não precisava gritar para afirmar sua autoridade na trama de *Vidas Secas*. Essa atitude amena, solidária, provém do entendimento de que o poder significa uma ilusão e, talvez, por isso, sua morte tenha sido tão doce quanto a sua vida, a paz das equações resolvidas, conforme vimos no capítulo I. Essa compreensão, Fabiano não atinge, razão pela qual desejava, inicialmente, no sertão, tornar os filhos duros e sacudidos para a vida. É uma forma de resistência baseada na estrutura somática, linguagem que ele domina. Ao contrapor Fabiano a Tomás da bolandeira, podemos constatar a dimensão da linguagem inspirada pelo espírito. No vaqueiro existe a resposta reflexiva, que, entretanto, não chega a atingir o desempenho verbal, o meio pelo qual Fabiano entende é o concreto, liga-se ao código do corpo. Assim, ele só vê o futuro dos filhos resguardado pela resistência nesse aspecto.

A opinião de Fabiano é enfraquecida pelos argumentos de sinhá Vitória no capítulo *Fuga*, último do romance. A esperança da mulher o contagia por meio de uma alternativa de futuro melhor aos filhos:

Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias.²²¹

Verdadeira a intuição daquela mãe. Fazemos da percepção de sinhá Vitória nosso argumento, quando afirmamos que a Verdade e o Bem, no ideal de infinitude no domínio do espírito, provém da inteligência e da liberdade. Esta vocação passa por um aspecto de realidade, um *aqui agora* que se traduz pelo momento eidético da compreensão filosófica do espírito.

Existem os dois fatores já mencionados do momento eidético a serem considerados. O primeiro, a característica transcendental do espírito, que necessariamente deve ser submetida a uma categorização para ser discutida e o segundo, o problema da constituição psicossomática do homem, face ao espírito deste:

²²¹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 126.

De um lado encontramos-nos com a tensão entre o transcendental e o *categorial* na estrutura do espírito finito; de outro com a tensão entre o espiritual e o psicossomático. Essas tensões configuram justamente o momento eidético na elaboração da categoria antropológica do espírito.²²²

Essa constituição representa “a unidade substancial do homem”²²³. Por isto reafirmamos que o homem é um engenho, mais que isso, é uma usina em constante atividade, operando como um filtro representado pela porção psicossomática na universalidade absoluta do espírito. Um todo interagente é o ser humano, tão extensivo que responde aos estímulos intelectuais, mesmo nos momentos mais dramáticos de uma retirada do inferno, este inferno tendo, sim, a conotação do holocausto caboclo, ou seja, a premência daquele deserto que *Vidas Secas* nos relata.

Essas evidências aparecem na proporcionalidade em que o menino mais novo se insere, no capítulo do mesmo nome, quando planeja imitar a façanha do pai, na montaria do chucro, adaptando seu experimento ao bode do rebanho, ou seja, um animal correspondente ao seu tamanho. Ele elabora uma transposição de mesma atitude a objeto correspondente à sua dimensão.

Se virmos a ligação do espírito com o psicossomático neste episódio, vemos igualmente os princípios da mediação abstrata do homem com as ciências, quando

²²² Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 217. (O grifo é nosso)

²²³ *Ibid.*, p. 217.

Com respeito à aporia entre o conhecimento racional e o conhecimento sensível, proposto por *Ibid.*, p. 217, devemos considerar suas afirmações na p. 38 da mesma publicação: “... o tema da relação do homem com o divino (*tò theion*) que se sobrepõe a todos os outros e permanece, do Fédon às Leis como o motivo fundamental da antropologia platônica”.

Esta afirmação de VAZ convalida-se, no caso de nos recordarmos do final do diálogo Fédon, enfocando a morte de Sócrates. Este, ao perceber a demagogia dos governantes, ao lhe sugerir que tomasse cicuta, fruto da condenação aos poucos, recusou aquela aparente benevolência, prevalecendo-se da alternativa que apenas mais uns instantes de vida não lhe renderiam nada de consubstancial nas obras terrenas. Com esse astuto argumento, reprimiu a atitude interesseira de seus condenadores, frustrando-lhes o objetivo político e ao mesmo tempo reforçou o valor do mundo transcendente, para o qual iria. Tal astúcia não deixa de representar uma porção racionalista, corrente esta que é predominante em ARISTÓTELES, mas que ainda atesta vários enfoques ao transcendental dentro de sua visão à noção de *physis*. Observem-se as afirmações de VAZ, *Ibid.*, p. 39: “Na verdade, o homem tem bem assinalado seu lugar na estrutura hierárquica da *physis*, mas por outro lado, fiel à inspiração platônica de suas origens, Aristóteles celebra também no homem a capacidade de passar além das fronteiras de seu lugar no mundo e elevar-se pela *theoria*, à contemplação das realidades transcendentes eternas. Devemos considerar aquilo que podemos depreender desse conjunto estudado, isto é, que entre a potência e o ato aristotélico existe algo em conexão, interativo, que vem a se aproximar daquela ligação entre o sensível e o inteligível platônico. Portanto, se há oposição, existe também um substrato indefinível e ativamente presente naquilo que consiste o homem em sua instigante constituição recorrente”.

uma geometria e uma matemática rudimentares expressam-se pelo domínio somático. Trata-se de um exemplo do *plano de compreensão explicativa do espírito*, já que esboçam noções científicas. A mesma evidência aparece na habilidade de costura de sinhá Terta no capítulo *Festa*:

Sinhá Terta achara pouca a fazenda, e Fabiano mostrara-se desentendido, certo de que a velha pretendia furtar-lhe os retalhos. E conseqüência as roupas tinham saído curtas, estreitas e cheias de emendas .²²⁴

A costura de roupas humanas configura-se em um procedimento mimético, pois prevê mangas, pernas, ou seja, um contorno em tecido da estrutura corporal. A construção de tal artifício exige cálculo de proporcionalidade e conhecimento, ainda que rude, de geometria. Trata-se de outra versão de abstração, ligada à compreensão explicativa do espírito, permitida, entretanto, pela compreensão filosófica ou transcendental do espírito, já que o reconhecimento da peça de roupa, a partir da estrutura do corpo, vai permitir a passagem dessa compreensão à abstração das partes que acabam por formar a peça de roupa.

Existe, aqui, a categorização da peça que envolve o conhecimento rústico do espaço entre o tecido e a forma das partes a serem montadas. Sem tal aporte não seria possível a confecção da roupa, em dimensões e formas particularizadas, ou seja, tamanho e forma do indivíduo a que se destina.

A circunstância *cheia de emendas* obriga a costureira a mais uma operação transcendental do espírito, já que ela vai, na parca dimensão do tecido restante, elaborar outra figura geométrica, que se acoplando à primeira, incompleta pela exigüidade da largura do tecido, adquire, enfim, a forma necessária para constituir-se em peça do vestuário. Imaginação e senso de organização aliadas à precariedade dialogam.

Essas operações que o homem realiza no cotidiano, especialmente no contexto do romance *Vidas Secas*, mostram a característica espiritual antropológica. Não fica resquício algum de dúvida de que as respostas intelectuais dos sertanejos representam a situação da espécie humana, que, aviltada, responde com

²²⁴ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 71.

resistência, simplesmente porque sua natureza é de caráter especial. Isso é justificado na possibilidade traduzida pelo *momento aporético da aporética crítica do espírito*, que estamos discutindo.

Ocorre, neste ponto, que a síntese do quiasmo do espírito nos remete ao duplo e versátil movimento de *acolhimento e dom*, o *pneuma* ou a respiração profunda do espírito, que o mesmo espírito desenvolve na relação com o ser:

Desse modo é a própria abertura transcendental do espírito ao ser que implica uma *registratio* ou *circulatio* do único de acolhimento e saída: presença do ser ao espírito pela inteligência, presença do espírito ao ser pela vontade.²²⁵

Esta é a natureza do homem. Sua constituição o predispõe à procura, a meditar sobre sua própria reflexão e, nesse percurso, aquilo que encontra dá-lhe condição de assumir o *logos* como inspirador de sua prática. A palavra constitutiva doa compreensão progressiva por sua influência. Essa é a condição, portanto, para o homem saber-se capaz de voltar a interrogação para seu processo de reflexão. Esta é a presença do espírito no homem. Isso é assimilar razão e liberdade. Constituído pela capacidade de pensar, o homem reflete sobre si mesmo nesse atributo, momento em que pende para o manancial infinito, saída, recurso, liberdade, signo e status de humanidade.

Desse modo, não conseguir refletir claramente constitui um grande dano na marca antropológica prejudicada. Este é o instante no qual Fabiano torna-se atrapalhado em suas próprias conjecturas, pois se embarça no uso da reflexividade espontânea por definição, já que encontra barreiras de interpretação de fatos pela situação de ameaça em que vive. Isso cria uma via solitária e improdutiva. O próprio discurso sufocado prejudica não só as instâncias sociais, mas também o trajeto transcendental gradativo em seu aprofundamento.

Eis porque Fabiano é atormentado por pensamentos que não procurou. Sua própria conjectura de que seria gente ou bicho, sua constatação de que era apenas um guardador de coisas alheias justifica, na gênese, a coerção social. Entretanto, a

²²⁵ Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 220. Este conceito é fruto da reflexão de São Tomás de AQUINO.

reflexão presentifica-se. Repercute nos tratados éticos de que a estrutura espiritual (pré-compreensão) é fundamento do atributo inalienável no homem. Está aí o drama da subversão da emanação natural, em favor da subserviência social. Tem o homem o direito de subdividir sua própria espécie?

Esta questão justifica-se quando constatamos que o espírito ligado ao ser passa a ter as mesmas mediações que este. Razão e liberdade, componentes da universalidade do ser, mediatizam-se também com o espírito. Por isso, podemos afirmar que a estrutura ontológica do espírito é razão e liberdade, isto é, o espírito existe como razão e liberdade, existe enquanto esses dois pólos interagem: a razão que permite que o ser se reconheça (acolhimento), com a liberdade que propicia a procura desse, condição de reconhecimento (consentimento). Conjecturar sobre estes pressupostos significa fazer a metafísica do espírito e o produto dela é a determinação da categoria do espírito.²²⁶ Temos que a inteligência faz com que o ser atinja o espírito (*presença do ser ao espírito pela inteligência*) e o espírito faz com que o ser se realize como tal pela liberdade (*presença do espírito ao ser pela vontade*)²²⁷.

O ser em sua forma inteligível é limitado e atinge o espírito finito pela dimensão categorial do espírito no homem como inteligência e liberdade. A categoria limita a infinitude e a ilimitação do *espírito em si*. A *existência em si*, entretanto, é uma inclinação do ser, da forma inteligível do ser, que por essa característica pode aplicá-la pela vontade ou pela liberdade no ato da contemplação.

O *capax-entis* é representado pelo espírito em sua infinitude original de existência, mas também devemos considerar o ser de perfeição particularizada, ou seja, a perfeição daquela perspectiva dada do ser. Essa concepção tem como termo o Espírito Absoluto ou Existente Absoluto (*Ipsum esse subsistens*)²²⁸, pois o ser é dotado de uma liberdade que surge progressiva. No Espírito ou Existente Absoluto, a diferença:

²²⁶ Para Santo Tomás de AQUINO, sob o enfoque de Henrique C. L. VAZ, em *Antropologia filosófica I* a ligação entre ser e espírito pela articulação da razão (ou inteligência) e liberdade (vontade) é uma relação transcendental, processa-se, assim, a coextensão do espírito à totalidade do ser.

²²⁷ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 220.

²²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 220.

... retorna na identidade absoluta da inteligência e do inteligível (Verdade) e da liberdade e do amável (Bem), de modo que a inteligência e o amor se interpenetram na plenitude infinita do existir²²⁹.

Somos, portanto, salvaguardados pela categoria do espírito, perceptores limitados da Verdade e do Bem por uma inteligência que pode expandir-se rumo ao Absoluto. A categoria do espírito, portanto, dota o homem da aplicabilidade e da autonomia.

Nesse estágio de percepção é possível ao homem atingir o nível da inteligência profunda e a ligação com o amor, que é progressiva, posto que finita, mas imbuída de um sistema dinâmico devido à Liberdade. Essa é uma esperança tênue e sorradeira que surge nas últimas páginas de *Vidas Secas*.

Libertos da situação de semi-vida que subjugava os personagens, estão mais perto do outro estágio de compreensão, no qual a atividade espiritual pode evoluir, ou seja, em um ponto extremo do entendimento da Palavra Divina, coroação da intelectualidade humana, de que nos ocuparemos mais detalhadamente. Partimos de um pressuposto de espiritualidade, isto é, o rompimento do ciclo seca/cheia, que motivou a retirada do clima sub-desértico, por parte dos sertanejos.

Resta ainda alguma consideração acerca da articulação da categoria no espírito do homem. O momento tético é o mediador das compreensões filosóficas em qualquer dos três níveis da constituição humana, que sabemos ilimitados, mas que apresenta o paradoxo de só ser decodificado pela categoria. Assim, temos que fazer um apanhado dessa minuciosa escalada, tão específica como só pode ser a sensibilidade humana, para equacioná-la na versão da exterioridade e da interioridade, no qual a afetividade e o imaginário são fundamentos.

O que vai ocorrer é a passagem do *aqui e agora* do espaço-tempo do Eu corporal para a universalidade objetiva do ser e a passagem do *aqui e agora* do Eu psicológico, em sua interioridade, para a universalidade subjetiva do espírito, porque o psíquico apenas interioriza, necessitando do acesso ao espírito. A universalidade do espírito passa a ser, a partir disso, igual à universalidade do ser, surgindo o Eu transcendental. Trata-se de uma operação do quiasmo do espírito, entre espírito e ser, ou seja, a relação transcendental entre espírito e ser. O ser transcendental

²²⁹ Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 220.

celebra o espírito como sede da intelegibilidade. Esta é a unidade estrutural máxima do homem, para onde vão os princípios da limitação eidética, da ilimitação tética, nos dois momentos da aporética crítica, no plano da compreensão filosófica do espírito. Esses estágios rompem na totalização, isto é, a captação do discurso desses momentos característicos pelo homem.

Chegamos à equação da dimensão finita relativa à promessa infinita. Toda essa atividade é própria do homem, que em Fabiano e nos seus está sufocada pelos aspectos oligárquicos dominantes na região em que vivem. Afloram, no entanto, com grande sofrimento e dramaticidade de situações, como resistência. Essa preservação da vida está ligada espiritualmente à trajetória maior do Absoluto.

Esse atributo aparece como elemento de característica equilibrativa no campo social e sua espontaneidade, já que se resume em procura pela vida, é o argumento genérico de que não pode haver sub-espécies entre humanos. Esse fato reforça a constatação de que o poder gera crime de extermínio contra a própria humanidade.

Fomos motivados por uma obra literária e no percurso da pesquisa encontramos respaldo na teoria antropológica. O romance *psicológico* de Graciliano aborda a realidade sociológica dos cabras. O gênio literário do autor aborda Baleia, a cadela, com atributos reflexivos, em alteridade com os homens que pouco fazem da teimosa reflexão que não os abandona, confirmando que a reflexão é um atributo humano.

Levanta-se aí a argumentação capaz de transformar-se em ironia, traço marcante do autor, através da antítese despropositada de haver um animal pensante, porém não falante, em analogia aos cabras do sertão, “cambada de cachorros”²³⁰, conforme visto no capítulo II, descritos na fúria alcoolizada de Fabiano, quando da relação urbana do vaqueiro.

Passaremos a analisar as passagens, ocorrências respaldadas, à luz da teoria que acabamos de apresentar. Interessa-nos os passos da evolução humana, que persistem apesar do quadro social. Delineamos a realidade antropológica, estabeleceremos agora o resultado das interferências nos processos lógicos e éticos, animados pela alternativa que nos sugere a obra e que, diante do trajeto

²³⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 81.

antropológico percebido aqui, independe da ideologia, uma vez que demonstra o *status* humano, prova da reflexividade equivalente à existência.

No momento em que grandes organizações pendem para a solidificação capitalista no universo, delinea-se a ameaça à estrutura espiritual, paradoxalmente negada também pelos socialistas. Tal conjectura lança-nos à convicção de que essa evidência aparece reforçada e pode, por uma alienação inversa àquela dada pela miséria e pela dificuldade de informação, acontecer. Ela pode ser provocada pelo atrativo de uma ascensão material e profissional fácil, que confere ao poder aquisição de perfil obsessivo. Isso vem projetar uma sombra na iluminação intelectual, já que o alienado poderoso é capaz de exercer sua obsessão com alcance dilatado, talvez, global.

Por esse motivo, procuramos entender os processos resistentes. Interessamos, sobretudo, as situações de representação, pois elas atestam as potencialidades da constituição humana. As ocorrências sociológicas são apenas interferências, que personalizam, mas não extinguem a essência humana. Não pretendemos exaltá-las, apenas temos intenção de enxergá-las, pois já estão em situação de glorificação, uma vez que este é o posicionamento universal do homem enquanto espécie.

3.4 - A contextualização da mística ocidental cristã na trajetória humana: o prejuízo maior da família sertaneja

Em situação de exaltação está a percepção de sinhá Vitória. Sua atenção forma uma fina película entre seu processo intelectual e o meio, seu olhar compara-se a um revestimento que protege a vida dos seus naquele clima incerto. Sinhá Vitória atormenta-se com as sombras, a princípio dos urubus, agente ecológico do sistema, porque saneia o ambiente. Por serem aves de rapina trazem uma impressão funesta: são nuvens negras, mensageiras da morte. Contudo, a morte é sorrateira, ela dissimula-se nos urubus para apresentar-se nas aves d'arribação.

Mensageiras da seca próxima, em bandos mais agressivos e barulhentos do que os dos urubus, elas trazem a morte, primeiramente ao gado, perfurando-lhes os olhos, depois bebendo a pouca água restante. Essa investida, como modelo de

ameaça obtém de Fabiano uma resposta à bala, porém as aves são muitas, presentificam-se pelo rumor das asas, enquanto a munição é escassa.

A sentença salvadora, curta, lacônica, cortante como as más realidades, publica: *bicho de pena vai matar o gado*, conforme visto no capítulo I. Constatação, dedução lógica, as categorias representadas pelo domínio psíquico interiorizando as impressões somáticas, exteriores, ou seja, cumprindo seu papel de contato entre os níveis estruturais humanos remetiam ao espírito a constatação como o trunfo salvador. A ordem era imitá-las, ou seja, sair como elas vinham saindo, mas saída naquele ambiente também é signo de morte pela exposição direta ao clima subdesértico. Um labirinto de morte, a morte enleia-se aqui.

A atitude da sinhá Vitória no núcleo familiar é a de zeladora. É ela que cata as lândeas na cabeça dos meninos, é ela que toscamente cozinha os parques alimentos, usando a imaginação para transformá-los em refeição. Sua imagem acoplado a saia no meio das pernas como recato e desembaraço, simbologia cultural feminina, mostra a adaptabilidade às condições precárias da fogueira, improvisada como fogão.

Estranhos laços, esses, que ligam a sobrevivência à afetividade. Mais do que isso, um cuidado que transborda responsabilidade e impulsiona a existência. O pensamento fixo da mulher na cama de tiras de couro revela seu ideal de *dormir feito gente*, um aspecto que une o bem-estar físico e espiritual, uma vez que a auto-estima propõe dignidade.²³¹

Com Fabiano, embora a percepção seja de outra ordem, não é diferente. Ele, mais rude pela exposição direta com os animais, tem para com esses os cuidados que se prevê de um tratador, vaqueiro. Conduz, provê o pasto, cura física e empiricamente, transpassa, pois, os limites instrumentais, debruçando-os no espiritual.

Revertendo a preocupação para as atitudes, não se comporta com a afetividade tradicional entre pai e filho junto aos meninos, mas nos seus atos costumeiramente bruscos revela, por um lado, esse seu costume e, por outro, a sensibilidade que o cuidado vem demonstrar. Isso se observa quando Fabiano corta o couro para a alpercata, tomando a medida do pé do filho, como se esta fosse uma

²³¹ Cf. Brígida C. MALANDRINO, *A mística em Vidas Secas, Último andar*.

ferradura de animal. Em contrapartida, preocupa-se em ativar as atitudes dos garotos para serem rijos como bons peões para a labuta, já os vê peões, como foi seu pai. Nesse sentido, forjar o caráter e a prática dos filhos para a vida embrutecida é um cuidado essencial.

Nos meninos repete-se a mesma postura, eles cuidam das cabras e ao receber o mesmo tratamento intempestivo que sofre Baleia solidarizam-se com ela. Essa aproximação a que nos reportamos justifica-se pelas estruturas antropológicas já estudadas. O apego, a troca solidária, é uma emanção natural do homem como espírito²³², desvelando a preservação do corpo imantado pelo espírito. Óbvio que há a intermediação da estrutura psicológica nessa priorização somática, que o embrutecimento do contexto impõe às situações.

Essa relação das estruturas antropológicas tem no espírito a sede da transcendentalização. Por isso, as mediações espirituais com a inteligência ou com a razão e a liberdade ou com a vontade, conforme já detalhamos, ocorrem em direções diferentes. Quando o espírito apresenta-se igual ao ser universal, por determinação do momento eidético, isto é, aquele que o relaciona com o domínio psicossomático, ele vai desenvolver uma relação de mística natural, permitida porque a via espiritual relaciona-se com as coisas criadas, exteriores, em mediação com a noção, destas, interiorizada. Esse aporte começa na *pré-compreensão do espírito* para expandir-se no plano da compreensão filosófica do espírito. Logo, podemos afirmar que da responsabilidade, da dedicação e do apego surge uma mística que está intrínseca a todo homem ético, pois emana da liberdade, como perfil original.

Os sertanejos abastecidos por esse sentimento reagem à situação reincidente de seca. Se nada restava de víveres, se a água minguava e essa trajetória de esvaziamento aniquilava a vida, uma possibilidade era utilizar o próprio inimigo abatido, pois ele era o produto da vitória, uma constatação socrática dada pelo rigor da necessidade.²³³ Outra idéia, entretanto, sucedeu. Sair, mais amplamente agora,

²³² Cf. Leonardo BOFF, *Mística e espiritualidade*, p. 45.

Espírito é vida e o que se opõe a essa vida e a esse espírito é morte. Tudo o que produz vida expande vida, defende a vida e se organiza em função da vida, é espiritualidade. Entendemos que espiritualidade assim, então, equivale ao que chamamos de mística.

²³³ Queremos, com a noção de *constatação socrática*, estabelecer uma metáfora, que baseada no rigor e na criatividade da maiêutica socrática, exprime um dimensionamento à miséria sertaneja. Para tanto, usamos um fragmento do diálogo *Górgias*, de Platão. Em tal obra, Sócrates é personagem.

para longe do deserto. Ilusão de mudança geográfica? Com essa característica considerada, não se pode, entretanto, negar que essa providência, em alguns casos, ilusória, com efeito, se aplica com relação à situação dos sertanejos, mostra um aspecto favorável dentre tantos negativos.

Viver em outro clima elimina o problema crucial da seca. Na primeira vez que empreenderam a retirada, porque a tapera antiga só tinha, então, a morte para oferecer, adquiriram, apesar de tudo, um bem. Agora contavam com a experiência. Ainda contavam com o precavido exame constante de sinhá Vitória das circunstâncias da natureza, fato que lhes valeu de antecipação e de oportunidade para a organização ante a nova tragédia que advinha.

A experiência anterior avisava-os de que o tempo conferia uma vantagem sobre a seca. Se ela se aproximava, ter vantagem em distância significava mais

Colocá-lo como personagem é um dos artifícios platônicos que ele utilizou para dar vida às idéias daquele que nada escreveu de suas magníficas asserções. Impressiona-nos, depois de vinte e seis séculos de sua morte, que haja tanta inerência e oportunidade no seu método. Reproduzimos o trecho também porque, mais uma vez, é inerente às questões de justiça, que aqui discutimos. O método está expresso na discursividade, o jogo dialético precisa ser acompanhado para que se perceba a atuação definitiva de Sócrates na história cultural da humanidade. Nosso trabalho foi o da seleção do fragmento que reproduzimos literalmente de PLATÃO, *Górgias*, p. 63-64:

“Sócrates: (...) Podes verificá-lo pelo seguinte: se alguém te perguntasse: *Existe Górgias, uma crença falsa e uma verdadeira?* Tu responderias que sim, penso eu.

Górgias: Realmente.

Sócrates: E daí? Existe uma ciência falsa e uma verdadeira?

Górgias: De maneira alguma.

Sócrates: Portanto, é evidente não serem a mesma coisa.

Górgias: Dizes a verdade.

Sócrates: Não obstante, tanto está persuadido quem sabe como quem crê.

Górgias: Assim é.

Sócrates: Devemos, a teu ver, distinguir duas sortes de persuasão, das quais uma infunde a crença sem o *saber* e outra, a ciência?

Górgias: Perfeitamente.

Sócrates: Então, qual das duas persuasões cria a oratória, nos tribunais e demais ajuntamentos, a respeito do justo ou injusto? Aquela donde se origina o *crer* sem o *saber*, ou aquela donde provém a ciência?

Górgias: Não há dúvida nenhuma *Sócrates*; é aquela donde nasce a crença.

Sócrates: Conclui-se, aparentemente, que a oratória é produtora duma crença e não de ensino sobre o justo e o injusto.

Górgias: Sim.

Sócrates: O orador, por conseguinte, não ensina aos tribunais e demais ajuntamentos o que é justo e o que é injusto; limita-se a persuadi-los. É claro; a tão numeroso ajuntamento ele não poderia ensinar em pouco tempo assuntos de tal magnitude”.

Observe-se que nos tribunais da época o tempo era medido rigorosamente, pois se conhecia o perigo da demagogia. O que nos interessa aqui é o método de haver um diálogo no qual duas pessoas envolvem-se, dando atenção extrema aos argumentos, havendo eliminação daqueles poucos consistentes, até restar apenas o translúcido, imagem da verdade. Interessa-nos para a elucidação da metáfora criada por nós no texto, a técnica, objeto de nossa comparação, mas devemos juntar que a desonra e a injustiça são companheiras tanto aqui como no romance *Vida Secas*. Por isso, a postura ferina de Graciliano RAMOS lembra Sócrates. O que se depreende é o rigor do método, o mesmo a que Graciliano expõe seu leitor em *Vidas Secas* em forma de ficção.

possibilidade de vida. Esse entendimento tem para eles o valor de uma informação dada aos soldados no campo de guerra; conhecer a real condição ante o inimigo é um passo em direção à superação. A percepção surge, desta forma, como possibilidade de salvação, aos poucos se prevalecendo dela aqueles viventes, em estado primitivo, vão adquirindo noção de sua real situação e passam de simples sobreviventes a postulantes de uma situação digna, fato que começa a se esboçar quando percebem o limite onde lamentavelmente estagnam-se, entre a besta e o homem.

3.4.1 - A percepção de representar uma sub-espécie: um impulso

Detendo, agora, mais experiência na marcha na caatinga seca, trazendo na trouxa alimento e no coração a esperança, essa retirada com perspectiva diminui o efeito do corte com a sacralidade, que imbuí toda e qualquer morada. Referindo-se a isso, Boff afirma:

Como na casa sacramental: nela há quartos, corredores, mesas, quadros na parede como em todas as casas dos homens. E, contudo são diferentes, porque o espírito que enche de afeto e significado a todas essas coisas é diferente, fazendo-as precisamente familiares e sacramentais, de fora ninguém a distingue. Só o coração sabe e discerne. Analogamente com a Igreja: só a fé conhece e descobre nas frágeis - e não raro contraditórias - aparências exteriores um segredo íntimo e divino: a presença do senhor ressuscitado.²³⁴

Recorremos a esse fragmento porque ele exprime de maneira lúcida e, até de certa forma, tranqüila a difícil situação de um sem-teto. A dos nossos sem-tetos em *Vidas Secas* é de uma urgência vital: estão ao relento à procura da vida que lhes escapava na tapera. Não havia mais sacralidade no ambiente onde a morte se acomodava.

Nossos sertanejos também surgem retirantes no campo da fé. Vejamos as relações exteriores predominantes nas ações do casal caboclo. O nível de reestruturação do espaço-tempo cultural²³⁵ predomina no cotidiano deles, já que se

²³⁴ Leonardo BOFF, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos, mínima sacramentalia*, p. 51.

²³⁵ Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p.177. Ainda confira o item 3.2 deste capítulo.

ocupam estritamente da sobrevivência, seja pela falta de recursos, seja pela ligação excessiva ao corpo, em detrimento de uma transcendentalização. Isto decorre porque a vida do espírito, que confere ao homem sua real hierarquia, quando, por vezes interfere, é acolhida com espanto. A reflexão surge em Fabiano como uma eventualidade, conforme já detalhamos.

Os sertanejos seguem as tradições da religião católica, preocupando-se com o Natal. Pudemos constatar no capítulo *Contas*, no episódio da venda do porco na cidade, uma expressão que denuncia a relação dos sertanejos com o rito:

Num dia de apuro recorrera a um porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado para as despesas do Natal.²³⁶

O substantivo *despesa* e o adjetivo verbal *reservado* denunciam uma preocupação com o consumo. Sendo ligado ao rito, vemos, por parte de Fabiano e da família, uma interpretação adversa ainda que erroneamente sacramentada. A vestimenta faz parte de um rito particular iniciado muito antes e que responsabiliza economicamente os caboclos: a indumentária urbana e cerimoniosa. Ir à cidade já representa celebração para a família e, esta, espiritual, é estrita: vão à missa de Natal. Queremos dizer que o rito oficial tem um preâmbulo entre eles e, infelizmente, acaba por minguar no nível estrutural corporal apenas.

Fabiano usa colarinho e botinas para ir à casa de Deus, como o caminho desde a roça é longo, a família toda vai descalça, para lavarem-se no riacho, já na zona urbana. A inadequação é explícita e mais para os adultos, porque os meninos calçam chinelas. Porém, o casal molesta-se com o calçado, ele com as meias de algodão que não favorecem a adaptação à botina, uma vez úmida pelo imprevisto da higiene. Sinhá Vitória atrapalhada pelo, já comentado, sapato alto de verniz e pela sombrinha que carrega à guisa de modismo, compondo a imagem do desconforto, entretanto satisfazendo uma exigência cultural. Essa relação de intersubjetividade é dada por uma saída espontânea de sinhá Vitória, estratégia de composição por parte de Graciliano:

²³⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 94.

Ela própria não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume. ²³⁷

Outras inconveniências urbanas ocupam as atenções da família na igreja. Aglomeração e medo de perderem-se na multidão misturam-se à luz atraente, principalmente para os meninos, que experimentam uma sensação de deslumbramento e de desconforto, fazendo com que eles fujam da realidade. Ironicamente, aquela contextualização é que os prenderia à igreja, enquanto o pai se enfurece pelos esbarrões.

O choque entre os dois ambientes que a família freqüenta é grande, e a visita à casa de Deus causa quase tanta desorientação quanto a saída intempestiva da tapera na seca. Em suma, nossos heróis perdem a possibilidade de sacralização nas duas casas. Imensa pobreza essa que os faz desconhecer o conforto da graça. Os meninos estimulados pela quantidade de coisas nas prateleiras do comércio eram tomados pela mesma sensação que os acometera na igreja, plenos nos olhos, esvaziados nas denominações. Aqui a relação somática é ainda predominante, porém intermediada, mais uma vez, pela noção de proporcionalidade, em manifestação natural das consciências jovens dos meninos:

No mundo subitamente alargado viam Fabiano e sinhá Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. ²³⁸

Há, portanto, uma inadequação espacial pela densidade de fiéis no templo, pela concentração de luz e de objetos brilhantes e o lado espiritual, relegado a um segundo plano, faz com que aquele ambiente não tenha a dimensão sagrada para a compreensão daquelas crianças, embora seja suscitada pela dimensão das imagens nos altares. Essa proporcionalidade é sugerida pela perspicácia do autor, que realça, em outro aspecto, a ironia de que se impregna a obra.

Os adultos cumprem o rito, como fazem no campo quando Fabiano reza a bicheira no rastro. Naquela oportunidade aparecem duas representações: a somática, na ausência simbolizada pela pegada, uma ausência presentificada, e a

²³⁷ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 73.

²³⁸ *Ibid.*, p. 74.

verbal, que surge, entretanto, como um carimbo pré-concebido no dogma das palavras santas por tradição. Enorme pobreza, essa, da distância consciencial do Verbo Encarnado.

Alguns lampejos de manifestação confessional em algumas oportunidades aparecem em sinhá Vitória²³⁹, ainda que brevemente e mal caracterizada:

Um mormaço levantava-se da terra queimada. (...) Estremeceu, o rosto moreno desbotou (...) temendo que ela virasse realidade. Rezou baixinho uma ave-maria, já tranqüila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras.²⁴⁰

A clássica decorrência de apelo ao poder superior diante de um perigo ocorre aqui. A atitude da mulher é um traço de percepção da mística cristã, aliada à característica do temor, emoção provinda do nível estrutural psíquico. Por esse mesmo tipo de percepção divaga, passando a interiorizar um aspecto de zelo com o mundo exterior, ou seja, o buraco na cerca. Aquela realidade surge como prioridade, já que ligada ao mundo exterior, representa uma ameaça mais presente, motivo pelo qual vem a prevalecer.

O zelo, porém, decorre da concepção humana na qual é implícita a mística natural, passando pelos aportes culturais que induzem ao rito²⁴¹. Esse rito culturalmente apreendido interliga-se com o pressuposto espiritual que se reverte nas diversas modalidades de místicas específicas. A influência cultural de Fabiano e de sinhá Vitória é a de visitar a igreja, eles deveriam, pois, para dar sentido a essa tradição fruírem pela mística cristã.

Antes, porém, devemos retornar à origem da mística natural para correlacioná-la com a manifestação da mística cristã. O aspecto merece atenção porque essa é a importante circunstância ignorada pelos sertanejos em *Vidas Secas*:

Esse aparecer do Absoluto pode assumir a modalidade do absoluto *formal* na afirmação metafísica do *ser*, quando esta é acompanhada da intensidade de uma experiência (a experiência metafísica) que tem por objeto e unidade e

²³⁹ Sempre na mulher a inteligência é mais presente.

²⁴⁰ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 41.

²⁴¹ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p.178.

universalidade absolutas com que o ser se apresenta como *cognoscível* (Verdade) e como *amável* (Bem); ou então pode anunciar o Absoluto real (Deus) que surge ao termo do movimento dialético de auto-expressão do ser humano, presença atingida seja *indiretamente pela intuição do Absoluto como Fonte criadora* - mística natural - seja *diretamente* pela intuição do Dom absoluto de um Amor infinito - mística sobrenatural ²⁴².

Esta experiência metafísica, ou seja, a relação psicossomática entre homem e natureza, o nível de reestruturação do espaço-tempo social e cultural pelo corpo próprio em relação intersubjetiva, permite, pela via do espírito, a mística natural no homem, uma diferença que garante a hierarquia de sua espécie e, mais do que isso, representa uma semelhança de inteligibilidade com o Divino, porque, nessa instância, o ser universal é perfeição.

Quando, porém, existe a perfeição existencial, ou seja, o ato de existir é igual a essa perfeição, o Espírito é absoluto e a identificação possível é uma aplicação em direção a esse Absoluto, garantida pela liberdade do ser, que se configura como contemplação.

Esta é fundada no pressuposto finito humano, como já havimos mencionando. Pela circunstância espiritual, o homem torna-se um ser universal, mas pela gradatividade conferida pela finitude movente à infinitude, ele tem a promessa da revelação. Por essa predisposição, o ser real é perfeição. O nível da constituição humana está neste voluntário trajeto. Está aí a contemplação! Ocorre por meio dos aspectos da mediação, que desembocam na via única da Palavra Substancial, ou seja, Jesus Cristo.

A experiência da mística cristã percorre um caminho que desemboca na mística profética, uma síntese de outras duas modalidades precedentes na organização da concepção mística ocidental: a mística especulativa e a mística mistérica, facções inseparáveis da mística cristã, baseadas no Novo Testamento.

²⁴² Henrique C. L. VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 25.

Esta asserção vai ligar-se a outra do mesmo autor, porém, em obras diferentes. Fazemos aqui a analogia para, a partir dela, abrirmos um espaço de interlocução e de entendimento quando analisamos os aspectos relacionais em duas enunciações diferentes. Referimo-nos ao fragmento abaixo:

“No homem, como espírito finito, a unidade é unidade da identidade formal entre espírito e o ser, na diferença real entre o espírito e os seres. É essa diferença real que negando, negando dialeticamente a identidade formal, põe em movimento, no espírito finito, a dialética da passagem da universalidade abstrata da identidade formal com o ser para a universalidade concreta da identificação dinâmica com os seres (categoria da realização), segundo o paradigma analógico da identidade absoluta, que é própria do Espírito infinito”. IDÊM, *Antropologia Filosófica I*, p. 223.

A mística especulativa baseia-se nos pressupostos filosóficos que determinam o homem como pensante e como um intérprete das escrituras. Desenvolveu-se historicamente em duas vertentes: a mística neoplatônica e a mística cristã. A mística mística compreende duas modalidades de experiência de Deus: a reflexiva direcionada ao campo interiorizado, subjetivo, e a litúrgica, que prevê cerimônias ritualizadas.²⁴³

A mística profética corporifica essas outras duas e é essencialmente uma mística da Palavra. Reportando-nos à estrutura espiritual, não é difícil entender a aplicação do homem na interpretação desse Verbo-Encarnado. A compreensão filosófica do espírito se faz pelo *nous*, já que é a manifestação da inteligência, que se caracteriza pela libertação, provinda do movimento pneumático que alimenta o ser a caminho do *logos*, a sabedoria infinita. Esta é ordenada pela percepção finita humana, que é filtrada pela reflexividade. Esse aparelho perceptivo humano é a perfeição na ordem dos seres reais, porque detém a possibilidade de investir-se na interpretação desse Verbo.

Essa operação extrema espiritual passa por mediação fundadora da experiência consubstanciada por etapas ou por aspectos. Para Vaz²⁴⁴ são três aspectos que se fundam no texto paulino²⁴⁵. A mediação criatural que se exprime na limitação da categoria, torna, pois, Deus tomado por um aspecto noumenal ou, em nomenclatura cristã, “criando a imagem do Deus invisível”²⁴⁶. Essa expressão ilustra o texto bíblico: *A Soberania de Cristo como o primogênito de toda a criatura*. Isto dá a consistência ontológica imantada a uma descendência que fraterniza, portanto, abre caminhos. A mediação criatural é categorização e inspiração à ascese.

A *mediação da graça* tem por canal a *audição* da Palavra e sua recepção por meio da fé. Por fé entenda-se a aplicação do ser *real*, finito, à trajetória do ser *existencial*, infinito. Este processo involuntário impregna o homem, porque a estrutura onde estão presentes o *nous* e o *logos* dá acesso e possibilidade. Percebemos o contorno do quiasmo resplandecendo.

²⁴³ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 31-56, a respeito dessas duas modalidades de mística, componentes da mística cristã.

²⁴⁴ Cf. *Ibid.*, p. 65.

²⁴⁵ Cf. *Ibid.*, p. 65.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 66.

Trata-se de um estado que se atinge espontaneamente, provindo de um anseio ocasional, um anseio que só permite, entretanto, o aprofundamento intelectual da Criatura pela mensagem alcançada, inclusive pela interpretação da expressão da *Face de Cristo*, quando toma a característica ontológica pela mediação criatural²⁴⁷. Todo mecanismo de aplicação e de potencialidade (*nous, pneuma*) revela o Amor pela inteligência e pela liberdade doado ao homem criado.

A *mediação histórica* funda-se no tempo, um tempo arquétipo, não mítico, porque dá a idéia de gradação a uma premeditada ligação com Deus ou a um estado contemplativo, já por nós definido. Visto por esse aspecto, a contemplação é possibilidade de um movimento ascendente.

Esses estados mediadores levam para o caminho do Mistério: “a Revelação de Deus no Cristo Jesus”²⁴⁸. A este estágio submetem-se três passagens: a iluminação, a união e a efusão.

Por meio da contemplação há uma atuação do cristão na percepção da teologia discursiva e dos seus instrumentos, como normas e simbologias, que no cristianismo são altamente significativas. Por estes passos, o engenho interpretativo cristão entrevê a Verdade da Palavra Encarnada. A isto se chama *iluminação*. Quão grande é a perda de Fabiano! Que atroz é a reprimenda econômica que sofre e quão resistente é a estrutura antropológica. São constatações que nos surgem ao reconhecer o valor desses estágios, não alcançados pelos sertanejos.

O estágio posterior à iluminação é a *união*. A união caracteriza-se pela inefabilidade²⁴⁹, um aporte místico puro, pois é um sentimento de procura a uma intimidade divina. Pretende o cristão unir-se à forma de Deus no interlúdio com Cristo²⁵⁰. Isto não se exprime, trata-se de uma identificação maiúscula, que viria a colocar o cristão em um planalto, onde tudo é possível alcançar, porque a situação é privilegiada e não carece de maiores explicações. É um estado que dispensa a análise do processo, porque é de característica inefável. Estabelece-se uma atitude

²⁴⁷ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 66.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 70.

²⁴⁹ Cf. *Ibid.*, p. 72.

²⁵⁰ São João da CRUZ, *Obras Completas*, p. 466: “Tudo que a alma, neste tempo, pode fazer por si mesma, não serve (...) senão para perturbar a paz interior e a obra que Deus faz no espírito mediante aquela *secura no sentido*”.

de procura baseada em conhecimento e amor de Deus (*teomorfa*)²⁵¹, que sendo exercida radicalmente pelo espírito torna-se *crisomorfa*, isto é, perpassada de Deus a Cristo.

Quem atinge tal estado passa espontaneamente para a prática. Isto justifica o estágio da *efusão*. Efusão é uma síntese, agente do produto da *iluminação*, referencial, que permite a interação teomorfa da união. Uma compreensão revelada, não narrável. *Efusão*, pois, é chegar a um estado no qual a união, que é um estágio da contemplação, transforma-se em ação. Engloba todos os instrumentos meditativos, todos os processos como o *quiasmo*, como instrumento, e é celebrado também pela *circulatio* em apreensão da Palavra. Envolve, ainda, a instrumentalização das três modalidades de mística. Apresenta-se como um processo evolutivo pela interação intensa e natural, isto é, simples em sua magnificência.

Valemo-nos mais uma vez de Vaz²⁵² para entendermos a mística cristã, com atributos de comunicabilidade, representada pela mística profética, que segundo a referência, é uma mística constituída *em torno da Palavra da Revelação*. Ela, em sua plenitude, possibilita o caminho da *agape*²⁵³, a caridade do amor puro, espontâneo, suscitada pelo impulso de desvelamento e de compreensão, que instiga o homem enquanto espírito.

Vista por esse aspecto, a mística profética representa a mística cristã, já que esta é o substrato das místicas especulativas (que incitam o conhecimento e tendem a aprimorar o processo comunicativo como passos da contemplação). Na mística mística, temos o fortalecimento da atuação litúrgica, quando favorece a interpretação dos sacramentos. Todo o processo é, na verdade, um caminho de purificação e, por isso, fonte de divinização.

Para solucionar a questão que julga mística e profetismo procedimentos antagônicos, encontramos uma afirmação esclarecedora de Vaz:

²⁵¹ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 72.

²⁵² Cf. *Ibid.*, p. 57.

²⁵³ Cf. *Ibid.*, p. 57.

A mística profética pode ser assim considerada como fruto amadurecido da ação transformante da Palavra de Deus no espírito daquele que recebe essa Palavra de Fé e que, pelo batismo renasce para uma nova vida.²⁵⁴

Vemos, por esse fragmento, que exercendo a labuta no sentido da compreensão da Palavra Divina, estão dimensionados os princípios da mística especulativa, pois da Audição surgem as considerações e os questionamentos próprios da reflexividade e, daí, podemos prever a síntese fortalecedora, porque origina a fé. Outra etapa na vida cristã é o batismo, recebimento dos sagrados óleos e dos sagrados sais, cerimônia litúrgica de transporte a procedimentos de fé e de contemplação, tornando, portanto, esse batizado um ouvinte ideal da Palavra.

É patente, pois, a partir da noção do Verbo Encarnado. As duas vertentes do estado místico; a natural, tão espontânea como a própria vida e, no nosso caso, a cristã. Tendo-nos já detido no estudo dos níveis estruturais da *Antropologia Filosófica*, conhecemos os processos de reestruturação por meio do corpo próprio, conforme colocado no item 3.2 deste capítulo. Eles dão a representação sócio-cultural, envolvendo a comunicabilidade, e essa relação priorizada aponta para a sensibilidade com aqueles e com aquilo que nos rodeiam. A interiorização vem do próprio psíquico.

A relação com as coisas do mundo e como estado desse mundo exterior vem nos indicar a dura constatação da sobrevivência das pessoas em geral, estado que reflete a miséria em grande porcentagem da população²⁵⁵. A penúria retém, entretanto, os sertanejos de *Vidas Secas* no local, porque sobreviver ocupa todos os momentos, quer executando as duras tarefas, quer imaginando estratégias para escapar do estado deplorável. De repente, eis o trunfo.

A porção espiritual fornece os meios para que os desvalidos desencavem a vida. Por isso, sustentamos que a necessidade ativa aquela constituição humana gerada no nível estrutural espiritual e força a comunicação psíquica a ligar a porção somática à espiritual. O domínio psíquico, deficiente pelo estado opressor, dificulta a ascensão humana pelo espírito.

²⁵⁴ Henrique C. L. VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 58.

²⁵⁵ Cf. Leonardo BOFF, *Mística e Espiritualidade*, p. 20.

A obra do Messias é libertadora, já que consiste em fazer justiça aos desamparados e visa inaugurar a nova ordem de paz e fraternidade a partir dos últimos. Cf. BÍBLIA SAGRADA, IS 11: 4-8; 42:1-4.

Portanto, é inevitável a coesão do homem com Deus, uma vez que do outro lado da linha vem a comunicação com Cristo, *O Verbo Encarnado de Deus*, iniciada pela contemplação²⁵⁶. Constitui o seu ponto de chegada, ou seja, a abertura para o infinito, que o envolve na eternidade do aprimoramento tendendo à perfeição. Estamos falando do trajeto ideal.

Essa passagem do finito à possibilidade infinita corresponde a eternização, um estado sem-fim de ascensão gradativa, a extrema caridade divina do trânsito homem-Deus, objetivo sem termo, graça que faz o homem operoso por constituição, conforme colocado no capítulo III.²⁵⁷ Tendo compreendido a tendência à busca, como atributo humano, passamos ao relato do caminho da redenção, em atitude reflexa, ou seja, pensando teoricamente o processo evolutivo e evoluindo por essa percepção, participando, assim, da promessa de Cristo.

3.4.2 - O argumento graciliano como caminho de iluminação

Que enorme desgaste nos traz essa realidade confrontada com o teor do romance *Vidas Secas*. A tradição cultural impele as ações inócuas dos caboclos ao culto de Natal. Pior do que isso, Graciliano expõe uma realidade na qual não existe a possibilidade de ascensão espiritual que nós levantamos. O lance salvador, que frutificou na saída captada pelo espírito e apresentada por sinhá Vitória como interpretação, é um alento, uma promessa.

²⁵⁶ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p.15.

Segundo MARITAIN apud *Ibid*, p. 15: "... a experiência mística consiste essencialmente numa experiência frutiva do Absoluto".

²⁵⁷ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*. Ainda segundo IDEM, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, p. 19: "A elucidação antropológico-filosófica da experiência mística implica, pois, necessariamente duas teses fundamentais: a) o espírito como nível ontológico mais elevado entre os níveis estruturais do ser-humano; b) a dialética interior-exterior e inferior-superior como constitutiva do espírito-no-mundo e que se articula segundo a figura do quiasmo, ou seja, em que o *interior* é permutável com o *superior* e o *exterior* é permutável com o *inferior*. Vale dizer: o mais íntimo de nós mesmos é o nível ontológico mais elevado do nosso espírito, e é no fundo dessa imanência (interior íntimo) que o Absoluto se manifesta como absoluta transcendência (superior *summo*). Ai pode ter lugar a experiência mística. Logo, a inteligência *nous* e o *pneuma*, liberdade em movimento duplo de presença do ser ao espírito pela inteligência, e presença do espírito ao ser pela vontade. Daí decorre a categorização no espírito finito porque é pensável e a afirmação do Espírito absoluto (no retorno da diferença na identidade absoluta da inteligência e do inteligível) como Verdade e o Bem (que retorna na identidade da liberdade com o amável) liberdade. No primeiro caso ocorre uma *universalidade intencional*, no segundo há uma perfeição existencial, ao qual o homem só é possível contemplar". (Os grifos são nossos)

Existe aqui uma premissa recusada, ao lado daquelas verazes que nosso autor propõe na área sociológica. Graciliano sustenta, no final do romance, a posição de que é negativa a saída da família para São Paulo, em clima sub-tropical, porque engrossa o êxodo rural, diante de sua concepção ateuista, respalda-se em argumento sólido. Mas do ponto de vista antropológico, romper com o ciclo repetitivo em retiradas desvairadas, o significa uma grande conquista.

O ser humano é predisposto à sensibilização; a relação espontânea com os fenômenos, as pessoas ou os animais faz brotar de si a mística natural, por ser uma resposta aos processos reflexivos dos quais somos agentes. Esta mística cotidiana passa despercebida, já que não exige os aportes das simbologias e da inspiração teologal que permitem a contemplação. Porém, a missa de Natal cabocla, faz-nos pensar em uma relação dada pelo tipo de vida religiosa que levam os personagens. Já citamos um fragmento que correlaciona casa como sacramento, que a aproxima da casa de Deus. Agora corroboramos com a aproximação por meio do alimento:

Sem o alimento a vida não se mantém. Cada refeição permite ao homem fazer a gratificante experiência que seu ser está ligado a outros seres. Por isso o comer vem cercado de ritos. A eucaristia desdobra o sentido latente do comer como participação da própria vida divina.²⁵⁸

Esse pensamento alia as situações de fome e de temeridade, a que se expõem os retirantes para obter algum alimento, ao procedimento destes na igreja, também demonstrando pouca adaptação e pouca fruição. Nossos personagens abandonaram uma morada sem Deus, já que não havendo alimento, não há vida e, não havendo vida, seca também o elã que mantém os seus projetos e as suas visitas à casa de Deus, pois, estas, também resultam infrutíferas .

A calamidade é incomensurável em *Vidas Secas*, quando não retira a família, alimenta-se de osso, comida de cão, conforme percebemos na expressão de Baleia quase dialogal com os leitores e com sinhá Vitória, principalmente:

²⁵⁸ Leonardo BOFF, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos, minima sacramentalia*, p. 57.

Chegaram à igreja, entraram. Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se.²⁵⁹

Atributos humanos do plano da compreensão filosófica do espírito aparecem relativos à cadela. Ela posiciona-se, por meio da criação do autor (*na opinião dela*). O hábito de recolher-se com o escuro, adquirido do companheirismo com a família, que descansa tão logo a luz natural acabe, ressalta-se pela presença da luminosidade que é intensa na cidade. Um aspecto somático traduzindo a ambientação mostra a consciência racional do bichinho na ficção, que, seguindo a postura irônica, atribuída pela crítica literária como absurda, vai compondo esse clássico.

Entretanto, Baleia, esse personagem crucial na trama de *Vidas Secas*, tem, por vezes, interesses caninos. Na tapera, junto à sinhá Vitória, quando esta cozinha, o animal dorme embalado “pelas emanações da comida”²⁶⁰. Nossa atenção prende-se nessa circunstância aos hábitos alimentares comuns aos cães:

Baleia agitava o rabo, olhando as brasas. E como não podia ocupar-se daquelas coisas esperava com paciência a hora de mastigar os ossos.²⁶¹

Fabiano também mastiga cálculos para o projeto da cama de couro, ideal de sinhá Vitória. Essa expressão liga-se à idéia de osso, relativa ao cão. Em síntese, significa penúria:

Fabiano (...) mastigara cálculos, tudo errado.²⁶²

A referência prende-se ao inatingível projeto da tão sonhada cama de couro. Conforto físico é um sonho para eles. Isso é apenas uma partícula daquilo que não alcançam, pois se nos prendermos ao fragmento de Boff, acima citado,

²⁵⁹ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 74. (Os grifos são nossos)

²⁶⁰ *Ibid.*, p. 39.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 16. (O grifo é nosso)

²⁶² *Ibid.*, p. 40.

constataremos que coincidentemente, quando vão à igreja não recebem a eucaristia. Essa correlação também explicita a penúria espiritual.

Outros aspectos aparecem por essa linha de análise: meninos sem nome, se vistos pela liturgia cristã, podem ser interpretados como não batizados, mas esta referência não se sustenta se tomarmos por base o posicionamento ateu do autor, ele simplesmente não evoca essa situação. Assim, conservamos apenas constatações de que os filhos são uma consequência da convivência do casal, fundamentada pelo nível de estruturação do espaço-tempo biológico e do espaço-tempo psíquico de nosso *estar-no-mundo* pelo corpo próprio.²⁶³ Explicando melhor, esses estados correspondem à reprodução, biologicamente falando, enquanto representação natural do feminino e do masculino.

Levantamos aqui duas relações. A primeira provém da imagem da família não fruir pela mística profética. Sendo assim, paralelo ao comer divino, que é a eucaristia, estão no mesmo nível do que quando se alimentam de ossos ou de animais do meio, como na ocasião do preá e das aves d'arribação. Eis a segunda relação. Por essa segunda asserção, os personagens desenvolveram o aspecto da cadeia alimentar, lamentavelmente equiparando-se a animais. Temos, pois, a negação da fruição pelo eucarístico, aspecto místico, e pelo comer natural, sonegado pela precariedade.

A perspicácia de Fabiano no capítulo *Festa*, quando estimulado pelo álcool, livre, pois da habitual censura que o posicionamento social lhe dava, estabelece a comparação de que seus iguais, na festa, ainda que não camponeses, eram todos cachorros. Triste e veraz imagem, não se alimentam dignamente nem física, nem espiritualmente. Mastigam, ao contrário, frustrações como cálculos impossíveis.

Alongamos ainda mais as constatações para com essa Baleia graciliana, de aportes intelectuais. Ela aprova o gesto de sinhá Vitória ao produzir estilhaços de brasa na cozinha, atizando o fogo. Um olhar de aprovação é atitude intelectual. No capítulo *Baleia*, em *Vidas Secas*, no qual se dá sua morte, a cadela apresenta diversas manifestações que merecem nossa atenção:

²⁶³ Cf. Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p.177.

Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele (...) e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado. (...)

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos na noite? A obrigação dela era levantar-se e conduzi-las ao bebedouro.²⁶⁴

Nas *reflexões* de Baleia aparecem atributos de gratidão e de responsabilidade, tinha obrigação, tinha reconhecimento. Essa colocação aprofunda o teor interpretativo do romance. Baleia, esse cão reflexivo, está no mesmo patamar dos personagens humanos, porque estes carregam prejuízos cognitivos e existenciais. A elevação do status da cadela, dado pela ficção, assimila-a aos personagens humanos. Todos, pela prosa graciliana, têm aportes de mística natural. Daí o desabafo de Fabiano: são todos cachorros.

Isso equivale a dizer que, pela ficção de Graciliano, todos têm a capacidade intelectual, mas não desenvolvem sínteses libertadoras. Tínhamos-nos referido a essa problemática no capítulo II desse trabalho, por meio da análise da linguagem, como fundamentação do esboço de espírito em Baleia e, desta feita, o fizemos com enfoque da antropologia filosófica.

O que se torna claro, a partir dessas discussões, é que o caminho da saída existe, mesmo na perspectiva negativa de Graciliano. A inteligência presumidamente em Baleia e aquela, mal conduzida, que intercepta, por vezes, Fabiano é muito mais presente em sinhá Vitória. Existe, portanto, a base para a evolução humana, admitida no cão por ironia expressiva do autor. Essa percepção redentora aparece interdita nas últimas páginas de *Vidas Secas*.

O princípio da *totalização da compreensão filosófica ou transcendental do espírito*, como já explicitamos, trata da síntese entre o ser universal igual ao espírito do homem, em outras palavras, a porção psicossomática e a porção espiritual em “universalidade intencional”²⁶⁵. Isso significa que o homem é capaz de pensar sobre si mesmo. Este homem atuante pelo espírito vai, portanto, interessar-se pela perfeição existencial do seu espírito, cujo enfoque é o do momento tético da aporética crítica do espírito. Índícios dessa totalização surgem como início de uma

²⁶⁴ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p. 89.

²⁶⁵ Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 223.

atuação espiritual mais intensa para os sertanejos, a partir da resolução e do empreendimento da segunda retirada:

Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que pareceria difícil a Fabiano, criado solto no mato.²⁶⁶

Acomodar-se é o bem que vem faltando durante as temporadas anteriores, a palavra *difícil* sofre um apagamento tão significativo, perante a situação vivida que na correlação fica expresso como suportável. Sinhá Vitória, a mais perceptiva do grupo, permite-se sonhar ante a perspectiva de que a resolução da retirada com menos sofrimento proporcionou e arrasta Fabiano no sonho:

Iriam para adiante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era.²⁶⁷

Admitimos já anteriormente, nesse estudo, a ilusão que a mudança geográfica pode trazer, mas contra-argumentamos, no caso desses sertanejos, equacionam o problema da sobrevivência mais explícito. Resta, agora, a solução para o futuro do casal, pois ao dos filhos eles dedicar-se-iam.

Aqui está o respaldo espiritual encontrado na aporia, acima dos problemas sociais, atados, invariavelmente, aos econômicos. Existem as possibilidades pertinentes a cada momento, como naquele da compreensão da urgência na retirada. A confiança provém do intelecto e, este, conforme nossa estrutura antropológica, é inato.

Compreendemos o compromisso de Graciliano em combater o êxodo rural, já que ele é patriota honrado. Este problema persiste ainda na atualidade, mas tratamos de uma dimensão mais profunda, aquela que conduz o homem à autonomia, sugerida pela aporética histórica do espírito no pensamento moderno, notadamente em Hegel, “pela liberdade em face da história”²⁶⁸. As políticas

²⁶⁶ Graciliano RAMOS, *Vidas Secas*, p.126-127. (Os grifos são nossos)

²⁶⁷ *Ibid.*, p. 126.

²⁶⁸ HEGEL apud Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 216.

oligárquicas, que lamentavelmente reorganizam-se através das décadas no nosso país, negam esse aspecto.

Isso nos remete, circularmente, àquelas constatações já levantadas. O poder tende a querer criar uma sub-classe na espécie humana, quando acentua a desigualdade social. Lamentavelmente cria a estratificação, mas a consequência atinge os opressores também, pois estes passam a ser um segmento sem ética, sem caridade, uma estratificação que eles não podem evitar. Esta classe alastra-se consideravelmente no mundo atual, porém historicamente tem se difundido, pois o poder os alimenta numa posição invulnerável na sociedade.

Recusam, em favor do lucro, a possibilidade intelectual que detêm, sufocam-na, recusando qualquer modalidade de mística, uma vez que desprezam a natural. Nossos personagens, principalmente sinhá Vitória, apresentam o aspecto natural da mística marcadamente e a sua saída do ambiente oligárquico estrito, aliado ao estado intelectual, agora um pouco mais produtor, induz a uma resistência mais sutil do que aquela extrema, que a sobrevivida exigiu, e que nós constatamos como atributos do homem.

A dificuldade de expressão dos caboclos atesta o estado inferiorizado destes, uma vez que a presença espiritual, como presença reflexiva, está sendo negada nos momentos em que se faz necessária. É quando Fabiano não se demonstra como um ser efetivo de linguagem. De tudo isso, há um traço, há uma corrente de resistência inversa, brutal à sensibilidade natural humana, gerada pelo poder, nascente da obsessão por domínio, triste manifestação subsumindo a humanidade. Aqui entra a natureza humana forjando resistência.

Nossa fonte é a literatura de resistência. Passaremos à análise desse referencial teórico, que sustenta *Vidas Secas* como modalidade de literatura, para demonstrar nossa concepção na elaboração e na elucidação das nossas hipóteses.

3.5 - A composição resistente de Graciliano acrescida da esperança

Depreendemos, daquilo que observamos até o presente momento, que a vida incentiva a vida. Quando um vivente recebe a contraposição da natureza e da

sociedade, sua constituição inteligente monopoliza os recursos no sentido da preservação. Esta percepção constitui posição privilegiada entre o meio ambiente²⁶⁹ e a divindade: o homem é a capacidade ambivalente. Ele, presentificado pelo corpo próprio, já constitui uma mediação triunfal, a consistência que dele emana hierarquiza as espécies a seu favor.

Sendo assim, não apenas por instinto, mas principalmente pela concepção lógica que tem do seu próprio ser, por meio da *Aufhebung*, supressão, conforme colocado no item 3.1 do capítulo III, ele desenvolve artifícios que bloqueiam os ataques, os prejuízos e os desabonos, diluindo a dialética num produto que pende para um diálogo na proporção inversa do empenho das duas forças oponentes.

Essa primeira instância, o corpo próprio é a primeira manifestação humana, que passando pelo conduto psicológico rumo ao espírito, forma um sistema com a atitude reversa e recíproca do retorno, constituindo-se no fluxo da vida, a partir dessa tensão. Decorre daí a capacidade de representação entre nós, que ocorre por necessidade, no caso da comunicação primordial cotidiana ou por afirmação, como resultado de elaboração e arte. É referente a esta última a literatura.

3.5.1 - Literatura, uma manifestação da estrutura antropológica do espírito

O grau de expressividade dilata-se no romance. Surge uma unidade envolvente do fenômeno de reação pura, dimensionado pelas metáforas. Em outras palavras, estamos afirmando a concepção de literariedade, ou seja, a abrangência da literatura. Senão, vejamos, se o homem é capaz de resistir, sua resistência expressa-se artisticamente na ficção:

O conteúdo da intuição será expresso na linguagem, e, portanto, por meio do simbolismo dela. A partir daí surge a contradição ou o impasse que provém da inadequação entre as formas de expressão e o conhecimento obtido por meio da intuição.²⁷⁰

Essa codificação, vista pelos meios estéticos como instrumento da criação, é literatura:

²⁶⁹ Cf. Ênio José da Costa BRITO, *Cultura Popular, Memória e Perspectiva, Espaços*, p. 154.

²⁷⁰ Franklin Leopoldo e SILVA, *Bergson*, p. 95.

Qualquer tentativa de espelhar o ser na linguagem é mistificação por parte da inteligência e ocultamento da única característica verdadeira da linguagem: ser obstáculo a transparência da intuição.²⁷¹

Tal referência vai repousar em único vocábulo de Vaz:

Finalmente, considera-se a linguagem como interpretação, enquanto nela e por ela se dá a hermenêutica da realidade e sua transposição em universo simbólico.²⁷²

Eis o fenômeno da tradução da característica infinita, sendo gradualmente objetivada pelo desempenho finito do homem. Essa transposição, por nós enfatizada, jamais poderia ser um processo direto. Logo, pelas bifurcações simbólicas da expressão alojam-se significações de empréstimo, superpostas, unindo um conteúdo sacado oportunamente e desvelando reflexos da iluminação do ser homem. Habitado a essa transposição por exigência do sistema verbal, o homem lúdico o faz por arte, criando. Tal arte é a literatura.

Sendo Graciliano um homem resistente, a figura pela qual se expressa é a ironia. Trata-se de novo confronto, Graciliano faz o jogo dos contrários, projetando em sombra aquilo que nele é mais presente: a força da palavra. O silêncio de Fabiano, em *Vidas Secas*, mostra a face atroz da opressão. Para o autor, a forma resistente é escrever, ele nega, em Fabiano, pois, aquilo que o redime.

Conhecemos a linha ficcional de Graciliano pela maneira como ele expõe suas loiras personagens em *Angústia* ou *São Bernardo*. Respectivamente, Marina e Madalena são compostas pela fina descrição irônica de representantes de classes sociais modestas em ascensão pela condição feminina. Madalena, mais sóbria em *São Bernardo* do que Marina em *Angústia*, não hesita em fazer um acordo vantajoso, que pressentiu no casamento com o fazendeiro Paulo Honório. A concepção do filho veio a ser o ápice das intenções de ambos.

Com Fabiano, entretanto, ele é ainda mais incisivo. Sabendo-se resgatado pela escritura, ele lega aos seus personagens masculinos em *Caetés*, *Angústia* e *São Bernardo* essa possibilidade de resgate, ficando a Fabiano, de *Vidas Secas*, o

²⁷¹ Franklin Leopoldo e SILVA, *Bergson*, p. 99.

²⁷² Henrique C. L. VAZ, *Antropologia Filosófica I*, p. 215

pior quinhão. Ele surge sem o dom da expressão. Trata-se de uma ironia maiúscula, ontológica, que ultrapassa o âmbito das combinações retóricas para assumir a estrutura da obra.²⁷³

Graciliano conhece a força do sistema a que se opõe. Ele é um socialista, forjado no recôndito da seca, estado de Alagoas, jornalista e político transparente. Por isso, não o nega em palavras, procedimento tradicional da expressão verbal, mas pelo humor, pelo timbre e pela amargura, porque deixa transparecer a sua resistência. Essa reação mostra sensibilidade.

Apresenta, pois, em *Vidas Secas*, por meio de suas situações dramáticas diluídas no cotidiano, logo, revestidas de uma insuspeita banalidade, os pressupostos da aporia em seu momento tético, conforme visto no item 3.1 deste capítulo. Esta abre o indivíduo para a especulação, dádiva para a compleição antropológica que o constitui.

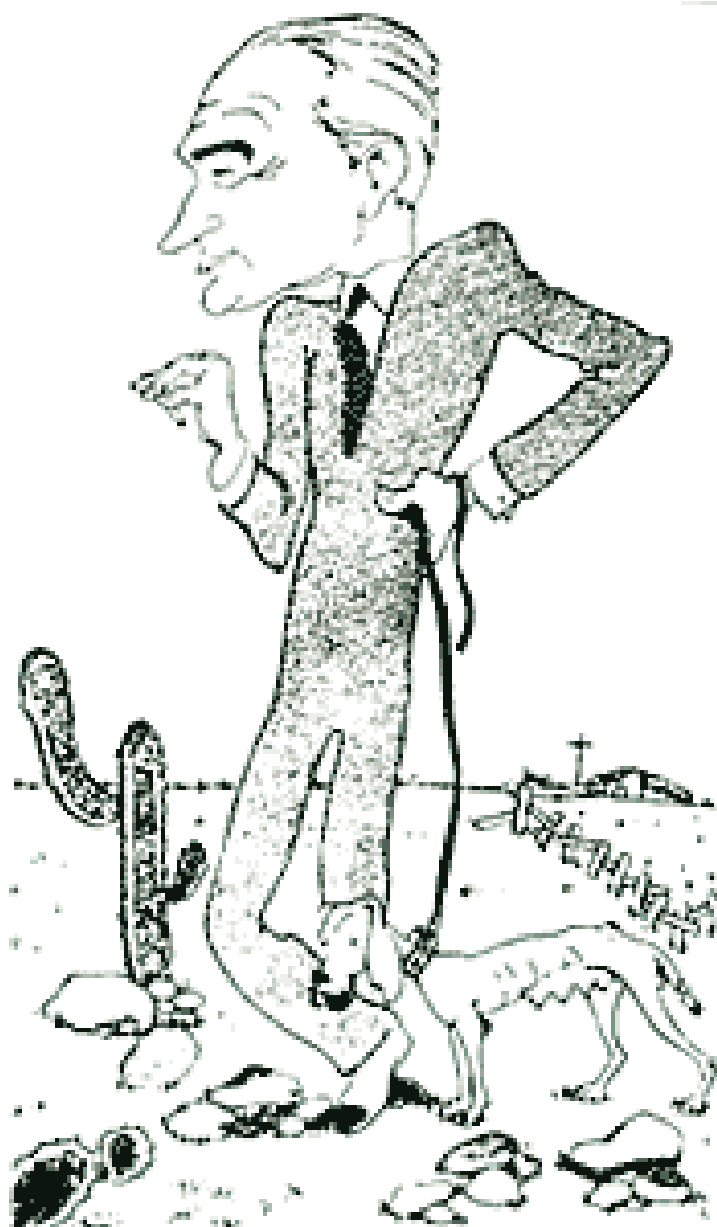
²⁷³ Percebemos, pela espinha dorsal das principais obras de Graciliano, o combate a que ele sujeita o protagonista de *Vidas Secas*. Analisando uma de suas críticas, enquanto jornalista e literato, podemos intuir essa sua tendência de espicaçar seus objetos. Denota sua luta interior. Em artigo escrito para o jornal *Província*, a pedido de Gilberto Freire, e posteriormente publicado em *Linhas Tortas*, diz do autor desconhecido de uma obra de valor literário atribuída a alguém de pseudônimo Viator, Graciliano Ramos afirma:

“Tem jeito de médico, mora, ou morou na roça. Ignoramos dele a idade, a cor, a índole. Contudo nesse calhamaço de quinhentas folhas, lida por meia dúzia de pessoas e logo recolhido avaramente há coisas ótimas. Se quisermos ser honestos devemos dizer que há outras muito ruins”. (Os grifos são nossos) Graciliano RAMOS, Um livro inédito, *Teresa*, p. 84.

A expressão *avara*, e a outra, *meia dúzia de pessoas*, cria uma ambigüidade no pretendido reconhecimento por uma obra de qualidade. Sua presença na crítica literária é prestigiada, e o estilo incomum de suas abordagens é aceita como uma licença para a personalidade talentosa e tumultuada de um mestre. *Calhamaço* é um termo que, acentuando grande volume, nem sempre esclarece a qualidade. A referência a número de páginas (quinhentas) levanta o questionamento se foram penosas ou não ao público (meia dúzia), que seguida do advérbio *avaramente* demonstram uma saraivada de más observações, para, paradoxalmente, serem arrematadas pela oração: *há coisas ótimas*. Argumentando, entretanto, que *há outras muito ruins*, o crítico livra-se da responsabilidade de um aval pelo aspecto da ambigüidade. Entretanto, entre *há coisas ótimas* e *há outras muito ruins* instala-se a má apreciação dita por ironia. O restante da crítica obedece a essa mesma estrutura.

Segundo Roberto de Oliveira BRANDÃO, *As figuras de linguagem*, p. 21: “... com a ironia a liberdade no relacionamento das significações fica praticamente restrita à pura oposição. Formulamos uma idéia, a outra lhe será necessariamente contrária”.

Essa visão retórica introduz a filosófica que afirmamos no texto. Aliás, é o fundamento da inversão que a ironia apresenta à metáfora, que se notabiliza por permitir equiparações aparentemente ilógicas, permitindo uma liberdade de fruição por parte do leitor. A ironia conduz essa liberdade à oposição frontal. Ora é isso que o autor faz no artigo publicado pela revista *Teresa*, *Um Livro Inédito*, já referendado. Ele ao mesmo tempo refere-se ao livro como bom em alguns aspectos e péssimo em muitos outros. Com isto, deixa nas entrelinhas que o livro é mais mau do que bom, mas deixa transparecer essas evidências por meio da ironia que não pode ser escrita. Esta análise não pode ser considerada apenas estética, já que uma linha filosófica de rigoroso teor lógico apresenta-se.



Graciliano Ramos, por Alvarus

Quando o gênero é ficcional, nos seus cáusticos romances naturalistas, Graciliano compõe personagens tais que a leitura destes debruçam em suas ideologias. Em *Vidas Secas*, distribui pontos sarcásticos na obra, sustentada pela estrutura irônica mor do personagem balbuciante, como os meninos sem nome e todo o perfil de Baleia.

A cadela é um dos aspectos que poderíamos chamar de absurdo. Trata-se de uma alucinação amortecida pela grandiosidade da tragédia, que acaba nivelada racionalmente. Os animais consumidos nas retiradas demonstram um quadro de dignidade olvidada, um quadro de inferioridade. Desde o papagaio amigo, passando pelas aves d'arribação, detalhando para a figura clássica do inimigo abatido e devorado, até o preá, substancioso pelo signo de vida, em meio à mortandade, todos eles ilustram essa idéia.

Entretanto, o favorecimento da morte, em detrimento da vida relativa ao menino em queda na primeira retirada, no início do capítulo *Mudança*, apresenta uma imagem de desolação que a consciência recusa-se a aceitar. A vida naquela situação excluiu-se, a alternativa era a morte imediata, contraposta ao abandono. Onde a vida desemboca na morte sem o intervalo da vivência, inapelavelmente ocorre a síntese derradeira: extinção da esperança, da dignidade, da ética e da caridade.

Não se trata aqui de uma característica estética literária do inverossímil vista como a realidade, mas de uma manifestação que atesta a tragédia. Resta de tudo isto uma questão: por que o homem é capaz de resistir em meio a tanta desvantagem? Por esse motivo procuramos respostas em uma obra literária, já que por sua dimensão simbólica oferece oportunidades dilatadas de interpretação.

3.5.2 - A literatura como resistência

As instituições são vistas desempenhando sua negação máxima em *Vidas Secas*. Este é o ponto em dialética com os fundamentos da ética, que eles mesmos preconizam na idéia do Bem universal.

Graciliano, sensível e humanitário, haja vista sua atuação comunicativa, pretendeu, da perspectiva política dada por sua região de origem, exercer um

apostolado no sentido da politização nacional, eis a origem para sua amargura. Faz culturalmente aquilo que Platão preconizou, em *A República*, inspirado por Sócrates²⁷⁴:

Os guerreiros devem ser humanizados pela educação.²⁷⁵

Exemplares guerreiros de sua própria existência são Fabiano e sinhá Vitória. Fazem um apogeu no quadro das vicissitudes humanas pela alteridade com os demais personagens de Graciliano em *Caetés*, *Angústia* e *São Bernardo*. Deixam transparecer, no substrato da alienação²⁷⁶, os contornos éticos de suas ações. Aquilo que a história literária do país demonstra é o amadurecimento cultural brasileiro inspirando Graciliano e, em resposta, ele foi, com sua percepção individual, agente do amadurecimento coletivo, definindo, por suas letras, o referencial emancipador. Este, entre outras noções, é um exemplo de mística natural.

No âmbito teórico, essa atuação é apresentada por Bosi como literatura de resistência, consistindo na representação das atitudes do ser humano na absorção dos dramas. Os aportes metafísicos da obra em análise se debruçam no teor da

²⁷⁴ Hector BENOIT, *Sócrates, o nascimento da razão negativa*, p. 7: “Para chegar ao conceito de algo, ensinava Sócrates, também é necessário (...) o esforço negativo similar ao de qualquer trabalho, o esforço de dividir e de reunir os elementos, o esforço da análise da síntese. Tanto é assim que, como relata Diógenes Laércio, tendo Sócrates um discípulo sapateiro, Simão costumava dialogar com ele em sua oficina e aproveitava para exercitar-se, trabalhando. Assim, ao contrário dos seus contemporâneos que, em geral possuíam escravos e desprezavam trabalhos manuais, freqüentemente Sócrates tomava essas atividades manuais como modelo para a atividade filosófica, as praticava e inclusive as recomendava a seus interlocutores. (Ensinou-nos Sócrates que para chegar ao conceito de algo é exatamente necessário, como no caso do trabalho manual, exercer a negatividade)”.

²⁷⁵ PLATÃO, *A República*, p. 156

²⁷⁶ A propósito da alienação é esclarecedor examinar fragmento de José ALVES, *Vidas Secas*, romance de l'absurde, *Seminaire de février et juin de 1971*, p. 87.

“Mais cette aliénation n'est selon nous qu'une image éclatante de l'absurdité fondamentale de notre conditions; la vie misérable et primitive des personnages fait mieux ressortir en effet cette absurdité; mais la disparition de l'une n'entraînerait pas la disparition de l'autre (...) pour montrer que l'absurde est d'ordre métaphysique et non d'ordre économique et social, et qu'on le trouve bien dans *Vidas Secas*”. “Mas essas condições não são, de acordo com nossa visão uma imagem esclarecedora do absurdo fundamental de nossa condição, a vida miserável e primitiva dos personagens ressalta esse absurdo, mas o desaparecimento de um desses aspectos não ocasionará o desaparecimento do outro (...) para mostrar que o absurdo é de ordem metafísica e não econômico e social que o enfocamos em *Vidas Secas*”. (Tradução nossa)

Essas afirmações corroboram aquilo que temos afirmado no decorrer de nossa análise e nos fundamentam para nossas possíveis conclusões.

antropologia filosófica. Aproxima-se do teor apresentado nas obras de Sartre e Camus, do mesmo período²⁷⁷. Não há, contudo, possibilidade de influência deles em Graciliano, apenas coincidência estrita de abordagem das obras pelo momento histórico comum.

A oposição formal de Graciliano não é diretamente contra o coronelismo, mas, sim, contra os processos universais de sufocamento do semelhante pelo poder. A consciência racional, que aparece como uma forma específica de objetivização do mundo e que dá origem à razão propriamente dita e à liberdade, aparece fundada em seus dois momentos.

O primeiro é a *prioridade-em-si* ou normatividade absoluta do objeto, constituída de verdade e de bondade. Essa instância, por ser objeto, é um manancial a ser absorvido pelo domínio objetivo (somático) e pelo domínio subjetivo (psíquico). Esse manancial abre-se para a consolidação do pensamento e da ação do homem na codificação do agir, enquanto Ética, em sua forma ideal. O segundo momento, a *prioridade para-si* ou normatividade absoluta do sujeito é a adoção desse objeto, ou seja, o primeiro momento deste processo. O ato da reflexividade é a subjetividade assumida no manancial do objeto.

Esse processo reflexivo comparece exortado pelo atributo dialético socrático na literatura, ganhando contornos estéticos chamados de absurdo, pela intensidade com que surgem, podendo ser questionados pela consciência racional. Constitui-se na primeira questão levantada por Bosi, isto é, a noção de literatura nessa modalidade: *a resistência funda-se na ética, não na estética*, conforme colocado no capítulo I. Literatura, como afirmamos acima, é a tensão entre a intuição e o simbolismo da palavra. Podemos, portanto, estabelecer que a literatura de resistência enfatiza a essência das impressões não a partir de sua forma de

²⁷⁷ José ALVES, Vida Secas, roman de l'abusurde, *Seminaire de février et juin de 1971*, p. 85.

“Le problème que nous voudrions soulever, en avançant quelques éléments de solution, est le suivant: peut-on traduire Vidas Secas par “Vies absurdes”, le mot “absurde” étant entendu dans le sens qu’ont illustré le Sartre de *La Nausée* et le Camus de *L’Etranger*? Nous ne voulons pas suggérer par là qu’il y a eu une influence quelconque des existentialistes français sur Graciliano Ramos, pour la simple raison que les dates de parution de ces trois ouvrages s’y opposent: *La Nausée* fut publiée en 1938; *Vidas Secas* aussi, mais le roman fut conçu et composé avant cette date”. “O problema que nos queremos levantar, adiantando alguns elementos de solução e o seguinte: podemos traduzir *Vidas Secas* por *Vidas absurdas*, a palavra absurda sendo entendida no sentido que lhe concebe Sartre de *A Náusea* e o de Camus em *O Estrangeiro*? Não queremos sugerir com isso que há uma possível influência dos existencialistas franceses em Graciliano Ramos, pela simples razão que as datas de aparecimento dessas três obras opõem-se. *A Náusea* foi publicada em 1938, *Vidas Secas* também, mas o romance foi concebido e composto antes dessa data”. (Tradução nossa)

exteriorização, segundo o mesmo texto de Bosi. Ela começa a instruir-se pela força de vontade:

Resistir é opor a força própria à força alheia.²⁷⁸

Na *práxis*, o desejo é o impulso e a vontade é liberdade e responsabilidade, fundada pela ética e pela política, estes últimos pressupostos que orientam a sociedade. Desejo e vontade, pois, combinam-se em um produto, quando a vontade suplanta o desejo, fazendo da ética uma bandeira. Desta concepção teórica consiste a literatura de resistência.

Essa manifestação encontrou terreno propício no período de 1930 a 1945 no âmbito universal, sendo um ideal de justiça suscitado pelo holocausto da 2^o guerra mundial. No Brasil, coadunou-se ao quadro de miséria no Nordeste. Assim, desejo unido à vontade, permeado pela ética, inspira, no pós-guerra, a consciência universal, imprimindo ênfase nas ações coletivas firmadas na verdade e no bem. O estado depressivo decorrente do pós-guerra é o mesmo que inspira Graciliano em *Vidas Secas* ante a miséria do seu povo, sendo esse apelo mais que político, isto é, antropológico, posto que metafísico.

A análise pela antropologia filosófica deu-nos a dimensão do que é o homem. Curiosamente, Bosi afirma acerca da abordagem na literatura de resistência:

... a vida como objeto de busca e construção, e não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes.²⁷⁹

Nessa afirmação, podemos pressentir as possibilidades do simbolismo retórico, estratégias intelectuais de resistência fundamentadas pelas estruturas antropológicas. Compreendemos a natureza do processo resistente baseado na exposição das grandes tragédias. A crítica a elas impõe a denúncia, fruto da preocupação. Preocupação é solidariedade, baseada na ética e estas manifestações

²⁷⁸ Alfredo BOSI, *Literatura e Resistência*, p.118.

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 130.

revelam místicas. Portanto, essa comunicação inversa configura uma necessidade pungente de resposta e isso nada mais é do que espiritualidade exacerbada.

O processo comunicativo é uma manifestação de relacionamento cujo ápice consiste na possibilidade finita de interpretação do Verbo-Encarnado e tem o horizonte de mudar a história dos homens, pela sua própria constituição. Diante disto resta ajuntar que o homem, assim constituído, é a definição de esperança.

A aporética, mola que impulsiona o homem para a ascensão, retendo-o no mundo e ao mesmo tempo arremessando-o para o infinito, rege as ações humanas e elas criam defesa peculiar, resistindo.

A partir do primeiro movimento que caracteriza a mediação *Natureza e Forma* pelo *Sujeito*, a primeira suprassunção na instalação do corpo próprio, até a mediação entre o momento eidético e o momento tético no processo de totalização, a aporética é impulso e caminho. Nesse caminho, há que se resistir. Uma de suas formas ocorre na literatura como tema (porque se investe em modalidade) e como processo (porque difunde as ações resistentes, revitalizando-as).

Por esse motivo, poderíamos dizer que o homem, enquanto agente de realidade e de ficção, é a principal aporia do universo. Falha-nos a compreensão dessa realidade porque nem sempre atingimos a condição de liberdade, que, em conseqüência, prejudica o livre arbítrio. Estes dois atributos configuram-nos como um engenho, que auto-dirigimos com um sistema de mediações, sejam elas: Inteligência alimentando o Entendimento ou a Razão e Liberdade alimentando o Livre Arbítrio. Esses pares idealmente constituídos são o resultado de ligação anterior, recorrente, que se dá no ambiente no qual a Verdade e o Bem surgem em dinâmica no diverso, quando os acontecimentos fluem tornando-se reais.

Nessa fluência, o posicionamento universal tem nos direcionado apenas para o conforto dado pelos bens de consumo, edificando-se um império de lucro e de poder que inverte a vocação da humanidade. Em contrapartida, temos a nosso favor a intuição intelectual, que, particular, nos torna dinâmicos em nossas escolhas.

Por isso, temos que a vida é mais do que uma aposta, ela, na verdade, é uma promessa, uma ambígua amarga e doce promessa, já que sendo experiência abre-se à liberdade como dádiva do Criador, cristalizando-se em um impulso transcendente.

Conclusão

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, permitiu uma leitura na qual se vê o homem constituído de maneira a suplantar as dificuldades em defesa da vida. Nosso relato salientou que na estrutura humana estão forjadas as estratégias da esperança. Afirmamos isso desde os primeiros momentos, baseando-nos em nossa percepção e nos fundamentos teóricos que nos subsidiaram, ratificando a análise.

Destacamos, da obra graciliana, o último romance de uma série de quatro, *Vidas Secas*, publicado em 1938. Essa cronologia foi importante para esclarecer a concepção que estabelecemos. O naturalismo cortante e sombrio de *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia* representam um fundo tenebroso para *Vidas Secas*, como a última obra dessa série, pois a palavra que resgatava os outros personagens tem que ser procurada em *Vidas Secas*.

Fabiano soçobra sem caminho, bloqueando a via da expressão exigida por sua consciência. Foi possível constatar isso já no primeiro momento, quando conseguimos dar sentido à primeira epígrafe do nosso trabalho. Fabiano nunca poderia ser bicho, se era capaz de levantar a conjectura em torno disso. O ato de questionar se era gente dava-lhe a atuação de sua capacidade intelectual, que sendo um atributo humano, não se extingue por adversidades, ao contrário, firma-se em resistência.

No nordeste, o martírio determinado pela alternância seca/cheia que é o de seca/cheia, representa a alternância vida/morte. A realidade da estação das chuvas, no inverno, traz alteração no cotidiano, consegue traduzir para o concreto os aspectos de fantasia, criados pela imaginação dos personagens, abrangendo o círculo espacial elaborado pela penúria. Esse círculo é compreendido no texto pelos limites do céu e do morro, em frente à tapera onde a família estacionou na última retirada. Percebe-se o privilégio da seca no domínio da vida dos sertanejos. É em função dela que eles se instalam e, a partir daí, desenvolvem as atividades que conduzem à vida. Fica clara, ainda, que, com inspiração tão ameaçadora, a vivência apresenta aspectos deprimentes.

Nessa situação a comunicação verbal quase se extingue e, muitas vezes, são as emoções que criam um código comunicativo fomentado pelo desespero, como o instante em que as lágrimas de desesperança ante a fazenda abandonada traduzem a esperança frustrada. O desespero, nesta ocasião, foi comum no casal. O mesmo sistema significativo ameaçador transforma a luz do sol em signo de morte, ou transforma sangue em vida, aquele do preá, no focinho da cadela.

As onomatopéias adquirem o valor das figuras de linguagem e demonstram, no *chape-chape* das alpercatas contra os pés na marcha, contraposto à mudez dos pés inertes na queda do *menino mais velho*, a presença da morte na primeira retirada. Podemos, portanto, afirmar que a comunicação verbal toma o aspecto concreto na onomatopéia, uma vez que repete um som produzido pelo corpo, predominando nas expressões.

Os verbos em futuro do pretérito nos relatos de esperança têm o aspecto semântico baseado em uma condição e expressam a desesperança como fundamento filosófico do autor. Sair do estado de seca ou de sua aproximação é a dúvida constante. As condições da miséria impõem-se às estruturas antropológicas: o corpo é a todo custo preservado, em detrimento de um aprofundamento espiritual.

Sinhá Vitória tem a percepção mais aguçada, é a orientadora do grupo, uma vez que interpreta as situações com mais propriedade. Essa reflexão comprova-se pela leitura que faz do meio às asas das aves d'arribação. Detecta o trajeto delas, intui sua exterminação e o aproveitamento de seu corpo, em serventia da condição física da família, durante o percurso. Sustentados biologicamente são capazes de romper o círculo em que vivem, delimitado pelo céu e pelo morro, por um lado, e pela repetição do fenômeno da seca, por outro, no sistema sazonal em que se inserem.

Os meninos desenvolvem-se naquele ambiente restrito e apresentam ações resistentes, porque as percepções neles são intensas. A imitação proporcionalmente adequada do *menino mais novo* à montaria ao bode, inspirada na bravura do pai, a linguagem mimética que os pequenos criam, a partir da modelagem no barreiro, constituem essas manifestações. A aporia que envolve o *menino mais velho* ante a palavra comprida, grande atrativo contraposto aos monossílabos habituais, demonstra o domínio do *nous*: resistência humana estrita.

Tomás da bolandeira e Sinhá Terta aparecem, ambos, em nível social mais privilegiado, ele pela posse de terras, ela pelas habilidades. São exemplos práticos de comunicabilidade e de sociabilidade, o que os faz dignos de admiração na região. Destaca-se pelo processo intelectual mais elaborado.

Num segundo momento, enfocamos as relações em família e as relações externas, em sociedade. Fabiano dedica atenção aos filhos, mas a seu molde, deixando predominar a brutalidade. Exemplo disso é sua preocupação com que os meninos sejam duros. É a defesa em um meio onde a estrutura somática predomina. Prepara-os para a reprodução social, no sentido a que se refere Pierre Bourdieu²⁸⁰, no ideal de que não teriam maiores horizontes.

Quanto à mãe, envolta nas tarefas domésticas de hábitos primitivos, é tão sucinta e objetiva com os filhos como para com Baleia, reafirmando, também ela, a predominância do somático nas relações cotidianas. O casal, entretanto, não demonstra má-vontade, apenas trata os filhos como os animais, pelos quais são responsáveis. É na concepção deles a atitude normal e na nossa a consequência da comunicação deficiente.

Tanto é que Baleia aparece em metáfora, a cadela da família equipara-se em percepção com os caboclos na ficção de Graciliano. Este símbolo pretendia alertar os leitores para a condição de impotência dos homens, ante o sistema opressivo oligárquico. A nós, configura-se como o estado desvalido que a miséria impõe aos personagens na obra e ao povo na vida real, sem as mínimas condições de sobrevivência e mais empobrecidos por estarem longe da expressividade, capaz de promover relacionamentos eficazes e humanizadores.

O desabafo de Fabiano na vila, estimulado pelo álcool, é uma estratégia do autor para revelar a prejudicada contextualização do povo, em *Vidas Secas*: eram todos cachorros. Aqui começam seus percalços urbanos. Desconfia dos comerciantes, embriaga-se e, coagido a participar de carteado, perde seu parco salário, além de ser preso e humilhado.

Em outras oportunidades, como a do acerto de contas com o patrão, perde, novamente, por não saber defender-se. Não consegue argumentos para recusar os juros. Na cidade onde tentou comerciar o porco foi legalmente inquirido, em razão do

²⁸⁰ Cf. Pierre BOURDIEU apud A. COULON, *Etnometodologia e Educação*.

imposto que cabia à prefeitura. Nessa ocasião, a reflexão rendeu-lhe um argumento cabível para escapar do fisco. O consumo seria por parte dele, assim se esquivava da taxa.

As relações sociais são difíceis, mas, diante de perdas, a inteligência aflora, resistente. Entretanto, a posse da terra pelo patrão, definitiva na questão do seu assentamento, extingue seus argumentos, inversamente à atitude com o fiscal público, já que a ele o vaqueiro não estava sujeito. Opressão, pois, mingua o desempenho expressivo, configurando o desmando não apenas social, mas, sobretudo, metafísico.

É por essa razão que, no terceiro momento, investimos nossa pesquisa em conhecer o que é o homem. Procuramos entender sua constituição para fundamentar a origem de sua resistência. A estrutura ou nível ontológico do homem compõe-se de estrutura somática, psíquica e espiritual. A estrutura somática é representada pelo corpo do homem e os corpos no mundo, a estrutura psíquica interioriza esses dados externos, sem contudo retê-los. A estrutura espiritual é onde as impressões fixam-se, em virtude da instalação do Eu transcendental. Tudo, entretanto, acontece de um modo articulado, porque esses estágios dão-se em três níveis de conhecimento: a pré-compreensão, a compreensão explicativa e a compreensão filosófica.

A pré-compreensão, por meio da mediação empírica, traz os dados construtores da estrutura, a compreensão explicativa, pela mediação abstrata, atém-se às ciências dos homens e a compreensão filosófica ou transcendental, exatamente pela mediação transcendental liga-se à aporética. É este o impulso caracterizador da atitude filosófica no homem. Quando o homem entende-se sujeito, reconhece esse seu manifestar.

A compreensão filosófica compõe-se de aporética histórica, aquela que situa a circunstância no tempo e na análise dessa evolução, e da aporética crítica, que por sua vez subdivide-se em momento eidético, limitado à definição categorial, e momento tético, ilimitado à especulação.

A partir dessa base teórica, estabelecemos uma perspectiva de abordagem do romance *Vidas Secas* por meio das estruturas e dos planos de compreensão presentes no drama. O estágio da pré-compreensão nas três estruturas demonstra

sua base de fundamentação. Dessa forma, recolhemos da pré-compreensão da estrutura somática, quando esta se reestrutura pelo corpo próprio, as modalidades de relação com o mundo exterior na ficção de Graciliano.

O corpo próprio é uma supressão. O corpo reconhece-se como corporalidade, ao invés de ser apenas uma massa física ou uma instância biológica. É o primeiro degrau que nos distingue dos animais. Essa reestruturação se dá subjetivamente no domínio físico-biológico e no psíquico. Na primeira instância, aparece o ser humano sexuado e, na segunda, essa sexualidade é percebida via afetividade, é uma adequação do sexo, agora não mais simplesmente biológica. São os fatos que permitem a concepção do casal na ficção, originando a família. Ainda reconhecemos a caracterização dos gêneros pelo viés cultural da tradição do vestuário, universalmente dado pela saia feminina e a calça e o paletó masculino.

A prosa de Graciliano na dramática luta dos personagens pela sobrevivência no deserto, quando consumiram os animais de pouca monta para mitigar a fome, denota violência. Essa perspectiva expande-se quando os sertanejos são obrigados a se alimentar do papagaio amigo, tão próximo por seu atributo de imitar sons humanos. A caça ao preá pela cadela vem iluminar o fato de haver relação estreita entre animal doméstico e os personagens e, nesse ponto, ainda não se declara a circunstância humana que Graciliano confere à Baleia.

Aquilo que marca essas passagens é o escândalo do corpo a corpo na caatinga calcinante, já que seres humanos reduzem-se a caçadores, tal como o cão da família. Isso fica mais incisivo quando acontece o extermínio das aves d'arribação. Naquela oportunidade percebemos uma batalha acirrada, vencida pela intuição humana. Trata-se de uma redenção que, por meio de sinhá Vitória, restabelece a dignidade do grupo. Constatamos que o nível intersubjetivo, que marca a atuação humana e é sucitado pela atitude de caça que esses sobreviventes têm que exercer. É um caminho amargo que desenvolvem em manutenção à vida.

Entretanto, os ditames da moda, seguidos para ir à igreja, paletó, salto alto, sombrinha, fazem a representação em nível intersubjetivo na trama. Tais procedimentos reconfortam o leitor de *Vidas Secas*, no sentido de que os personagens afirmam-se mais dignamente.

Dessa idéia nos vem a compreensão da mestria de Graciliano ao compor o personagem Baleia, uma vez que o animal, na trama, tem consciência de seu próprio corpo, ela sente-o formigando no episódio de sua morte. Aqui se instala o absurdo no relato, já que o autor afirma a compreensão filosófica do corpo pela cadela, atributo essencialmente humano.

É sempre na elaboração da consciência de si próprio que se estabelece o circuito humano, seja nas estruturas antropológicas que sustentam o homem, seja no detalhamento dos planos de compreensão instaurados pelos tipos de mediação característica. Portanto, a estrutura psíquica surge na trajetória da conscientização, interiorizando as impressões acolhidas do mundo exterior. A pré-compreensão da estrutura psíquica transforma o *estar-no-mundo* somático no *ser-no-mundo* psíquico. O espaço ocupado pelo corpo dinamiza-se nas intenções trazendo o Eu-consciente.

Ocorrem exemplos da duração psicológica em *Vidas Secas*, quando a indicação da memória e das emoções confere a Fabiano um intervalo no tempo corrente. No encontro com o soldado Amarelo, em plena caatinga, o vaqueiro o fita nos olhos, soberano, ali no seu território. Nesse intervalo, ele consegue subsumir o impulso de estripá-lo. Isto se deu pela manifestação da porção cívica do vaqueiro, reconhecendo no soldado a autoridade, despersonalizando-o, portanto.

Menos emoção e mais sentido prático foi a ordenação dos pensamentos em sinhá Vitória, quando do surgimento das duas tarefas simultâneas que se lhe apresentaram. Entre abastecer o bededouro e temperar a panela ocorrem dois espaços diferentes para ação, logo precisaram de dois momentos diferentes para ser executadas. Essa, a compreensão filosófica do psiquismo em seu momento de categorização (eidético), representa a duração psicológica, fundamento da estrutura psicológica na antropologia, no plano da compreensão filosófica do psiquismo.

A estrutura do espírito, no plano da pré-compreensão, é o momento em que o homem tem consciência de si e do mundo perante si. Essa consciência vem a demonstrar-se como Razão, que se instala por meio das etapas que compõem a presença reflexiva do homem, a *prioridade-em-si* (normatividade absoluta do objeto) e a *prioridade-para-si* ou normatividade absoluta do sujeito, que, enquanto subjetiva, é a adoção pelo sujeito dessas normas propostas. Essa transação consiste na reflexividade humana.

Por isso, é atributo desse plano de compreensão da Ética, porque é um tratado do bem agir, e da Lógica, porque permite a adequação das necessidades com a razão. Em *Vidas Secas*, a pré-compreensão do espírito aparece interligada à compreensão explicativa, quando existe o entendimento por parte do casal sertanejo de que estão sendo enganados no acerto de contas com o patrão. A convicção vem dos cálculos reais, concluídos por meio da concretização dos dados nos grãos de feijão. A soma real não concebe a estratégia dos juros, ficando exaltado, pois, o sistema de acumulação de bens materiais em detrimento da compensação justa por um trabalho honesto. O embate entre produzir e auferir define a miséria.

Entretanto, o alento representado pela organização do espaço geométrico por sinhá Terta, em suas costuras, denuncia leve esperança de que o espírito humano é mantenedor da hierarquia nas sociedades. A necessidade das emendas na confecção das peças do vestuário torna essa situação um atributo que passa pela abstração da geometria, quando organiza a dimensão do tecido ao molde e vem a culminar com a mediação transcendental, representada pela consecução da peça de roupa. Ocorre que a precariedade do tecido vem incidir em uma multiplicação das figuras geométricas, representadas pelos pedaços de tecido que complementam o desenho das partes da peça a ser costurada. Esta, antes de ser um simples revestimento para o corpo, significa a *mimese* deste, dada no concreto, por uma operação espiritual de relação entre as coisas do mundo e o corpo humano.

Representa um exemplo da formação da categoria do espírito, que ocorre, da seguinte maneira, entre o espírito e o mundo exterior: interiormente (no espírito do homem) existe a abertura para o transcendental (o *Verdadeiro-em-si*, a manifestação da verdade), essa iluminação refrata o Bem-em-si. Assim constituído, em nível de espírito, existe a passagem para o limitado, o categorial, pois é o alcance humano. Essa Verdade e esse Bem estritos vão ser relativizados pelo contato com o mundo exterior e com suas circunstâncias. Esta é a mediação do espírito com o mundo por meio do ser humano.

Teoricamente, a categoria antropológica do espírito é sustentada por quatro temas: o *pneuma*, ou seja, uma metáfora de que espiritualmente há um sopro vital que se assemelha aos movimentos da respiração biológica, resultando autonomia; o *nous*, ou seja, a visão em profundidade pelo intelecto; o *logos*, a espiritualização

universal da palavra conferindo ao diálogo a via de compreensão humana, e a *synesis*, a idéia de espírito como consciência.

A interligação dos quatro temas (*pneuma, nous, logos e synesis*) dá conta da estrutura espiritual do homem como *verdade, inteligência e liberdade*. Isto origina a seguinte ramificação: a inteligência remete o homem à verdade (*ser-para a verdade*), a liberdade põe o homem na circunstância de estar destinado ao bem (*ser-para o bem*). São essas duas emanções, assim cruzadas, que vêm a formar o *quiasmo*. Em resumo: verdade é o bem da inteligência e o bem é verdade da liberdade. Temos, pois, que o homem é consciente de sua estrutura para o bem e é essa reflexividade que denuncia os arranhões com os princípios éticos. Eis o fundamento da inspiração mística, natural no homem, uma inclinação.

Ocorre, deste trânsito, uma dualidade no espírito finito, aquele que o homem detém. A Inteligência ou Razão (*nous*) e o Entendimento permitem o reconhecimento das ações pelo homem, de acordo com a vocação da Verdade e do Bem do espírito. Isso, em nova operação, vai ser dimensionado pela Liberdade humana por meio do Livre Arbítrio, que consiste na autogerência. Essa atuação, obviamente, se dá nas coisas do mundo exterior, na ligação via psicossomático. Eis a supremacia da espécie, eis a unidade *substancial do homem*.

O momento tético, porque é ilimitado, permite uma reflexão infinita. Ocorre que para chegar a conhecer algo, esse conhecimento tem que passar pela categoria, que é limitada, e, por isso, vai negar a extensividade infinita. Por esse motivo, tendo o homem a característica de interrogar-se, pela atuação do momento tético, a definição de homem para ele próprio é sempre a pergunta: *o que é o homem?* Esse impasse é uma (in) definição do homem, ou, ainda, a afirmação da Razão e da Liberdade alimentando a procura, a mais pura emanção da reflexividade, consistência do humano.

Equivale a dizer que a constituição humana, por meio do seu espírito, é aprofundar-se nessa espiritualização, cujo termo - o Espírito absoluto - imanta-se ao espírito humano (finito) na transcendentalização. Quanto mais avançamos nessa trajetória, mais nos afastamos da estrutura psicossomática, razão pela qual a morte, liberação do corpo, tende-nos para a eternidade de nosso espírito, enquanto que a transcendentalização nos põe na interpretação do Verbo-Encarnado.

Essa conclusão nos oferece, pois, a resposta para as atividades da mística cristã que inspirada pela tradição cultural convoca, mas não envolve nossos sertanejos em *Vidas Secas*.

O desconforto explorado por nós em, *A conscientização da mística ocidental cristã na trajetória humana: o prejuízo maior da família sertaneja* (sub-item do capítulo III), é a descrição da inaplicabilidade dos caboclos ao rito. Não estão adaptados espiritualmente, o que denota pelo pouco aprofundamento na Audição da Palavra, tampouco socialmente, fato que reduz, lamentavelmente, o sacrifício da missa em sacrifício exterior, ligado ao somático, pela negação de seus hábitos cotidianos, na vestimenta urbana que adotam para a ocasião.

Na interpretação de Fabiano e sinhá Vitória, esse componente cultural mistura-se à sacralidade, ou seja, eles misturam a moda, manifestação do nível de reestruturação do espaço-tempo cultural, na pré-compreensão da corporalidade, com a atitude espiritual. O fator econômico que envolve a ritualização da indumentária para a missa do Natal prevê dispêndio econômico, por isso aumenta a responsabilidade material, em detrimento da espiritual.

A Verdade e o Bem, poderíamos dizer, são a inspiração vocacional do homem, estabelecido já na pré-compreensão do espírito pela reflexividade. Assim, a predisposição para a Verdade e para o Bem estimula o humano nas relações intersubjetivas no mundo exterior. Nasce daí o apego, o cuidado com os demais; está intrínseco mesmo no rude Fabiano, no trato com o gado, sobretudo na relação com Baleia, junto ao gado. Como vaqueiro, ele os conduz ao invés de dominá-los. Essa premissa suaviza a dominação.

Suplanta esse apego apenas o amor aos filhos, apesar do comportamento ríspido do casal para com a prole. A observação do céu envolvendo agudamente sinhá Vitória avaliza a defesa que dedica à família. Toda essa tendência define-se por mística natural. Ela apresenta-se expressiva na consciência jovem do *menino mais novo*, quando relaciona as nuvens do céu aos carneiros que pastoreia.

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, é um clássico. Conduzimos sua leitura instigados pelo também clássico pensamento de que a arte é um instrumento libertador. Esse jargão pode ser duplamente significado, se levarmos em consideração o teor emancipativo da literatura de resistência. A definição toma como

princípio a característica instigadora da arte, aumentada pela exposição das injustiças.

A liberdade trata do nível da expressão, na literatura de resistência, quando a libertação é mais profunda, porque desce às amarras da dominação sócio-política, levantando uma muralha para de lá combatê-la. Em Graciliano, ela é sutil e ferina. Consiste na ironia que chamamos de ontológica pela qual ele estrutura sua obra, ou seja, o protagonista que não tem o dom da expressão. Isso contrapõe-no a sua própria atuação de superar o sistema por meio de seus romances. Ele nega a Fabiano, em *Vidas Secas*, aquilo que lega a Paulo Honório, em *São Bernardo*, criando nos personagens seu traço autobiográfico.

Ironias como essas aparecem em obras de outros autores, no mesmo tema do sertão nordestino. Em *O Quinze*, de Rachel de Queirós, publicado em 1930, que também trata da seca nordestina, portanto sob os mesmos aspectos culturais que *Vidas Secas*, aparece uma ironia marcante. Cumprindo retirada nas mesmas condições dos personagens de *Vidas Secas*, Josias, o filho do meio de Cordulina e Chico Bento morre envenenado por ingestão de uma raiz. Era o mais esperto, o mais vivaz e mais faminto dos filhos. O contorno de uma ocorrência dialética típica e muito violenta delineia-se ali. Em uma lavoura despida, onde nada mais havia, a procura ávida do menino Josias por comida resulta no achado funesto, uma raiz de *mandioca brava*. Por isso, o que restara lá era a morte disfarçada em vida. Sendo assim, Josias procurando alimento para sustentar-se na retirada, encontrou a morte. Triste ironia na terra onde a seca devasta a terra.

Em *Fogo Morto*, publicado em 1943, por José Lins do Rego, o personagem Zé Amaro, mestre de seleiro, nutria grande orgulho por sua independência profissional. Entretanto, desenvolveu forte complexo de inferioridade, pois não se contentava em não ser vitorioso em outros aspectos da vida. Não aceitava não ter posse de terras como os coronéis e rejeitava também a doença da filha, fato que a prostrava solteira, condição humilhante para aquele contexto cultural. Destrói, por isso, sua família e acaba suicidando-se, tendo como ponto inicial de sua depressão o fator positivo de sua realização, enquanto artesão e profissional livre.

Em *Vidas Secas*, Fabiano é um protesto calado, como os silêncios expressivos de Santo Agostinho ou, seu inverso, a polêmica e retumbante razão negativa da dialética socrática. Pela radicalidade das situações, em nível estético,

Vidas Secas poderia ser tomada por literatura do absurdo. Entretanto, é pelo aspecto da antropologia filosófica que tiramos nossa sustentação da resistência humana.

O espírito fornece a *síntese da Inteligência e da Liberdade*. Estes dois atributos permitem as acepções de acolhimento e de dom, operações do espírito. Equivale a dizer que ocorre a presença do espírito ao ser, porque o ser chega ao espírito por meio da inteligência e esse dom de espiritualizar-se retorna ao ser como liberdade. É esse dom da espiritualização que demonstra o verdadeiro sentido da vida, disposição que nos faz compreender a origem da aporia constitutiva do homem. Em outras palavras, define o homem tal qual é constituído em sua estrutura antropológica, que é a de estimulação ao conhecimento. Compreendendo essa questão a qual nos propusemos, conhecendo a potencialidade encerrada no espírito, remetemo-nos facilmente ao conceito de resistência humana, que surge também como atividade literária.

Teoricamente, a literatura de resistência predomina pela vontade, permeada pela responsabilidade aliada à liberdade. A ética predominando sobre a estética torna-se um instrumento civil de emancipação, apoiado no destino irreprimível da mensagem literária.

A reflexividade, que tem como traço a *prioridade-em-si do objeto* ou *normatividade absoluta do objeto*, representa-se como um ditame do tratado do agir humano, a Ética. Temos, portanto, que a literatura de resistência permeada pela ética e, enquanto literatura, tendo perfil difusor, funciona como um facilitador na tarefa de conscientização dos parâmetros éticos esquecidos.

Elaboramos, nesse nosso estudo, o mapa da constituição ontológica humana. Relacionamos as situações de *Vidas Secas* com os diversos níveis estruturais antropológicos e os detalhamos em seus diversos planos de compreensão, notadamente os da pré-compreensão e os da compreensão filosófica ou transcendental.

Por meio dos personagens de Graciliano na obra, conseguimos enxergar a atuação do espírito na vida do homem. Este, por deter a categoria de espírito, tende, por definição, para o Bem, substrato da Verdade. Estabelecemos ainda que o homem é incontível em sua trajetória transcendente, uma vez que sua base é a

liberdade. Esta aí a Resistência, inspirada no Verbo Encarnado, emissão de Deus, em Cristo, Jesus.

A extrema liberdade dada por Ele, por meio dos pressupostos intelectivos, efetiva-se na constatação de que o homem é um engenho invencível, pois nem o poder, essa resistência perjura, criada pela vaidade humana, é suficiente para sufocá-lo.

Nas páginas de *Vidas Secas*, reconhecemos em Fabiano um bravo, até porque ele teve coragem de assumir suas fraquezas, e em sinhá Vitória uma organizadora, porque dela partiram todas as principais decisões que influenciaram o grupo. Conseguimos entender, por algumas características do homem, a razão da hierarquia de nossa espécie na escala universal e reconhecer nosso traço comunicante com o Espírito Superior.

Daí a postura enfática que temos pela vida, daí as ações resistentes na sua preservação. Nascem por esse motivo as formas mais irrelevantes na atividade de comunicação e, em contrapartida, criamos artifícios para que nossa verdadeira postura não seja revelada, transformando em um jogo aquilo que deveria ser ligação.

Esse jogo traz como vitória o domínio e como atributo o desvio de um caminho que conduz ao bem geral. São estes os entraves que viciam o ser para a Verdade, razão do sofrimento, da angústia e da descrença, que cedeu lugar à prepotência e à barbárie nos nossos dias.

A alternativa alentadora é que Fabiano descobriu que é um homem, pois refletindo entendeu que suas percepções não eram mais capazes de atemorizá-lo. Isso não aconteceu de maneira isolada, como no caso das lágrimas coincidentes do casal em *Mudança*, agora a solidariedade vem da confiança que ambos adquiriram com o conhecimento do meio em que viviam e é esta prática que amealham para novas situações, em terra nova. Dificuldade de todas as ordens surgirão no novo reduto, porém a resistência para suportá-las e a inteligência para revertê-las constituem a supremacia destes seres de razão.

É por esse posicionamento crítico que o homem distingue-se no universo e marca sua presença como espécie. Por isso transparece a condição humana, que por meio da intuição intelectual realiza-se por estratégias, fruto da

transcendentalização que a faz criativa e, por isso, capaz de permitir ascendência. Essa resistência, forjada pelas estratégias, surge de forma cíclica em elos de inteligência e de versatilidade.

Essa vida constitui o processo e esse processo em tal vida prenuncia o ápice, *apex-mentis*, cujo resultado é o homem que sonha e que teme nesse característico percurso, pelo qual aqui nos interessamos, em aporia caracterizadora dessa reflexão, que motivou este texto.

A certeza de que todo amanhã é uma busca, caracteriza tanto a imanência quanto a transcendência, é evolução infinita neste complexo do ser real e do Ser existencial do qual somos agentes, pelas posições que assumimos, e, reflexamente, pacientes, em ocasiões de crítica e de constatações.

Bibliografia

Livros:

AGOSTINHO, SANTO. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *De magistro*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ALVES, Rubem. *Entre a Ciência e a Sapiência*. São Paulo: Loyola, 2003.

ARISTÓTELES. *Poética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *Metafísica, Livro I (A)*, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974

BENOIT. H. *Sócrates: O nascimento da razão negativa*. São Paulo: Moderna, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Edições Família. 43^a ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, L. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos – mínima sacramentalia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

_____. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Eclea. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOURDIEU, Pierre. *A Produção da Crença*. São Paulo: Zouk, 2002.

_____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1998.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *As Figuras de Linguagem*. São Paulo: Ática, 1989.

- BRITO, Ênio J. da Costa. *Anima Brasilis*. São Paulo: Olho D'Água, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Confissão e Ficção*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1980.
- CHARTRIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CIAMPA, Antonio da Costa. *A Estória do Severino e a História da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- CODO, Wanderley. *Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COELHO, Nely Novaes. *Literatura & Linguagem*. São Paulo: QUIRON, 1986.
- COULON, A. *Etnometodologia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CRUZ, São João da. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DAVIS, Natalie Z. *Culturas do Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FERNANDES, F. E. da Silveira. *Ruínas e Excluídos: Campo e Cidade na Obra de Graciliano (1930- 1940)*. São Paulo: EDUC, 2000.
- FILORAMO, G. e PRANDI, C. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1987.
- GUIMARÃES, Helio de Seixas e; LESSA, Ana Cecília. *Figuras de linguagem*. São Paulo: Atual, 1998.
- HEGEL, F. *Estética. A Idéia e o Ideal*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- _____. *O Belo Artístico e o Ideal*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HOLANDA, Sergio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- HOLANDA, Lourival. *Sob o Signo do Silêncio*. São Paulo: Edusp, 1992.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- _____. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Ediouro, 1997.

LAPA, Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MARINHO, M. C. N. *A imagem da linguagem na obra de Graciliano Ramos*. São Paulo: Humanitas, 2000.

MASSAUD, Moisés. *História da Literatura Brasileira*. Modernismo. São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. *História da Literatura Brasileira*. Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 1999.

MELO NETO, João Cabral. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1999.

MERCADANTE, Paulo. *Militares e Civis, a ética do compromisso*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MIRANDA, W. M. *Corpos Escritos*. São Paulo: Edusp, 1982.

MORIM, Edgard. *O Problema Epistemológico da Complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1995.

_____. *O Enigma do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaio crítico sobre o romance de Graciliano*. Curitiba: UFPR, 2003.

OLIVEIRA, Clenir B. *Arte Literária, Portugal – Brasil*. São Paulo: Moderna, 2000.

OZMON, Howard. A.; CRAVER, M. *Fundamentos Filosóficos da Educação*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

PINTO, J. P. *Diálogo entre a Literatura e a Filosofia em São Bernardo de Graciliano Ramos*. Londrina: UEL, 1998.

PLATÃO. *A República*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. *Górgias ou A Oratória*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Diálogos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 57^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *São Bernardo*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Vidas Secas*. 85^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Infância*. 22^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

_____. *Caetés*. 29^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RAMOS, C. *Cadeia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e Competência*. São Paulo: Cortez, 1995.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática*. Teoria. São Paulo: Atual, 1991.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22^a ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, F. Leopoldo. *Bergson: Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

TEIXEIRA, Faustino. O lugar da Teologia na(s) ciência(s) da religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *A(S) Ciência(S) da Religião no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2001.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1992.

VAZ, Henrique C.de Lima. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Experiência Mística e Filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. *A Heresia dos Índios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VALLE, Edênio. Uma leitura psicossociológica do milenarismo brasileiro. In: BRITO, E; Tenório, W. (org.). *Milenarismos e Messianismos Hoje*. São Paulo: Loyola, 2000.

WELLEK, René. *Teoria da Literatura*. Sintra: Europa-America, 1949.

Dissertações e teses

BUMIRGG, N. R. M. C. *Graciliano Ramos e a revista Cultura Política: pequena abordagem interpretativa na proposta de edição crítica de viventes das Alagoas*, 2003. 2 volumes. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) USP. São Paulo.

MORENO, E. N. O. *As formas fixas em Graciliano Ramos, uma análise estilística*,

2004. 123 páginas. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) USP. São Paulo.

Periódicos

ALVES, J. Vidas Secas, romam de l'absurde. *Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de L' Université de Poitier*, Paris, p. 69-75, Séminaire de Juin 1971.

ADRIANO, Carlos. Os cárceres da linguagem. *Cult*, Rio de Janeiro, ano IV, nº37, p. 45-46, jan. 2001.

AMARAL, M. J. Caldeira. O Dom das Lágrimas. *Agnes*, São Paulo, n. 2, p. 65-82, jan-jun. 2005.

BASTIDE, Roger. Graciliano Ramos. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p. 135-137, 2001.

BALLALAI, R. Estruturas de significação na narrativa de Vidas Secas. *Publications du Centre de Recherches Latino-Américaines de L'Université de Poitiers*, Paris, p. 99-117, *Seminaire de Juin* 1971.

BRAGA, Rubem. Discurso de um ausente. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p. 131-133, 2001.

_____. O mundo trágico de Graciliano Ramos. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p.139-142, 2001.

_____. Vidas Secas. *Teresa*, São Paulo, nº 2, p. 126-130, 2001.

BRITO, Ênio José da Costa. Cultura popular, literatura e religião. *Espaços*, São Paulo, v. 5 n. 2, 165-172, maio1997.

_____. Cultura popular: memória e perspectiva. *Espaços*, São Paulo, v. 4, n. 2, 153-163, abril 1996.

BRITO, M. Graciliano Ramos. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p.163-178, 2001.

CARPEAUX, O. M. Amigo Graciliano. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p. 145-153, 2001.

DIAS, Mauricio Santana. O mestre da suspeita. *Folha de São Paulo*. 09.03.03, Caderno Mais, p. 3-5.

LAFETÁ, J. L. Édipo guarda-livros: leitura de Caetés. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p.86-123, 2001.

- LAWTON, R. A. Vidas secas: entre l'etre e les choses, Poitiers, p. 55-83, Séminaires de Juin 1971.
- LIMA, Luiz Costa. A libido da escrita nas Memórias do Cárcere. *Folha de São Paulo*, 09.03.03, Caderno Mais, p. 12-15.
- LINS, Álvaro. Valores e Misérias de Vidas Secas. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas Seca*, 85^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.128-155.
- MALANDRINO, B. C. A Mística em Vidas Secas. *Último Andar*, São Paulo, n. 9, p. 113-129, dez. 2003.
- MATTALIA, E. J. Rente ao chão do texto. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p.177-185, 2001.
- NARDI, M. I. A. Resenha.gibbs. RAYMOND JR., W. *The poetics of mind: figurative of mind lamgage and understanding*. In: DELTA, vol.13, n.2, São Paulo: PUC/SP, 1997.
- OTTEN, Alexandre. Deus é brasileiro. *Vida Pastoral*, São Paulo, n.13, p. 13-23, nov. 1999.
- PINTO, Manoel Costa. Os Cárceres da Linguagem. *Revista CULT*, São Paulo, v. 43, p. 56-59, 2001.
- PONDÉ, L. F. Teoria da Religião - dois exemplos de crítica ao uso do conceito de cultura no estudo da religião em Leo Strausse Frans Rosenzweig. *Agnes*, São Paulo, n. 1, p.7-33, jan-jun 2004.
- RAMOS, Graciliano. Carta a Allyrio. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p. 171-173, 2001.
- _____. Um livro inédito. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p. 82-85, 2001.
- REIS, Z. C. Sinal de menos. *Teresa*, São Paulo, n. 2, p. 155-168, 2001.
- RESENDE, Beatriz. A narrativa em negativo de São Bernardo. *Folha de São Paulo*, 09.03. 03, Caderno Mais, p.16.
- ROCHA, João César de Castro. Vidas Secas ou a Atrofia da palavra. *Folha de São Paulo*, 09.03.03, Caderno Mais, p. 1-18.
- TENORIO, Waldecy. Pequeno ensaio sobre amor insatisfeito. *O Espírito da Letra*, São Paulo, v. III, n. 6, p. 169-185, mês 2004.

Dicionários e enciclopédias

COUTINO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Vol I. Rio de Janeiro, Global, 2001.

_____. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Vol II. Rio de Janeiro, Global, 2001.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

Sites e artigos de internet

Grupo espírita apóstolo Paulo. <http://www.espiritismo.org/>. Acesso em: set 2003.

HEGEL. O Idealismo Lógico. Equipe do GEF (Grupo de Estudos Filosóficos) liderados por Rosana MAJAROF. <http://www.mundodosfilosofis.com.br/hegel2html>. Acesso: 25 abr 2000.

Lições bíblicas. www.ebl.licoos02tim. Acesso em: 2º trimestre de 2003.

O Velho Testamento. www.ovelhotest.com.br. Acesso em: set 2003.

PAPA JOÃO XXIII (1983) Pacem in terri. Sobre a Paz dos Povos. Letras&Letras. Ensaios. Crônicas. Entrevistas. <http://www.joaosocial.com.br/pacemterris.html>. Acesso em: 12 fev 2004.

PAPA PIO XII (1956) Haeretis Aquas. Carta Enciclica III. <http://www.vatican.va/holyfather/piusxii/encyclicalsdocuments>. Acesso em: 28 jan 2004.

Editora Cleofas. www.cleofas.com.br. Acesso em: 09/07/04.

Mundo cultural. <http://www.mundocultural.com.br/literatural/modemismo/brasil/2fase/gracilianoramos>. Acesso em: 20 maio 2006.

Arquitetura. <http://www.proa.org!/exhibicion/portinari/salas/portinarietiranrtes.jpg>. Acesso em: 23 maio 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)